Universidade de São Paulo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo

NATALIA MAYUMI BERNARDINO TAMANAKA

TRÊS VEZES INFORMAL: TERRA, TRABALHO E TETO

SÃO CARLOS –SP
2023

NATALIA MAYUMI BERNARDINO TAMANAKA

TRÊS VEZES INFORMAL: TERRA, TRABALHO E TETO

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. Marcel Fantin

SÃO CARLOS –SP
2023

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bernardino Tamanaka, Natalia Mayumi
B153t Três vezes informal: terra, trabalho e teto / Natalia Mayumi Bernardino Tamanaka; orientador Marcel Fantin. -- São Carlos, 2023.
291 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Informalidade. 2. Neoliberalismo. 3. Banhado. 4. Barrio Padre Carlos Mugica. 5. Villa 31. I. Fantin, Marcel, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

TAMANAKA, Natalia Mayumi Bernardino. **Três vezes informal:** terra, trabalho e teto. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos – SP, 2022.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidata: **Natalia Mayumi Bernardino Tamanaka**

Título da dissertação: "Três vezes informal: terra, trabalho e teto".

Data da defesa: **01/03/2023**

Orientador: Prof. Dr. Marcel Fantin

Comissão Julgadora:	Resultado:
Marcel Fantin **Prof. Dr. Marcel Fantin** (IAU/USP)	Não votante
Marcel Fantin **Profª Drª Cibele Saliba Rizek** (IAU/USP)	aprovada
Marcel Fantin **Prof. Dr. Paulo Romano Reschilian** (UNIVAP)	aprovada
Marcel Fantin **Prof. Dr. Osvaldo Rubén Battistini** (Universidad Nacional de General Sarmiento)	aprovada

Coordenador e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: **Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes.**

À minha família,
Sem o amor de vocês nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao meus pais, Vera e Toshimitsi, pelo apoio e amor incondicional. Meus maiores incentivadores, obrigada por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidei.

À minha madrinha Maria Bomfim, que também é minha mãe, pelo exemplo de coragem e força.

Ao meu irmão Gugu, por me instigar a ser melhor, me proteger, cuidar de mim.

Ao Heitor pelo apoio incansável, pelas revisões dos meus textos e por me ensinar todos os dias com seu próprio exemplo a ser uma pessoa melhor.

À Ana Maria por me provocar e ser a irmã mais velha que eu não tive, por querer o melhor sempre e não me deixar desistir da academia.

À Milena, o presente que a pós-graduação me deu, obrigada pelos desabafos e por me acolher nos primeiros dias de IAU-USP.

Aos meus amigos do CPPATHIS e Tabuá em cada linha dessa dissertação tem um pouco de vocês e do que vivemos no Grajaú.

Aos meus colegas de trabalho da Maitá Assessoria Técnica pelas trocas de conhecimento e pela oportunidade de produzir e repensar outras formas de arquitetura.

A todos os meus amigos que se fizeram presente e vivenciaram comigo essa jornada.

Aos meus entrevistados do Banhado: Silvio, Silvinho, Doni, Donizetti, Miguel, Andreia, Dona Francisca, Débora. O tempo que me dedicaram nunca será esquecido. E forma especial à Elaine, por quem eu tenho profundo carinho e admiração, a sua luta me inspira.

Aos meus amigos do *Barrio Padre Carlos Mugica,* especialmente Franco, Laly e Waly, levo cada um de vocês no meu coração. Com destaque a Carlos, que me recebeu e foi essencial para que o trabalho de campo na Argentina fosse possível.

Aos professores da banca de qualificação, Cibele, com quem fiz o maior número de disciplinas pós-graduação, espero ter aprendido 1% do que você tentou ensinar, a Osvaldo Battistini, pela acolhida em Buenos Aires e pela palestra sobre Trabalho, no Cabildo que está no Youtube, me reconheço no início da sua fala.

E por fim ao meu querido professor, amigo e orientador Marcel Fantin. As palavras não alcançam a gratidão que sinto por ser sua orientanda.

E a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo fomento dessa pesquisa.

[...]
Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
[...]
Trecho extraído de “O operário em construção” de Vinicius de Moraes.

Foto da capa por Augusto Oyama. Favela do Montanhão, São Bernardo do Campo – SP. 2020
Intervenção e colagem na foto: Natalia Tamanaka.

A tríade Terra, Teto e Trabalho surgiu por ocasião dos discursos de Jorge Mario Bergoglio nos três Encontros Mundiais dos Movimentos Populares e envolve um compromisso com as vítimas da globalização e do neoliberalismo que não têm acesso à tríade de direitos composta pelos chamados 3 Ts e que representam as bases sobre as quais a dignidade humana deve ser fundada em busca de um mundo mais justo e igualitário.

RESUMO

TAMANAKA, Natalia Mayumi Bernardino. **Três vezes informal:** terra, trabalho e teto. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos – SP, 2022.

A informalidade está presente desde o início do processo de formação das cidades latino americanas, principalmente nas camadas populares, sendo que, no âmbito dessa pesquisa, nos interessa aquela referente à terra, trabalho e teto. A partir do aprofundamento sobre o tema, observou-se uma correlação entre tais informalidades e o avanço da racionalidade neoliberal. A partir de dois estudos de caso, Brasil e Argentina, a pesquisa buscou compreender de que modo as informalidades desses 3 elementos, centrais na organização da vida da classe trabalhadora, se relacionam com a construção dessa racionalidade de forma dialética. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou entrevistas semiestruturadas e observação participante e demonstrou as principais manifestações da informalidade em cada objeto de estudo e seus consequentes impactos sobre os indivíduos, que possuem como denominador comum a sua colaboração no processo de deterioração das condições materiais da classe trabalhadora, que atende a necessidade do neoliberalismo de solapar a reprodução da vida para sobre ela avançar com discurso neoliberal na construção de uma nova racionalidade e um novo sujeito.

Palavras chaves: Informalidade. Neoliberalismo. Banhado. Barrio Padre Carlos Mugica. Villa 31.

ABSTRACT

Informality has been present since the beginning of the formation process of Latin American cities, mainly in the popular layers, and in the scope of this research we are interested in those related to land, work and roof. From the deepening on the subject, a correlation between such informalities and the advance of neoliberal rationality was observed. Thus, from two case studies, Brazil and Argentina, the research sought to understand how the informalities of these 3 central elements in the organization of working class life are related to the construction of this rationality in a dialectical way. The qualitative research used semi-structured interviews and participant observation and demonstrated the main manifestations of informality in each object of study and its consequent impacts on individuals, who have as a common denominator their collaboration in the process of deterioration of the material conditions of the working class , which meets neoliberalism's need to undermine the reproduction of life in order to advance the neoliberal discourse of building a new rationality and a new subject.

Key words: Informaliity. Neoliberalism. Banhado. Barrio Padre Carlos Mugica. Villa 31.

RESUMEN

La informalidad ha estado presente desde el inicio del proceso de formación de las ciudades latinoamericanas, principalmente en los estratos populares, y, en el ámbito de esta investigación, nos interesan las relacionadas con latierra, el trabajo y el techo. A partir de la profundización sobre el tema, se observó una correlación entre tales informalidades y el avance de la racionalidad neoliberal. Así, a partir de dos estudios de caso, Brasil y Argentina, la investigación buscó comprender cómo las informalidades de estos 3 elementos, centrales en la organización de la vida de la clase trabajadora, se relacionan con la construcción de esta racionalidad de forma dialéctica. La investigación, de carácter cualitativo, utilizó entrevistas semiestructuradas y observación participante y demostró las principales manifestaciones de la informalidad en cada objeto de estudio y sus consecuentes impactos en los individuos, quienes tienen como denominador común su colaboración en el proceso de deterioro de las condiciones materiales de la clase obrera, que responde a la necesidad del neoliberalismo de socavar la reproducción de la vida para avanzar sobre ella con el discurso neoliberal en la construcción de una nueva racionalidad y un nuevo sujeto.

Palabras clave: Informalidad. Neoliberalismo. Banhado. Barrio Padre Carlos Múgica. Villa 31.

Lista de figuras

Figura 1: Mapa localização das indústrias na cidade. 21
Figura 2: Esquema de localização de São José dos Campos no estado de São Paulo e do Banhado dentro da cidade. 29
Figura 3: Entrada do Banhado nos anos 1980 30
Figura 4: Entrada do Banhado nos anos 1980 31
Figura 5: Ilustração da divisão feita no Banhado para fins de compreensão da realidade local. 32
Figura 6: Foto de uma das ruas do Núcleo I, pavimentação feita pelos próprios moradores. Maior adensamento, lotes menores e casas mais próximas. 33
Figura 7: Foto de outra parte do Núcleo I, onde é possível observar que mesmo na parte mais urbanizada a simbiose com a natureza é presente. 34
Figura 8: Foto de uma propriedade no Núcleo II onde há produção de verduras e hortaliças. 35
Figura 9: Foto de uma propriedade com características rurais, típica do Núcleo II 35
Figura 10: Canal aberto de água passando por dentro do bairro. 36
Figura 11: Fotografia aérea editada para esconder a presença da comunidade na área considerada o cartão postal da cidade. 37
Figura 12: Residência no bairro Jardim Nova Esperança, apresenta problemas estruturais. 37
Figura 13: Barracos construídos na encosta do morro. 38
Figura 14: Moradores discursando em audiência pública, na imagem apresentam o Plano desenvolvido. 39
Figura 15: Cartaz colado no interior do Paço Municipal. 40
Figura 16: Moradores em frente ao Paço Municipal em SJC em dia de sessão para tratar do futuro da comunidade. 40
Figura 17: Carrinho utilizado por Silvio para vender na área central os produtos coletados e cultivados no Banhado e outros comprados no CEASA. 51
Figura 18: Bar Altas Horas na Rua da Linha, principal via do bairro, onde passava antigamente a linha do trem. 53
Figura 19: Vendinha no núcleo I. 54
Figura 20: Senhor Davi mostrando seus títulos e fotos na parede de seu bar, localizado no Núcleo I. 54
Figura 21: Terreno de um morador, espaço dividido entre a casa e o trabalho com armazenamento de materiais recicláveis. Núcleo II. 57
Figura 22: Armazenamento de recicláveis na Rua da Linha no Núcleo II. 58
Figura 23: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do trabalho no Banhado 67
Figura 24: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do teto no Banhado 67
Figura 25: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do teto no Banhado 68
Figura 26: Site da ACADEMIA BA EMPREENDE 74
Figura 27: Site da ACADEMIA BA EMPREENDE 74
Figura 28: Site da ACADEMIA BA EMPREENDE 75
Figura 29: Vista de Villa Desocupación y el Puerto de Buenos Aires. 77
Figura 30: Mapa de localização da Ex Villa 31 80
Figura 31: Inserção urbana e setores do barrio Padre Carlos Mugica 81
Figura 32: Faixa de protesto contra o Governo da Cidade 87
Figura 33: Buenos Aires em 360° desde o barrio Padre Carlos Mugica 89
Figura 34: Buenos Aires em 360° desde o barrio Padre Carlos Mugica 89
Figura 35: Buenos Aires em 360° desde o barrio Padre Carlos Mugica 90
Figura 36: Bar de Carlos 91
Figura 37: Moradias abaixo da Autopista Illia 97
Figura 38: moradias demolidas abaixo da Autopista Illia 98
Figura 39: moradias não demolidas abaixo da Autopista Illia 99
Figura 40: Cartazes importantes para Tápia 106

Figura 41: Mesa popular de urbanização 107
Figura 42: Fachadas reformadas de casas no barrio Padre Carlos Mugica 108
Figura 43: Casas novas do setor YPF e grandes espaços livres 113
Figura 44: Manifestação de moradores dos quatro bairros populares afetados pela Lei Farmacity. 114
Figura 45: Espaço público abaixo da Autopista Illia 115
Figura 46: Espaço público abaixo da Autopista Illia 116

Figura 47*:* Intervenções pontuais na conhecida feira do barrio 117
Figura 48: Intervenções pontuais na conhecida feira do barrio 118
Figura 49: divulgação de reunião do programa Talento 31 121
Figura 50: Faculdad de Derecho da UBA e barrio Padre Carlos Mugica ao fundo 125
Figura 51: Alambrado da linha de trem que cerca o barrio Padre Carlos Mugica 125
Figura 52: Edifício do Ministério da Educação 126
Figura 53: Ministério da educação e setor YPF 127
Figura 54: Projeto do novo edifício do BID no *barrio Padre Carlos Mugica* 128
Figura 55: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidadedo trabalho no Barrio Padre Carlos Mugica 130
Figura 56: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do teto no Barrio Padre Carlos Mugica 131
Figura 57: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade da terra no Barrio Padre Carlos Mugica 131
Figura 58: Divulgação da pesquisa Data Favela 136
Figura 59: Divulgação da pesquisa Data Favela 137
Figura 60: Empreendedorismo e Favela na exposição de Renato Meireles 138
Figura 61: Fluxograma temático relacional da investigação 146

SUMÁRIO

Introdução 11

CAPÍTULO 1 – SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E O BANHADO 18

De cidade operária 19

... a cidade empreendedora 24

Área de rico, não área de risco – O Banhado 29

Notas de campo 41

Incursões etnográficas no Banhado - Eu me viro, né? 44

CAPÍTULO 2 – BUENOS AIRES, VILLA 31 69

Dios está en todas partes; atiende en Buenos Aires 70

Breve histórico das *villas* 77

A *Ex Villa 31* historicamente 80

Notas sobre o trabalho de campo, procedimentos das entrevistas e alguns esclarecimentos 86

Incursões etnográficas no barrio - *Con un poco de color la miséria es pintoresca* 96

CAPÍTULO 3 – OS OBJETOS NO ESPELHO 132

Manifestações e impactos das informalidades em cada objeto de estudo 133

Reflexões sobre o conceito de informalidade 142

Informalidade como parte do processo, o processo como parte da informalidade 144

Limitações da pesquisa 147

Formas de resistência, reação e resiliência de cada objeto de estudo 148

A complexidade do tema e dos objetos e as camadas que o compõe 151

CONSIDERAÇÕES FINAIS 152

Referências bibliográficas 154

Anexos – Entrevistas na íntegra 158

Introdução

No final de 2018, participei de um projeto de extensão liderado pelo grupo PexUrb do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP. Tratava-se da elaboração do Plano Popular de Urbanização do Banhado. A comunidade, localizada em São José dos Campos, interior do estado de São Paulo, solicitou ajuda a um dos coordenadores do grupo de pesquisa para construir um plano que serviria como contra narrativa ao discurso oficial da Prefeitura, que, para justificar a remoção desta comunidade, alegava risco ao meio ambiente e à integridade das famílias em habitar a área.

Uma das ferramentas do processo de projeto foi um questionário aplicado na comunidade, em 2019, que procurava conhecer aspectos fundamentais da vida dos moradores como renda, escolaridade, trabalho, lazer, moradia e mobilidade. Os dados coletados possibilitaram uma compreensão geral da comunidade. Entretanto, alguns aspectos das informações obtidas se destacavam, em minha interpretação, provocando questionamentos sobre até que ponto se tratavam de especificidades dessa comunidade ou questões comuns a várias comunidades. Assim, a partir do processo de projeto do Plano Popular, o Banhado tornou-se o primeiro objeto de investigação dessa pesquisa e os dados que me despertaram interesse, deram as bases para a delimitação do tema de estudo desse objeto: terra urbanizada e provida de infraestrutura, moradia e trabalho.

Durante as idas a campo, em conversas com moradores e lideranças nas oficinas de elaboração do Plano Popular, foram observados alguns elementos das trajetórias de cada um, que permitiu traçar um perfil geral da ocupação: residentes do bairro a mais de uma geração, que habitam casas autoconstruídas por si próprios ou por um ocupante anterior e que se viram para sobreviver.

Essas eram as características predominantes nas três categorias que estão sob análise: terra, teto e trabalho, respectivamente. Este perfil dos moradores apontava também para o fatode que todas estas características possuíam em comum a qualidade de estarem à margem doque é considerado como formal ou típico. Estavam marcadas pela noção de informalidade, desde o acesso à terra até a inserção do mercado de trabalho.

Assim, o ponto de partida do processo de revisão bibliográfica foi a busca pela definição de informalidade, de forma geral e específica em cada categoria de análise. O

estudo do tema demonstrou que a noção de informalidade está no bojo de uma interpretação clássica, neoclássica e marxista dos países subdesenvolvidos, que tiveram uma industrialização tardia e que nunca conseguiram incorporar toda a força de trabalho disponível à sua economia tipicamente capitalista e regulada (COSTA, 2010). Este demonstrou ser um traço comum das cidades latino americanas.

Os estudos sobre as generalidades latino americanas, indicaram que esse processo de formação, motivado pela busca por trabalho industrial, ocupação de terras e autoconstrução, que marcam a constituição do Banhado, marcava também o processo de formação das cidades latino americanas, constituída por uma intensa reserva de mão de obra não absorvida pelas fábricas, e mesmo quando absorvida, não possuía remuneração adequada para acessar uma moradia.

Havia entre os estudiosos da questão uma crença comum de que a informalidade, em suas variadas formas, era uma condição transitória, que seria superada à medida que o assalariamento, padrão das relações urbano industrial, tornar-se-ia universal, a partir da mercantilização de "todas as esferas da vida econômica", ou seja, todas as formas não mercantis "atrasadas" e remanescentes do pré-capitalismo, e que explicavam o subdesenvolvimento, seriam superadas. A mercantilização de todas as esferas ocorreu, mas não trouxe consigo o assalariamento generalizado. Acreditava-se, que superado o subdesenvolvimento, a informalidade também desapareceria (MACHADO DA SILVA, 2002).

Entretanto, o subdesenvolvimento não é um estágio para alcançar o desenvolvimento, mas uma condição das *ex* colônias que foram transformadas em periferia do sistema mundo, e que colabora para a acumulação capitalista nos países centrais e sua "superação nunca ocorreu" (OLIVEIRA, F. 2003), tal qual nunca houve superação plena da informalidade nas relações de trabalho nesses países.

Assim, decidiu-se ampliar o olhar além do caso brasileiro, para compreender até que ponto existem similaridades, divergências e generalidades. Dessa forma, optou-se pela adoção de um segundo objeto de estudo. A partir decisão de estudar um segundo caso de investigação para compreensão de um contexto maximizado, a sua escolha estava delimitada pelo recorte geográfico da América do Sul, uma vez que essa pesquisa integra o projeto guarda-chuva Transformações no mundo do trabalho e no território no Cone Sul, que conta com a parceria de pesquisadores argentinos da *Universidad Nacional de General Sarmiento*, e devido à proximidade física e de relações, o recorte espacial escolhido foi o caso emblemático

da *Ex Villa 31*, em Buenos Aires, na Argentina*,* que há alguns anos passou a ser chamada de *barrio Padre Carlos Mugica,* uma das maiores e mais antigas *villas* da cidade de Buenos Aires*.*

Após a definição dos dois objetos de estudo procedeu-se com a revisão bibliográfica para definir qual seria a questão desta investigação. O debate sobre a informalidade mobilizou diversos teóricos desde o surgimento do termo e gerou diversas correntes de pensamento e interpretação sobre a condição de subdesenvolvimento e a massa não incorporada ao chamado mercado formal.

O estudo do tema apontava diferentes conceitos sobre o que pode ser definido como informalidade em seus aspectos variados e distintas formas de manifestação. A leitura aprofundada do tema revelou a necessidade de se compreender do que se tratava especificamente em cada objeto de estudo e em cada aspecto eleito como central para entender o Banhado e o *Barrio Carlos Mugica.*

A pesquisa qualitativa, baseada em dois estudos de caso, utilizou como método para coleta de dados a observação participante e entrevistas semiestruturadas. A parte da pesquisa de campo demandou especial atenção, uma vez que se tratavam de dois objetos com distinta inserção. No caso brasileiro havia grande proximidade da pesquisadora com a comunidade e, no contexto argentino, tal relação ainda não estava constituída.

A entrada em campo e contato com os moradores no Banhado ocorreu facilmente, porém somente após 1 ano e meio do início da pesquisa, em dezembro de 2020, devido a pandemia da Covid-19. Na ocasião foram realizadas 8 entrevistas. E em agosto de 2021, foram realizadas mais duas. Já o trabalho de campo no *Barrio Carlos Mugica* foi realizado entre junho e agosto de 2022. Durante dois meses foram entrevistadas 7 pessoas.

Se o olhar inicial para os dois casos apontava mínimas semelhanças e máximas divergências, o estudo mais aprofundado apontou que, para além das particularidades de cada caso, que não são equivalentes e não se busca aqui analisar em tom de comparação, mas sim de forma relacional, osdois objetos se inserem na lógica global que avança, desde o último quarto do Século passado, em vários países: a construção de uma racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016). Assim, a questão que norteou a investigação é: De que forma ocorre a informalidade da terra,do trabalho e do teto no Banhado e na *Barrio Padre Carlos Mugica* atualmente e como elas estão relacionadas com o processo de construção da nova racionalidade neoliberal? A partir dessa premissa, a pesquisa buscou compreender como objetivo principal: **Como as informalidades da terra do trabalho e do teto relacionam-**

se com o processo de construção da nova racionalidade neoliberal? Nesse processo de compreensão das realidades estudadasforam essenciais os trabalhos de Verónica Gago (2014) Cavallero e Gago (2022), Pierre Dardot e Christian Laval (2016).

Foi necessário, portanto, construir alguns conhecimentos e compreender alguns processos para posteriormente enxergá-los dentro dessa chave de leitura maior, na qual consiste o objetivo principal. Assim, foram desenhados os objetivos específicos: **1. Compreender quais são as principais manifestações de informalidade nessas três categorias de análise; 2. Compreender como elas impactam o cotidiano dos moradores do Banhado e do *Barrio Padre Carlos Mugica*; e 3. Construir um entendimento do conceito de informalidade pautado pela experiência do trabalho de campo, ou seja, o que significa informalidade nas duas comunidades;**

Neste trabalho o entendimento sobre **neoliberalismo** é aquele defendido por Dardot e Laval (2016) de que, para além de uma ideologia ou política econômica, trata-se de uma **racionalidade** que organiza a conduta dos governantes e também dos governados, e essa racionalidade tem como centralidade "a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17), trata-se de "um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7).

Deste lado do Oceano Atlântico, o continente latino americano tem funcionado como um laboratório do neoliberalismo desde a década de 1970, financiado por organismos internacionais, governos e corporações. Aqui o neoliberalismo como forma política foi instalado durante as ditaduras militares e consolidado nas décadas seguintes pelas reformas estruturais (GAGO, 2014).

No livro *La Razón Neoliberal: Economías barrocas y Pragmática popular,* Verónica Gago apresenta sua tese sobre a existência de duas lógicas de operação do neoliberalismo, por cima e por baixo. A autora rechaça a redução do neoliberalismo como conjunto de políticas macroeconômicas que são impostas de cima para baixo, das quais poderíamos nos livrar simplesmente com um retorno do Estado. O enraizamento da lógica neoliberal é profundo e opera em muitas camadas. Segundo Gago (2014) o neoliberalismo opera por cima e por baixo. "Por cima como renovação da forma extrativa-despossessiva em um novo momento de soberania financeirizada" e por baixo como "uma racionalidade que negocia

benefícios em um contexto de despossessão, em uma dinâmica contratual que mistura formas de servidão e conflitos" (p. 23). Assim, ela coloca, de maneira mais ampliada:

> *[...] desde arriba, el neoliberalismo da cuenta de una modificación del régimen de acumulación global - nuevas estrategias de corporaciones, agencias y gobiernos – que induce a una mutación en las instituciones estatal-nacionales. En este punto, neoliberalismo es una fase (y no un mero matiz) del capitalismo.* ***Y desde abajo el neoliberalismo es la proliferación de modos de vida que reorganizan las nociones de libertad, cálculo y obediencia, proyectando una nueva racionalidad y afectividad colectiva (grifo nosso)*** (GAGO, 2014, p. 22-23).
>
> *Por neoliberalismo desde abajo me refiero entonces a un conjunto de condiciones que se concretan más allá de la voluntad de un gobierno, de su legitimidad o no, pero que se convierten en condiciones sobre las que opera una red de prácticas y saberes que asume el cálculo como matriz subjetiva primordial y que funciona como* ***motor de una poderosa economía popular*** *que mixtura saberes comunitarios autogestivos e intimidad con el saber-hacer en la crisis como tecnología de una autoempresarialidad de masas.* ***La fuerza del neoliberalismo así pensado acaba arraigando en los sectores que protagonizan la llamada economía informal como una pragmática vitalista*** (GAGO, 2014, p. 25).

O conceito de *neoliberalismo desde abajo* é fundamental para compreender os dois estudos de caso, uma vez que, o neoliberalismo é uma forma arraigada nos territórios, fortalecida nas subjetividades populares e proliferante em termos organizativos das economias informais. **As transformações neoliberais são um dado decisivo pois articulam complexadamente uma rede pujante de informalização com dinâmicas empreendedoras em um contexto de flexibilização e despossessão de direitos** (GAGO, 2014).

Mas o neoliberalismo, para além de destruir regras, instituições e direitos, também produz subjetividades, ele molda nossa "forma de existência": forma de se relacionar com os outros e nós mesmos. Ele impõe uma norma que nos alça em um universo de competição, ordena que assalariados e populações entrem em luta econômica uns com os outros, estabelece relações sociais segundo modelo de mercado, **altera o próprio indivíduo que é estimulado a se entender e comportar-se tal uma empresa** (DARDOT; LAVAL, 2016, p.16).

Dentro dessa lógica de reorganização da sociedade e formação de um novo tipo de sujeito e espaço, a pesquisa busca entender como as manifestações de informalidades encontradas nos territórios estudados colaboram com esse processo de construção de uma

nova subjetividade orientada pela racionalidade neoliberal, e são ao mesmo tempo modificadas também por essa lógica, dentro desse contexto de despossessão de direitos. Busca-se desvelar ao longo dos capítulos os fios invisíveis, ou visíveis, que ligam cada informalidade à nova racionalidade e compreender a teia que entrelaça e as conecta entre si.

Assim, nos capítulos 01 e 02 narra-se a experiência de campo e tenta-se demonstrar, a partir da observação participante, das entrevistas realizadas e literatura: 1. As formas manifestas da informalidade; 2. O impacto que elas exercem sobre os indivíduos; 3. O modo como a terra, trabalho e teto estão constelados nesses territórios. No capítulo 03 recupera-se, de forma sintetizada, o que foi apresentado nos dois capítulos anteriores e apresenta a discussão, trazendo em paralelo as questões relativas a cada campo de estudo, construindo a relação entre as informalidades e seus impactos com a implementação de uma nova racionalidade neoliberal. E por fim, há um item nesse capítulo sobre as limitações da pesquisa, evidenciando as questões sobre as quais não ainda não se tem respostas e pontuando novos temas de pesquisa a partir daqui.

Delineamento da pesquisa

<table>
<tr><td colspan="2">Tema</td><td colspan="3">Trabalho, território e moradia</td></tr>
<tr><td colspan="2">Objeto</td><td colspan="3">Jardim Nova Esperança, Comunidade do Banhado - São José dos Campos, São Paulo, Brasil.
Ex Villa 31, Barrio Padre Carlos Mugica – Cidade Autônoma de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Problema</td><td colspan="3">A incidência de três informalidades (terra, trabalho e teto) sobre duas comunidades na atualidade</td></tr>
<tr><td colspan="2">Questão</td><td colspan="3">De que forma ocorre a informalidade da terra, do trabalho e do teto no Banhado e na Barrio Padre Carlos Mugica atualmente e como elas estão relacionadas com o processo de construção da nova racionalidade neoliberal?</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Objetivos</td><td>Principal</td><td colspan="3">Como as informalidades da terra do trabalho e do teto relacionam-se com o processo de construção da nova racionalidade neoliberal?</td></tr>
<tr><td>Secundário</td><td>Compreender quais são as principais manifestações de informalidade nessas três categorias de análise</td><td>Compreender como elas impactam o cotidiano dos moradores do Banhado e do Barrio Padre Carlos Mugica</td><td>Construir um entendimento do conceito de informalidade pautado pela experiência do trabalho de campo, ou seja, o que significa informalidade nas duas comunidades</td></tr>
<tr><td colspan="2">Método</td><td colspan="3">Estudo de caso</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Ferramentas</td><td>Revisão Bibliográfica</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Pesquisa documental</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Entrevistas semiestruturadas</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Observação participante</td><td></td><td></td><td></td></tr>
</table>

CAPÍTULO 1 – SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E O BANHADO

O recorte dessa pesquisa surgiu a partir do trabalho de campo realizado na comunidade do Banhado, no âmbito do Plano Popular de Urbanização. A atuação no território revelou a necessidade de ampliar o olhar para questões que, a princípio, estão além da pauta da urbanização, mas que no decorrer desse processo tratam-se de pilares de sustentação de uma efetivação da permanência. Assim, a pesquisa abrangeu, para além da investigação das relações de terra e moradia, a dimensão do trabalho.

A partir da identificação dos três elementos centrais, compreendeu-se que todos eles eram cercados por uma questão comum: a informalidade. O Banhado é uma comunidade histórica que ocupou uma porção de terras no centro de São José dos Campos -SP - Brasil. Essa comunidade majoritariamente autoconstruiu suas casas e sua população sobreviveu ao longo dos anos, transitando entre formalidade e informalidade em diversos tipos de ocupações, e acumulando diferentes trabalhos.

Assim, a investigação buscou compreender, através da revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação participante, como as 3 informalidades se manifestam atualmente e impactam o cotidiano dos moradores. A pesquisa buscou analisar as manifestações predominantes da informalidade, uma vez que ela se apresenta de diferentes formas.

No que diz respeito a terra, predomina a ausência da posse que gera insegurança. Essa insegurança se justifica nas diversas tentativas de remoção implementadas pela prefeitura ao longo dos anos, utilizando-se, em maior ou menor escala, de violência e coação dos moradores. Aproveita-se da condição de ocupantes da terra para disseminar contra os moradores mentiras que geram estigmas que reverberam em vários aspectos da vida privada, como por exemplo a dificuldade em conseguir um emprego.

Na dimensão do trabalho, as entrevistas demonstraram como, apesar de trajetórias distintas entre si, as vidas dos entrevistados possuem um fio condutor comum: a viração. Compreendida como estratégia de sobrevivência e enfrentamento da desigualdade social aproveitando toda e qualquer oportunidade, usando de criatividade e acessando diferentes redes de sociabilidade (ABÍLIO, 2021).

E por fim, a análise da informalidade do teto, revelou duas formas manifestadas, a primeira, mais consolidada, seria a autoconstrução que foi estruturante do processo de

construção do bairro, e que nos últimos anos foi desacelerada devido o congelamento do núcleo que impede a entrada na área com materiais de construção. E outro ponto revelado pelo trabalho de campo diz respeito ao incipiente mercado de locação. Devido a impossibilidade de expansão do bairro, o mercado de aluguel não atinge grandes proporções, como no caso argentino que será apresentado na sequência.

Esse capítulo narrará o processo de compreensão da manifestação principal da informalidade em cada mercadoria e demonstrará como isso impacta a vida dos moradores imersos nessa condição.

De cidade operária ...

O pano de fundo do Banhado é a cidade de São José dos Campos -SP, localizada na Macrometrópole Paulista, em área estratégica entre Rio de Janeiro e São Paulo. No início do século XX era uma cidade sanatorial, voltada ao tratamento da tuberculose. De acordo com autoridades sanitárias, a cidade tinha um clima propício para curar a doença (SOUZA; COSTA, 2010).

A primeira fase da industrialização de São José dos Campos teve início em 1920[1]. A Resolução 04/1920 marca o início das políticas públicas municipais voltadas à atração de indústrias, que em um primeiro momento é trazida pelo capital dos barões do café e, posteriormente, se intensifica pelo capital estrangeiro que fugia dos países com presença do Estado de Bem-Estar Social. Foram feitos diversos investimentos em infraestrutura de transporte, disponibilizados bons terrenos e propagandeada a oferta de mão de obra para atração de capital para o Vale do Paraíba Paulista (NETO; MELLO, 2010).

Parte dessa estratégia consistia em isenção fiscal que consequentemente diminuiu a arrecadação do município. A crença era de que, com a industrialização e consequente expansão do assalariamento, a mão de obra tornar-se-ia também mercado consumidor que conseguiria arcar com os custos da reprodução de vida.

A industrialização trouxe consigo uma intensificação da migração do campo para cidade, que deu origem ao operariado urbano, e aos conflitos entre patrão e empregados. Como em um ocorrido em 1935, em que funcionários, após não conseguirem dispensa para

[1] As primeiras indústrias da cidade foram as do segmento da cerâmica e da tecelagem, as pioneiras Louças Santo Eugênio e Tecelagem Parahyba, motivadas pelos benefícios oferecidos pelo poder local, mas também pela proximidade a obtenção de matéria prima (LESSA, 2001).

participar dos festejos de Santana, faltaram ao trabalho e foram demitidos. Invadiram a fábrica na tentativa de conversar com a supervisão da fábrica. Alguns tentaram paralisar máquinas e foram detidos pela polícia (LESSA, 2001).

O processo de industrialização foi intensificado entre as décadas de 1940 e 1950, na chamada Segunda Industrialização, com a chegada das multinacionais na cidade, destacando entre elas a Móveis Z e Rhodia (A. SANTOS, 2006). Rosa Filho (2002), em sua dissertação, aponta que a chegada da Rhodia deu início à formação da classe média e de uma elite dirigente municipal.

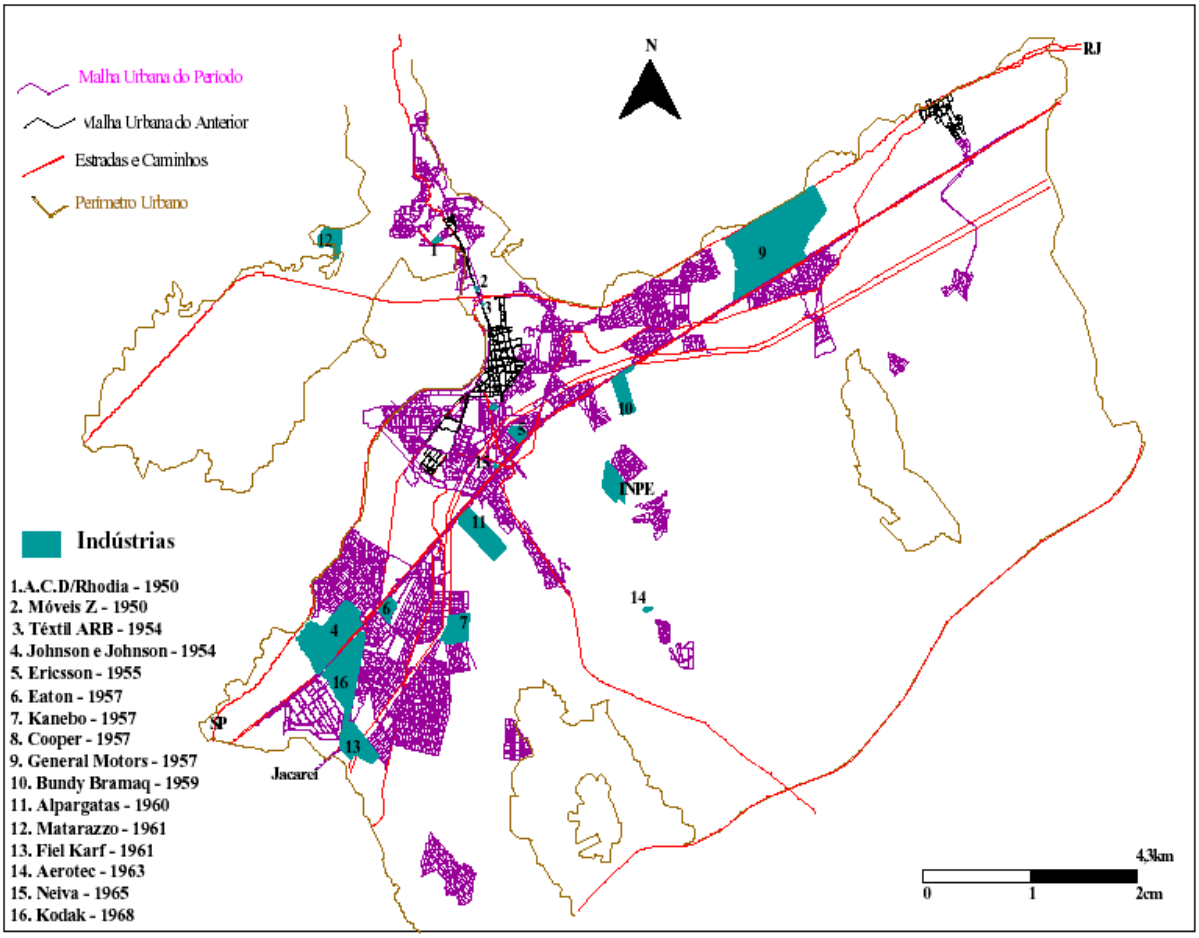
Já, nos anos 1940, começam a ser construídas as bases do complexo tecnológico-industrial-aeroespacial (que foi consolidado nos anos 90) com inauguração na década de 50 do Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA) e do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) (SOUZA; COSTA, 2010). O DCTA foi criado com a intenção de mesclar produção e formação de mão de obra para trabalhar nas indústrias locais e acabou tornando-se o berço da indústria aeronáutica, bélica e aeroespacial brasileira (LESSA, 2001).

Após o final da Segunda Guerra Mundial houve uma intensa industrialização na América Latina devido a chegada das indústrias estrangeiras, que migraram de países centrais onde vigorava o Estado de Bem-Estar social para os periféricos, interessadas na mão de obra abundante e contratos de trabalho pouco rígidos ou inexistentes (HARVEY, 1992).

A entrada desse capital monopolista no Brasil gerou uma expansão que aprofundou a industrialização para o interior das cidades na década de 50, e foi nesse movimento que São José dos Campos recebeu diversas corporações, principalmente do setor químico e

farmacêutico. Como por exemplo a Ericsson de origem sueca e a Johnson e Johnson, empresa norte americana (LESSA, 2001).

Figura 1: Mapa localização das indústrias na cidade.



Fonte: Marcos Antonio da Silva (2002)

Francisco de Oliveira (1982) nos elucida sobre a emergência da classe média enquanto fruto da industrialização no Brasil, pois junto com as indústrias nasceu a figura do gerente, que recebia maiores salários em comparação com os operários chão de fábrica e, consequentemente, tinha um padrão de vida mais elevado. Essa classe vai impor suas demandas sobre o processo de urbanização e a divisão espacial nas cidades e elas serão acatadas pelo Estado.

Como é o caso de São José dos Campos, que de cidade pequena e sem grande relevância econômica no estado, passou a ser foco prioritário de investimentos públicos e privados associados a modernização e a industrialização e, consequentemente, a emergência da classe média joseense. Essa classe média passou a influenciar os rumos econômicos e

políticos da cidade ao tornar-se um importante mercado consumidor a ser atendido pelo mercado imobiliário.

Assim, enquanto bairros jardins foram planejados para essa classe emergente, para abrigar a população pobre que crescia, bairros operários e loteamentos populares foram criados, para além dos limites da Via Dutra. Vários loteamentos que fragmentaram o espaço urbano (PAPALI et al, 2010), com padrões arquitetônicos bem distintos da modernidade que os bairros de classe média tentavam impor a cidade.

O processo de migração da população de baixa renda do campo para a cidade trouxe mudanças para o tecido urbano e serviu para consolidar um planejamento que organizou a cidade em zonas e setores, conforme as atividades que ocorriam em cada espaço (BALTRUSIS, 2010). A especificidade dos espaços da fábrica era refletida no ordenamento territorial da cidade, fazendo surgir os bairros industriais, os nobres e os operários, transparecendo as desigualdades da situação habitacional de cada classe (LIMA; HOLZMANN, 2015).

Na década de 1950 já era visível os efeitos das políticas de industrialização no espaço urbano de São José dos Campos. A área central se expande e se interliga espacialmente ao bairro de Santana, situado mais ao norte do município, próximo ao Rio Paraíba do Sul. A inauguração da Rodovia Presidente Dutra, em 1951, permitiu uma ligação rápida entre as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, e acentuou o processo de industrialização pela atração de diversas multinacionais para o município (TAVARES, S.; FONSECA, 2017).

De acordo com Lessa (2001), a Via Dutra, o DCTA, e as indústrias foram modificando a paisagem e desenho urbano de SJC, definindo forma e estrutura urbana. Nesse momento de influência do fordismo sobre o planejamento urbano, o primeiro plano diretor, feito pelo Centro de Estudos e Pesquisas Urbanísticas (CEPEU), tinha um olhar fordista para a cidade. A proximidade da cidade de São Paulo e a formação de um centro dinâmico incentivaram a instalação do parque fabril em São José dos Campos, além de sua localização estratégica.

Nos anos 1960, instalam-se na cidade diversas empresas do ramo aeroespacial, entre elas destaca-se a Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) em 1969, que colaborou para a caracterização da indústria joseense como tecnológica (SOUZA; COSTA, 2010). A criação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em 1961, e mais recentemente a criação do Parque Tecnológico, buscam reforçar não somente o papel como também a imagem da cidade como polo científico e tecnológico (PREFEITURA DE SÃO DOS CAMPOS, 2016).

A década de 1970 é marcada pela reestruturação produtiva. Nesse movimento há um processo de interiorização da indústria que sai da Região Metropolitana de São Paulo e cria outros centros dinâmicos, como São José dos Campos (TAVARES, S.; FONSECA, 2017). Nesse momento, São José recebeu a Panasonic, Philips e Monsanto. A industrialização aquecida da cidade continuava a atrair pessoas em busca de oportunidade de emprego nas grandes fábricas.

Essa dispersão das plantas industriais teve seu ápice na década de 80. Esse cenário de mudança foi intensificado pela crise econômica da época e pela emergência das políticas neoliberais que abriram o mercado para a importação de produtos manufaturados, levando muitas fábricas no Brasil a encerrarem suas atividades (LENCIONE, 1994).

Além disso, essas transferências para outras regiões buscavam ganhos econômicos, relacionados ao rebaixamento dos salários. A aceitação de um salário reduzido seria mais fácil em locais com baixa capacidade organizativa dos trabalhadores e sem tradição de luta sindical (LIMA; HOLZMANN, 2015).

Já na década de 1990 viu-se aumentar a terciarização da economia enquanto encolhia o número de postos de trabalho no setor secundário em São José dos Campos. Nessa mesma época o sistema capitalista atinge uma liberdade inédita, que possibilitou a fragmentação da produção e o deslocamento de partes da cadeia produtiva para outros países que dispunham de mão de obra abundante, onde o trabalho produtivo era passível de ser terceirizado e informalizado.

Isso aconteceu especialmente nos segmentos econômicos no qual o próprio trabalhador pode adquirir o maquinário necessário, como por exemplo na costura, e favorecer o capital duas vezes 1. Ao manter a produção fora de seus espaços convencionais diminuindo os custos sem prejuízos à produtividade (que pode ser até maior do que no regime convencional), 2. Ao realizar a venda da máquina de costura, obrigando o trabalhador a pagar pelo seu próprio instrumento de exploração (TAVARES, 2004).

Enquanto na teoria haveria uma “ampliação da liberdade do próprio trabalhador, que poderia montar sua escala de trabalho como melhor lhe conviesse”, a realidade é que em cima dessa propaganda falaciosa, a descentralização ampliou a exploração da força de trabalho e rebaixou o seu valor. Ia-se estruturando um novo discurso de convencimento do trabalhador em cima do aumento do desemprego e da expansão de empregos informais, discurso esse pautado na ideologia da liberdade.

... a cidade empreendedora

De acordo com Dardot e Laval (2016) foi chegado um momento em que os governantes tiveram que fazer com que os indivíduos, eles próprios, adotassem, como chamam os autores, uma nova subjetividade capitalista, o Estado se tornar um agente ativo de transformação das sociedades e dos indivíduos.

Na cidade de São José dos Campos esse esforço ativo é observado principalmente no início dos anos 2000, através de uma tentativa de mudança política revolucionária de transformação do Estado e dos indivíduos. A "mudança cultural" como denominou o prefeito da época, Emanuel Fernandes do PSDB, foi implementada através de 5 princípios que estruturaram a sua gestão[2]: 1. Inclusão, que de acordo com ele trata-se da necessidade do pagamento de impostos para que o poder público possa prover as melhorias para todos; 2. Empreendedorismo, que se estrutura a partir da característica própria do povo joseense, em sua maioria migrantes que segundo ele apostaram no futuro, assim, empreendedor para Emanuel é aquele que "é o protagonista da sua própria vida, que quer deixar sua marca, que se destaca"; 3. Regras, que serviriam para todos, principalmente para os gestores; 4. Qualidade, prover prédios públicos de qualidade para que as pessoas pudessem consumir e se inspirar e 5. Tolerância, para conseguir mudar a sociedade.

O segundo princípio é o que mais norteou as políticas do ex prefeito, Fernandes coloca que São José dos Campos já era tecnológica, a sua intenção era de avançar nesse sentido e, assim, baseado no empreendedorismo ele criou o Centro de Empreendedorismo, Competitividade e Inovação (CECOMPI) para institucionalizar o princípio e não deixar que as futuras gerações o perdessem de vista. Esse centro foi uma ação concreta na construção desse "espirito empreendedor" que estava tentando forjar.

O empreendedorismo, que virou uma política dentro da gestão de Fernandes, foi capilarizado em diversos programas sociais e dentro da própria rede municipal de ensino. E esse conceito é entendido por Fernandes como "vontade de querer trocar o hoje pelo amanhã: a competitividade, é procurar ser sempre competitivo e atrair capitais - capital humano e capital monetário mesmo - e inovação que é o empreendedorismo do

[2] Informações colhidas junto ao ex prefeito Emanuel Fernandes em entrevista concedida ao grupo de pesquisa em 2021.

conhecimento". Segundo ele, hoje ele trocaria o termo por "protagonismo", afinal em sua concepção, empreendedorismo é sobre viver a sua própria vida.

O discurso de incentivo ao empreendedorismo na cidade de São José é proferido para além dos limites de uma atuação no campo da geração de renda, tratava-se exatamente da construção de uma nova racionalidade aos moldes do que apresentam Dardot e Laval (2016), entretanto a expansão desse discurso é diretamente proporcional ao encolhimento do assalariamento. A crise do modelo fordista tradicional de produção e empregabilidade, principalmente com o fechamento de empresas tradicionais associadas aos ramos têxtil - calçadista, de defesa e máquinas e equipamentos, ampliou a aposta da municipalidade no chamado "espírito empreendedor" e na inovação como novo fio condutor da economia local, incentivando a atração de micros e pequenas empresas, com foco em tecnologia e inovação. Assim foi criado, por iniciativa da prefeitura, o Parque Tecnológico (PqTeq) em 2002, um arranjo produtivo local.

O Parque Tecnológico de São José dos Campos se intitula o maior complexo de inovação e empreendedorismo do país ao ter incorporado o Centro para Inovação e Competitividade do Cone Leste Paulista. Atualmente, o PqTec abriga mais de 300 empresas e instituições que estão divididas em 6 categorias: Startups e Empresas Residentes, Empresas associadas ao Brazilian Aerospace Cluster, Empresas associadas ao APL TIC Vale, Instituições de ensino e pesquisa, Instituições de CT&I e Entidades da sociedade civil (PQTEC, 2020).

O empreendedorismo, como princípio, capilarizou-se na cidade, assim como almejava Fernandes. Por exemplo, recentemente, a prefeitura, em parceria com o SEBRAE, lançou o programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), que será desenvolvido na rede de ensino de São José dos Campos, visando "oferecer atividades sobre empreendedorismo aos alunos do ensino fundamental, do 1º ao 9º ano, durante todo o ano". A fala institucional associa o pensamento empreendedor com possibilidade de realização de sonhos, "o trabalho vai de encontro da missão das escolas municipais de formar cidadãos com escolhas responsáveis e visão empreendedora em todos os segmentos da vida" (PMSJC, 2018).

Além dessa iniciativa, a prefeitura possui uma série de programas voltados ao empreendedorismo, a cidade foi classificada como a sexta mais atrativa no país para

empreender[3] a partir dos critérios: acesso a capital, ambiente regulatório, capital humano, cultura empreendedora, infraestrutura, inovação e mercado.



[3] https://pqtec.org.br/noticias/institucional/sao-jose-dos-campos-e-uma-das-cidades-mais-empreendedoras-do-pais/

Identifica-se o PqTec como um parceiro importante nesse aspecto de difusão do empreendedorismo. Para as camadas de mais baixa renda, a prefeitura, juntamente com o PqTec, desenvolveu um programa que contemplaria o que eles chamam de "empreendedorismo social". Trata-se do programa Galerias do Empreendedor, fundado em 2012 e que está sob a responsabilidade administrativa do PqTec, "visa impulsionar o espíritode empreendedorismo dos moradores da periferia de São José dos Campos, estimulando o desenvolvimento socioeconômico"[4].

Os participantes do programa são selecionados por consultores do PqTec em parceriacom o Sebrae-SP e recebem mentoria, participam de treinamentos, palestras e viagens. Há atualmente duas galerias em funcionamento: Campo dos Alemães e no Putim, dois bairros periféricos e de baixa renda, cada uma com 10 estabelecimentos comerciais, que são locadospelos participantes do programa por um valor simbólico. O tempo máximo nessa "incubadora" é de 60 meses e, ao final desse prazo, a ideia é que o comerciante alugue um ponto no seu bairro por conta própria.

Em entrevista concedida ao grupo de pesquisa, Elso Alberti Jr., diretor do PqTec em 2020 apontou (ALBERTI JÚNIOR, 2021):

> [...] é uma maneira de você, por meio do empreendedorismo, fortalecer essesempreendedores desses bairros mais distantes.
> [...] a gente vai descobrindo formas de, de, de colaborar com a sociedade,colaborar ainda mais com a sociedade, tá? De maneira estruturada.

O incentivo ao empreendedorismo como forma de combater o desemprego agrava aprecarização e a pauperização dos trabalhadores mais pobres que empreendem por necessidade e não por opção. A partir disso cria-se a ilusão de que o Estado está intervindo na questão, quando na verdade o poder público tem transferido sua responsabilidade de seguridade para o próprio trabalhador e "as qualidades dessa política de emprego são exaltadascomo solução para problemas sociais, como o desemprego, e como garantidor de emancipação social" (OLIVEIRA, A. 2017, p.11).

O desemprego em sua materialidade - subutilização da força de trabalho, trabalho precário, informalidade na produção e circulação de mercadoria, salários baixos e transferência de responsabilidade para o trabalhador - demonstra que questão

[4] https://pqtec.org.br/programas/galerias-do-empreendedor/

econômica esocial se sobrepõe e não são problemas individuais (TAVARES, 2004).

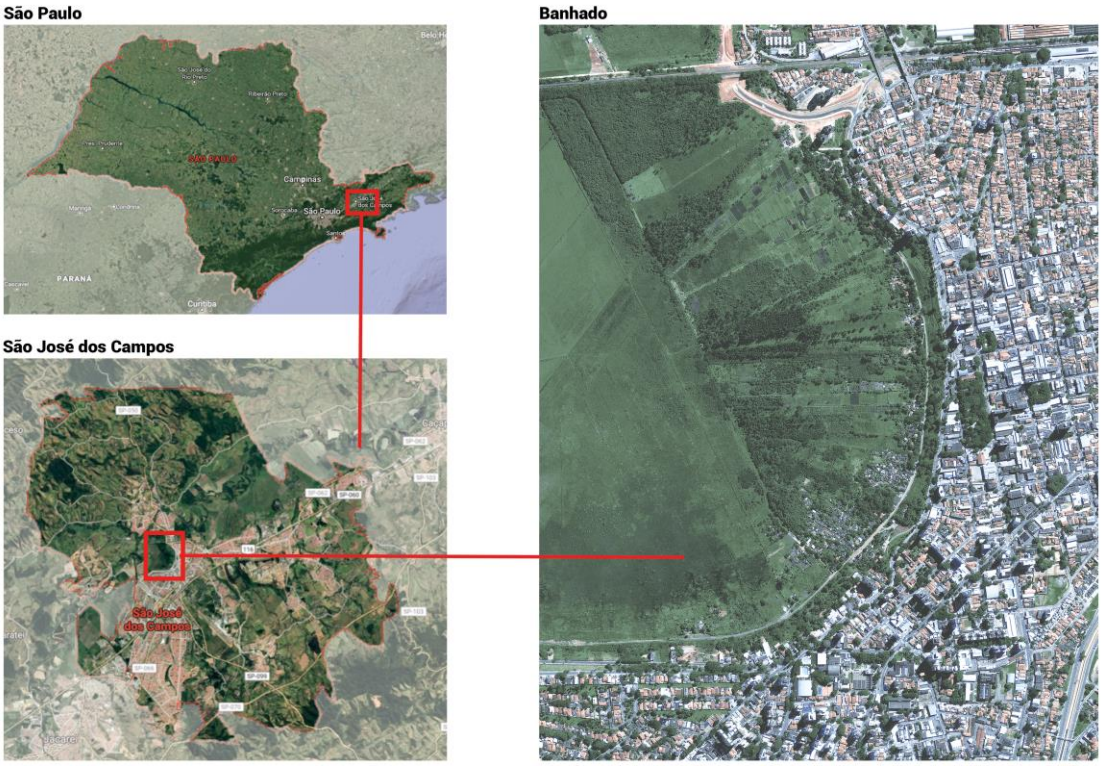
Esses incentivos ao autoemprego fazem parte da agenda neoliberal que visa a desresponsabilização do Estado, num ideal de mercado que regula por si só as relações sociais. Permanece a exploração da classe trabalhadora na sustentação do sistema capitalista pelo trabalho disfarçado de autonomia, permanece a compra e venda de força de trabalho no processo de acumulação capitalista (OLIVEIRA, A. 2017).

No bojo dessas relações e desse processo de formação histórico, brevemente resumido, surge a comunidade do Banhado, apresentada nos tópicos a seguir, primeiramente a partir de uma perspectiva mais histórica e dados secundários e depois a partir da narrativa dos moradores e de dados primários.

Área de rico, não área de risco – O Banhado

O Banhado é uma área localizada na região central de São José dos Campos. Recebeu esse nome por conta das cheias do Rio Paraíba, que no passado alagavam essa região. Até hoje a população convive com os canais de água. A comunidade, instalada sobre essa área desde o início do século XX, autointitulada Jardim Nova Esperança, é conhecida pelos joseenses como Favela do Banhado.

Figura 2: Esquema de localização de São José dos Campos no estado de São Paulo e do Banhado dentro da cidade.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

A ocupação da área intensificou-se após a Crise de 29, com os camponeses flagelados que migravam do campo para a cidade. Do seu início até o presente, a favela abrigou diversas populações excluídas e marginalizadas. Após a execução de um dos planos de erradicação de favelas do município, várias famílias despejadas da Favela da Linha Velha (localizada em um leito ferroviário desativado) abrigaram-se no Banhado como alternativa aos bairros periféricos construídos para abriga-los, distante de toda a infraestrutura que já estavam

habituados. Relatos colhidos por Rosa Filho (2002) demonstram os lamentos de algumas famílias por perderem a proximidade com a região central.

Entretanto, segundo os moradores, a ocupação da área começou antes de 1931, definido como ano oficial de início da ocupação pelo poder público. Para eles o marco inicial do bairro é a chegada de negros e caboclos escravizados, que fugiam de fazendas da região, que mesmo após a abolição da escravatura no Brasil em 1888, ainda mantinha pessoas em trabalho escravo. Uma vez no Banhado, essas pessoas habitaram a área com indígenas que moravam na concha do Banhado.

Durante a Segunda Guerra Mundial o Banhado também recebeu imigrantes europeus e asiáticos que fugiam de seus países. As primeiras casas da área foram construídas próximas a um ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil (ROSA FILHO, 2002). E, durante todo o período de intensificação da industrialização, São José dos Campos foi expandindo-se e, consequentemente, aumentando o número de favelas e adensando as existentes, principalmente na área central.

Figura 3: Entrada do Banhado nos anos 1980



Fonte: https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/06/20/entrada-do-banhado-fotografo-miura-1980-06-13-lf397/?fbclid=IwAR12wfDe6UKm52uAEfRAf1Vyoyievym--IwFHjkDEkMMPo2kCLf-0iQs-dg

Figura 4: Entrada do Banhado nos anos 1980



Fonte: https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/2017/06/20/entrada-do-banhado-fotografo-miura-1980-06-13-lf397/?fbclid=IwAR12wfDe6UKm52uAEfRAf1Vyoyievym--IwFHjkDEkMMPo2kCLf-0iQs-dg

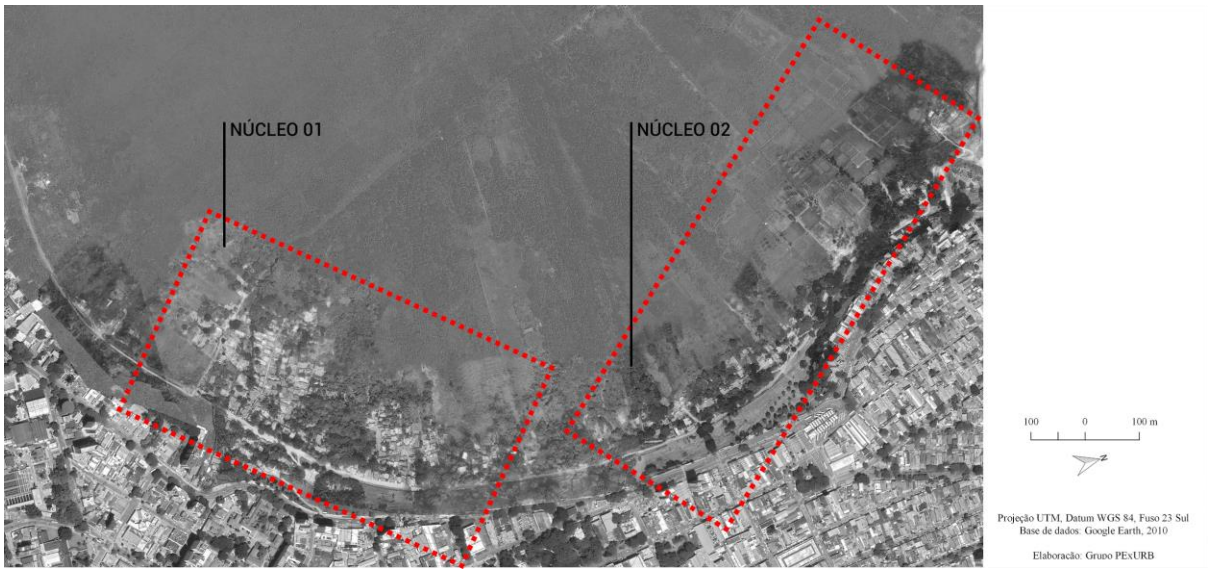
O Banhado abrigou diversas pessoas em diferentes épocas e por diferentes motivos. Foi palco de variadas manifestações culturais como as danças típicas de São Gonçalo, Moçambique, Caretetê, Congada, que eram tradições mantidas pelos mais velhos, mas que com o tempo se perderam. Hoje, entre as mais de 400 famílias que residem no Jardim Nova Esperança, estão algumas que descendem dos primeiros moradores da área.

A área, atualmente, é dividida em dois núcleos ligados ao processo histórico de formação da comunidade. O Núcleo I guarda a característica de ter sido ocupado inicialmente por camponeses que migraram do campo para a cidade em busca de emprego nas indústrias que estavam se instalando em São José dos Campos entre as décadas de 50 e 80. Esse Núcleo abriga a maior parte dos moradores do bairro, é caracterizado por lotes menores, com residências próximas umas das outras, e concentra a maioria dos comércios do bairro.

O Núcleo II guarda um aspecto mais rural, trata-se de uma área espraiada com grandes lotes e muitos deles com situação de coabitação familiar, essa área está ocupada desde 1930 por pequenos agricultores familiares (TAVARES; FANTIN, 2019). A disposição pode ser

conferida na figura 5. As figuras 6 e 7 ilustram as características do Núcleo I e as figuras 8 e 9 as características do II.

Figura 5: Ilustração da divisão feita no Banhado para fins de compreensão da realidade local.



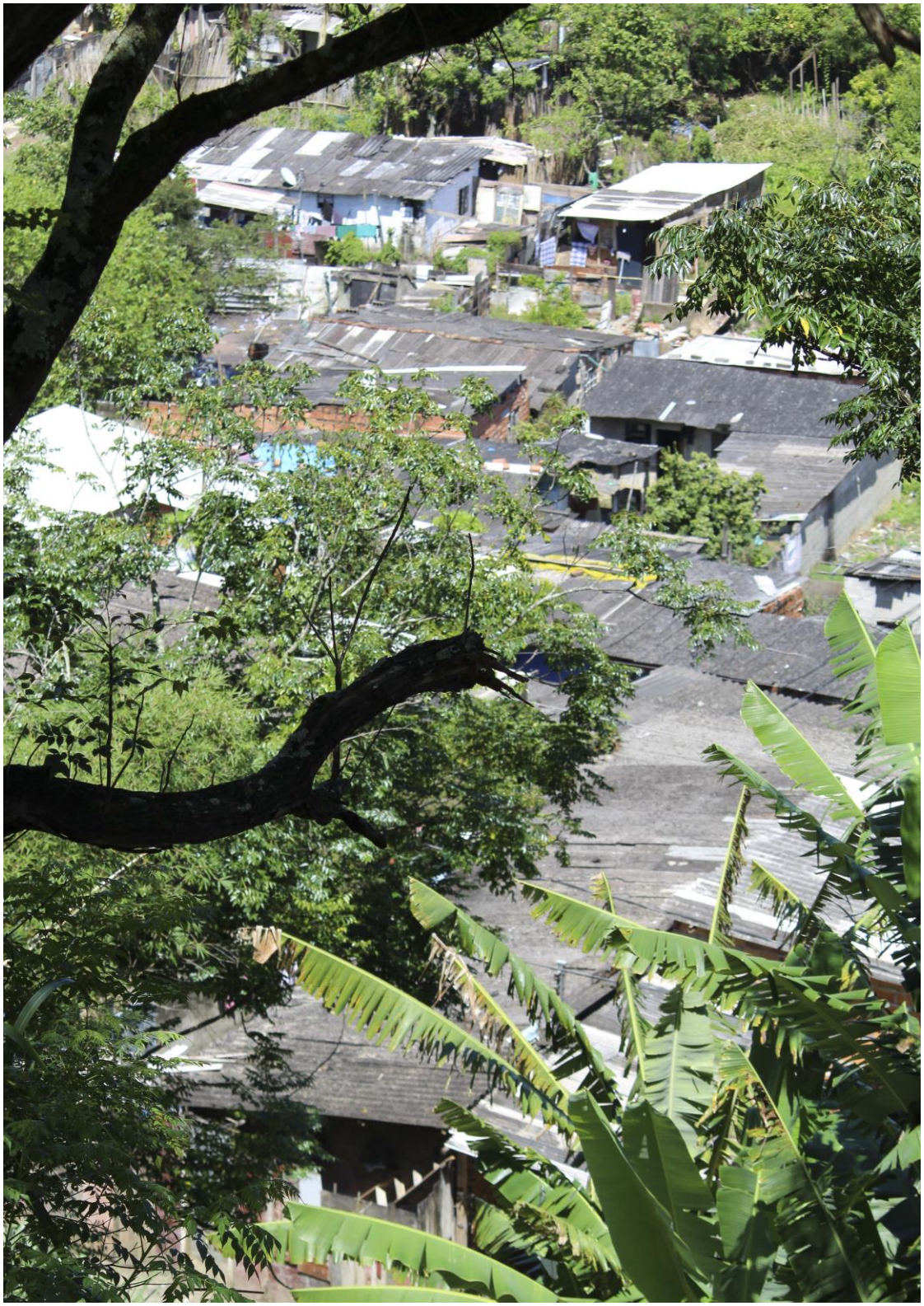
Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 6: Foto de uma das ruas do Núcleo I, pavimentação feita pelos próprios moradores. Maior adensamento, lotes menores e casas mais próximas.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 7: Foto de outra parte do Núcleo I, onde é possível observar que mesmo na parte mais urbanizada a simbiose com a natureza é presente.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 8: Foto de uma propriedade no Núcleo II onde há produção de verduras e hortaliças.



Figura 9: Foto de uma propriedade com características rurais, típica do Núcleo II



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Há mais de 100 anos, quando as primeiras pessoas se instalaram no Banhado, esse era um território de pouco interesse econômico, pois tratava-se de uma área alagadiça, que convivia com as cheias do Rio Paraíba. Até hoje a água é um elemento presente na vida da comunidade, como pode ser observado na figura 10. Entretanto, desde o início do processo de adensamento do centro da cidade, a área passou a ser objeto de interesse do capital imobiliário e as famílias moradoras são constantemente ameaçadas de remoção, seja através de uma mudança na legislação ambiental, por obras de infraestrutura ou com a alegação de área de risco para a vida humana.

Figura 10: Canal aberto de água passando por dentro do bairro.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

O Banhado é uma área turística e considerado o cartão postal da cidade, assim há um esforço ativo em esconder os moradores pobres e negar a miséria e desigualdade social

existente na área. A foto aérea da concha do Banhado (figura 11), por exemplo, foi modificada para esconder a comunidade.

As figuras 12 e 13 retratam as condições de moradia dessa população e mais exatamente o que a sociedade capitalista produz e para o que ela não quer olhar.

Figura 11: Fotografia aérea editada para esconder a presença da comunidade na área considerada o cartão postal da cidade.



Fonte: http://www2.guiasjc.com.br/noticias/associacao-cobra-secretaria-por-rota-da-via-banhado/

Figura 12: Residência no bairro Jardim Nova Esperança, apresenta problemas estruturais.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 13: Barracos construídos na encosta do morro.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

No bojo das tentativas de remoção da comunidade e buscando financiamento para isso, em 2011 a Prefeitura Municipal de São José dos Campos firmou contrato com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para financiar obras do Programa de Estruturação Urbana (PEU), que tinha três objetivos centrais: 1. Ampliar a macroestrutura viária e criar a Via Banhado, que passaria sobre o território da comunidade; 2. Regularizar terras do município e reassentar as famílias do Banhado; 3. Criar parques lineares. Atualmente, o projeto da Via Banhado encontra-se paralisado em função de uma denúncia encaminhada pelos moradores do Jd. Nova Esperança ao Mecanismo Independente de Consulta e Investigação (MICI) do BID, cuja função é fiscalizar o descumprimento das políticas operacionais do Banco (SILVA, 2017).

São José dos Campos possui um longo histórico de parcerias com o BID. Desde o final da década de 1990, essa instituição financeira tem auxiliado a gestão municipal com empréstimos que foram responsáveis por investimentos em infraestrutura urbana e remoções de comunidades. A virada dos anos 1990 para 2000 inaugurou um novo modelo de gestão municipal empreendedora, marcada pelo papel ativo desse município na construção de um ambiente favorável à atração de investimentos imobiliários a partir da flexibilização

das leis de zoneamento, da remoção de favelas e do investimento massivo em corredores viários associados principalmente à expansão de condomínios horizontais fechados e verticalização em setores específicos. Essa política removeu grandes contingentes, um caso emblemático dessa prática foi a remoção de 8000 pessoas do Pinheirinho, em virtude da violência empreendida e da enorme força policial mobilizada (ZARATINE; FANTIN, 2019).

Nas figuras 14, 15 e 16 aparecem os moradores em algumas manifestações públicas contra a remoção forçada. Os moradores lutam pela regularização do assentamento, e utilizam como argumento o Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária, desenvolvido pela universidade em conjunto com os moradores, onde constatou-se a viabilidade da permanência da comunidade na área, mediante implantação de infraestrutura pública urbana.

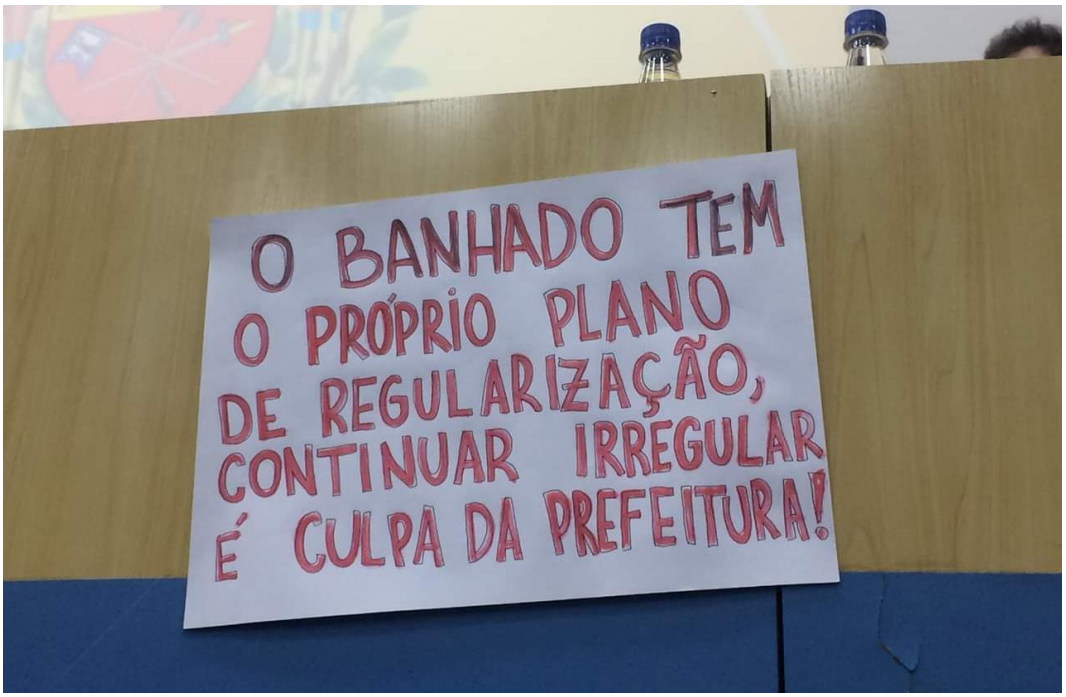
Tendo trabalhado como arquiteta na elaboração do Plano Popular, me aproximo do objeto de estudo e elaboro o projeto de pesquisa que orientou a dissertação. Os tópicos a seguir foram desenvolvidos a partir dessa experiência e das relações surgidas nesse período.

Figura 14: Moradores discursando em audiência pública, na imagem apresentam o Plano desenvolvido.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 15: Cartaz colado no interior do Paço Municipal.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 16: Moradores em frente ao Paço Municipal em SJC em dia de sessão para tratar do futuro da comunidade.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Notas de campo

Apenas em dezembro de 2020 pude realizar as primeiras entrevistas da pesquisa que começou em março de 2019. Para estar em campo foi necessário fazer um plano de segurança sanitária de prevenção a COVID-19. O pedido foi autorizado pelo diretor do Instituto e pude então viajar e realizar partes das entrevistas necessárias.

A minha primeira entrevista da pesquisa foi realizada no dia 04 de dezembro de 2020. Por volta das 17h eu entrevistei a Elaine, liderança do bairro, moradora do Banhado desde que nasceu e uma das primeiras pessoas que conheci em 2019. Na ocasião chovia forte e o barulho da água nas telhas do prédio do centro comunitário atrapalhava um pouco a nossa conversa, mas não mais do que o uso das máscaras de proteção facial, item fundamental naquele momento de intensa disseminação do vírus SARS-CoV-2.

Elaine é tataraneta de escravizados. No seu relato me conta que seu bisavô nasceu livre, mas o seu tataravô e outros ascendentes dela foram escravizados na fazenda que hoje corresponde ao Parque da Cidade. Fugiram da propriedade e foram procurar abrigo no Banhado, que já era conhecido por ser reduto de indígenas e quilombolas. Quando a família do avô se instalou começaram a trabalhar na terra e criar animais.

No mesmo final de semana entrevistei o companheiro de Elaine, Silvio, e o seu filho mais velho, Silvinho. Pai e filho trabalham juntos no centro de São José dos Campos vendendo bananas e outras frutas em uma carriola de obra. Por conta da pandemia, as vendas caíram e Silvio precisou retornar ao serviço na construção civil, que havia interrompido por problemas de saúde. Silvinho, que ainda frequentava a escola meio período e no outro ajudava o pai, me relata dois objetivos profissionais: ter uma barbearia e trabalhar com tecnologia.

Nesse mesmo final de semana entrevisto duas outras lideranças, que já conhecia há algum tempo e por intermédio e sugestão delas conheço meus futuros entrevistados: Bill, Miguel, Andreia e Donizetti. Doni, uma das lideranças, me acompanha pelo bairro e está presente em quase todas as entrevistas, é ele quem sugere que eu fale com Bil, a primeira pessoa com quem falei no sábado pela manhã.

Bil é um senhor de meia idade, que me conta que sua família migrou do Norte para São José dos Campos quando ele era ainda muito criança. Ele já trabalhou com tudo nessa vida, mas foi no emprego como vendedor de fruta, nesses caminhões que rodam as cidades, que Bil descobriu o seu talento para a música. Gostava de cantar samba, chegou a compor

samba enredo e integrou um grupo musical com o qual viajou para o Marrocos, ele guarda a passagem de avião até hoje e ao final da nossa conversa me mostra orgulhoso.

Entrevistei Bil na praça da Paz que fica logo em frente da sua casa. Durante quase 1 hora de conversa, me mantive sentada em um banco de madeira com o gravador, enquanto ele esteve de pé, com óculos de sol e chapéu, sem camisa e de tênis. Pela proximidade seguimos para a casa de Débora, que não estava em casa naquele momento. A encontrei apenas no dia seguinte, quando ela estava de saída com o companheiro, para trabalhar. Pude me apresentar e explicar minha pesquisa. Ela me deu seu telefone para combinarmos uma entrevista, mas isso só aconteceu 8 meses depois.

Durante a parte da tarde daquele sábado, Doni esteve ocupado. Fui acompanhada por Douglas, um apoiador do bairro que possui grande permeabilidade no território pelo fato de ter trabalhado ali durante o seu doutorado. Ele me acompanha até a casa de Miguel. Miguel e sua esposa, Andreia, trabalham com reciclagem, uma ocupação relativamente comum entre os moradores. Nossa conversa é curta e aconteceu no quintal da casa do casal, que compartilha o lote com outra família, alojada na casa do fundo, com uma espécie de varanda e um enorme terreiro para armazenamento dos recicláveis coletados.

Para entrevistar Donizetti, o agricultor, precisamos caminhar para o outro lado do bairro, onde fica localizado o Núcleo 2, de caráter mais agrícola. Doninizetti mora em um lote grande com a sua família. Na parte da frente fica a sua casa e no fundo a plantação que cultiva e é o sustento da família. Ele tem dois filhos, a filha, hoje casada, mora em um condomínio e seu filho mais novo é jogador de futebol profissional em Portugal, os filhos são o orgulho e a prova de que ele “deu certo”. Coincidentemente no dia da entrevista, ambos estavam na casa dos pais. Assim pude conhecer a família toda. A nossa entrevista foi feita na parte de fora da casa, próximo a sua lavoura.

Entrevistei na ocasião também o Senhor David e o próprio Doni, que gentilmente me acompanhou pelo bairro, me apresentando àqueles que eu não havia conhecido até então. A entrevista com o senhor David aconteceu no centro comunitário, na sala que antes estava reservada para os atendimentos odontológicos que aconteciam no bairro, mas que foram interrompidos há alguns anos, como parte do projeto de desmonte da área. E a entrevista com Doni foi realizada em uma sala do centro comunitário, no mesmo lugar que entrevistei Elaine, Silvio e Silvinho.

Após esse grupo de entrevistas, houve uma piora no cenário pandêmico e impedimento de ir ao campo por mais de 8 meses. Assim, retornei ao Banhado somente em agosto de 2021, para entrevistar Débora e mais outras duas moradoras. Nessa ocasião foi a primeira vez que estive em campo completamente sozinha.

Cheguei na Orla do Banhado quase 1h antes do horário que havia combinado com a Elaine, por volta das 8h. Como era muito cedo resolvi caminhar um pouco por ali para observar a comunidade de outros ângulos. Enquanto eu observava a comunidade lá embaixo percebi que eu também era observada. No talude de aproximadamente 30 metros que separam a Orla da Rua da Linha foram feitos alguns caminhos de pedestres pelos moradores, para facilitar o acesso a suas casas.

Quando nos encontramos, Elaine me atualiza das novidades dos processos movidos pela comunidade contra a prefeitura, depois de conversarmos por uns 15 minutos nos encaminhamos para a casa de Débora. A entrevista começou por volta das 09:30, batemos no portão da casa da Débora e quem atendeu foi a sua filha caçula, que sem cerimônia disse que a mãe estava ajeitando a casa. Entramos. Fui recebida na cozinha da Débora, que é também o ambiente de trabalho dela. Sentamos a mesa e começamos a conversar. Expliquei de forma bastante resumida do que tratava a minha pesquisa e expliquei a parte burocrática e ética que precisava cumprir, dando-lhe, portanto, o termo de consentimento que ela precisava assinar antes de iniciarmos a conversa.

A Débora é uma mulher jovem, negra, alta e de feição simpática, ela não fica mais do que 3 minutos sem abrir um sorriso, mesmo quando ela me relatava acontecimentos tristes o sorriso aparecia, junto da profecia da sua fé.

Depois de entrevista-la vamos até a rua da Linha na tentativa de encontrar a Dona Francisca, uma senhora de idade bastante avançada, que ainda hoje trabalha com reciclagem. Nossa conversa é feita ali mesmo na rua, uma conversa rápida. Apesar de Dona Francisca ser lúcida, nossa conversa não flui muito bem. Não consigo conduzir tão bem a entrevista que acaba se tornando um desabafo de Dona Francisca que traz consigo inúmeras dores e sofrimentos. Encerro a entrevista e encerro meu trabalho de campo nesse território.

Incursões etnográficas no Banhado - Eu me viro, né?

As entrevistas realizadas entre 2020 e 2021, com 10 moradores do Banhado, não configuram dados quantitativos, mas nos ajudam a compreender qualitativamente algumas questões referentes a comunidade. As entrevistas semiestruturadas conduzidas por mim, previam no roteiro, questões sobre a origem do morador, ano de chegada no Banhado, breve histórico sobre trabalho e empregos e construção da casa. O roteiro de entrevistas foi construído de forma que abrangesse as três categorias de análise da pesquisa.

Entretanto, no exercício das conversas, cada entrevista percorreu seu próprio caminho, algumas fluíram melhores do que as outras, variava conforme disposição do entrevistado e predisposição para contar sobre a própria vida.

Mas apesar das singularidades de cada conversa, as histórias contadas possuem várias semelhanças. São trabalhadores pobres, que têm suas vidas marcadas pela necessidade de se virar para comer, morar, vestir. A lógica da sobrevivência molda a vida dessas pessoas e foi esse o motivo, geralmente, que as levou até o Banhado: a necessidade de um teto.

Outro fio condutor comum na vida dos que comigo falaram diz respeito as ocupações que tiveram, trabalharam em diversos ramos. “Se virando como podem”, e guiados pela lógica da necessidade, a maioria dos entrevistados, atualmente trabalha por conta própria. Esse tipo de trabalho que esteve e está sempre no horizonte da classe que vive do trabalho[5], (ANTUNES, 2009) devido a impossibilidade de “ficar parado” em um cenário de desproteção social. Início com a fala de Débora ao contar a motivação dela e do companheiro para começar a produzir e vender pães e bolos na rua:

> [...] Porque a gente precisa ganhar dinheiro de alguma forma, né? Tem que ter dinheiro, eu tô desempregada, então alguma coisa a gente tem que fazer, não pode ficar parado, né?

A trajetória desses trabalhadores é marcada pela alta rotatividade, trabalhos distintos e simultâneos, bicos, um limiar bastante tênue entre empregos formais e informais que são transpostos o tempo todo em suas vidas. A viração, entendida aqui como um movimento

[5] Definida por Antunes como os trabalhadores assalariados que vendem sua força de trabalho, trabalhadores do setor informal, aqueles sem carteira de trabalho, os que trabalham por conta (ANTUNES, 2009)

invisibilizado e com as fronteiras borradas, entre o informal, o precário, sem estabilidade, mesmo quando em um emprego formalizado. Conformam estratégias de sobrevivência e enfrentamento da desigualdade social aproveitando toda e qualquer oportunidade, usando de criatividade e acessando diferentes redes de sociabilidade (ABÍLIO, 2021). É um componente do mercado de trabalho brasileiro desde o princípio e faz parte das formas de sobrevivência dos trabalhadores mais pobres.

No século passado, a viração passou a ser incentivada como uma saída ao desemprego até mesmo por agências internacionais como o Banco Mundial, ao mesmo tempo que o emprego com proteção social estava cada vez mais escasso (TAVARES, 2018). Isso se reproduziu também em São José dos Campos, quando da criação da chamada "Lei de Fundo de Quintal", Lei Complementar 447/11, que incentivou a criação de pequenos negócios em quintais residenciais. Devido à ausência de políticas de seguridade social, aqueles que não eram trabalhadores formais, "se viravam" para sobreviver, e esse foi o diagnóstico do Programa Mundial de Emprego, lançado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1969, após aferir os efeitos das estratégias de emprego e distribuição de renda, ou ausência destes, implementadas pelos países de industrialização tardia (CACCIAMALI, 2000).

As trajetórias descritas a seguir, são representativas desse modo de vida. Silvio, companheiro de Elaine, já trabalhou em uma série de atividades, durante a conversa ele foi relatando as migrações que fez com a família ao longo dos anos para manter-se empregado, entre Caraguatatuba sua cidade e São José dos Campos, cidade de Elaine:

> [...]a gente foi morar lá, em Caraguá, aí depois a gente voltou para cá de novo. Voltamos para lá de novo. E voltamos para cá de novo. **Onde tava tendo serviço a gente tava indo**. Eu tinha um tio, que tinha fábrica de bloco, daí eu fui para lá. Ai trabalhei um bom tempo, fazia bloquete, bloco, pia, essas coisas.

20 anos atrás trabalhou como vendedor:

> [...] Eu trabalhei também de entregar perfume, vendia muito perfume pras outras cidades.
> Eu morava aqui em São José mesmo, no Bom Retiro. Eu ia pra Minas, Rio de Janeiro, Cachoeira Paulista. Tudo esses lugar aqui pra Caçapava, até o Rio de Janeiro eu ia entregar.

> [...] eram dois rapazes, dois sócios. Eles mesmo produziam os perfumes. E a gente entregava e as pessoas vendiam e essas pessoas que vendiam o perfume e ganhavam um brinde.

A trajetória de Silvio é marcada por alguns empregos com registro em carteira. O seu primeiro emprego registrado foi aos 15 anos, de empacotador em um mercado em São Sebastião, litoral de São Paulo, ganhava pouco, mas na "caixinha ganhava triplicado o salário". Além desse primeiro emprego, teve mais algumas experiências que não duraram muito, segundo seu relato:

> Eu tenho na carteira também, eu tenho de encarregado de produção [...]. Trabalhei na Construpel de encanador na faixa de um ano e oito meses. Deixa eu ver … eu trabalhei na Construpel, na Teto, trabalhei de encanador e passei para pedreiro. Eu entrei de encanador e passei para pedreiro, na Teto, eu fiquei 2 anos. Depois eu vim pra cá pra São José de novo. Aí comecei trabalhar na Antunes Filho. Entrei de encanador e depois fui para pedreiro.

O seu relato não é linear, assim como sua trajetória laboral não é. Tendo começado a trabalhar aos 9 anos, Silvio coleciona trabalhos variados e simultâneos, permanentemente em trânsito – entre cidades ou formalidades - seu último emprego com registro foi em 2014 ou 2015, não se recorda precisamente, ficou 3 anos e 8 meses até ser mandado embora. Acessou o seguro desemprego e reformou a casa. Frente ao desemprego foi tentar ganhar a vida vendendo fruta no centro da cidade, nessa atividade passou a ter a companhia do filho Silvinho alguns anos depois.

Silvinho, tem 18 anos, naquele ano da nossa entrevista, 2020, estava cursando o último ano do ensino médio. Uma conquista inédita na família, nem o pai nem a mãe puderam concluir o ensino médio. Vendia frutas e legumes com o pai no calçadão desde os 13 ou 14 anos. A atividade foi interrompida pela pandemia, segundo ele, as pessoas tinham medo de comprar do carrinho e se sentiam mais seguras comprando dentro do mercado (figura 17).

> Quando eu ia vender fruta, eu estudo né? Ah, eu tinha que acordar cedo, que eu estudava de manhã e vendia de tarde. Aí eu chegava meio dia e meio aí eu almoçava, aí quando era uma hora, duas horas já subia e quatro horas já tava voltando, porque já tinha acabado tudo.

Silvinho queria arranjar um emprego no centro, mas até conseguir vai continuar vendendo com o pai. O jovem tem outras ambições para a vida. Quer trabalhar com tecnologia, gosta de montar e desmontar celular. Para viabilizar o sonho, trabalharia cortando

cabelo, e depois com dinheiro, pagaria o curso de TI, que é o que ele realmente quer trabalhar.

> Eu não gosto muito de estudar (damos risada) mas é necessário. Aí agora eu vou terminar a escola, né? Que esse é o último ano, aí eu vou fazer o curso, aí terminar o curso, eu vou tentar entrar na área de tecnologia, essas coisas. E pra mim, é isso que eu quero fazer. Aí, eu vou focar mais nisso..
> [...] Faculdade não penso não. Mas o que eu quero fazer é curso de TI e curso de barbeiro que eu gosto também, eu acho muito legal, né? Aprender a cortar cabelo. Mas faculdade eu não penso não.

Nascido nos anos 2000, Silvinho é filho de uma geração de trabalhadores que cresceu em um contexto de "encolhimento do emprego e precarização do trabalho" (TELLES, 2006, p. 177), o garoto ingressa no mercado de trabalho ainda mais reconfigurado. Em dado momento da conversa eu o questiono se ele sabe o que é CLT e o que ele pensa sobre trabalhar para alguém com registro em carteira:

> O bom de trabalhar assim, por mim mesmo, é que eu trabalho a hora, que eu quero e eu ganho bastante dinheiro. Tipo, eu fazia cem reais todos os dias que eu subia, eu fazia pelo menos cem reais e eu trabalhava todos os dias, de segunda a domingo, eu subia e eu ficava no máximo três, quatro horas e eu fazia pelo menos cem reais. Por mês se eu juntasse daria três mil reais. Aí um serviço com carteira assinada, ali em cima assim, trabalhar em loja, mercado, ganha um salário mínimo até um pouco a mais, vendendo eu ganho mais, trabalhando menos, esse é o bom. Mas também, tem as parte ruim, estraga as frutas, o fiscal pega, pode levar, pode dar, pode prender a gente, dar multa muito cara pra gente aí, não tem como pagar e com carteira assinada, vai ter direito, vai ter muito mais coisa. Férias. Tem as férias, tem bastante coisa a mais ...

Apesar disso, ao fazer o balanço sobre os dois modos de trabalho:

> [...] mas eu ainda acho que pra mim, é melhor trabalhar por conta, entendeu? Eu quero montar uma coisa minha. Eu penso em fazer o TI, e daí eu penso em montar uma *lan house*, uma coisa grande minha. Mas agora eu tô querendo sim arrumar um emprego lá pra cima [...]

A fala de Silvinho reflete um pouco da cultura do autoemprego, constantemente incentivada, e que Castro (2014) vai chamar de razão empreendedora, uma ideologia que tenta convencer que o autoemprego é vantajoso. A razão empreendedora se faz presente em um cenário que une reestruturação do mundo do trabalho, altos índices de desemprego e

aumento da informalidade, ocorrendo a legitimação de uma política pública que causa a individualização de problemas sociais e delega às pessoas garantias que caberiam ao Estado.

As diversas transformações em curso no mundo do trabalho criam um ambiente em que o discurso é de convencimento do trabalhador de que ele precisa ser flexível e de que ele é responsável pela sua própria empregabilidade (SILVA, 2001); e que seu sucesso tanto quanto seu fracasso dependem dele mesmo (HARVEY, 2008) e a favela não escapa dessa lógica de falsa autonomia que propaga um discurso de convencimento do trabalhador de que empreender o possibilita deixar a classe trabalhadora e se aproximar do capital (A, OLIVEIRA, 2017).

A diminuição dos postos de trabalho, principalmente na indústria, e o aumento do desemprego, ajudou ainda mais na proliferação do "trabalho por conta", seja no domicílio, cooperativa ou em família que são mecanismos onde o trabalhador explora ao máximo sua força de trabalho a serviço do capital e é alijado dos seus direitos (TAVARES, 2004).

Silvinho tem um sonho para o futuro: ser dono do seu próprio negócio, talvez uma *lan house* como ele mencionou. Para conseguir chegar ao seu objetivo, traçou um plano, que inclui transitar entre trabalhos diversos e simultâneos, frequentar um curso profissionalizante e se aventurar em outra profissão, para finalmente conseguir pagar pelo curso que gostaria de fazer:

> Eu to querendo pegar a minha reservista para mim arrumar emprego mais lá para cima. Mas até lá eu vou começar a vender.
> [...] Aí eu tava pensando comigo assim, vendendo fruta, eu consigo ganhar bastante, se eu guardar, eu consigo, três mil reais, fazendo cem reais por dia, mas ainda tenho que gastar e ajudar aqui também. Aí eu consigo tirar um mês, dois meses, eu consigo tirar mil e duzentos o curso, o curso é mil e duzentos, você paga pelo ano inteiro, mas você paga as suas coisas e consigo comprar uma máquina e algumas coisas. E aí eu já vou ter a minha coisa, já vou cortar cabelo e eu não pretendo parar de vender fruta, né? Ai vou vender fruta e cortar o cabelo, aí eu já vou ter mais dinheiro e vou conseguir fazer uma coisa maior, que é o TI. Eu quero fazer TI avançada, técnico de informática, que é mais avançado. E eu acho que eu quero fazer robótica também.

De acordo com Malaguti (2000) esse desejo de trabalhar por conta própria, em realidade, é motivado pela ausência de trabalho assalariado com garantia de direitos, restando ao trabalhador a saída pela informalidade, como única forma de sustentar-se. O

empreendedorismo, entendido aqui como um tipo de informalidade, faz congregar no indivíduo a figura do patrão (apenas de si mesmo na maioria dos casos) e empregado (do capital, o pior dos chefes) - a sua lógica perversa é tentar reduzir cada vez mais a classe que se identifica como proletária e negar que a produção de riqueza seja fruto do trabalho (TAVARES, 2018).

Silvinho é um garoto cheio de sonhos e ambição, um garoto de seu tempo, interessado por tecnologia e ciente das profissões que um dia já foram do futuro e conformam o agora, a área tecnológica, onde estão os melhores salários. Pouco tempo depois de nossa conversa, a sua namorada engravidou. Talvez agora precise recalcular a rota, mas em 2020 seus planos eram esses.

Quando pergunto a Silvinho se ele considera ele e o pai empreendedores a resposta é afirmativa, ao contrário do pai, que frente a mesma pergunta me diz que não. Apesar disso, Silvio pai, revelou que também tem vontade de abrir um negócio, uma casa de ração ou quem sabe uma frutaria ali no bairro. No seu plano poderia manter o comércio aberto na parte da manhã e subir para o centro no final da tarde, quando já não há mais fiscalização, para vender no seu carrinho.

> Ah sei lá, eu quero mais para frente quem sabe abrir um comércio, porque eu quero fugir do serviço pesado. (Silvio, pai)

Nas entrevistas, ao abordar o trabalho assalariado contratado por alguém e o trabalho por conta própria, diversas motivações apareceram para justificar a preferência pela segunda opção. O trabalho formal causou insatisfações na maioria dos entrevistados, por motivos diversos. Mesmo em um contexto de ampliação da exploração que advém do trabalho por conta, observa-se uma espécie de descontentamento dos trabalhadores com o trabalho registrado subalterno a alguém.

Esse trabalho formal, com registro em carteira, ou fichado, como se referiam os entrevistados, possibilitava alguma segurança financeira, como por exemplo o saque do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), ou o Seguro Desemprego, que possibilitava o trabalhador de construir ou até mesmo reformar e também pagar dívidas.

Silvio, por exemplo, ao ser mandado embora acessou o FGTS e utilizou-o para reformar a casa da família. Dominando o ofício de pedreiro, empregou a sua própria força de trabalho, não remunerada, na empreitada. Ele relata orgulhoso o seu trabalho e diz que foi o responsável por “tudo, tudo, tudo”. Silvio recorreu a autoconstrução, pois muitas vezes, mesmo em

contexto de assalariamento, o trabalhador pobre não consegue acessar moradia e precisa utilizar parte do seu tempo livre para viabilizar sua própria moradia.

Apesar do horizonte de direitos que a carteira assinada trazia, o seu encolhimento, que expôs vários indivíduos ao desemprego e dificuldade de recolocação no mercado, somado a ausência de um Estado de Bem-Estar Social, que suprisse necessidades básicas da população, é o cenário perfeito para o avanço do discurso neoliberal que tenta seduzir o trabalhador. A lógica empreendedora enquanto promessa de melhora de vida e mudança de classe, infelizmente encontra espaço entre os trabalhadores. Como fica evidente na entrevista de Doni:

> Mas só que eu sinceramente a minha pessoa em particular eu vejo como uma perda de tempo o trabalho de CLT. Porque na informalidade você trabalha você pega o integral cê pega o o integral na sua mão você se você eh eh conseguir eh ganhar digamos assim um dinheiro vultoso cê pode fazer investimento, cê pode fazer uma série de coisas que possam trazer um benefício pra vocês no futuro, né? Partir de você mesmo. Agora na CLT o seu salário é salário mínimo, sabe a minha mil novecentos e eh mil e quarenta reais hoje, salário mínimo. Aí o que que acontece? Daí tem uns desconto, tá? Pá pá pá pá, né? Então cê vai, cê já tá levando o chumbo aí já aí cê tem o o custo de vida que é muito alto, que você não alcança o seu patamar. Então, se você depender somente do seu salário mínimo e da digamos assim, da responsabilidade do governo para com você, você não consegue fazer uma faculdade, você não consegue fazer nada. Você não sai, você não consegue sair duma comunidade, vamos dizer assim, né? Não é dizendo que a comunidade é ruim, né? Mas porque a comunidade é lugar de pessoas que de baixa renda, né? Cê não consegue sair, cê não consegue dar um, digamos assim, um salto além daquilo que você poderia dar se você tivesse na informalidade.

Figura 17: Carrinho utilizado por Silvio para vender na área central os produtos coletados e cultivados no Banhado e outros comprados no CEASA.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

David é um senhor de 70 anos, migrou de Campos do Jordão para São José ainda criança, a mãe ficou viúva e casou de novo. O padrasto comprou dois lotes em um bairro novo chamado Jardim da Granja. Um dos lotes ele trocou por um alqueire de terra no Banhado, a família toda se mudou para lá. Sr. David nunca mais saiu.

> O meu primeiro emprego foi aqui na roça. AÍ depois eu já comecei a trabalhar em obra, trabalhei de pedreiro.
> [...] eu sou pedreiro, depois aprendi a trabalhar em cozinha. Eu entrei lá como servente de pedreiro e naquela época abriram um restaurante para fornecer comida para os funcionários que ia trabalhar lá na obra, então aí o meu patrão, era empreiteiro de uma das firmas, ele abriu um restaurante lá dentro e ele falou [...] ai foi onde eu fui para cantina e trabalhei, ai foi lá que eu aprendi um pouco a trabalhar na cozinha [...]

Sr. Davi acumula diversas experiências na sua trajetória, teve vários tipos de trabalho e expressa um certo orgulho ao contar que “nunca escolhi serviço, se eu ficasse desempregado, o servicinho que aparecia, eu ia”. O relato de David e outros entrevistados ao falar sobre trabalho, revela na verdade que as estratégias de sobrevivência ao longo dos anos, não são condições passageiras ou pontuais, mas tratam-se de um movimento permanente de enfrentamento da realidade (ABÍLIO, 2021).

> Ai da cozinha eu passei para vigilante. Fui guarda noturno em 1970, depois passei para guarda bancário, ficava no banco como segurança. **Ai já começou a vir com carteira fichada.** Em 1974 eu fui segurança do INPS, no IAPI de forma terceirizada. Depois passei a ser porteiro de hotel, depois voltei a ser segurança, trabalhei na prefeitura. Até 1992 eu trabalhei fichado na prefeitura. Comprei um carro e eu achava que para mim seria difícil porque eu sou analfabeto.

Ao longo de sua vida entre trabalhos com registro e sem registro conseguiu somar o tempo de contribuição e idade necessários à época para se aposentar. Hoje goza do status que é cada vez mais raro: o de aposentado.

> [...] eu fiquei desempregado e a prefeitura tinha aquele mutirão que contratava mas sem ser na carteira. Ai fui contratado e fiquei trabalhando aqui dentro no centro comunitário, eu era tipo um zelador [...]
> Então assim eu fui levando a minha vidinha, trabalho fichado, mantendo a minha família e hoje eu me encontro aposentado, tenho a minha casinha né. [...]A maioria carteira fichada, tenho ela guardada até hoje na minha casa.

Quando o desemprego no final da década de 90 o alcançou, Sr. Davi abriu um bar junto com a esposa, na época só havia um outro bar no Banhado além do dele, hoje em dia existem vários e o número só aumenta. Estão por todas as partes do bairro, mas especialmente concentrados na rua do bar do Sr. Davi.

> [...] coincidiu de eu ficar desempregado no final de 1999 [...] aí a minha esposa começou a falar para mim “vamos abrir um bar velho”. Ai o que ela fez, ela comprou 1L de pinga e dois maços de cigarro e começou a vender no portão de casa, aí foi onde eu abri o bar.

Segundo Sr. David, existem mais de 20 bares, de acordo com Silvio o número é bem maior. As fotos a seguir, de 2019, demonstram um pouco dos comércios do bairro (figuras 18 a 20). Silvio elucida:

A minha fia, é que você não desceu aqui para baixo ainda, só no beco ali mesmo tem uns sete bares, só ali tem (começa a contar na cabeça) dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. Acho que nove.
[...] É, lá embaixo lá tem três um colado no outro, é a a mulher que vende lanche, tem um barzinho, tem outro barzinho do lado, mais pra cima tem o Celsinho, tem o Sr. Davi, tem o da Cacilda, antes da Cacilda tem um, depois tem outro. Entrando assim tem o da Miriam, mais para cima tem o do filho do Sr Davi, ixi tem um monte...

Figura 18: Bar Altas Horas na Rua da Linha, principal via do bairro, onde passava antigamente a linha do trem.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 19: Vendinha no núcleo I.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 20: Senhor Davi mostrando seus títulos e fotos na parede de seu bar, localizado no Núcleo I.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

A entrevista com Bil segue pelo mesmo fio condutor, mas acrescentam-se alguns outros elementos. Bil tem 60 anos, diferente do Sr. Davi não se encontra aposentado e nem em vias de, mas igual a ele, menciona como a idade atrapalha a contratação no mercado de trabalho atualmente:

> [...] sou cozinheiro industrial e comercial. No momento eu estou parado, porque eu estou com sessenta anos e então tô parado, já ainda tô com esse problema da pandemia e piorou mais ainda, né? E eu também faço bico, faço de tudo. E me viro fazendo bico, mas no momento não tô fazendo bico.
> [...] Eu trabalhei na Prefeitura de São José dos Campos, trabalhei na Vila Nova Comércio de veículos aqui. Aqui do lado do posto aqui, onde que é o antigo Bradesco, ali era uma loja da da Ford e eu trabalhei ali também. Trabalhei na farmácia, já trabalhei na irmã Suza ali do lado da ponte, trabalhei ali na frente do PRONAL, trabalhei no restaurante Migas. E trabalhei em vários lugar aqui em São José.

Entre todos aqueles que tive a oportunidade de conversar, Bil é o que mencionou a maior variedade de empregos e assim como Sr. David refere-se ao registro em carteira de trabalho como trabalho fichado. Enquanto narra sua trajetória, fica claro o peso que a família exerceu durante a sua trajetória, a necessidade de sustentar 8 crianças, ao longo do tempo condicionou Bil a se agarrar a qualquer oportunidade:

> Eu trabalhei de balconista, padaria. Eu já trabalhei de tudo, cara. Até de açougueiro [...] Também já trabalhei em feira, trabalhei em feira vendendo as coisas na feira [...] trabalhei em caminhão vendendo frutas, vendendo, falando no microfone, foi ai que eu comecei a cantar [...]
> Trabalhei bastante tempo na Prefeitura. Depois que eu vim trabalhar na Ford como um ajudante de limpar as coisas, mexer com graxa e aprendi muita coisa
> [...] **porque quando eu tô desempregado, eu pego qualquer coisa,** não fico desempregado, senão, às vezes, não é fichado, eu pego pra fazer bico, né? Cê trabalha dois, três meses ali, sem tá fichado e mas a gente tem pra declarar, né? E amanhã quem tem família, né?
> Demorou, arranjo um serviço rapidinho, eu num passo dois, três dias sem arrumar um trabalho, sabe? Porque eu tenho vários campo, né? Eu sou cozinheiro industrial e comercial, se não tiver nessa arte eu sou pedreiro, eu sou um encanador, eu sou eletricista, eu faço de tudo.
> Eu também fiz curso na Prefeitura, então quer dizer, **eu me viro, né?** Eu tô sossegado, e se não tiver nada disso de profissionalismo, eu vou limpar um quintal, fazer uma cerca.

Miguel é de Minas, trabalhava em uma construtora, tinha carteira assinada, trabalhava na construção de pontes, fazia asfalto, ficou um ano e meio nesse emprego. No começo dos anos 2000 as obras acabaram, os funcionários foram dispensados e ele se mudou

junto com a família para São José dos Campos para tentar a vida. Na cidade nova foi trabalhar em uma obra, ajudante de pedreiro, dois anos e meio, quando acabou não conseguiu outro trabalho, ficou mais de 4 anos desempregado.

> Quatro anos e dois meses. Só procurando. [...] Ah, eu desisti de achar serviço aí, num acha, tudo é currículo, né?
> [...] Não tem emprego. Então eu vivo disso aí de reciclagem, qualquer coisa que eu vou achando, vou pegando
> [...] Então, por isso que eu num abandono a reciclagem, né? **Porque trabalhar pros outros, acaba tudo, eu fiquei desempregado aí procurando, indo atrás, não achei mais, pouca oportunidade, por isso tem a reciclagem**

Para garantir o sustento da família começou a trabalhar com a coleta de reciclagem (figuras 21 e 22). Assim como ele, vários outros moradores do Banhado também ganham a vida recolhendo materiais pela cidade. Não se trata de uma escolha, mas de uma falta dela. Gorbán (2004), coloca que "a rua constituiu-se como um espaço dentro do mercado de trabalho que parecia abrir suas portas aos trabalhadores desempregados. Assim, o trabalho dos catadores aparece como uma das diversas formas que hoje fazem da rua seu lugar de trabalho (p. 10-11) ".

Miguel comenta que a companheira perdeu o emprego com carteira assinada, trabalhava em um hospital, com crianças deficientes, ficou ali por 2 anos, quando foi despedida começou a trabalhar com Miguel na reciclagem. Andreia, que estava na conversa, diz que se aparecesse outro trabalho ela sairia da reciclagem. Ao longo da conversa, Miguel conta que Andreia o ajuda na separação dos materiais, apesar de inicialmente ter dito que trabalhava com a reciclagem sozinho.

Andreia expressa o mesmo descontentamento que outros entrevistados possuem: distribuir currículo e nunca ser chamada. Os entrevistados relatam preconceito dos empregadores em contratar alguém que mora na favela, além disso se mostram frustrados com a espera, quase sempre inútil, de serem ao menos chamados para uma entrevista. A possibilidade de inserção pelo trabalho é mais limitada no caso dos moradores de uma das favelas mais hostilizadas da cidade. A narrativa construída pelo poder público ao longo dos anos caracterizou a comunidade como ambiente de violência e marginalidade.

Esse tema é bastante pesquisado no âmbito da sociologia do trabalho francesa a partir medições experimentais dos efeitos da discriminação quanto ao local de residência no acesso ao emprego *(effets du lieu de résidence sur l'accès à l'emploi).* A discriminação na contratação

é estudada através de três efeitos: reputação do local de residência, gênero e origem (PETIT et. al, 2011).

Figura 21: Terreno de um morador, espaço dividido entre a casa e o trabalho com armazenamento de materiais recicláveis. Núcleo II.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária

Figura 22: Armazenamento de recicláveis na Rua da Linha no Núcleo II.



Fonte: Plano Popular de Urbanização e Regularização Fundiária.

Além do desemprego e da viração, outro fio condutor comum nos relatos daqueles que trabalham por conta foi o envolvimento de mais de um membro da família na atividade. Para uma pessoa trata-se de muito trabalho, para uma família trata-se de pouca renda. O caso de Débora, que trabalha pelas ruas de São José vendendo pães e bolos com o marido, Rodrigo, é mais um que integra esse grupo.

Débora nasceu no Banhado, mas aos 18 anos foi embora para outra cidade e só retornou por volta de 2014, já adulta, quando ela e o companheiro ficaram desempregados. Nesse intervalo em que morou em outra cidade, trabalhou como empregada doméstica em uma casa por um ano e oito meses até que engravidou da filha mais nova, Raquel. Em 2013, a patroa, que era muito boa segundo Débora, assinou sua carteira de trabalho. Esse foi o ano em que a PEC das domésticas foi sancionada pela então presidente Dilma Roussef[6].

[6] PEC é uma Proposta de Emenda Constitucional. A aprovação da PEC das Domésticas, em 2013, resultou na Emenda Constitucional nº 72, que incluiu o parágrafo único do art. 7º. Esse artigo aborda os direitos dos trabalhadores e o reconhecimento de situações em que o empregado deve ser protegido e amparado. O parágrafo incluído estendeu vários desses direitos aos trabalhadores domésticos

> [...] trabalhei um ano e pouco com carteira assinada. Assim ela foi uma patroa muito boa, o meu patrão ele me fichou e ele me deu direito a receber… porque acho que ainda empregada não tem direito de receber né? Aquela… esqueci o nome ... aquele negócio que você recolhe todo mês ... é FGTS!!!

Quando completou 8 meses de gestação precisou ser afastada, contra a sua vontade, pois pretendia usar os 4 meses que tinha direito após o nascimento da filha, para passar mais tempo com ela. Quando a sua licença maternidade acabou Débora não pode retornar ao trabalho, na cidade não havia creche para a bebê e ela não tinha ninguém que olhasse a criança.

> [...] Aí acabei saindo do emprego. Ela me pagou todinho os meus direitos. Todos os meus direitos. Mas logo depois meu marido ficou desempregado também e a gente teve que voltar para São José dos Campos. Não dava mais, eu sem emprego, ele sem emprego. **Lá a gente pagava aluguel.** A casa era boa, não era ruim, a casa ficava em um lugar legal até inclusive eu sinto saudade.

Em São José, Débora tentou sem sucesso arranjar um emprego, distribuiu currículos, mas não foi contratada. Em certa altura da conversa manifestou sua preocupação com a aposentadoria e desproteção social, disse que é a primeira vez que está sem recolher o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS):

> Eu tenho 42 anos já. Não sou nenhuma mocinha mais. Aí eu penso eu preciso trabalhar, porque se você deixar para pagar INPS por sua conta … não é todo mundo que faz. E eu to há 7 anos sem pagar e todos os meus empregos antes sempre recolheram. É a primeira vez que eu fico sem pagar e nossa quando eu começo a pensar nisso eu fico assim … preocupada. Porque que nem eu falei para você, eu não sou nenhuma jovenzinha mais.

Débora foi a única entre todos os entrevistados que mencionou a ausência da contribuição mensal com o INSS como uma preocupação. Possivelmente o fato de conviver com o marido doente a mantém em alerta sobre a desproteção social. Sem poder recorrer a um auxílio saúde ou aposentadoria por invalidez, nos últimos tempos a limitação física do marido interferiu na produção e comercialização dos produtos vendidos. Se fosse Rodrigo um trabalhador contratado via Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), ele poderia acessar seus direitos e ser afastado do trabalho sem perder seu salário. A ausência de direitos é um dos fatores que geram maior preocupação, pois frequentemente a informalidade incide sobre os

trabalhadores com menores rendimentos, ou seja, os que mais necessitam de proteção social (ULYSSEAS, 2006).

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) é o marco da regulação do trabalho no Brasil, por meio da qual o Estado passa a mediar as relações entre empregados/empregadores urbanos (COSTA, 2010). Sancionada em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas, a lei unificou toda a legislação trabalhista existente naquele momento. A regulamentação das leis trabalhistas foi fundamental para possibilitar o novo modo de acumulação capitalista industrial, pois a instituição de um salário mínimo propiciava o horizonte médio de cálculo econômico empresarial a ser gasto com capital variável e igualava os salários, reduzindo-os (OLIVEIRA, F. 2003).

A margem desse processo regulado ficava uma enorme massa de trabalhadores informais, que geravam ocupações a baixo custo. O salário como capital variável[7] figurava como um "custo". Já, no trabalho informal, terceirizado ou precário, há uma mudança nessa determinação, pois os rendimentos dos trabalhadores vão depender da realização do valor da mercadoria. E, nessa posição de dependência do lucro do capitalista, seus recebimentos não serão mais um custo (OLIVEIRA, F. 2003). Desde muito, o trabalho assalariado está sendo transformado em trabalho autônomo ou pequena empresa. Assim, a relação patrão e funcionário passa a ser tratada como uma relação de agentes econômicos que possuem as mesmas condições (TAVARES, 2004).

Trabalhar por conta, assim como faz Débora, não permite que o trabalhador adoeça, acidente-se, ou até mesmo descanse como deveria, uma vez que a produção depende do seu empenho. O desgaste físico do trabalhador durante o processo da produção também não está coberto pelo trabalho autônomo. A desproteção social decorrente desse tipo de trabalho impacta profundamente a vida do trabalhador pauperizado. O adoecimento de Rodrigo, que era o responsável pela produção dos pães, o carro chefe das vendas, impactou a comercialização que o casal realizava e consequentemente a renda obtida. Na época da entrevista, Débora estava vendendo apenas os produtos que ela mesma conseguia produzir.

[7] "Marx chamou os salários de 'capital variável', exatamente porque se trata de um adiantamento do capitalista aos trabalhadores; é "variável" porque sua resultante na formação da mais-valia depende das proporções de emprego da mão de obra e dos tempos de trabalho pago e não-pago" (OLIVEIRA, F. 2003, p.136).

Débora, quando retornou a São José, procurou emprego, entregou vários currículos pela cidade, mas nunca foi contratada. Extremamente religiosa, ela conta:

> [...]Aí eu comecei a distribuir o meu currículo. Eu pus até meu currículo pra orar né? Porque eu sou assim uma serva de Deus pela misericórdia dele né?

Sem conseguir um trabalho registrado e com a filha pequena, Débora recorreu a venda de porta em porta para conseguir sobreviver:

> Eu vendi pano de prato lá. Eu vendi couve lá. Que mais que eu vendi lá? Revista. Eu vendia Hermes, da Hiroshima. Eu pegava na época, eu pegava dum rapaz que até passei o contato para a minha filha lá no bairrinho. Ele vai lá no bairro e passa pras pessoas revenderem pra ele, né?

Nessa época Débora acabou não recebendo o pagamento de alguns fregueses, isso gerou conflito familiar, pois ela precisou colocar dinheiro do próprio bolso para pagar os produtos para a revista. Por fim, Débora e o companheiro decidiram tentar comercializar algo que já faziam nas festas de família e todo mundo elogiava: pães e bolos.

> [...] tudo certinho pra vender lá o pão e aí a gente começou a fazer né? E a gente viu que começou a dar certo né?
> [...] **E a gente tem se virado até agora, né?** Sete anos já. É ... sete anos que a gente tá nesse caminho ai. Então e aí deu certo, aí começou o pessoal gostou né"

Débora, durante a entrevista, diz que não possui maquininha de cartão e lamenta, pois, ela e seu marido acabam perdendo muitas vendas. Eles já pensaram algumas vezes sobre adquirir uma máquina, mas precisam se organizar melhor para tal. Assim como ela, Silvio também já havia mencionado em outra ocasião a vontade de possuir uma máquina para poder aceitar cartões. É cada vez mais frequente o uso dessas máquinas por parte de trabalhadores ambulantes.

Depois de ter relatado várias formas de tentar ganhar dinheiro, pergunto para Débora que tipo de trabalho se encaixa melhor na sua vida, por conta ou para alguém de forma registrada:

> Embora tem aquele negócio que eles lá automaticamente o patrão vai lá e paga o seu INPS tudo, **eu acho melhor ser autônomo.** Essa opção é melhor. Do que você ter alguém lá do tipo, não que a gente não goste de ser mandado, né?
> [...] eu tava com esse intuito de arrumar um serviço fichado e trabalhar mesmo. Mas acontece o quê? Mas a gente acaba acostumando a gente ser o nosso patrão. Você concorda? Embora a gente não ganhe muito pra isso né? Porque tipo assim ó eu tô sete anos aqui eu **não precisei deixar a minha**

> **filha** vai pra escola agora mas eu não precisei deixar ela com ninguém pra mim pra mim se virar tanto que ela a gente vai vender os pão ela vai com a gente se ela não tá na escola, ela vai com a gente, a gente leva ela pra vender pão com a gente.

Mesmo tendo uma preocupação com a seguridade social, Débora avalia que o trabalho que melhor se adequa a sua vida é o de forma autônoma. Há que analisar os motivos que a levam a tal escolha. A temática da filha lhe custa caro. A caçula já havia sido o motivo da saída do emprego como doméstica na casa dos patrões na outra cidade, deixa-la com alguém era uma preocupação para a mãe, que não se sente confortável com a ideia. O trabalho autônomo possibilita que Débora fique com a filha em um contexto de ausência de um Estado de Bem-Estar Social e despossessão de direitos.

As entrevistas demonstram de maneira bastante reduzida, dada a quantidade de entrevistados, os elementos que são marcantes na percepção dos próprios trabalhadores sobre formalidade/informalidade. Apesar de todas das desvantagens do trabalho por conta, como desproteção social, extensão da jornada de trabalho e incertezas, as condições à que são expostos os trabalhadores mais pobres sempre estiveram longe do ideal, inclusive em postos de trabalho considerados próximos do típico/formal/fordista. Se a racionalidade neoliberal avança em meio a deterioração das condições de vida que são agravadas pelo trabalho informal, o trabalho formal tampouco consegue se "autodefender" e, também, nos parece aqui mais uma fronteira de expansão dessa racionalidade, à medida que predomina na memória dos indivíduos os aspectos negativos sobre os positivos do assalariamento. "A coexistência do trabalho informal com o formal, sob mediações que ocorrem nas esferas da circulação e da produção, cumpre o papel de alcançar o objetivo capitalista" (TAVARES, 2004, p. 21).

Débora provavelmente não objetiva se tornar uma grande empreendedora, mas é atravessada por que questões muito mais básicas e que ambas modalidades de trabalho e a própria estrutura da sociedade não lhe garantem, propositadamente. Porém, a narrativa que incentiva o autoemprego tenta convencer o trabalhador de que depender "somente" de si lhe garantirá o sucesso que o trabalho registrado e "engessado" nunca oferecerá.

Pergunto se ela se considera uma empreendedora na atividade que realiza:

> [...] Nós temos que trabalhar em cima disso, porque ser empreendedor é muito mais além do que eu e ele fazer o pão e sair pra vender. Né verdade? É muito mais, exige muito mais do que isso.

Na visão de Débora, para ser considerado empreendedor é preciso uma série de outras questões e atributos além de produzir e vender. Para ela, a atividade que realiza por si só não a torna uma empreendedora. Entretanto, esse tipo de atividade que é desenvolvida por Débora é considerado empreendedorismo por necessidade. Os empreendedores por necessidade, são aqueles que empreendem para ganhar a vida e são um quarto do número total dos que decidem empreender no Brasil, de acordo com o *Global Entrepreneurship Monito*r (GEM) 2019.

Esse tipo de empreendedorismo mascara os números de desemprego e emprego informal. Esconde as mazelas que estão por trás dessas atividades, a precarização do trabalho, da vida, a falta de escolhas e de amparo na vida social que empurra os trabalhadores para o trabalho por conta. E assim, dentro da construção de uma nova racionalidade, a ação do Estado é exatamente no sentido de formalizar a informalidade, na criação da figura jurídica do Microempreendedor Individual (MEI), o que Tavares (2018) aponta como concepção das bases legais para transformar o trabalhador em empresa, ajudando o capital a evitar a relação trabalhador-empregador. Porém, mantendo a produção de mais-valor, em uma relação que não seja de assalariamento.

A trajetória de cada pessoa entrevistada revela as estratégias utilizadas ao longo da vida para sobreviver mediante dificuldade de acesso a renda e moradia: para Miguel, a saída foi a reciclagem, para Silvio, Débora e Rodrigo, as vendas nas ruas. Para Sr. David um pequeno comércio, observamos as formas criativas que as pessoas encontram para sobreviver.

Para cada um desses trabalhadores, restou frente ao desemprego empregar sua força de trabalho em uma atividade autônoma, diante da dificuldade de ser contratado, da exploração exercida pelo patrão, pela iminência do desemprego, pela falta de um Estado de Bem-Estar Social. A lógica da necessidade é o que moveu esses trabalhadores. Todos eles, em alguma medida, foram empurrados para as atividades que exercem hoje, se capitalizaram em algo que já conheciam, ou sabiam fazer. Ou, simplesmente, se empenharam em alguma atividade que os possibilitasse voltar para casa com algum dinheiro ao final do dia.

Assim, as políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo em curso desde o início dos anos 2000, em São José dos Campos, não melhoraram as vidas desses moradores.

Entender a construção da racionalidade neoliberal, na forma como colocam Dardot e Laval (2016), uma ação que modifica governados e governantes, é um aspecto chave para compreender a nova gerência da máquina joseense, que em nada contribui na melhora das condições de vida da população pobre e marginalizada, mas muito pelo contrário, atrapalha e desarticula a luta coletiva ao cultivar valores individualistas de superação da pobreza.

A pobreza e a precarização a qual estão expostos foi apenas intensificada com a necessidade de tornar-se empregável, ou autoempregar-se para ganhar a vida. Está cada vez atuante esse modo de gerir o Estado, a partir do culto exacerbado do esforço individual, que desconsidera a estrutura desigual da sociedade em um contexto de encolhimento do assalariamento, que fica evidente nos relatos dos moradores que perderam seus empregos com carteira assinada e não conseguiram se recolocar mais no mercado.

Assim, nesse contexto de encolhimento do assalariamento, residir nesse território em questão tem sido ressignificado nos últimos anos, uma vez que, as suas características físicas, a sua localização e os laços de solidariedade são o que possibilitam a reprodução da vida dessa comunidade e não mais apenas pela oferta de empregos na área central.

Nesse mundo do trabalho completamente reconfigurado, a localização central é sinônimo de mercado consumidor para qualquer um que precise, frente a necessidade de ganhar a vida, produzir e vender qualquer coisa para sobreviver. Os relatos de Débora, Silvio e Silvinho demonstram isso:

> [...]E é que nem eu falei é difícil pra vender lá na cidade dias de sol, de calor, época de verão ... época de verão é difícil, não é fácil, a gente anda mais um pouco, vende tudo, mas tem que tem que andar mais um pouquinho [...]
> Mas dia assim, (refere-se a um dia como aquele da entrevista, frio e nublado) nossa era uma maravilha pra vender. Tipo assim nóis saía, 13h, as 14h30 a gente vendeu tudo". (Débora)
> [...] quatro e meia daí eu subo, quando é sete horas eu tô voltando de novo, sem nada, já vendi tudo. É pouco serviço, né? Poucas horas, vou contar para você ver … quatro, cinco, seis, sete, três horas de serviço. (Silvio)

Por mais que os vizinhos comprem produtos dos vendedores, o volume maior de vendas que garante o sustento dessas famílias ocorre fora da comunidade, na área central, onde os entrevistados já possuem clientela fixa e maior mercado consumidor para os produtos que são perecíveis e precisam ser liquidados em poucos dias.

Sendo hoje a única favela localizada no centro, o Banhado atraia o interesse da classe trabalhadora e, apesar do congelamento do bairro, que impede a sua expansão, existe uma pequena possibilidade de residir ali, através do aluguel.

Esse mercado informal de aluguel é bastante inexpressivo, diferentemente do *barrio*, trata-se de algo mais moderado, realizado entre aqueles que já se conhecem, muitas das casas alugadas são para filhos de outro morador, apesar de não haver nenhum tipo de contrato, as pessoas se agarram a pequenas garantias que possam ter de honestidade do locatário. Chega aqui, gente fora, a gente já nem fala o que tem lugar para alugar, né? Já dispensa logo [...]

> Chega aqui, gente de fora, a gente já nem fala o que tem lugar para alugar, né? Já dispensa logo [...]
> Tem gente aqui que... Por exemplo, a fulana (nome omitido para preservar a identidade) mesmo, ela tem umas duas, duas ou três casas, então ela aluga. Herança do pai dela. Ela já tinha a dela, pegou herança do pai que faleceu. Então já aproveitou.
> [...] Depois que ficou de herança então... Para não ficar parado pegou e alugou. Uma rendinha.
>
> [...] a gente pediu para a inquilina que estava aqui para ela desocupar que a gente precisava voltar para cá. (Débora)

Além dos aluguéis, há também um movimento de escambo de casas entre os moradores, já que reformar ou expandir é praticamente impossível atualmente, devido ao congelamento que condena os moradores a viveram de forma ainda mais precária.

> Natália: E aqui você que construiu? [Me refiro à casa dele]
> Miguel: É ... isso aí eu peguei duma dona, né? A minha era, a minha era do outro lado ali, aí eu fiz rolo com ela aqui, colocar minha família que é grande.

A necessidade de abrigar no terreno a nova família que surgiu a partir da família do filho mais velho, fez Miguel trocar de casa dentro do bairro. Essa é a dinâmica que se reproduz, os filhos dos moradores constituem as novas famílias que precisam ser abrigadas geralmente nesse mesmo lugar. Silvio explica um pouco de como ocorrem essas trocas e expansão do bairro, mesmo sob congelamento:

> Só aumenta porque é família né. Que nem eu tenho o meu moleque, o moleque quando foi feito o cadastro aqui ele era de menor, hoje ele já é de maior, hoje já é uma família, então se aqui tem trezentas famílias, dessas trezentas família, cada um dessas trezentas famílias tem um filho que ficou de maior, quantas famílias tem? De trezentos foi pra quantos? E se tem dois filhos que passou o para de maior? Então é uma coisa difícil de controlar né? O Prefeito colocou aquela placa ali que tem duzentas e poucas famílias, mas

> isso aí é mentira. Aqui tem mais de quatrocentas. Se for ver com os filhos que foi crescendo e gerando família até mais.

Muitos descendentes do Banhado acabam repetindo uma história similar a dos pais e combinam empregos informais com dificuldade de acesso à terra e teto. As questões que levaram a formação dessa comunidade, guardadas as devidas proporções, estão presentes e fazem esse ciclo se repetir geração após geração. Apesar das diversas mudanças que São José dos Campos viu acontecer, para alguns, no Banhado, o tempo parece ter parado, a modernidade tem se reproduzido no atraso (OLIVEIRA, F, 2003). Silvinho nem mesmo pôde assistir as aulas durante a pandemia, pois no bairro não há serviço de banda larga de internet e a internet móvel pela qual podia pagar era insuficiente.

O Banhado historicamente abriga mão de obra barata e agricultura familiar que abastece a cidade. Ou seja, na cidade moderna e tecnológica, que busca os selos de cidade inteligente, há quase 100 anos uma comunidade subsiste graças a trabalhos que consegue realizar na região central e a comida que minimamente consegue cultivar para não padecer de fome.

A seguir as figuras de 23 a 25 compilam os achados de pesquisa referente as manifestações e impactos das informalidades identificadas no território.

Figura 23: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do trabalho no Banhado



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 24: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do teto no Banhado



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 25: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do teto no Banhado



Fonte: Autoria própria (2023).

CAPÍTULO 2 – BUENOS AIRES, VILLA 31

Um dos objetivos secundários desta pesquisa é compreender como a informalidade se manifesta e como impacta a vida dos indivíduos dos dois objetos de estudo da pesquisa. O capítulo 2 apresenta especificamente a compreensão da questão no âmbito do *Barrio Padre Carlos Mugica.* As entrevistas e a observação participante em campo, seguidas da revisão bibliográfica, deram suporte para a elaboração de uma breve revisão histórica do processo de constituição do *barrio* e das análises realizadas a partir dos fatos observados e escutados. Este capítulo expõe o que foi constatado como predominante enquanto informalidade em cada mercadoria aqui estudada e avalia como elas impactam o cotidiano.

Sobre a informalidade da terra, compreendeu-se que o centro da questão gira em torno da ausência de escritura formal, que gera uma insegurança nos moradores do *barrio*. As entrevistas revelaram a insegurança da posse e as incertezas que pairam sobre os moradores, que não possuem informações sobre a questão da titulação das terras dentro do processo de urbanização do *barrio* que está em curso há alguns anos.

Sobre a informalidade do teto evidenciou-se que sua predominância estava no intenso mercado informal de aluguel, que é hoje a principal forma de ingresso no *barrio*. O mercado informal de aluguel faz parte da categoria de análise criada por Abramo (2007), que divide o mercado informal de terras em dois: o primeiro sub-grupo é o de venda de terras, geralmente nas periferias da cidade, responsável pela difusão do tecido urbano, ao levar a ocupação cada vez mais para a borda das cidades e o segundo é o mercado de terras nas áreas centrais das cidades, seja por venda ou por aluguel, que gera uma compactação da cidade, ao promover o adensamento das áreas centrais, a partir venda de terra ou aluguel de moradia. Predomina no *barrio* essa última modalidade, via aluguel.

E, por fim, no âmbito dessa pesquisa, constatou-se que a predominância do trabalho informal reside no empreendedorismo por necessidade. Entendido aqui como um tipo de trabalho informal que associa no indivíduo a figura do patrão de si mesmo e do empregado. O objetivo é tentar reduzir cada vez mais a classe que se identifica como proletária e negar que a produção de riqueza seja fruto do trabalho (TAVARES, 2018).

Os parágrafos que se seguem discorrem mais sobre como as informalidades aparecem e quais os impactos e desdobramentos puderam ser apreendidos a partir das conversas, da observação e da literatura.

Dios está en todas partes; atiende en Buenos Aires

A área metropolitana de Buenos Aires (AMBA) é composta pela *Ciudad Autonoma de Buenos Aires* e outros 24 municípios. A formação da cidade de Buenos Aires remete a um processo de migração que se inicia no fim do Século XIX, com europeus principalmente oriundos da Itália e Espanha, e segue esse fluxo até 1930. Após isso, o crescimento da cidade ocorre principalmente da migração de várias regiões do interior do país para a capital. De 1960 em diante, a migração que ocorre para a cidade provém principalmente dos países limítrofes.

A urbanização de Buenos Aires foi mais intensa entre 1930 e 1960, como consequência da industrialização por substituição de importação, derivada da crise econômica de 1929. Durante a década de 1930, a produção industrial superou a agropecuária. Instalaram-se neste momento empresas do setor têxtil, alimentar e metalúrgico.

Esse movimento migratório resultou em uma ocupação polarizada da cidade. Ao Norte ficaram aqueles que podiam escolher sua localização de acordo com suas prioridades e posses e ao Sul ficaram as camadas de renda mais baixa. O centro urbano não foi capaz de absorver toda a população migrante que constituiu um número muito superior ao de empregos disponíveis nas indústrias. Essa grande massa não foi plenamente incorporada no processo produtivo capitalista e passou a ocupar terrenos, sobretudo terrenos fiscais (RODRIGUEZ ET AL, 2015).

O aumento e a consolidação da informalidade urbana foram causados pela falta de políticas públicas habitacionais para os mais pobres, somado ao baixo poder de compra dessa população, pensava-se ser uma situação passageira que melhoraria com o tempo (CLICHEVSKY, 2003).

Essa informalidade urbana se expressa na Argentina de algumas formas: *loteos clandestinos, loteos informales,* casas e *inmuebles tomados, inquilinatos o conventillos, los asientamientos, hoteles-pensión* e as *villas*. De acordo com Snitcofsky (2022) villa foi a primeira denominação de informalidade urbana surgida na Argentina. As *villas* surgiram por volta de 1930, e Cravino (2006, p. 36-37) as definem como “urbanizações ou autourbanizações informais que derivam da ocupação de terras ociosas” que tem entre outras características a formação de um tecido urbano irregular, uso de materiais precários e alta densidade populacional.

Tratam-se de ocupações espontâneas de uma ou mais famílias, que aumenta com o passar do tempo, apesar da crença geral de que se tratava de um local passageiro, deixado conforme os operários ascendessem socialmente. As *villas* se consolidaram no tempo e no espaço e possuem uma característica marcante de ter formado organizações sociais fortes (CLICHEVSKY, 2003). O caso da *Ex Villa* 31 é emblemático nesse aspecto, uma vez que pela proximidade ao porto e ferrovia, grande parte dos seus moradores homens trabalhavam nesses lugares e capitalizaram a organização do ambiente laboral e sindical para a organização do próprio território.

Os anos 1970 e o golpe de estado civil-militar marcam o início de 30 anos de políticas neoliberais na Argentina. Entre alguns marcos do governo militar estão a indexação dos preços das mercadorias, desregulação do preço dos aluguéis, desvalorização do salário real e concentração de riquezas, desindustrialização com consequente aumento do desemprego, aumento de empregos informais, políticas de erradicação de *villas* e *asentamientos*, construção de autopistas, forte repressão política, em especial nas *villas* (CRAVINO, 2009). Importante destacar que na Argentina houve uma alta taxa de emprego formal, com características próximas do que era considerado como típico ou ideal a partir do referencial do horizonte de direitos e seguridade social advindos de uma relação trabalhista (BATTISTINI, 2009). Esse tipo de trabalho, formal, assalariado, masculino, nacional, remunerado de forma individual, sem envolver outros membros da família e realizado fora de casa (GAGO, 2014) até as décadas de 1970 e 1980 foi considerado o paradigma de normalidade no âmbito da inserção laboral e era o esperado pelos trabalhadores (BATTISTINI, 2005).

Nessa década, 1970, alguns fatores dificultaram o acesso à terra e foram as causas estruturais do crescimento da informalidade: a última ditadura regulamentou sobre a temática urbana e impediu novas ocupações, indexou também os preços dos lotes e do aluguel; houve queda de salário e crescimento do desemprego, desindustrialização e políticas de remoção de favelas (CRAVINO, 2006).

Os anos 90 marcaram a reabertura econômica do país. Isso representou o fechamento de mais indústrias, flexibilização trabalhista, privatização de empresas públicas, aumento do valor do transporte público, acesso a financiamento de casa para a classe média em detrimento das classes populares (CRAVINO, 2009). E, além disso, houve um intenso fluxo migratório tanto do interior do país para a capital quanto de países limítrofes. O final dessa

década é marcado também pelo crescimento do mercado informal, devido ao agravamento da situação econômica do país.

O início dos anos 2000 é marcado pela insatisfação da população com os 30 anos anteriores de políticas neoliberais, que resultaram nas manifestações de dezembro de 2001. A revolta popular contou com o apoio de parcela da classe média, que estava também bastante fustigada com o contexto de desmantelamento do Estado, aumento do desemprego, recessão econômica e precarização do trabalho.

As manifestações ocorreram em todo território nacional. O Estado reagiu usando força policial que resultou em mais de 30 mortes, muitos feridos e muitos detidos. Fernando de La Rúa renunciou ao cargo de presidente e fugiu da Casa Rosada de helicóptero no dia 20 de dezembro. Em sequência, o país teve 5 presidentes em duas semanas. Essa é considerada a pior crise econômica recente da história do país. De acordo com Verónica Gago (2014), essas revoltas durante a crise de 2001 são um marco na quebra da legitimidade política do neoliberalismo desde cima. E são consideradas por ela como a primeira causa da mudança nos governos que foram eleitos após essa ruptura, além disso, essas revoltas colaboraram na discussão sobre o neoliberalismo para além da lógica permissiva e difusa.

A nível nacional e municipal, a resposta popular a essas políticas neoliberais foi a eleição de Nestor Kichner para presidente e Aníbal Ibarra, para a prefeitura de Buenos Aires, ambos do Partido Justicialista. Durante a gestão de Ibarra, que foi interrompida pela cassação do seu mandato, a cidade lançou um plano cultural que teve como consultor Josep Chias que havia trabalhado no processo de branding de Barcelona. Chias é especialista em marketing e branding urbano, que são estratégias de comercialização urbana muito utilizado dentro do espectro neoliberal, onde adota-se a lógica privada no setor público para vender a cidade, principalmente no espaço internacional. O objetivo era criar uma nova marca para Buenos Aires, com ênfase na cultura e turismo e ser reconhecida internacionalmente nos 10 anos seguintes.

Já em 2007, os portenhos elegeram Mauricio Macri do partido Proposta Republicana como chefe da municipalidade, e uma das marcas da sua gestão é a política dos distritos criativos, que objetivava alavancar a economia e “revitalizar” áreas consideradas degradadas da cidade. Houve uma movimentação no sentido de “integrar o sul da cidade”, que era historicamente mais pobre e com menos investimentos financeiros tanto públicos quanto

privados. Nesse processo foram criados 4 distritos e houve uma mudança da sede do governo municipal para o bairro de Parque Patrícios, no sul da cidade.

O governo de Macri é um marco no fortalecimento do empreendedorismo como gestão na cidade de Buenos Aires, que é compreendido aqui como essa tentativa de reinvenção da gestão pública a partir da incorporação da lógica privada, expressa em uma série de fatores como, por exemplo, a reinterpretação do cidadão como cliente, onde desaparece o princípio da equidade e imparcialidade; adoção de sistema de metas, avaliação e desempenho com foco nos números; falsa ideia de gestão participativa e horizontal, onde os clientes cidadãos podem opinar sobre os rumos da condução da cidade.

Esse espírito da empresa é difundido cada vez mais através do que é chamado de *New ɒublic Management*. A nova gestão pública, nada mais é que a importação das regras de gestão que foram criadas no setor privado para o setor público, isso faz com que as instituições funcionem de outra forma, alterando-se a relação entre o Estado e a sociedade, de modo que não é mais tanto a instância da solidariedade e de coesão social que prevalece, também não é mais apenas o instrumento da ordem social que prima (DARDOT, LAVAL, 2016).

Durante o macrismo no âmbito municipal a cidade de Buenos Aires ganhou em 2015 o título de Cidade do Empreendedorismo Global, no âmbito do Congresso Global de Empreendedorismo. Durante esse evento os responsáveis pela implementação do empreendedorismo na cidade destacaram a "importância de encarar o empreendedor como agente de mudança e de se articular com outras organizações do setor público e privado"[8].

Foi durante o governo de Macri na municipalidade que foi criada a *Agencia Buenos Aires Emprende* e o programa de formação de empreendedores *Academia BA Emprende*, esse programa tem como objetivo fomentar o espirito empreendedor dos cidadãos[9], há uma intensa oferta de cursos para crescimento profissional e ensino de ferramentas que possibilitem desenvolver projetos. Segundo Mariano Meyer:

> Estamos convencidos que o empreendedorsimo tem um papel central na geração de riqueza e emprego para a cidade e o país. As políticas que criamos têm uma visão ampla do empreendedor como agente de mudanças e criador de valor econônomico, social e ambiental em qualquer lugar. É com esse foco que criamos nosso Plano de Apoio a Empreendedores.

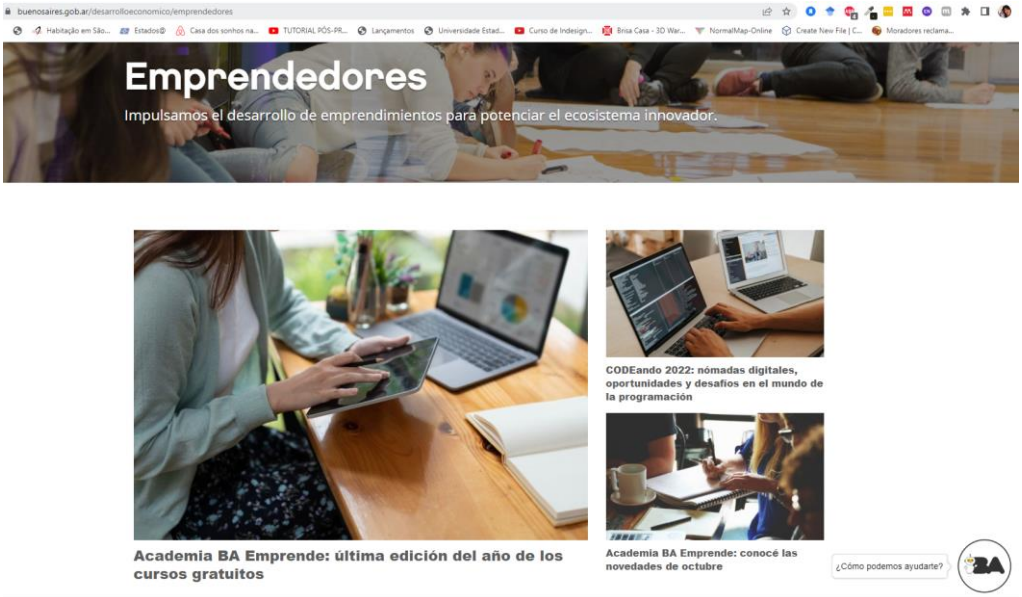
[8] https://exame.com/pme/os-segredos-de-buenos-aires-a-cidade-do-empreendedorismo/
[9] https://academiaba.buenosaires.gob.ar/sobre-nosotros/

Figura 26: Site da ACADEMIA BA EMPREENDE



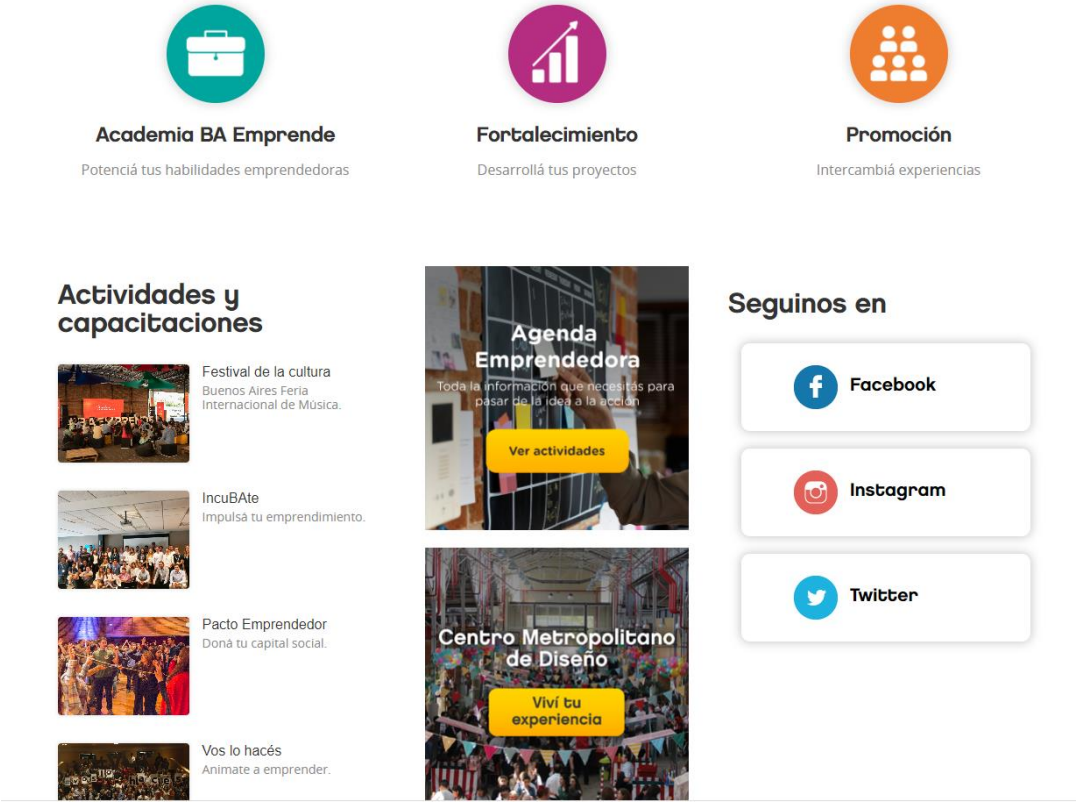
Fonte: Governo da Cidade de Buenos Aires, 2022

Figura 27: Site da ACADEMIA BA EMPREENDE



Fonte: Governo da Cidade de Buenos Aires, 2022

Figura 28: Site da ACADEMIA BA EMPREENDE



Fonte: Governo da Cidade de Buenos Aires, 2022

Sucessor de Macri, Horácio Larreta, segue pela mesma linha de gestão municipal pautada pelo empresariamento da cidade e dos cidadãos. A sua gestão para além do forte incentivo ao empreendedorismo, também apoia a área tecnológica e de inovação. Ofertando cursos nessa área e tendo inclusive fundido a Secretaria de Educação com a de Inovação, o objetivo é preparar profissionais para empregos do futuro e facilitar a entrada desses profissionais no mercado de trabalho.

Essa forma de gestão municipal da última década tem provocado efeitos na subjetividade do cidadão. O Estado tenta ativamente capilarizar o empreendedorismo em todos os aspectos da vida e o *barrio Carlos Mugica* não escapa dessa lógica, a construção do *Centro de Desarrollo Emprendedor y Laboral* (CEDEL) dentro do *barrio* é um marco da tentativa de aproximar os moradores do conceito.

Os últimos chefes da legislatura da cidade de Buenos Aires, Mauricio Macri e Horácio Larreta, e suas respectivas formas de governo implementadas, são expressões maiores do neoliberalismo pensado desde arriba como aponta Gago (2014):

> [...] *Pensar el neoliberalismo como una mutación en el «arte de gobernar», como propone Foucault con el término gubernamentalidad, supone entender el neoliberalismo como un conjunto de saberes, tecnologias y prácticas que despliegan una racionalidad de nuevo tipo que no puede pensarse sólo impulsada «desde arriba»* (GAGO, 2014, p. 21-22)

Entretanto, há que se observar uma outra forma de ação, como adverte Gago (2014), para o fato de que o neoliberalismo não se trata apenas de um conjunto de políticas restritos ao governo, ele opera em uma multiplicidade de níveis, e essa sua pluralidade, se apresenta também em práticas que vem *desde abajo* como as que pudemos observar no *barrio Padre Carlos Mugica:*

> *[...] permite ver su articulación con formas comunitarias, con tácticas populares de resolución de la vida, con emprendimientos que alimentan las redes informales y con modalidades de negociación de derechos que se valen de esa vitalidad social. De nuevo: es en esta pluralización donde también aparecen los modos de resistencia a un modo de gobierno extremadamente versátil. Sin embargo, esas prácticas revelan, sobre todo, el carácter heterogéneo, contingente y ambiguo en que la obediencia y la autonomía se disputan, palmo a palmo, la interpreta- ción y la apropiación de las condiciones neoliberales (GAGO, 2014, p. 31)*

Breve histórico das *villas*

A primeira *villa* de Buenos Aires foi formada pelos imigrantes europeus, a maioria poloneses, que vieram para trabalhar na construção do metrô. Uma vez finalizado os trabalhos para o qual foram contratados, não conseguiram mais trabalhar, pois esse período coincidiu com a crise de 29, que impactou a economia mundial e o desemprego atingiu números elevados (SETHMAN E CAVO, 2009; SNITCOFSKY, 2022)

Esses imigrantes, majoritariamente homens, ficaram no país sem dinheiro e sem família, ocupando as margens de *Puerto Nuevo*, e deram origem em 1933 a primeira *villa* de que se tem registro, a *Villa Desocupacion*, formada por cerca de 3.000 pessoas. Também data desse momento as primeiras *ollas populares*, uma forma solidária de alimentar-se mutuamente a partir da doação de alimentos e do tempo de trabalho para preparar a comida para todos.

Figura 29: Vista de *Villa Desocupación y el Puerto de Buenos Aires*.



Fonte: Archivo General de La Nación, s.d.

Esses homens possuíam um certo nível de organização ao ocupar o território: se dividiam por seção e elegiam representantes de cada uma delas para integrar a Comissão de Assistência Social. Organizados, em 1933 eles assaltaram uma das filiais de Grandes

Despensas Argentinas reivindicando comida. Em atos seguintes a polícia achou panfletos que tinham como título: *"Incitación a la lucha, pan y trabajo. Viva el comité de desocupados"* (SNITCOFSKY, 2022, p. 42). No contexto da crise econômica a fome, o acesso à terra e a oportunidades de trabalho apareciam como os três principais problemas que assolavam os mais pobres.

A *Villa Desocupacion* durou somente 3 anos, até que o governo local expulsou os moradores com uso de força policial e demoliu os barracos construídos. As pessoas que ali residiam foram levadas para um albergue oficial. É importante ressaltar que nessa década haviam outros bairros populares informais na cidade conhecidos como *barrios* de lata e que estavam em áreas mais periféricas. Assim, a única remoção foi a *Villa Desocupacion*, devido a sua localização estratégica no tecido urbano (SNITCOFSKY, 2022).

Na década de 50, a palavra *villa* apareceu seguida dos adjetivos miséria e emergência e se tornou hegemônica para falar sobre informalidade urbana durante a segunda metade da década de 50. As casas iam surgindo ao redor das fábricas e oficinas, mediante a dificuldade de acessar moradia em Buenos Aires.

Na década de 50 é criada a *Comission Municipal de Vivendas* (CMV). Segundo De Privitellio e Romero (2005), o objetivo principal dessa organização era erradicar as *villas*, removendo seus habitantes para "moradias mais adequadas". Para isso, foi desenvolvido um Plano Integral de Reeducação que lhes permitisse "viver de maneira urbana".

Entre os anos de 1956 e 1957 surgiram os primeiros planos oficiais de remoção elaborados pela municipalidade. A proposta da Comissão Nacional de Vivendas, era um plano de emergência que previa remover pessoas das *villas* e levar para as periferias, abrigando-as em 20 mil casas, que seriam construídas com móveis fixos para abrigar somente um núcleo familiar e impedir que recebessem parentes que migrassem para Buenos Aires em busca de novas oportunidades de trabalho. Além disso, a casa seria entregue inacabada para que as pessoas "aprendessem" a construir e as terminassem sozinhos. Além disso, esses novos bairros teriam assistentes sociais encarregadas de avaliar a vida o comportamento das pessoas (SNITCOFSKY, 2022).

A reação dos *villeros* foi a formação, em 1958, da *Federacion de Villas* e B*arrios de Emergencia*. A essa altura já não se tratavam apenas de imigrantes europeus desempregados, mas sim de trabalhadores e suas famílias que migraram de outras partes da Argentina e países limítrofes para a capital.

O perfil dos grupos moradores das *villas* foi modificando-se ao longo dos anos, se nos anos 30 a primeira formação era de desempregados, na década de 50 as *villas* estavam povoadas de trabalhadores portuários, fabris e ferroviários (SNITCOFSKY, 2022) e assim permaneceu até meados da década de 1970 e 1980.

Assim sendo, nessa época muitos moradores eram também trabalhadores sindicalizados que transferiam seus aprendizados laborais e organizativos para a organização territorial comunitária das *villas*. Na década de 90 houve uma mudança no perfil dos ocupantes e passou-se a observar um grupo maior de trabalhadores informais e desempregados, reflexo das políticas econômicas neoliberais implementadas pelos governos argentinos que agravaram a situação da classe trabalhadora (CLICHEVSKY, 2003).

É nesse momento que tem início a história da *ex Villa 31 y 31 BIS*, que desde de 2009, com a lei de urbanização da *villa*, passou a se chamar *Barrio Padre Carlos Mugica* em homenagem ao sacerdote que lutou ao lado dos moradores durante anos e foi assassinado pela defesa que fazia da população mais pobre.

A *Ex Villa 31* historicamente

Dentre as *villas* de Buenos Aires uma das mais antiga é a *Ex Villa 31*, localizada próxima aos centros político e financeiro representados pelos bairros da *Recoleta* e *Puerto Madero*, bairros nobres da cidade e uma zona de grande circulação de pessoas, é uma das *villas* mais populosas e com grande organização política desde o princípio (figura 27).

Figura 30: Mapa de localização da Ex Villa 31



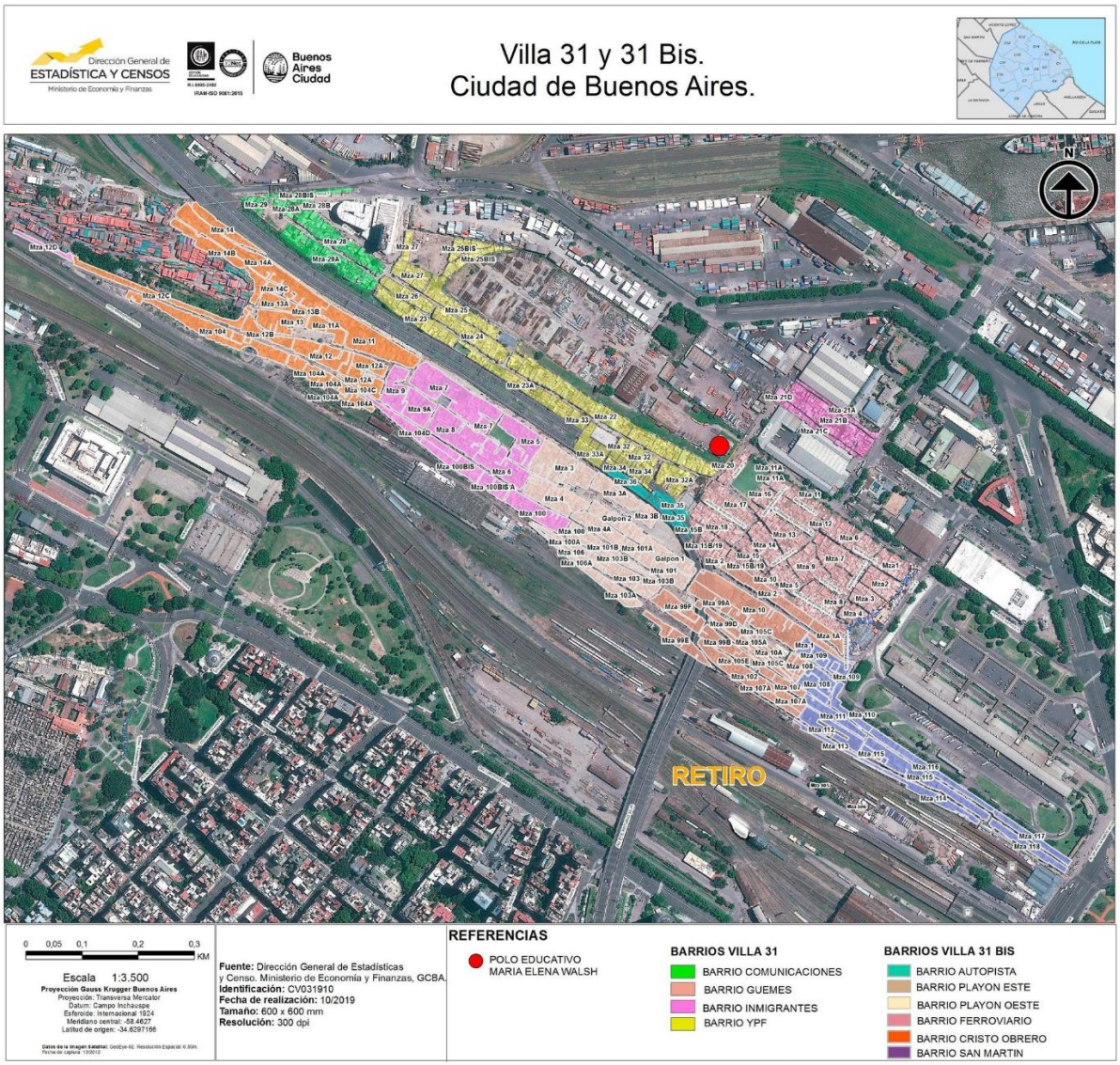
Fonte: María Carla Rodríguez; María Florencia Rodríguez; María Cecilia Zapata, 2018.

A ocupação da 31 começou nos anos 50 com o bairro conhecido como *Saldias*, na porção norte do território. Tratava-se em sua maioria de trabalhadores da linha ferroviária, que, em um grupo de 400 pessoas aproximadamente, dividiu-se em 50 casas. Ao mesmo tempo, na porção sul deste território, estava consolidado o bairro *Imigrantes*, que era formado por 300 casas construídas pelo governo de Peron para abrigar italianos que chegaram ao país nos anos após a Segunda Guerra Mundial. Esses imigrantes, em 1956, eram em torno de 2500 pessoas.

A *ex villa* atualmente se divide em 6 *barrios* ou setores*,* o que facilita seu esquema de organização por representantes de quadras (delegados), elemento fundamental para organizar as demandas do lugar. *Saldias* e *Imigrantes* foram os dois primeiros *barrios* (ou setores) formados dentro da *villa,* que depois de ocupada em sua porção norte e sul, passou a receber famílias no meio do caminho entre esses dois *barrios.* Assim surgiram as casas no

setor *YPF, Guemes* e *Comunicaciones* e mais tarde o setor *Laprida* (figura 28).

Figura 31: Inserção urbana e setores do barrio Padre Carlos Mugica



Fonte: Governo da Cidade de Buenos Aires, 2019.

A partir da década de 1950, a densidade populacional da *villa* aumentou significativamente em função de migrações internas e imigrações de países vizinhos. De acordo com Blaustein (2001), a busca por trabalho motivou esses processos migratórios. Ainda hoje na *villa* residem milhares de imigrantes, especialmente bolivianos, chilenos e paraguaios que ocupam o território de forma próxima, formando as comunidades de cada nacionalidade.

Em 1971, durante a ditadura militar, 300 casas foram destruídas durante um grande incêndio na *Villa 31*, os incêndios nesta época eram bastante comuns e são associados com a

intenção de remoção da *villa* para construção da *Autopista La Plata*. A rodovia não foi construída e o resultado desse incêndio foi o estabelecimento do diálogo entre os moradorese as entidades governamentais que ficaram incumbidas, por determinação da justiça, de reconstruir as casas. Essa flexibilização é analisada de duas formas: 1. Proximidade do fim do regime denominado "*Revolución Argentina*", as autoridades buscavam angariar votos junto à população para as eleições livres que se aproximava e; 2. Mudança na estratégia para liberação do solo, ao invés de forçar a saída dos moradores, buscava-se a valorização imobiliária até a construção da Autopista que removeria os moradores de qualquer forma (CAMELLI; SNITCOFSKY, 2016).

A vantagem da *Villa 31* era exatamente sua localização, próximo aos postos de trabalhos daqueles moradores que estavam em sua maioria empregados nos portos ou ferrovia até 1970, quando houve o primeiro despejo com vistas a construção da *autopista* que passaria exatamente sobre a *villa* (CLICHEVSKY, 2003).

Ainda na década de 1970, mas já durante o período democrático do Governo Perón, um plano de erradicação da *villa* foi lançado. Intitulado *Plan Alborada,* previa remover as famílias para conjuntos habitacionais em uma região periférica. A medida era contrária ao que almejavam os moradores que lutavam pela permanência e por melhorias em suas casas, que sugeriam inclusive que essas seriam realizadas a partir do trabalho dos próprios moradores com ajuda do Estado. O objetivo dos *villeros* era transformar a *villa* em um *barrio obrero.* Na época, os moradores foram recebidos por Perón em janeiro de 1974, que acolheu as reivindicações e proposta de permanência dos delegados da *Villa 31*. Porém, não obtiveram sucesso, e sofreram o choque de mesmo em um governo democrático e popular que eles apoiavam continuar ameaçados de remoção.

Em 1977, sob o governo dos militares, as tentativas de remoção persistiram, nesta ocasião o governo ofereceu "diferentes alternativas". Essas alternativas não contemplavam a permanência dos moradores e previam apenas diferentes alternativas para que as pessoas deixassem o local, prometendo até mesmo retorno ao país de origem. Esta investida obteve sucesso uma vez que a *Villa 31* adentra a década de 80 com apenas 3% da população que tinha anteriormente, o que em números significa passar de 25.852 pessoas em 1978/1979 para 156 em 1980 (CRAVINO, 2006).

Snitcofsky (2022), demonstra em seu livro as supostas alternativas: A) retorno ao terreno próprio, B) retorno ao país de origem, C) saída por recursos próprios, D) ajuda de

custo para saída. Entretanto, o que aconteceu na prática foi um imenso assédio e ameaça com a população *villera* para que abandonassem suas casas e assinassem papéis declarando que escolheram a opção que melhor se adequava a realidade da família. Além disso, a autora demonstra que a alternativa D foi pouquíssima alcançada pelos moradores. Então, apesar de aparentemente dar "direito de escolha aos moradores", na realidade o que ocorria era despejo com uso de força e ameaça.

Com o processo de redemocratização, o cenário se apresenta favorável a permanência no local com a criação do *Plan Integral de Radicación y Solución Integral de Villas y Núcleos Habitacionales Transitorios* (SETHMAN E CAVO 2009). Dentro desse contexto propício, surge o Movimiento de Villas y Barrios Carenciados (MVBC) personagem importante, em 1989, na luta contra a retomada do projeto da *Autopista Illia*, que apesar de todos os esforços contrários, começou a ser construída no início de 1990. Para a sua construção, uma série de famílias foram removidas, algumas com indenização e outras removidas a força.

Além disso, nos anos 90 os discursos e as políticas públicas de remoção foram novamente intensificados. Os anos 80 e 90 foram marcados pela implementação de políticas neoliberais na América Latina, muitas vezes por governos ditatoriais, eliminando subsídios e reduzindo o gasto público com políticas sociais (PRADILLA, 2013).

O governo de Carlos Menem, como presidente da República, é um marco no processo de corte de gastos públicos e privatizações. Menem faz um claro aceno neoliberal e coloca em marcha uma série de políticas neoliberais e tentativas de "diminuir o Estado", desmontando ferramentas importantes da política social. Essa condução política de diminuição do Estado e consequente deterioração das condições de vida dos mais pobres, marca o aparecimento de uma peça fundamental na análise das informalidades *los comedores comunitários.*

Os comedores são espaços criados pela própria população. No caso dos *barrios* populares, eles acontecem dentro da casa/terreno de um morador, que cede o espaço e indivíduos se voluntariam para cozinhar para uma demanda determinada de pessoas. Existem comedores que servem 50 refeições e outros que preparam mais de 1000. A comida é subsidiada pelo governo da cidade e a mão de obra não é remunerada. A única retribuição para quem se dispõe a trabalhar no comedor é garantir a refeição para a família. Trabalha-se em troca de comida. Os comedores estão espalhados por toda parte, não apenas dentro dos

barrios. Eles desempenham um papel fundamental na subsistência dos trabalhadores pauperizados, dos desempregados e dos desalentados.

Seu surgimento data do final dos anos 80, mediante o crescimento intenso da fome. Durante os anos 90, eles se multiplicaram por conta do desemprego massivo. Devido a sua expressividade, os comedores passaram a ocupar um lugar central na organização das *villas* e assumiram um papel que antes pertencia as comissões de vizinhos. Isso abriu espaço para o fortalecimento do clientelismo político, à medida que os comedores são centrais na organização e substituíram as organizações autônomas autogeridas sem laços políticos ou governamentais. Também é nesse momento que começa a surgir a figura do *puntero* político, que diz respeito aos referentes territoriais ou líderes de comedores, que se aproveitam da mediação feita entre Estado (uma vez que os comedores têm subsídio público para compra de comida e gás de cozinha) e os moradores para exercer influência sobre o pensamento coletivo (SNITCOFSKY, 2022).

O aparecimento da figura do *puntero político* ocorreu no mesmo período em que a *villa* passava por uma crise de representatividade, resultado dos desmontes que já estavam em curso desde o repovoamento da villa depois do fim da ditadura. Até que, em 1998, tem origem uma nova organização *barrial*: O corpo de delegados e *a Federación de Villas*, *Núcleos y Barrios Marginados de la Ciudad de Buenos Aires* (FEDEVI). A FEDEVI tentou levar a frente a política de posse das terras, mas esbarrou no problema da privatização da carteira de terras.

A eleição de Maurício Macri para prefeito em 2007, inicia um novo capítulo nessa história. Macri reconhece a necessidade de urbanizar as *villas* e colocar fim aos longos anos de tentativas de remoção. Entretanto, fez uma ressalva quanto a *Villa 31* argumentando que essa deveria ser removida, uma vez que estava assentada sobre terras de grande importância para a área portuária de Buenos Aires.

Em 2008, o governo municipal tentou congelar o *barrio*, através da proibição da entrada de materiais de construção para evitar a sua expansão, aos moldes do que é feito no Banhado. Frente a mais essa ameaça de remoção, os moradores, com seu intenso histórico de luta e organização territorial conseguiram impedir o despejo e pressionar a câmara legislativa para que aprovassem a Lei N. 3.343 de urbanização e permanência da *Villa 31*. Nos termos da lei, a área a ser regularizada deveria ser destinada a habitação, desenvolvimento produtivo e equipamentos comunitários (ONS, 2018).

Para dar andamento a urbanização, é criada a *"Mesa de Gestión y Planeamiento Multidisciplinaria y Participativa para la Urbanización de las Villas 31 y 31 Bis"*, sob a órbita do Poder Legislativo, que funciona como local de diálogo entre os diferentes representantes do poder local, do Estado Nacional e delegados e representantes de bairro.

Minha entrada em campo, em 2022, após 13 anos de sanção da lei, ocorre em um tempo e espaço do *barrio* já reconfigurado, com nome de *Padre Carlos Mugica*, com ruas pavimentadas, grandes obras executadas e outras por fazer. A narrativa que se segue nos tópicos a seguir, está estruturada a partir de dados primários que coletei em campo, do que me foi contado e do que observei, mesclado com dados secundários, principalmente dos pesquisadores e trabalhadores do *Observatorio de La Ciudad* que realizam um trabalho intenso de fiscalização e cobrança do poder público com a comunidade, denunciando também as ações da municipalidade que estejam em desacordo com a letra da lei que prevê que todas as decisões passem pela *Mesa de Urbanización*.

Notas sobre o trabalho de campo, procedimentos das entrevistas e alguns esclarecimentos

A primeira pessoa do *barrio* com quem tive contato foi Franco Armando, morador e militante da *Central de los Trabajadores de la Argentina* (CTA). Depois de uma tentativa frustrada de contato com outra pessoa, acabo conseguindo seu telefone. Franco, apesar de ser um dos dirigentes da CTA e professor de história em um *bachillerato popular*[10], me responde prontamente e se coloca à disposição para me ajudar no que for preciso.

No dia 21 de junho de 2022, então, nos encontramos. Eu tento explicar pessoalmente do que se trata a minha pesquisa e ele começa a apontar nomes com quem posso conversar, depois explica um pouco do contexto da Argentina, Buenos Aires e o que era a *Villa 31*, que a partir da Lei de Urbanização no 3.343 de 2009 passou a se chamar *Barrio Padre Carlos Mugica.* Conversávamos enquanto manifestantes faziam um ato contra o atual governo municipal e mais especificamente contra a figura do prefeito Horacio Larreta, o nome já me era bastante conhecido, uma vez que, espalhada por toda a cidade há faixas com propaganda das obras em andamento que trazem o slogan da sua gestão *"La transformacion no para".*

Em sátira ao slogan, os dirigentes de movimentos sociais que estavam ali na ocasião organizando a próxima manifestação tinham uma faixa de protesto (figura 29).

[10] Bachillerato popular na Argentina, são colégios públicos autogeridos por organizações sociais. Oferecem nível médio para jovens e adultos.

Figura 32: Faixa de protesto contra o Governo da Cidade



Fonte: Autoria própria, 2022.

Finalizada a reunião dos dirigentes vamos caminhando, Franco e eu, do Obelisco até o bairro de *San Telmo* onde fica o prédio da CTA em que trabalha Franco. No caminho ele me conta um pouco sobre a sua trajetória e de sua família, comenta fatos históricos da cidade e mostra alguns centros culturais mantidos pelos sindicatos.

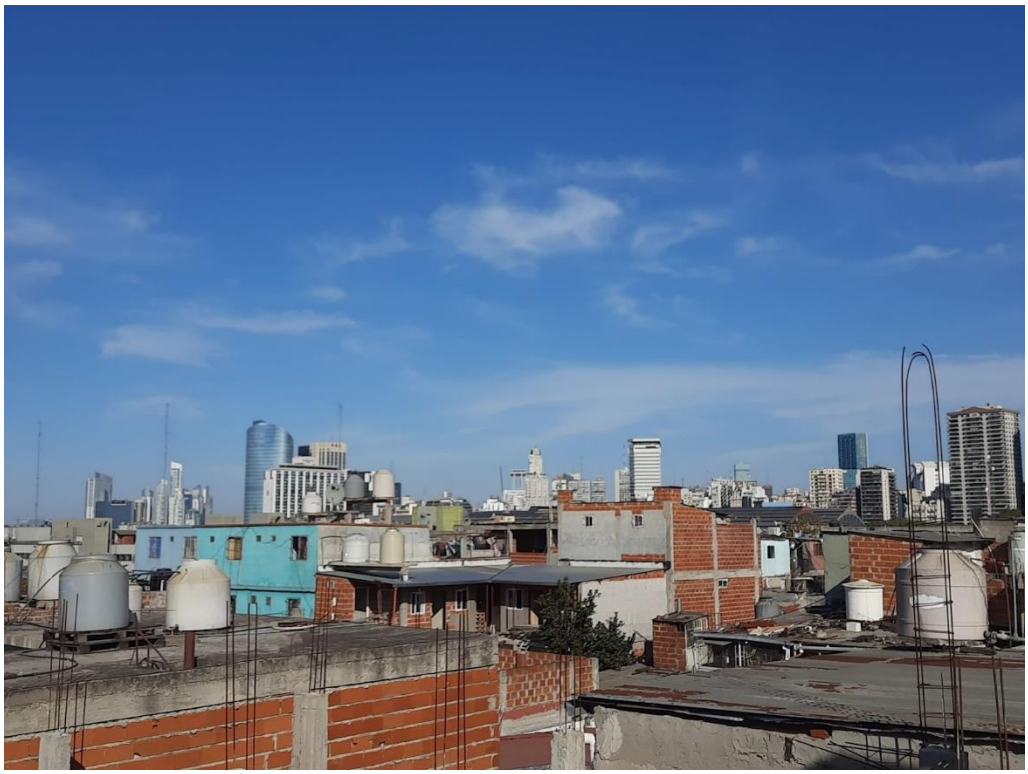
Quando chegamos na CTA sou apresentada a alguns companheiros de trabalho de Franco. Tão logo chegamos, partimos em direção ao *barrio*. No caminho ele liga para o pai, que está na Avenida Corrientes com mais dois amigos, nos juntamos aos três e seguimos a caminho do lugar que só conheço por foto. Quando o pai entra no carro, somos apresentados, sou a "companheira do Brasil que está fazendo uma pesquisa sobre a *villa*" é assim que Franco me descreve.

O pai, Carlos Armando, pergunta se eu vim estudar as "favelas de Buenos Aires". Digo que sim, e ele me diz que conhece bem o Brasil, já esteve aqui diversas vezes. No caminho entre Corrientes e o *barrio* vão me falando um pouco sobre a cidade. Ao nos aproximarmos, Franco vai explicando o entorno, os galpões de Puerto Madero, fala da enorme volta que é necessário dar para entrar no *barrio* e questiona como querem promover a integração se não há conexões com o restante da cidade.

Quando chegamos, estacionamos em frente à casa da família. Fica logo no começo, 5 minutos a pé da estação Retiro. Um prédio verde, 4 andares, em frente a um colégio público que Franco e todos os seus irmãos estudaram. Me convidam para entrar. No térreo funciona o *Comedor Comunitario Comunidade Unida*. Apesar de já tê-los introduzido aqui, nessa circunstância foi o primeiro momento que tive contato com os comedores. Ali, vejo que os comedores são espaços que servem comida para outras pessoas, de graça, é tudo que entendo naquele momento. Na cozinha, Franco procura uma revista que conta a história da mãe dele, Gladys, que faleceu ano passado por conta da COVID-19. Me apresenta para a irmã Andréia, que agora assumiu os trabalhos que antes eram desempenhados pela mãe. Me mostra um outro pedaço do térreo, onde funciona uma espécie de assistência social. Então me convida para conhecer os outros andares da casa.

Começamos a subir as escadas, cada andar tem dois “apartamentos”, um deles é de Carlos. Já os outros, cada um pertence a um filho, que juntos somam 8. O último andar tem 3 apartamentos de duas irmãs de Franco e o dele, que está ainda sendo construído, assim como a edificação toda, na realidade. O apartamento de Franco tem sala, cozinha, quarto e banheiro, todos muito bem ajeitados. Ele me mostra orgulhoso a cortina automatizada, a bancada da cozinha em cimento queimado e os eletrodomésticos da casa. Da porta da cozinha saímos para um terraço. Encostada na parede, há uma escada que dá para a laje, ele sobe primeiro e eu em seguida. Do alto da casa dá para ver Buenos Aires em 360º. Vê-se Puerto Madero, Palermo, edifícios nobres, e o micro centro da cidade. Tiro algumas fotos que estão abaixo (30 a 32).

Figura 33: Buenos Aires em 360° desde o *barrio Padre Carlos Mugica*



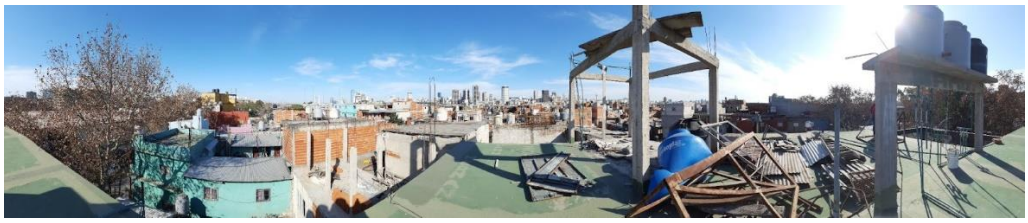
Fonte: Autoria própria, 2022.

Figura 34: Buenos Aires em 360° desde o *barrio Padre Carlos Mugica*



Fonte: Autoria própria, 2022.

Figura 35: Buenos Aires em 360° desde o *barrio Padre Carlos Mugica*



Fonte: Autoria própria, 2022.

Descemos, ele me mostra o desenho feito pela filha, diz que ela desenha muito bem, me fala que, em outra oportunidade, devo me hospedar ali na sua casa que está vazia. Por hora Franco está morando próximo à *Avenida de Mayo*. Agradeço e fico refletindo um pouco sobre a hospitalidade demonstrada a uma completa desconhecida que 4 horas antes ele só havia trocado mensagens.

Depois de visitar a casa da família, fomos em direção ao bar do pai, Carlos, que preparou um almoço para nós. O bar fica na outra rua, em um prédio grande, que posteriormente entendi que era alugado. Ao entrar no bar com pouca iluminação me deparo com Carlos, os dois amigos que estavam juntos na *Avenida Corrientes* e uma quarta pessoa, Waly, que trabalha ali e é o responsável pelas comidas maravilhosas que comi na maior parte das minhas visitas ao *barrio*.

A refeição que me espera é um clássico portenho: milanesa com batata frita. Comemos apenas eu e Franco, durante o almoço falamos um pouco mais sobre a minha pesquisa. Antes de finalizarmos, o telefone dele toca, precisa ir a CTA, estão em ano de eleição. Levantamos, eu tento pagar pelo almoço, não deixam.

Entro no carro novamente com Franco, na saída do *barrio* ele me mostra o prédio do Ministério da Educação, mostra as residências novas da *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF), levam esse nome porque foram construídas onde outrora ficavam *conteiners* da empresa estatal.

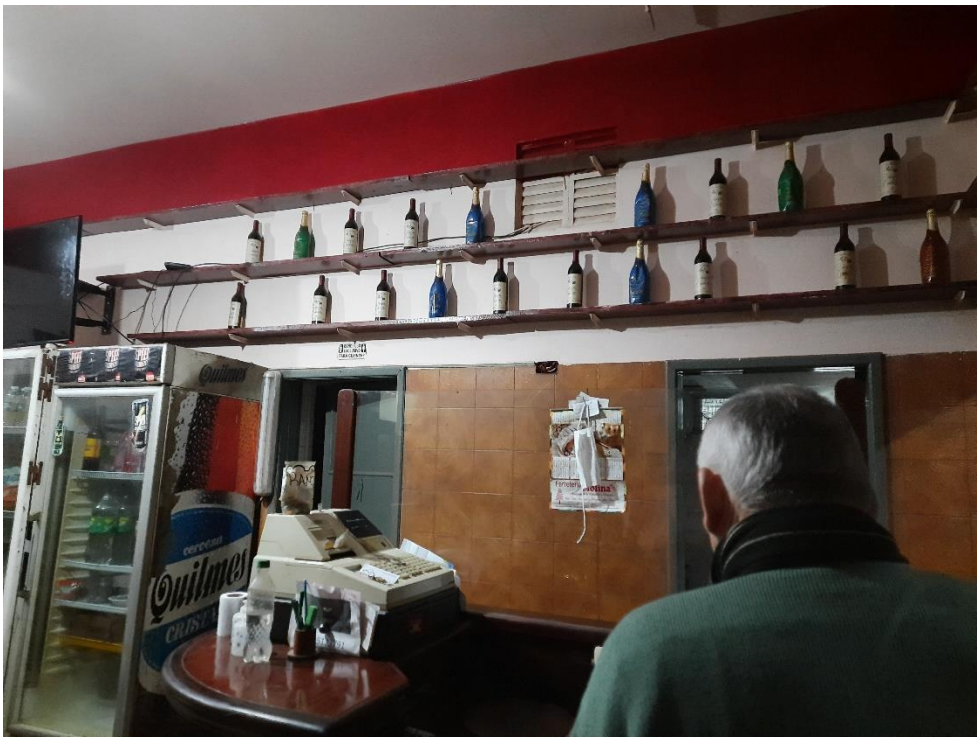
Volto a me encontrar com Franco somente dia 28 de junho, uma terça-feira, em uma manifestação contra o Fundo Monetário Internacional (FMI). Essa manifestação estava pequena para os padrões argentinos, saímos do Obelisco e fomos marchando até a frente do Banco. Durante o período de tempo que fiquei em Buenos Aires uma notícia me saltou aos olhos, 2022 era um recorde de manifestações até o momento. Sempre que você estiver em

um ônibus passando pela área central de Buenos Aires e ele desviar da rota prevista há uma explicação: está tendo um *piquete*[11].

Depois da manifestação eu combino de entrevistar Carlos, seu pai. Franco me passa seu telefone e entro em contato. Agendamos a nossa conversa para sábado, 02 de julho, no bar. Na hora do almoço, saio por volta das 11:30 e decido que farei o trajeto a pé, afinal é perto. No caminho passo por alguns pontos turísticos e pelas estações de trem e ônibus do Retiro. Mas o mais chamativo de todo o percurso é a imensa quantidade de gente nas calçadas desses terminais vendendo diversos itens, que vão desde peças de roupas até peças para carro.

Depois de 25 minutos de caminhada, chego ao bar de Carlos, onde realizei 6 das 7 entrevistas e tive uma conversa informal com um assessor do Ministério do Trabalho Argentino. Além disso, almocei por diversas vezes ali e presenciei Lali, Waly e Carlos trabalhando e me ensinando "truques" de cozinha. Jamais serei capaz de retribuir tudo que fizeram por mim e a forma como me acolheram (Figura 33).

Figura 36: Bar de Carlos



Fonte: Autoria própria, 2022.

[11] Piquete é uma forma de protesto na Argentina.

Das 7 pessoas com quem falei, 6 foram entrevistados pessoalmente. Carlos Armando foi quem me ajudou a contatar as pessoas. A partir da tentativa de explicação da pesquisa em curso, ele se encarregou de selecionar pessoas que julgava serem interessantes no processo de entendimento do *barrio*. Assim, com exceção de Cristina, todos os entrevistados possuem um fio condutor similar em suas trajetórias.

Todos eram homens, com idades variadas, mas sempre com algum grau (maior ou menor) de envolvimento na luta e construção do *barrio*. Todos foram ou são delegado de *manzana* e compartilham uma longa história ali. Cada uma das entrevistas durou cerca de 1 hora e foi realizada nas mesas de madeira do bar, algumas delas foram bastante conturbadas por terem sido feitas na hora do almoço com a presença de clientes, outras transcorreram silenciosamente, apenas com o som da televisão que estava sempre ligada.

O primeiro dos entrevistados foi o próprio Carlos Armando, pai de Franco, o responsável pela minha inserção no *barrio*. A entrevista foi feita no sábado. Era a segunda vez que estava ali e a primeira sozinha. Nesse dia, além da entrevista, pude observar mais o *barrio*, a convite de Carlos. Ele me diz para pegar meu casaco que vamos sair para caminhar um pouco, me diz que não vamos longe porque está sem carro.

Na saída me fala que devo deixar a minha bolsa. Trata-se de uma bolsa predominante laranja, toda bordada, bastante colorida e chamativa. Segundo ele, a bolsa delata que não sou residente. Deixei a bolsa no bar, saímos e viramos à esquerda, ali vamos reto.

No caminho Carlos encontra um morador, pergunta para ele quanto custa para colocar televisão à cabo, ele diz o preço e que parcela, Carlos diz que vai pensar, nesse momento ele aproveita para me contar que existe no *barrio* um canal *villero*. Ao final da rua viramos à direita, quase próximo da *Autopista Illia*. Ali estão removendo as casas que estavam abaixo. Pergunto se posso tirar algumas fotos. Ele fica um pouco desconfortável e depois de sairmos da aglomeração me diz que somente ali eu posso e que na volta devo guardar meu celular.

Descemos a rua Alpaca até chegar na *Feria Guemes* e retornar ao bar. Almoçamos carne assada e purê de batatas. Combino de fazer outra entrevista no sábado seguinte, Carlos liga para Cristina e explica minha pesquisa e pede para que fale comigo, anoto o número dela, me despeço e vou embora.

Na segunda feira agendo com ela um dia para falarmos, por vídeo chamada mesmo. No dia da nossa conversa Cristina aparece solicita e atenciosa no vídeo, tomando seu mate.

Cristina é professora aposentada e é com tom professoral que me explica muitas questões que seriam essenciais para o entendimento dos *barrios populares* nas próximas entrevistas. Cabe ressaltar que Cristina infelizmente foi a única mulher que tive a oportunidade de conversar, todos os outros entrevistados foram homens.

No dia 09 de julho pela manhã vou novamente até o bar de Carlos, na ocasião iria entrevistas César, o primeiro arquiteto do *barrio*. Entretanto, ele tem algum imprevisto e não pode comparecer. Já é quase hora do almoço. Carlos me comunica que participarei da festa dos comedores populares, que está sendo organizada pelo governo municipal para todos aqueles que trabalham nos comedores, uma forma de retribuir o trabalho não pago que essas pessoas fazem durante o ano inteiro para alimentar os vizinhos.

A festa foi realizada na quadra próxima ao comedor Carlos Mugica, liderado por Teófilo Tapia, um dos referentes mais antigos, e que eu entrevistaria alguns dias depois. Uma caminhada de 10 minutos era necessária para chegar até a festa. No caminho vou observando as ruas, as casas, os comércios, a movimentação. Quando chegamos no local que fica na outra ponta do *barrio* há uma aglomeração de pessoas, muitas mesas coletivas, bandeirinhas da Argentina, uma barraca de comida ao fundo e empanadas sendo distribuídas.

Na frente há um palco onde apresentações culturais se realizavam e depois foram prestadas homenagens póstumas aos líderes de comedores comunitários que faleceram por conta da COVID-19, entre os homenageados estava Gladys, esposa de Carlos que havia falecido há um ano, depois de contrair a doença ao ter que compartilhar o único banheiro da casa por falta de infraestrutura e saneamento que foram negligenciados pelo mesmo governo que agora a homenageava.

Assisto as apresentações à medida que também sou apresentada por Carlos aos moradores, que me descreve sempre como “a companheira brasileira que está fazendo uma pesquisa sobre o *barrio*”. É assim que conheço nesse dia dois futuros entrevistados: Teófilo Tapia e Muchacho.

Tapia é um senhor baixinho e bastante simpático, a sua entrevista foi uma das mais longas de toda a pesquisa. Ele chegou no *barrio* ainda criança, na década de 1950, com toda a sua família e esteve entre as poucas pessoas que permaneceram na década de 1970 durante a ditadura militar, quando houve um quase completo esvaziamento da população. Ele esteve entre as estimadas 30 famílias que resistiram. Conheceu o Padre Carlos Mugica, participou de inúmeras mobilizações e viu as mudanças ocorrerem ao longo dos anos. Está no pôster de um

documentário[12] que participou sobre as *villas* de Buenos Aires, fala dos anos de luta, mostra fotos da época e parece reviver os acontecimentos enquanto os narra, consigo visualizar na minha frente os despejos e a violência policial descrevida por ele.

Ainda hoje é muito atuante na vida comunitária, tem uma rotina impressionante na liderança de um comedor comunitário, relata a história dos comedores com muito orgulho e me pergunta se temos algo parecido no Brasil. Digo que não e me mostro indignada com o fato desse trabalho não ser remunerado. E ele se mostra indignado comigo por querer que isso seja remunerado, me diz que está no campo da solidariedade e que não deve envolver o Estado. De tudo que não compreendi na minha passagem por Buenos Aires, o trabalho que essas pessoas realizam nos comedores é de longe o maior enigma para mim. Vai além de trabalho não pago, trata-se da doação de uma vida, creio que levarei a minha inteira para talvez chegar perto de compreender.

O segundo futuro entrevistado, Muchacho, era o anfitrião da festa pátria, é locutor. Conduzia as apresentações culturais, as homenagens e mais importante: controlava as inúmeras crianças que subiam, desciam do palco e queriam falar ao microfone. Em um intervalo das apresentações, nos conhecemos e combinamos uma conversa, terça-feira dia 12 de julho no bar do Carlos, por conta dos seus compromissos, marcamos para o final do dia. Essa foi a entrevista no período mais tarde do dia que realizei.

Além desses 3 personagens, no bar ainda entrevistei Jorge Jesus, Saul e César. Os dois últimos foram entrevistados no mesmo dia. Entrevistei Saul pouco antes do horário do almoço, por tratar-se de um comerciante do *barrio* pude adentrar mais no tema da economia local e conversar sobre a lei recentemente sancionada e apelidada de *Farmacity*, que permitirá a entrada de grandes empresas ali. Saul que se descreveu como “muito sindicalista”, relatou sua trajetória, porque se mudou para o *barrio*, falou sobre a abertura do seu comércio e sobre o aumento dos comércios em geral nos últimos tempos. Católico fervoroso, falou sobre o Papa Francisco, que o conhece e contou história sobre as visitas de Bergoglio.

No mesmo dia após o almoço entrevisto César, residente desde criança no *barrio*, cursou arquitetura e urbanismo na *Universidad de Buenos Aires* (UBA) a sua conquista do ensino superior é uma conquista coletiva. César trabalha em uma multinacional que de

[12] Buenos Aires: Cronicas Villeras, de Marcelo Céspede. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8JaANAUoiUI

alguma forma, não muito bem esclarecida, realiza obras nos bairros que estão em processo de urbanização. Essa entrevista difere das outras por muitos aspectos como a idade, o grau de escolaridade e o envolvimento com as questões do *barrio*. Mas o aspecto que mais a diferenciou das demais é a visão sobre os acontecimentos e sobre os moradores. César aparenta-se bastante cooptado pela lógica do mundo coorporativo e de alguma forma parece acreditar em lógicas de esforço e recompensa.

Ainda nesse mesmo dia, durante o almoço por volta das 15h, conheço um amigo de Carlos, funcionário do Ministério do Trabalho da Nação. Nossa conversa informal, que não foi gravada, teve início com o tema da política, na ocasião estava sendo televisionado uma manifestação em frente à Casa Rosada e ao Congresso ao mesmo tempo. A pauta do dia era a ampliação dos *planes sociales* e um salário básico universal. O funcionário do Ministério comenta que a situação do trabalho informal na Argentina atingiu níveis inéditos e o governo estuda uma saída frente a isso. Estuda-se uma medida de como gestar o contingente de informais.

Por fim, descrevo a entrevista com Jorge Jesus que chegou no *barrio* no final da década de 90. Assim como tantos outros foi morar ali pela proximidade com o local de trabalho, foi convidado por outras famílias e acabou ficando. Constituiu família e se tornou um importante referente. Estivemos juntos em duas oportunidades, na entrevista e depois em uma reunião da Mesa de Urbanização. Além disso, foi em sua companhia, em uma moto, que percorri desde a entrada do terminal até próximo a *Faculdad de Derecho* e pude conhecer melhor o *barrio*.

Por cada um dos entrevistados tenho profunda admiração pela história pessoal brevemente narrada, pela luta coletiva e pela atenção dada a uma completa desconhecida. Que um dia eu os reencontre e possa agradecer de novo e mais uma vez e sempre que possível

Incursões etnográficas no *barrio - Con un poco de color la miséria es pintoresca*

O censo de 2010 estimava uma população de 40mil pessoas no *barrio*. Entretanto, de acordo com os moradores, eles são muito mais numerosos: 50, 60, até 70 mil me foi relatado, depende de cada interlocutor. Dentro dessa população existem milhares de moradores que trabalham no entorno próximo, nos condomínios e estabelecimentos de alto padrão de Puerto Madero, Recoleta, Palermo e Micro centro.

Essa população, numericamente incerta, convive há alguns anos com as obras do projeto de urbanização da *villa,* que desde esse ponto passa a ser chamado de *Barrio Padre Carlos Mugica.* As obras são realizadas com dinheiro público, do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Banco Mundial. Até o momento já foram realizadas obras de saneamento, melhoria das ruas, das habitações e dos espaços públicos. Foram construídas novas casas e também o prédio do Ministério da Educação. De forma geral as intervenções se dividem em quatro eixos: moradia, integração social e urbana, desenvolvimento econômico sustentável e integração urbana, mobilidade e espaço público (TOLAND, 2018), e esses eixos serão utilizados aqui para estruturar a redação desses aspectos.

Dentro do primeiro eixo, moradia, o projeto de urbanização previa a reforma de 9.000 casas e a demolição de outras 1.000 moradias que se encontravam abaixo da *Autopista Illia*. Asreformas contemplariam a conectividade com a rede de infraestrutura como ligações de água,esgoto, energia elétrica e águas pluviais (CUÉ, 2016).

Figura 37: Moradias abaixo da Autopista Illia



Fonte: Autoria própria (2022).

Em 2022, durante meu trabalho de campo, boa parte das casas do setor denominado Bajo Autopista, já haviam sido removidas e as famílias transferidas para as casas novas distribuídas em 26 prédios no setor YPF dentro do próprio bairro. Tratam-se de habitações coletivas de 4 pavimentos construídas pela municipalidade em *Steel Frame* e que os moradores apelidaram de *vivendas de cartón*. Os prédios possuem três pavimentos residenciais e térreo comercial. Entretanto, o número de espaços comerciais não foi suficiente para abrigar todos os negócios que as famílias possuíam em suas antigas casas. Além disso, como aponta Koutsovitis et al (2022), essa parte do bairro tem um fluxo menor de pessoas, o que impactou diretamente os rendimentos dessas famílias.

Sanchey e Baldiviezo (2019) mencionam que ao contrário do que determina lei[13], a decisão de desocupação dessa área foi tomada de forma unilateral pela municipalidade, sem consulta aos moradores. O *Observatorio de La Ciudad* denunciou que as famílias sofreram pressão e ameaças para deixarem suas casas e se transferirem para o setor YPF. As antigas

[13] A lei de urbanização determina caso haja necessidade de remoção, a realocação deve ser feita com o consentimento do morador e feita dentro da área demarcada para urbanização.

casas eram imediatamente demolidas e as famílias que tardavam em sair conviviam com escombros e entulhos (figura 35).

Figura 38: moradias demolidas abaixo da Autopista Illia



Fonte: Observatorio de la Ciudad (2021)

Alguns entrevistados reforçaram as denúncias feitas pelo *Observatorio* e disseram que muitos deslocamentos foram feitos de forma autoritária e a critério de escolha do governo. De acordo com o procedimento de realocação emitido pelo GCBA, o morador perdia o direito de acessar outra solução habitacional caso se negasse mudar e a assinar a escritura da casa nova, escritura que significa também a contração de uma dívida, uma vez que os moradores precisam pagar por essas casas e por todos os serviços urbanos como água, esgoto e luz. Jesus me informa que, atualmente, e esse processo é diferente, só há remoção das moradias se os moradores concordarem. Caso contrário não são obrigados a sair. O que incorre em casos como esse da foto abaixo (figura 36).

> *El caso de Bajo autopista10 , en la Villa 31 y 31 bis, se hizo elocuente en ese sentido. Durante la pandemia la zona fue liberada y se incrementaron los cortes de luz, los robos y violaciones. también se produjeron basurales para forzar la relocalización de las familias. lxs principales afectadxs fueron mujeres, disidencias y migrantes, amenazadxs con la deportación. (GAGO, 2022, p. 74)*

Figura 39: moradias não demolidas abaixo da Autopista Illia



Fonte: Autoria própria, 2022.

Ainda sobre a escritura[14] das casas novas destaca-se a previsão, em caso de atraso de três parcelas, da ida a leilão extrajudicial do imóvel, que uma vez arrematado, permite emum prazo de 10 dias despejar seus ocupantes. Além disso, a dívida da casa pode se tornar uma letra hipotecária, ou seja, um título de valor que podem ser transferidos para terceiros, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas. Na prática isso possibilitará que o Governo da Cidade de Buenos Aires venda as dívidas dos moradores a bancos que executarão essas letras e liberarão o solo dentro do *barrio* (BALDIVIEZO; SANCHEZ, 2019).

O projeto não possui um esquema de proteção econômica para que os custos da formalização não sejam utilizados como instrumento de pressão contra os moradores, ou que eles fiquem sem os serviços por inadimplência. Em um momento de recessão econômica, adquirir despesas com o crédito da casa, impostos e serviços públicos, é um choque econômico para quem passa da informalidade para formalidade (SÁNCHEZ; BALDIVIEZO 2018).

Apesar de tratarem-se de habitações novas, há muita reclamação sobre a qualidade construtiva[15], ou ausência dela. Os principais problemas apontados são: as deficiências nas

[14] Escritura completa pode ser acessada aqui: https://buff.ly/2LhBxoD

[15] Sobre isso ver mais em Stolkinier et al, 2021: Relevamiento Del Estado De Las Viviendas Nuevas Del Barrio Carlos Mugica -Sector Ypf. Disponível em: https://observatoriociudad.org/relevamiento-del-estado-de-las-viviendas-nuevas-del-sector-ypf-del-barrio-carlos-mugica/. Acesso em novembro de 2022.

instalações elétricas, infiltrações, insuficiência de água fria e quente e ferragens em mau estado (STOLKINIER ET AL, 2021). Além disso, as casas não possuem gás instalado, as pessoas utilizam energia elétrica, o que encarece o custo de vida.

Em conversas com alguns moradores foi apontado que, para muitos residentes das novas casas, a mudança não configurou melhora na qualidade de vida uma vez que, na percepção deles, em muitos aspectos construtivos as casas antigas eram iguais ou até melhores que as novas. De acordo com Saul:

> *[...] no tenemos red de gas porque es estamos lejos de lo que es y ni tampoco vivienda nueva que ellos tenían un trazado que podían llegar a ponerle gas a las vivenda, Pero no porque el problema de eso es el día que se van de acá, tiran todas las casas y las casas les sirven para hacer edificios enorme 20, 30, 40 pisos mayormente como es puerto Madero.*

Baldiviezo e Koutsovitis (2021) argumentam que da forma como está sendo conduzido o projeto de urbanização do *barrio*, com a possível titularização das terras em nomes dos moradores, acompanhado da entrega das casas novas em péssimas condições de habitabilidade, conforma-se a reurbanização como um motor de expulsão gradual dos moradores ao longo do tempo.

Esse tipo de regularização fundiária funciona como forma de transferência de terrenos públicos ou comprados com dinheiro público a baixo custo para o mercado, seja porque os bairros regularizados já estavam em áreas de interesse do capital ou porque tornam-se de interesse dele após regularização.

O *barrio* é uma área muito densa onde não há mais terrenos livres e disponíveis para serem ocupados, cedidos ou mesmo vendidos. Apesar disso, alguns moradores conseguem obter uma espécie de renda a partir da venda das lajes. É Jesus quem me informa da prática: o dono de uma porção de terra constrói sua casa, depois vende a sua laje a outra pessoa, uma vez construída a casa dessa pessoa, a laje não lhe pertence, mas sim, ao dono da porção de terra, que o vende para uma terceira pessoa e se o espaço assim permitir. Quando finalizada, essa também terá sua laje vendida e assim acontecerá até que não seja mais possível verticalizar.

Esse mercado de venda de lajes se favorece da indisponibilidade de terra na área, mas, apesar de ser mais barato em comparação ao mercado formal, ainda sim o preço do m2 produzido informalmente é altíssimo, como é padrão nas cidades latino americanas (FERNANDES 2008), ou seja, os moradores que acessam terra a partir desse mercado, pagam

preços elevados para as condições de habitabilidade que usufruem. As condições de habitabilidade são ainda piores nos casos dos moradores que vivem de aluguel, que hoje se constitui como a porta de entrada nos *barrios* e *villas*. Alugar um quarto com banheiro compartilhado é geralmente a primeira forma de se habitar esses espaços (CRAVINO, 2006).

Em algumas entrevistas realizadas, durante explicação dos entrevistados sobre o processo de urbanização, foi mencionada a transferência de moradores que residiam embaixo da autopista para o setor YPF, o que possibilitou a abordagem da temática do aluguel, uma vez que, muitos dos que ali residiam, alugavam casas e apartamentos. Atualmente uma parcela considerável dos moradores são inquilinos. Saul relata que o mercado informal de aluguel é intenso no *barrio* e aponta motivos econômicos que o expliquem. Assim ele conta:

> *[...] esa parte inquilinatario hay muchísimo, porque la gente ... es un negocio, es un negocio, porque la gente, la gente que no trabaja vive de eso.*

Jesus corrobora com a explicação dada pelo vizinho e cita a falta de empregos como motivação para construir e alugar, trata-se de uma maneira de sobrevivência para muitos habitantes. Segundo Jesus:

> *Siempre siempre fue discutido porque a veces la desocupación te lleva a construir tu casa y alquilarla. Eso para los que vive acá. Tenés un pequeño ingreso informal.*

Rodriguez et al (2015) demonstra que na última década houve um aumento do número de inquilinos em Buenos Aires e atribuem o fato ao empobrecimento da população e a precarização do trabalho que por consequência forçou a migração de famílias do mercado formal para o informal de aluguéis, pois houve um encolhimento dos rendimentos dos trabalhadores em detrimento do aumento do valor da terra urbanizada (RODRIGUEZ ET AL, 2015).

A especulação imobiliária tem elevado o preço dos alugueis, do mercado formal e informal e colaborado no processo de despejo de inquilinos por acúmulo de dívidas. Além disso, o mercado informal de alugueis também constitui a abertura para a financeirização da pobreza e novas formas de rentismo sobre os mais pobres, como aponta Caballero e Gago (2022).

> El modelo de valorización financiera aplicado a las viviendas se despliega como un extractivismo sobre los territorios urbanos dinamizado por el capital inmobiliario, en alianza con el capital financiero. La financiarización

> de la vivienda, tanto en el mercado formal como en el informal, es uno de los efectos producidos por las maniobras especulativas de inversores inmobiliarios que conectan las viviendas con los circuitos de las finanzas globales.
>
> ¿Cómo opera? a través de diversos procesos: 1) endeudamiento para titularizar una casa en un proceso de urbanización; 2) aumento de alquileres, e incluso dolarización, como efecto de la especulación inmobiliaria sobre el suelo, dado que el estado no regula ni el valor del metro cuadrado ni el valor de venta de las viviendas; 3) concepción de la vivienda como un activo financiero, un título que se compra y vende a través de fondos de inversiones, proceso que aún es incipiente en argentina; 4) desplazamientos y desalojos para convertir ciertas zonas en nuevos negocios inmobiliarios. (CABALLERO, GAGO, 2022, p. 66)

Nesse aspecto, para além dos moradores que alugam como uma forma de conseguir uma pequena renda, surge a figura daqueles que o fazem em uma escala maior, tratam-se algumas vezes de moradores do *barrio*, como relata Saul, e às vezes de pessoas de fora, como aponta Jesus:

> *Ahí no más cerca nomás donde estoy yo tenemos una misma cuadra donde vive Carlos, hay una persona que tiene más de 20 piezas para alquilar. (Saul)*

> *Pero tiene también la otra gente que viene de afuera y construye con dinero y tiene 30/40 habitaciones [...] (Jesus)*

Abramo (2020), ao falar sobre o mercado informal de aluguel no Rio de Janeiro, denuncia empobrecimento que isso causa nas favelas, suas pesquisas mostram que as famílias que ingressam pela via do aluguel são famílias cada vez mais pobres. Além disso, a alta rentabilidade e o crescimento da demanda fazem crescer o estoque de imóveis inadequados em termos de habitabilidade e promove o que ele chama de precarização do precário.

Essa população, majoritariamente mais empobrecida de imigrantes recém-chegados e famílias sem outras possibilidades, muitas vezes ao precisarem recorrer ao aluguel, se deparam com práticas abusivas por parte dos locatários, como as denunciadas por Jesus:

> *E inclusive había passado, lo que también discutíamos, es que había un dueño de de una casa que en el momento, cuando habían censo poblacional o censo para la vivenda, los corría. Váyanse iban a familia de otros lados para que se revisar*
> *Hay de todo, después está el tema es que esa misma gente que no vive acá le tocó viviendas en dos o 3 ...". (Jesus)*

Ao não responder a pesquisa as pessoas não constam nos bancos de dados do governo e podem ficar alheios aos programas sociais. Esse modus operandi, de acordo com Cravino (2006), é uma prática comum no mercado informal, junto de outra: a retenção da documentação pessoal do inquilino para evitar qualquer tipo de denúncia.

Cravino (2006), ao analisar a questão do mercado informal de alugueis, vai destacar o fator subjetivo da mudança ideológica dos moradores, que a partir da demanda por moradia nos *barrios* passaram a vislumbrar a possibilidade de obter ganhos em cima de bens que foram conquistas coletivamente e que outrora seriam cedidos, emprestados ou doados, e atualmente são alugados ou vendidos.

Há que se fazer uma ressalva ao apontamento da autora. Pois, apesar de alguns moradores obterem ganhos com o aluguel, é necessário lembrar que se trata de uma população marginalizada, inclusive o locatário, que nos últimos anos sofre com a crise econômica e que encontra muitas vezes no aluguel a possibilidade última de subsistir e garantir alguma segurança a longo prazo. É necessário não tratar a questão como ambição ou forma de renda elevada.

Rodriguez et al (2015) aponta o entrelaçamento entre mercado formal e informal à medida que a elevação dos preços e exigência de garantias como comprovação de renda, fiador e bom histórico financeiro, feitas pelo mercado formal, faz com que muitas famílias recorram à informalidade, que nem sempre significa preços menores, mas apenas menos burocracia. No caso dos imigrantes, especialmente os recém-chegados, as garantias são ainda mais difíceis, pois ainda não possuem documentação argentina e recibos de salário (CRAVINO, 2006). Jesus, ainda pontua que:

> *Es más fácil, llegas, pagas y entras. Es un hotel pero... vivienda no necesitaba viste? 3 o 4 meses de alquiler depende viste ahora la gente parece que se está ¿Tratando de avivar y te pide viste garantía? Pero no. Tienes una situación laboral mala y lo que acá en el centro te queda todo bien. Bueno venís alquilar buscas una habitación por ahí la alquila y tchau. ¿Es más barato sin garantías en nada la pregunta, quién soy, de dónde soy? Nada. ¿Una necesidad viste? Ningún otro requisito.*

Apesar das redes de solidariedade e de informação encontrarem-se hoje reconfiguradas, atravessadas por questões para além do mercado de aluguel, e pelas relações de trabalho, tanto pela não existência dos vínculos criados enquanto trabalhador, mas também pela necessidade de lutar “cada um por si” pela sobrevivência, os laços de solidariedade permanecem, operando agora também no mercado de aluguel. Por exemplo,

Saul apresentou-se quase como um guardião do mercado de aluguel, mediando a relação dos interessados que vem de fora do barrio e os locatários com imóveis vazios. Por estar em uma das entradas do *barrio*, realiza por sua conta uma pré seleção do interessado:

> *Le miro la ... cómo te puedo explicar de la lucidez de la persona como es, si veo que la persona es honrada como para que pueda alquilar y mandar a la gente conocida que tienen pieza para alquilar las mandos. Porque as veces viene mucha gente joven, es mayormente los pibes joven, por ahí las chicas. Las chicas se van de la casa con los pibes y hay muchos lo van a alquilar acá, pero mayormente a la gente le aconsejó que ¿Viva en el radio donde yo, donde se puedan manejar ellos como no son del barrio, a veces gente honrada pero como no sabe cómo bien no?*

Até certo ponto da conversa, dentro da temática do *alquiler*, Saul não me revela que se trata também ele de um locatário. Somente depois de algum tempo, quando o pergunto onde ele mora, ele me relata que reside com a esposa e dois filhos e mais alguns parentes no setor *Guemes* do *barrio*. Ele mora em uma casa de dois andares que ele mesmo tem construído desde que chegou e passou a alugar a sala comercial depois de ter perdido o emprego em uma fábrica de peças automotivas. Segundo ele *"era una persona que era muy sindicalista en ese aspecto, peleaba",* seu perfil, juntamente com a crise do final dos anos 1990 e início dos 2000, colaboraram com a sua demissão, *"pero un dia llego ... salí de vacaciones y me dice, "bueno, no entra más espera el telegrama en tu casa que no es mas bienvenido a la empresa"*.

De acordo com Cravino (2006), o grande número de inquilinos no *barrio* leva a ideia comum de que o mercado imobiliário informal seria o responsável pelo enfraquecimento das redes de solidariedade. A autora contrapõe-se a isso, argumentando que existe uma complexidade nas redes de solidariedade dos moradores, e cita dois motivos para as mudanças da rede: o crescimento da população dos *barrios* (o que pode ser culpa do mercado) e os numerosos programas sociais focalizados. As redes de solidariedade ainda se fazem presentes, porém enfraquecidas devido ao papel secundário que assumiram frente ao protagonismo que as redes de distribuição de recursos estatais assumiram. Dessa forma, esses laços já estariam sendo enfraquecidos, não sendo o mercado imobiliário o grande vilão. Relações sociais são complexas e constituídas de várias camadas: solidariedade, disputa, identificação e fragmentação, sobre as quais pode interferir o mercado.

Assim sendo, as redes sociais seguem ativas, porém com algumas modificações em curso. Cravino (2006) aponta que a principal fratura na sociabilidade atual se constitui na divisão de dois grupos com interesses antagônicos: os proprietários e os inquilinos. Sendo que, sobre esses últimos, foi constituída uma ideia de que não são verdadeiramente moradores, que estão apenas de passagem.

Essa fratura apontada por ela pode ser percebida em algumas entrevistas e em outros momentos de permanência em campo. Muitos inquilinos, residentes embaixo da autopista, foram contemplados com casas no setor YPF por ocasião das obras de reurbanização. Isso produziu impactos no mercado de alugueis, pois, o locador, além de perder o locatário, perdeu também o seu imóvel que foi demolido e quem recebeu uma casa em troca daquela foi o seu ocupante e não o dono. Ou seja, ao perder a casa, perde-se também parte do sustento.

> *También está la discusión de que los propietarios que viven hace muchísimo tiempo acá alquilaban y cuando sacaron a bajo autopista que estaban todas las viviendas, ahí había muchos inquilinas, muchísimo y a todos los inquilinos le tocó viviendas, algunos estado un año y 6 meses. Y hay gente que de 20 años no le tocó nada y todos los inquilinos que llegaron hace poquito todo, la mayoría ahí, en las viviendas nuevas. Estaba esa disputa, dijo. ¿También tienen derecho, no?*

De acordo com o que pude observar e me foi relatado, atualmente são oferecidas novas moradias a todos aqueles, proprietários ou inquilinos, argentinos ou estrangeiros, que precisam ser removidos por ocasião das obras de urbanização. Porém, tendo em vista o tamanho do mercado de aluguel, isso frequentemente acontece com inquilinos, inclusive com aqueles que residem há pouco.

Além dos impactos econômicos para os locadores, o fato de inquilinos com pouco tempo de residência serem contemplados com uma casa gera descontentamento em alguns moradores de longa data. Muchacho considera injusto a oportunidade dada àqueles que alugam, enquanto moradores antigos e seus descendentes não desfrutam da mesma possibilidade.

A insatisfação exposta por ele (presenciada por mim em duas ocasiões) acomete outros moradores também e alimenta o processo de cisão da comunidade. Assim, apesar de ser necessário prover moradia, tais ações parecem colaborar para uma polarização entre

alguns moradores mais antigos (que se sentem de alguma forma proprietários) e aqueles mais recentes (inquilinos).

Para Baldiviezo (2020) a construção e entrega de casas novas faz parte de um plano para fragmentar e desarticular o *barrio*. Essa polarização favorece apenas o projeto de remoção lenta e gradual. Ao provocar desavenças internas, mantém-se os moradores dispersos do problema estrutural. A solução está na rota inversa, como apontado por Abramo (2020), locadores e locatários precisam se unir para cobrar quem realmente deve respostas: o Estado.

Por conta da lei de urbanização do *barrio*, a realocação deve ser consentida pelo morador. Portanto, se a previsão da obra atinge toda uma quadra, é necessário que todos os ocupantes dela estejam de acordo. Caso alguém não aceite, o projeto é revisitado buscando outra alternativa, negociando com outra quadra. Obtive essas informações na sessão da Mesa Popular de Urbanização do dia 27 de julho de 2022, realizada no comedor Padre Carlos Mugica, liderado por Tápia (figura 37 e 38).

Figura 40: Cartazes importantes para Tápia



Fonte: Autoria própria (2022).

Figura 41: Mesa popular de urbanização



Fonte: Autoria própria (2022).

A mesa estava composta por moradores, delegados de quadra, integrantes da *Comission de Vivendas* e funcionários do Governo Municipal. A equipe técnica apresentou o trabalho em andamento, a abertura de novas ruas, explicaram o procedimento de entrar em contato com todos os afetados e, uma vez aceito por todos, demolição das casas e abertura da rua com infraestrutura.

Um morador entra no assunto das casas ocupadas por inquilinos, o tema é central no dia-a-dia. Jesus me esclarece que um dos grandes imbróglios da abertura de ruas e realocação de famílias são os donos de casas de aluguel, pelo impacto que a abertura de ruas exerce nesse mercado.

Por se tratar de um *barrio* tão populoso, em geral as decisões não são consensuais entre todos. Como apontado nas entrevistas, o próprio processo de urbanização não agrada a todos, cada indivíduo tem seus motivos particulares para considerar os acontecimentos melhores ou piores na esfera privada. Entretanto, algumas melhorias no aspecto da infraestrutura são visíveis. Cabe questionar e manter-se vigilante para saber a quem, de fato, se destinam.

Ainda dentro do eixo moradia do projeto de urbanização, estavam previstas melhorias habitacionais. As reformas contaram com o financiamento do BID, que em um vídeo

institucional produzido pela própria instituição, informava que na primeira etapa das “melhorias habitacionais” o enfoque seria as fachadas das casas (figura 39).

Figura 42: *Fachadas reformadas de casas no* barrio Padre Carlos Mugica



Fonte: Autoria própria (2022).

Na entrevista com Jesus, pergunto sobre as reformas, ele me diz que foram de fachada, literalmente. Aparentemente as melhorias habitacionais eram compostas por uma etapa única e bastante superficial, nunca passou da porta para dentro.

> *Es como nosotros decimos con un pasaban pintando no más, vos que no conoces, pasa entrando y "ahi que lindo pintado" y entra dentro de cómo está las rajaduras, la humedad a todos. Era para la vista del turista, el que*

> *viene afuera. Por eso nosotros decíamos "con un poco de color, la miseria es pintoresca", digo iban caminando turismo, pero.*
>
> *[...] No participé ningún programa, no lo hice todo ello. Sólo entre familia. Me costó muchos años. Quería... nacieron mis hijos. Y, hoy seguimos en el mismo lugar.*

Na nossa conversa, ao falar sobre o assunto, Jesus comenta que teve a oportunidade de acessar o benefício da reforma oferecido, mas negou. Diz orgulhoso que fez cada parte da sua casa com as próprias mãos (e em alguns momentos ajuda de amigos e familiares).

> *Me lo han oferecido. Pero yo soy cabeza dura, ya está ya lo peor ya lo pasé. No le quiero deber nada a nadie. Por ahí medio terco ya no porque no ya lo que venía no me resolvía nada, era más una lavada de cara. Que les servía a ellos, pero a mí no.*

Se as melhorias habitacionais e a construção de novas casas dentro do barrio seguem avançando, por outro lado, a titulação das terras ainda é obscura, pelo menos para os moradores e a insegurança é tema frequente nas conversas. Dentro do processo de urbanização, nem mesmo existe um eixo que trate da titulação e posse de terras. Por todo o histórico de tentativas de despejo, há da parte dos moradores muita desconfiança com as autoridades políticas envolvidas, como se evidencia na fala de Jesus:

> *El miedo que se tiene hoy, te digo, el miedo que se tiene hoy es que yo como habitante no pueda pagar. Y que haya un mercado abierto inmobiliario para que venga el tipo con el maletín y que me diga, bueno, no puedes pagar bueno, toma tanto...*

Em uma das tardes em que estou no bar de Carlos após a realização de uma entrevista, uma conversa se segue após o almoço, Carlos e outro referente do bairro conversam sobre a titulação das terras, eles comentam entre si que a melhor chance que tiveram nessa questão foi na época do presidente Carlos Menem. Durante o seu governo foi a primeira vez na história do *barrio* que se falou em manter as pessoas no território e titular os seus ocupantes.

As terras sobre as quais se encontra o *barrio* pertenciam na época a Nação Argentina, Menem, através do Decreto 1001 em 1989, destacava a possibilidade de vender as terras nacionais aos seus ocupantes a um preço menor que o valor de mercado. Esse decreto, entretanto, articulava duas situações, pois ao mesmo tempo em que possibilitava a venda das terras às famílias, privatizava uma série de instrumentos da política pública relacionada a provisão de moradias e serviços públicos, ou seja, a intenção era tratar o problema dos

moradores como simples titulação de terras descolada da moradia. As políticas da década de 90 estavam influenciadas enormemente pela teoria neoliberal, representadas especialmente por Hernando Soto, que associava regularização fundiária e fortalecimento do livre mercado dentro da máxima do Estado Mínimo.

Essa medida estava dentro da política colocada em curso de reforma do Estado e diminuição do mesmo. A titulação das terras e o fim da política pública habitacional, juntas no mesmo decreto, obscureceria a questão das condições econômicas precárias em que viviam os moradores, que ao receber apenas a posse da terra, seguiriam autoconstruindo ou venderiam a terra imediatamente por não ter como arcar com os custos que uma formalização sem mais respaldos gera no orçamento doméstico.

Segundo Carlos, meu entrevistado, os terrenos seriam vendidos a um valor muito abaixo do mercado. Entretanto, a transferência da propriedade dos terrenos da Nação para a municipalidade não aconteceu durante o governo Menem e a venda aos moradores nunca foi concretizada, sendo lembrada até hoje com enorme pesar por ter sido um grande “se” que nunca se realizou.

As terras tornaram-se municipais somente durante o mandato de Maurício Macri como presidente, em uma ação já no apagar das luzes de sua gestão. Essa transferência das terras da Nação para a municipalidade era a possibilidade de levar adiante o plano macrista de vender as terras *villeras* para a iniciativa privada, e isso seria liderado pelo prefeito de Buenos Aires Horacio Larreta, que é alinhado com a política neoliberal de Macri.

Para vender as terras públicas era necessário colocá-las no mercado formal e para isso tentou-se realizar a venda direta aos moradores, que não foi concretizada por resistência dos próprios que reclamaram a necessidade de políticas públicas e um plano para que isso não incorressem em expulsão de grande parte dos habitantes, que não teriam condições de arcar com os custos. Assim, encaminhou-se a realização do projeto de reurbanização em curso no *barrio* há alguns anos e que tem gerado melhorias fundamentais. Melhorias que deixam os moradores ainda mais em alerta, pois sabem que todas essas melhorias tornam as terras mais valorizadas e constituem-se em ameaças à permanência, não de forma violenta, como as tentativas de remoção que sofrem os moradores do Banhado, mas operacionalizada por outros meios.

Jesus, em nossa conversa, diz que as pessoas querem pagar pelas terras, mas que muitos não têm como e, além disso, os moradores não possuem informação de como está sendo encaminhada a questão da regularização fundiária.

> *Eso se está discutiendo todavía está en proceso, no sabría decirte si va a ser así o no. Va a ser así, pero la idea es que al ciudadano, al habitante del barrio, le dé garantías de que no haya ningún desalojo porque la situación económica hoy no es buena para muchos, inclusive las personas que Junta cartón.*
>
> *En la calle le tocó una vivienda. ¿No tienen para comer, cómo va a pagar? Es una situación difícil que estamos hoy, estamos en proceso. Se está discutiendo, hay mucha gente que está discutiendo este tema.*
>
> *¿Cómo se va a pagar los servicios? ¿De qué manera? ¿Y si no le pagas, qué plazo vamos a tener para que no te corten los servicios? ¿Digo, es un barrio vulnerable? No, no, no, no es que te dan la casa y te dan trabajo.*
>
> ***[...] La gente quiere pagar. Lo que pasa es que no puede. Y en ese proceso hay desconfianza. (Jesus)***
>
> ***Ningún ningún habitante quiere vivir de arriba toda la vida en un momento que tenemos que pagar algo, porque para eso está la estructura de pagar algo. (Saul)***

A transferência das terras da Nação para a municipalidade foi justificada como a quitação de uma dívida. Desde então, todas as leis e decretos tentaram possibilitar a disponibilidade das terras no mercado imobiliário. Não obtendo sucesso, o caminho para liberar essas terras para o mercado passa pela regularização fundiária, que se seguir o modelo de contrato das casas novas construídas no setor YPF, podem configurar-se em uma possível dívida para o morador, que, desprovido de fonte de recursos, em pouco tempo podem tornar-se inadimplente e perder seu teto e sua terra.

Pradilla (2013) alerta para esse tipo de situação de interesse nas áreas centrais, que estão diretamente relacionadas a processos de privatização do espaço público urbano. Processos de verticalização realizados pelo capital imobiliário-financeiro, estão modificando as operações e distribuição social dessas áreas, e são características da atual lógica de estruturação urbana.

A política de regulação de terra está completamente alinhada com a política de geração de renda, que dentro do projeto de urbanização leva o nome de eixo de desenvolvimento econômico sustentável. Sua máxima expressão é a *"Ley n.6.545, Integración Productiva e Impulso al Trabajo en Barrios Populares",* sancionada em junho de 2022. A lei foi

apelidada de *Ley Farmacity*, uma rede de farmácias muito capilarizada na cidade de Buenos Aires. O apelido se deve aos benefícios que a lei gera para grandes grupos como a Farmacity.

A *Ley Farmacity* merece destaque nessa pesquisa, pois trata-se de uma peça essencial no quebra cabeça da remoção lenta e gradual em curso. O *Observatorio de La Ciudad de Buenos Aires* tem denunciado que ao possibilitar a entrada de grandes cadeias de negócio no *barrio*, a hipótese é de que resultará no fechamento de muitos comércios locais, que não conseguirão concorrer com os preços praticados por essas grandes lojas. A perda da fonte de renda será combinada com a regularização fundiária. Assim, extinguir a fonte de renda para posteriormente vender as terras aos moradores, sem uma estrutura de financiamento favorável ao ocupante, poderá levar à liberação das terras para o mercado.

Para viabilizar a entrada desses grupos são necessários espaços vazios, que são raros no *barrio*. Quando pergunto a Saul onde essas grandes empresas irão se instalar, ele relata a sua suspeita: na área das casas novas do setor YPF. A área foi urbanizada e é dotada de grandes espaços livres. Tal fato colabora com a suspeita dos moradores de que esses espaços, na realidade, foram propositalmente reservados para a futura instalação dessas grandes redes de lojas. A imagem 40 mostra as casas novas do setor YPF e os grandes espaços livres gerados na urbanização desse setor.

> *[...] los únicos espacio físico que tienen para poder instalar, eso es lo que es viviendas nuevas [...]*
> *[...] porque hay sectores, tenemos corredores que dependen de no sé cómo lo detallan los arquitectos, nosotros más o menos conocemos como nudos, nudos o tiras de edificios laterales a cada entrada de cada edificio tienen como tienen un porcentaje de espacio físico de de tierra como para poder levantarlo y los diámetros que han dejado en cada entrada de cada parcela que depende dónde están los edificios.*

Figura 43: Casas novas do setor YPF e grandes espaços livres



Fonte: Autoria própria (2022).

A lei que supostamente geraria mais empregos dentro dos *barrios*, ao determinar que 30% das vagas sejam preenchidas por moradores locais, ao mesmo tempo dará incentivos fiscais de até 80% para essas empresas. Ou seja, trata-se de uma concorrência desleal com o comércio popular existente, uma vez que essa política fiscal favorece a entrada das grandes cadeias de lojas. Para essas empresas, instalar-se nos *barrios* sairá praticamente de graça, já que, por possuírem receita bruta elevada, conseguirão em pouco tempo recuperar na forma de abatimento fiscal o dinheiro que foi investido. Saul comenta as suas impressões:

> *Es para mí, yo como habitante eso pienso que es una estrategia que quieren manejarlos eso para poder deshabilitar, el comerciante chico de acá y gente que depende de qué vive de su negocio. Vive diariamente para poder comer [...]Ellos, mayormente el Gobierno de la ciudad, empuja a poner esas empresas para debilitar al habitante del barrio.*

A porcentagem de isenção fiscal ocorre por meio de ordem de inscrição no Registro de distritos econômicos, estando distribuído assim: do primeiro ao 15º inscrito 80% de retorno do investimento; 16º ao 30º inscrito 65% e do 31º em diante 50%. Saul conta na entrevista que empresários amigos do prefeito Larreta tinham informação privilegiada sobre

a lei e, por isso, já tinham contrato de aluguel firmado em alguns pontos do *barrio*, garantindo assim estar entre os 15 primeiros inscritos no Distrito e garantir o máximo auxílio fiscal.

Entre os maiores favorecidos pela lei estão a cadeia de açougues RES, cadeia de pagamentos Rapipago e a rede de farmácias *Farmacity* que inclusive leva o apelido que foi dado pela oposição a lei. Os moradores dos quatro bairros populares que seriam afetados por essa lei, *Padre Carlos Mugica, Rodrigo Bueno, Chacarita e Barrio 20* se organizaram para tentar impedir a sanção da lei (figura 41).

> *[...] y te van a traer un monstruo esto acá en el barrio a muchos comerciantes lo va a perjudicar, lo va a perjudicar porque como siempre digo a esta empresa Farmacity le hace falta que venda carne, verdura, pollo y pescado porque después vende todo lo demás, las cosas vende todo (Saul)*

Figura 44: Manifestação de moradores dos quatro bairros populares afetados pela Lei Farmacity



Fonte: https://www.noticiasurbanas.com.ar/noticias/sesion-caliente-los-gritos-de-moritran-y-la-ley-farmacity/

Saul considera a cadeia *Farmacity* uma grande ameaça a maioria dos comércios, pois concentram em um só lugar uma variedade de produtos e podem praticar preços mais baixos em uma concorrência desleal. A entrada delas no território significaria o fechamento de diversos *kioscos,* como o dele.

> *[...] La red de Farmacity es grandísima, tiene que trabaja las 24 horas que trabajan menos, y acá lo va a matar a la gente que ha trasladado sobre*

> *viviendas nuevas y más o menos en el lugar donde la pueden llegar a poner a la empresa está.*

A liberação de terras embaixo da autopista também parece bastante alinhada com a lei atual. O espaço a ser liberado se transforma em espaço público de uso livre, com mobiliários soltos e coloridos. Essas intervenções deixam a população em sinal de alerta, pois como denunciam Caballero; Gago, (2022, p. 74) *"estos terrenos fueron prometidos por el gobierno porteño a los especuladores inmobiliarios, y por eso ya comenzaron con demoliciones sin los permisos necesarios"* (figuras 42 e 43).

Figura 45: Espaço público abaixo da Autopista Illia



Fonte: Autoria própria (2022).

Figura 46: Espaço público abaixo da Autopista Illia



Fonte: Autoria própria (2022).

Segundo Koutsovitis et al (2022) também alinha-se a esse plano: a má qualidade das casas novas do setor YPF, a permissão nas escrituras para despejo em caso de inadimplência no pagamento das prestações das casas novas, que não se priorize a formalização dos serviços públicos nos *barrios* e as tentativas de venda de terras do entorno para pessoas jurídicas ou pessoas físicas, contrariando a Lei N° 27453 que versa sobre a integração urbana e social dos *barrios* populares e sobre a necessidade de que as terras sejam mantidas com os mesmo fins que foram ocupadas inicialmente.

Enquanto a municipalidade abre mão de um enorme valor em impostos que favorecem os grandes grupos econômicos, pouco é implementado para fomentar o comércio popular já existente. As anunciadas melhorias no comércio de rua se limitaram a intervenções pontuais na conhecida feira do *barrio*: fornecimento de barracas e alguma melhoria do espaço público. Além disso, a intervenção veio acompanhada de uma campanha para formalização dos feirantes, que passaram a contribuir com o *Monotributo*[16].

[16] O *Monotributo* é uma forma simplificada de recolhimento de imposto voltada para pequenos contribuintes. Ao pagar o *Monotributo* o contribuinte automaticamente está recolhendo para a aposentadoria e também pode usufruir de uma *Obra Social*, que são entidades financiadas pelos trabalhadores e cobrem contingências relacionadas a saúde e serviço social.

Figura 47*:* Intervenções pontuais na conhecida feira do barrio



Fonte: https://www.buenosaires.gob.ar/jefaturadegabinete/integracion/obras/espacios-publicos/feria-latina

A feira fica bem próxima ao terminal de ônibus do Retiro, um terminal de intenso movimento e atrai aos finais de semana pessoas de várias partes da cidade e turistas também. Assim, a intervenção da prefeitura no espaço se assemelha àquela realizada nas moradias: um toque de cor para torna mais divertido para os que olham de fora. Na essência, segue o mesmo: trabalhadores precarizados que após intervenção governamental pagam imposto.

Figura 48: Intervenções pontuais na conhecida feira do barrio



Fonte: https://www.buenosaires.gob.ar/jefaturadegabinete/integracion/obras/espacios-publicos/feria-latina

Dentro desse eixo econômico, o projeto de urbanização construiu o *Centro de Desarrollo Emprendedor y Laboral* (CEDEL), que está em funcionamento desde 2016, tendo sido inaugurado pelo atual prefeito da cidade, Horacio Larreta. De acordo com o discurso do prefeito, os objetivos principais do Centro são fomentar o acesso ao trabalho, **emponderar os empreendedores** com assessoria e formalizar as atividades econômicas do *barrio.* Ainda de acordo com a narrativa oficial o CEDEL busca gerar oportunidades para "desenvolver o **potencial empreendedor** e formalizar 100% dos comércios do *barrio*[17]*".*

O discurso do empreendedorismo, cada vez mais recorrente por parte do governo da cidade no âmbito do *barrio* se constrói, também, a partir dos comércios e serviços locais. A municipalidade tenta se aproveitar de uma característica que surge da necessidade de sobrevivência dos trabalhadores e transformá-la em empreendedorismo. O trabalho informal, sendo transformado em empreendedorismo, favorece a sua consolidação como parte do processo produtivo e como única alternativa ao mercado de trabalho no contexto

17 https://www.buenosaires.gob.ar/jefaturadegabinete/integracion/obras/equipamiento-sanitario/centro-de-desarrollo-emprendedor-y

de crise do assalariamento.

As diversas transformações em curso no mundo do trabalho criam um ambiente em que o discurso de convencimento do trabalhador, de que ele precisa ser flexível, reverbera na responsabilização do indivíduo pela sua própria empregabilidade (SILVA, 2001), afirmando que seu sucesso, tanto quanto seu fracasso, dependem dele mesmo (HARVEY, 2008). Assim, os territórios populares não escapam dessa lógica de falsa autonomia, que propaga um discursode convencimento do trabalhador de que empreender o possibilita deixar a classe trabalhadora e se aproximar do capital (OLIVEIRA, A. 2017).

A rua Alpaca, que concentra em aproximadamente 400 metros toda a sorte de comércios e serviços possíveis, é representativa dessa necessidade de sobrevivência. O que predomina são os *kioscos* e armazéns. Há uma centena deles, os açougues e lojas de frios também aparecem repetidas vezes. Mas há desde dentista até loja de móveis. Em termos de culinária há uma variedade de comidas latino americanas, reflexo dos inúmeros imigrantes que ali residem. Em sua maioria tratam-se de comércios informais, foco de atenção da municipalidade, que tenta formalizar as atividades para gerar arrecadação.

Na entrevista com Saul, que possui um *kiosco* em outra rua de comércio intenso, ele comenta que a estimativa é de que haja no bairro mais de 2000 comércios. A quantidade de "portinhas" tem se multiplicado, motivado principalmente pelo desemprego provocado pela pandemia da Covid-19. Muitos trabalhadores perderam seus postos e precisaram sobreviver a partir de um pequeno comércio em sua própria casa.

> *Natalia: En la pandemia, creció mucho el número de comercios?*
> *Saul: Calculares arriba del 200% porque mucha gente, mucha gente trabajava, mayormente los hombres. Han trabajado en empresa de construcción que no podían salir a trabajar porque estaba todo parado por asunto de la pandemia y mucha gente ha puesto casa, es lo que mayormente creció fueron la gastronomía y panadería.*

O aumento do número de comércios na cidade, e o crescimento do desemprego, questionam o discurso da municipalidade, que busca incentivar o empreendedorismo. Essa defesa aconteceu na inauguração da CEDEL (2016)[18] e em outros discursos oficiais. O grupo

[18] https://www.buenosaires.gob.ar/noticias/rodriguez-larreta-inauguro-el-centro-de-desarrollo-emprendedor-en-el-barrio-31-la

que está à frente da gestão pública do município coloca o ato de empreender como característica natural e vocacional dos moradores, e não com o que de fato é - uma alternativa frente o aumento do desemprego.

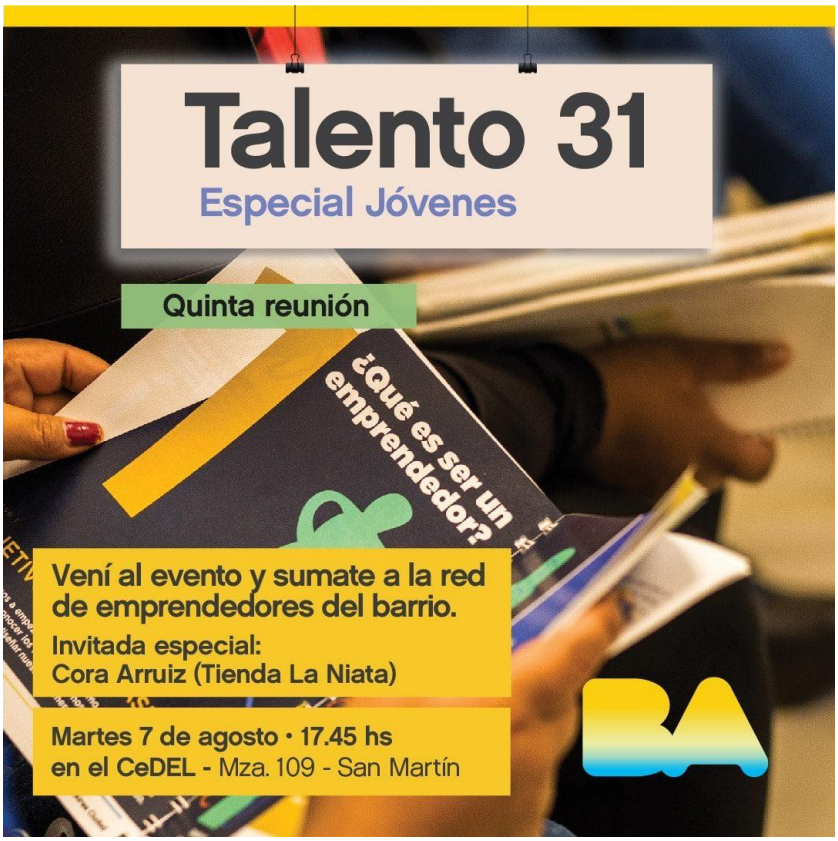
Saul me fala ainda sobre outro ponto da instalação dessas grandes lojas. A cidade de Buenos Aires possui um programa de subsídio mensal para famílias em situação de vulnerabilidade. Através de uma espécie de cartão de crédito pré-carregado as famílias recebem um valor médio mensal (que depende dos critérios de vulnerabilidade) e podem gastar com alimentação, higiene, limpeza, material escolar e gás de cozinha. Porém, a maioria dos comerciantes do *barrio* não aceitam esse cartão, enquanto essas grandes lojas sim. Logo, de acordo com Saul, muitos moradores deixarão de comprar no comércio popular local. E essa concorrência desleal é especialmente prejudicial para os comerciantes que alugam seus espaços para trabalhar.

> *Lamentablemente eso viene a destruir al comercio chico acá, él que puede subsistir va a subsistir y que no va a tener que bajar la cortina mayormente todos los que pagan alquileres, esa es la problemática. (Saul)*

Visando a empregabilidade da população e o incentivo ao empreendedorismo, muitos cursos são oferecidos dentro do *barrio* e qualquer morador pode realizá-los.

> *[...] por intermedio del Gobierno de ciudad hay muchos cursos, hacer muchos cursos, viste? Desde informatica .... Acá tenemos que le llaman ellos, que se llama Talento 31 se llama y ahí van bien en gentes chicos de afuera. ¿A dar posición, cómo tienes que hacer tu negocio o querer emprender en algo? Quería fabricar algo, ellos te explican. ¿Qué hacen los gastos? Y creció mucha gente, muchísima gente creció. (Saul)*

Figura 49: divulgação de reunião do programa Talento 31



Fonte: Facebook.

Além dos cursos oferecidos, a lógica empreendedora e meritocrática, que pouco a pouco vai sendo institucionalizada dentro da cidade de Buenos Aires, ganhou ainda mais propaganda com a abertura de uma unidade da rede de fast food mais famosa do mundo, o *Mc Donalds,* dentro do *barrio*. A loja abriu as suas portas no final de 2019 em uma das entradas do barrio, bem próximo à estação de ônibus do Retiro. O grupo Arcos Dorados, a maior franquia de *Mc Donalds* do mundo, decidiu "colaborar" no processo de integração do *barrio* com o restante da cidade e materializou seu apoio com o investimento financeiro na abertura dessa unidade. No planejamento estratégico para o local ficou decidido que a loja obteria mais sucesso se fosse gerida por alguém que também reside ali. Assim, o grupo fez todos os investimentos necessários e tornou uma moradora, que já era funcionária da rede há 8 anos, a "dona" da franquia. Os investimentos retornarão ao grupo mediante o pagamento dos royalties em um valor acima do usual pela trabalhadora. Esse caso passou a ser utilizado na mídia como exemplo de sucesso, destacando o potencial empreendedor da funcionária que se tornou "dona", após ser reconhecida pelos anos de trabalho na rede.

Outro caso, que virou um “case de sucesso”, é de um restaurante de comida peruana do barrio que ficou bastante conhecido na cidade em 2017, quando Horacio Larreta almoçou com a sua comitiva na cevicheria. Atualmente os comentários entre os moradores são de que o dono, que agora vê seu restaurante lotado de turistas vai abrir uma unidade em *Puerto Madero.* Um dos entrevistados comentou que se trata do “amigo do prefeito”, que já recebeu mentoria de chefes de cozinha famosos e agora iria abrir uma filial. O caso provoca certa insatisfação por parte de alguns referentes que não veem com bons olhos a proximidade.

> *Mira, pero por qué motivo va a poner (o restaurante em Puerto Madero) el porque tiene el apoyo del Gobierno de la ciudad?*
> *[...]el Gobierno de la ciudad ayuda, pero vós tienes que ser rehén de ellos en cambio.*
> *El motivo és que agarra la gente que la pueden dominar.*
> *[...] Nosotros sabemos cómo es la historia acá adentro entiendes?*

O descontentamento dos referentes se deve a cooptação de um morador pela municipalidade, que cria aliados dentro da comunidade para desarticular a luta. 50 anos atrás, possivelmente, esse vínculo não existiria, pois havia uma organização territorial muito influenciada pelo ambiente de trabalho, o que tornava o movimento muito resistente a negociações pontuais dessa ordem.

Entretanto, após a última ditadura civil-militar argentina, a comunidade perdeu capacidade organizativa, que pode ser atribuída ao medo que se perpetuou pela lembrança dos desaparecimentos e violências que sofreram aqueles que se posicionaram contrariamente ao regime, ao crescimento do desemprego e trabalho informal que modificou as relações de trabalho e o rompimento pelo desemprego dos laços de solidariedade no ambiente laboral, que historicamente influenciou e formou os principais referentes do *barrio* (SNITCOFSKY, 2022). Esses fatores todos colaboraram para tornar as pessoas mais individualistas e desmobilizadas, o que favorece as práticas clientelistas.

Além disso, a chegada de Macri ao executivo nacional, tendo Larreta como seu sucessor na prefeitura de Buenos Aires, manteve em marcha e reforçou a lógica da competição, do investimento, do esforço individual. Com empresários como “gestores” dos governos nacional e municipal e um descrédito da figura política, a forma empresa torna-se o modelo de subjetividade da sociedade e reforça a figura do empresário de si.

Esse sequestro neoliberal das instituições e da subjetividade é especialmente importante, no caso do *barrio*, com seu longo e sólido histórico de organização popular moldada a luz do sindicalismo. É essencial para o projeto neoliberal de expulsão das famílias que o neoliberalismo se entranhe nesse território e opere na reconfiguração da subjetividade do trabalhador, borrando a figura do trabalhador e introduzindo a do empresário de si. Essa reconfiguração visa apagar a dimensão coletiva e qualquer expectativa de projeto emancipatório.

O caso do restaurante de ceviche ilustra bastante bem o modus operandi neoliberal. Um comerciante entre tantos do *barrio* é cooptado pelo chefe do executivo, que lhe oferece oportunidades fora do *barrio*, encenando uma mudança de vida individual e não mais coletiva. Para alguns moradores é visto com desaprovação, para outros funciona como propaganda da racionalidade neoliberal e incute o sonho: descolar-se da luta e tornar-se menos *villero* para também ser bem-sucedido.

O individualismo é traço característico do neoliberalismo, que altera a experiência coletiva dos trabalhadores e trabalhadoras (RIZEK, 2020), no qual não há nenhuma preocupação com o bem-estar coletivo ou com a construção de um processo de emancipação. O empreendedorismo é um importante pilar na construção do individualismo, tornando a luta pela sobrevivência algo singular e delegando a cada um a responsabilidade pelo sucesso, bem como pelo fracasso (ALVIM; NUNES; CASTRO, 2012).

Reforçar o empreendedorismo, o individualismo e tentar apagar o conceito de classe trabalhadora é especialmente importante no *barrio*, pois a dimensão do trabalho sempre foi pautada pelos *villeros*, que, historicamente, se identificam como trabalhadores, como no fragmento extraído do Boletín de Villas, na década de 60, no trabalho de Snitcofsky (2002):

> *"Nosotros somos trabajadores, somos los que construimos con nuestro esfuerzo la riqueza del país, somos los hombres y mujeres que en las fábricas, el puerto, en las obras de construcción, en los comercios, damos nuestro trabajo para beneficio de todos (...)" (p. 96).*
>
> *"Queremos ser actores y no meros receptores pasivos (…) construyendo nuestra organización y nuestras viviendas construiremos el poder de la clase trabajadora" (p. 170).*

Invocar a condição de trabalhadores foi a forma como eles encontraram de legitimar suas reivindicações por melhorias nos bairros. Desde o início os moradores do *barrio* tem uma

forte ligação com o trabalho. Uma quantidade considerável deles eram trabalhadores portuários e outros tantos trabalhavam nas fábricas e na ferrovia. Isso moldou a própria organização interna territorial, como já mencionado anteriormente.

Durante tentativas de remoção, assédio e hostilização desses moradores, suas defesas sempre utilizaram a narrativa de serem trabalhadores impossibilitados de pagar por um outro lugar de moradia. E isso parece estar presente até hoje, nas falas dos entrevistados, que sempre reivindicaram o título de trabalhadores. Os ensinamentos que atravessaram gerações e resistiu até mesmo ao maior despejo que o *barrio* já passou na década de 1970. Esses ensinamentos ainda estão vivos entre os presentes, mesmo que bastante diferente do que já foi um dia, por todo o contexto. O *barrio* segue cheio de trabalhadores tentando ganhar a vida, e assumindo uma postura de resistência frente as políticas neoliberais do governo da cidade na tentativa de desarticular as suas organizações e a economia popular que são os pilares que mantém o bairro em pé.

O último dos eixos do projeto de urbanização do *barrio* é o de integração social e urbana que, apesar de anunciar a promoção de integração, não integram, apenas segregam. Exemplo disso é o fato de que apesar de estar a 5 minutos a pé de *Palermo*, um dos bairros mais chiques e turísticos da capital, e a 3 minutos da *Faculdad de Derecho*, nenhuma obra de infraestrutura foi feita para conectar as famílias e esses espaços. A linha de trem e o alambrado que a cerca, continua sendo uma barreira física enorme e simbólica, que mantém apartado os moradores do restante da cidade (figuras 47 e 48).

Figura 50: *Faculdad de Derecho* da UBA e *barrio Padre Carlos Mugica* ao fundo



Fonte: Autoria própria (2022).

Figura 51: Alambrado da linha de trem que cerca o barrio Padre Carlos Mugica



Fonte: Autoria própria (2022).

As ações para a integração do barrio à cidade envolveram também a construção de um edifício para abrigar o Ministério da Educação, que saiu das proximidades da Casa Rosada, na área central da cidade, para se instalar na *Villa 31*. A justificativa do poder público para essa mudança foi aumentar o mercado consumidor e incentivar a abertura de novos comércios no barrio. Entretanto, o setor no qual está instalado o Ministério, próximo das casas novas do setor YPF, é um dos mais desertos de atividade comercial (figuras 49 e 50).

Figura 52: Edifício do Ministério da Educação



Fonte: https://www.buenosaires.gob.ar/jefaturadegabinete/integracion/obras/educacion/polo-educativo-maria-elena-walsh

Figura 53: Ministério da educação e setor YPF



Fonte: Autoria própria (2022).

A mudança do edifício do Ministério da educação para dentro do *barrio* trouxe alterações significativas em alguns aspectos do *barrio*, entre eles o reforço da segurança municipal. Por todas as partes é possível avistar e ser avistado por um policial, na minha experiência individual na cidade foi onde vi a maior concentração de policias fazendo ronda.

Antes da chegada do Ministério me relatam que não era exatamente assim. Outro ponto modificado foi o transporte público, as linhas de transporte coletivo não entravam no *barrio* antes de 2020. Atualmente, uma linha atende o interior do *barrio* até o horário de encerramento das atividades ministeriais.

No período noturno ainda não circulação de coletivos no *barrio*, o que dificulta a vida dos moradores dos setores mais afastados do terminal de ônibus do Retiro, que necessitam caminhar longas distâncias da casa até o ponto mais próximo. A dificuldade de locomoção a noite também é encontrada no uso dos aplicativos de transporte que não entram no *barrio*.

O transporte público, que de forma geral é estruturado para levar o trabalhador para o trabalho, em péssimas condições deve-se ressaltar, no caso do *barrio Carlos Mugica*, mas não exclusivamente, não atende nem mesmo essa demanda. O transporte está pensado para atender as demandas dos trabalhadores, mas somente daqueles que trabalham no prédio

ministerial. Os trabalhadores residentes no *barrio*, que precisam de transporte noturno, não estão no planejamento da cidade.

Outra grande obra a ser realizada no *barrio* é o futuro escritório do BID. Esse escritório será o segundo maior em importância, atrás somente de Washington - EUA. O edifício será ocupado por 180 funcionários do BID e BID Invest, ramo do Grupo BID, para operações no setor privado. Quem assina o projeto é Alejandro Aravena do escritório Elemental, o edifício terá um parque linear na cobertura que servirá de ponte conectando o *barrio Padre Carlos Mugica* a *Recoleta*. De acordo com o arquiteto, o prédio almeja permitir "o acesso dos moradores a oportunidades de emprego, serviço e transporte público" (DEJTIAR, 2018). Para instalar-se no local os deputados argentinos permitiram que o Banco utilize o terreno por 100 anos.

O edifício do BID seria, finalmente, a ligação física que a comunidade tanto anseia. Mas as obras, até 2022, nem mesmo começaram. Enquanto isso, avançam as leis que tentam remover a população moradora. A implementação desses grandes edifícios acende o alerta nos moradores: Afinal, essa dotação toda da área, é a preparação do *barrio* para eles ou para o mercado? (figura 51).

Figura 54: Projeto do novo edifício do BID no *barrio Padre Carlos Mugica*



Fonte: Archdaily (2018)

Esse eixo também inclui melhorias na infraestrutura existente, tais como sistemas de água e esgoto, eletricidade, melhorias nos espaços públicos como parques, praças e campos de futebol e a construção de um novo parque no topo da atual *Autopista Ilia* que corta o

barrio (TOLAND, 2018). Entretanto, as obras de saneamento em 2022 ainda não foram concluídas, a população enfrentou a pandemia da COVID-19 em alguns momentos sem água e muitos sem esgoto, a falta de saneamento básico fez com que o *barrio* fosse um dos locais com maior número de infectados pelos vírus SARS – CoV2, sendo que, em certo momento, a cada 3 casos da doença na cidade, 1 era morador do *barrio*.

É importante também observar que para as obras de saneamento, projetos de infraestrutura, melhorias nas ruas, linhas elétricas, construção de novas casas e melhorias nos espaços públicos foram contratadas grandes construtoras (TOLAND, 2018). Já para a realização das obras de melhorias nas residências existentes sob o *Programa de Mejoramiento de Vivienda* (PMV) e também melhorias em espaços públicos menos complexos e menos exigentes, como praças, campos de futebol e lanchonetes foram contratadas cooperativas locais.

Entretanto, Jorge denuncia:

> *Las cosas grandes no nos dan la posibilidad. No. Y no sé si el día de mañana los que nos dijeron nosotros hoy están las cooperativas haciendo mejoramientos de vivienda. [...] Lo que si la empresa es grande dice que es muy difícil para ellos trabajar adentro. Que siempre va a necesitar de las cooperativas que conocen, sacan la basura hacia los puntos donde ellos levantan. Hasta ahí puede ser. Pero hoy no está. No hay esa señal de que nosotros vamos a quedar haciendo algo como fuente de laburo. No no lo veo yo.*

Aos moradores são dadas oportunidades de fazer pequenos reparos dentro da grandiosidade das obras de urbanização que estão em curso. Não são oportunidades de constituir renda de forma estruturada. A integração social e urbana, que passaria pela geração de emprego e renda, não tem espaço dentro de um modo de gerir a cidade regida pela racionalidade neoliberal que se aproveita do solapamento das condições de vida. O plano é integrar um ou outro, para servir de propaganda política, mas promover renda e fortalecimento de cooperativas, que pelo histórico de organização e luta sindical podem tornar-se um problema frente ao avanço das políticas neoliberais, está fora de questão.

A seguir algumas imagens que sintetizam as principais manifestações observadas e os impactos na realidade dos moradores.

Figura 55: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidadedo trabalho no *Barrio Padre Carlos Mugica*



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 56: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade do teto no *Barrio Padre Carlos Mugica*



Fonte: Autoria própria (2023).

Figura 57: Síntese sobre manifestação e impacto da informalidade da terra no *Barrio Padre Carlos Mugica*



Fonte: Autoria própria (2023).

CAPÍTULO 3 – OS OBJETOS NO ESPELHO

Por fim, algumas discussões colocam-se como necessárias, dada a complexidade dos objetos de estudos e os caminhos de compreensão traçados pela pesquisadora. Neste capítulo, nos propomos a entrelaçar algumas pontas ainda soltas, dentro do que nos é possível, e pontuar caminhos de compreensão acerca das categorias de análise e sua relação com a razão neoliberal e sua penetração nesses espaços.

Na busca por entender os objetos dessa pesquisa da forma mais aprofundada possível, o aporte teórico de alguns autores como Verónica Gago, Christian Laval e Pierre Dardot, e seus trabalhos, geraram importantes lentes utilizadas para a leitura desses dois territórios. Amparados por essa literatura, novas camadas foram adicionadas sobre as informalidades estudadas que nos ajudaram a construir o objetivo principal que essa pesquisa busca responder: 1. Como as informalidades da terra do trabalho e do teto relacionam-se com o processo de construção da nova racionalidade neoliberal?

Para isso, recuperamos aqui as manifestações e impactos das informalidades, que foram apresentadas nos capítulos anteriores, e demonstramos como cada uma delas cumpre uma função dentro do processo de construção dessa nova subjetividade neoliberal, que visa sujeitos cada vez mais competitivos e individualistas, e como elas se relacionam no interior desse processo.

Manifestações e impactos das informalidades em cada objeto de estudo

A pesquisa demonstra como essa construção de uma nova racionalidade, que encontra nas informalidades importantes ferramentas, passa essencialmente pelo endividamento, empobrecimento do sujeito e piora das condições de vida, que busca solapar a experiência coletiva e desmanchar os laços de solidariedade. Assim, à medida que compreendeu-se cada uma das manifestações dessas informalidades e seus impactos na vida dos moradores, pode-se compreender o alinhamento que elas possuíam com a construção dessa lógica, e isso está demonstrado nas linhas a seguir.

Procedendo, com uma análise ponto a ponto, no que diz respeito à informalidade do trabalho, primeiro destaca-se o Banhado. Tanto os questionários aplicados pelo grupo de pesquisa PexUrb, quanto às entrevistas realizadas com alguns moradores, no âmbito dessa pesquisa, possibilitaram a compreensão do universo de profissões que ali existem. Tratam-se de pintores, motoboys, pedreiros, barbeiro, carroceiro, seguranças, diaristas, manobristas, babás, jardineiros, cozinheiras, manicures, porteiros, vendedores e trabalhadores domésticos. Boa parte destas, sem registro em carteira e com relações frágeis de trabalho. Pôde-se compreender, também, um pouco mais sobre os locais de trabalho dessa população. Do total de pessoas que responderam ao questionário, 40% exercem atividades laborais na própria comunidade e 15% em um raio de até 1 km, que corresponde a área central da cidade de São José dos Campos e condomínios de alto padrão que se encontram no entorno.

Essas informações ajudaram a traçar o perfil de pessoas que gostaríamos de entrevistar para essa pesquisa, trabalhadores autônomos ou trabalhadores assalariados sem registro na carteira, para compreender melhor a trajetória de vida e o impacto das informalidades no cotidiano. Entretanto, durante o processo de busca por pessoas dispostas a contribuir com a pesquisa, não obtivemos sucesso na busca por assalariados sem registro dispostos a conversarem, assim o foco das entrevistas ficou com o grupo dos autônomos.

Após a realização das entrevistas qualitativas, a retomada dos dados colhidos pelo grupo PexUrb nos idos de 2019 ganham uma outra interpretação. Possivelmente os resultados sobre local de trabalho com separação entre “trabalhar em casa” e “trabalhar em um raio de até 1km” fizeram sombra no que interpretamos posteriormente, com as conversas individuais. Os limites entre trabalhar em casa e trabalhar na rua estão totalmente borrados no caso do Banhado. Primeiramente, esses dois ambientes, casa e rua, são naturalmente

concebidos como ambiente de trabalho, esse é o primeiro ponto. Em seguida, podemos avaliar que, para muitos, não existe essa separação “trabalhar em casa” e “trabalhar na rua''. Eles são complementares, a rua tornou-se uma extensão da casa, lugar que possibilita a realização da renda de muitos.

Essas interpretações nos levam a refletir sobre um outro ponto: a importância de residir em área central. Se inicialmente, a casa no centro da cidade representava, para o trabalhador, a possibilidade de estar perto de ofertas de trabalho, por poder buscar emprego mais facilmente e não precisar pagar condução, as entrevistas revelaram outras questões. Morar no centro parece configurar, dentro do que mostram as entrevistas, uma possibilidade de acessar clientes com mais facilidade (no caso de quem trabalha com o setor terciário) e garantir o sustento da família.

Nesse contexto, em que o horizonte do assalariamento parece cada mais distante, desmotivados pela entrega incessante de currículos que nunca resultam em contratação, os moradores do Banhado veem o centro não mais como um lugar da cidade dotado de oportunidades de emprego, por concentrar comércios e serviços, mas sim, como um enorme mercado a céu aberto, ao qual podem recorrer, seja para vender o que produzem ou para recolher o que se descarta nessas áreas.

Essa mudança aconteceu ao longo dos anos e podemos, através da literatura, compreender que a diminuição da oferta de emprego foi causada pela reestruturação produtiva, incremento tecnológico e crises mundiais que estão no bojo do processo de construção de uma nova racionalidade neoliberal. Assim, podemos entender o impacto disso também através das micro-histórias narradas por aqueles que entrevistei.

No passado, narram meus interlocutores, havia abundância de vagas. Podia-se até mesmo escolher (claro que dentro das possibilidades colocadas a trabalhadores explorados) aquela que parecia mais adequada ou vantajosa, mas com o passar dos anos, cada trabalhador sentiu na pele o aumento da dificuldade em ser chamado ao menos a uma entrevista. E não se pode esquecer que, para além das mudanças no mundo do trabalho, recai sobre os moradores do Banhado o fato de os últimos 10 anos, especialmente, serem de ataques do poder público local à comunidade, com gestões municipais neoliberais, dedicadas a construir uma narrativa falaciosa de violência e criminalidade sobre a comunidade, o que dificulta ainda mais a busca por emprego.

Sem maiores possibilidades de contratação, muitos moradores precisam empenhar seus conhecimentos ou adquirir novos, para realizar alguma atividade com a qual possam aferir renda para sobreviver. Frequentemente é necessário envolver mais de uma pessoa da casa para dar conta da tarefa que, entretanto, não remunera suficientemente nem mesmo um. Dessa forma os indivíduos são arrolados neste processo de busca pela sobrevivência, desenvolvendo funções individualizadas ou restritas ao núcleo familiar, em que não há segmentação do espaço, assim como não há divisão de tempo de trabalho e descanso, trabalha-se cada vez mais, ganha-se cada vez menos. Com as atividades encerradas dentro de cada casa, que são também unidades produtivas, não são desenvolvidas relações com outros trabalhadores, porque não há encontro promovido. Todos os limites estão borrados.

Esse modus operandi, que marca a vida dessas pessoas, conhecida como viração, que pode ser definida como movimento permanente, no limiar entre ocupações formais e informais, que surge da falta de estabilidade e de direitos (ABÍLIO, 2021), é apropriado pelo neoliberalismo e destacado como traço empreendedor do sujeito (DARDOT; LAVAL, 2016).

Dentro da construção dessa nova racionalidade, o empreendedorismo é visto e incentivado como uma forma de governo de si mesmo, afinal o pensamento neoliberal acredita que "Todo indivíduo tem algo de empreendedorístico dentro dele, e é característica da economia de mercado liberar e estimular esse "empreendedorismo" humano" (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 145). E o que se observa nas entrevistas é a permeabilidade que esse discurso encontra e como ele vai sendo aos poucos interiorizado pelo trabalhador.

> A pura dimensão do empreendedorismo, a vigilância em busca da oportunidade comercial, é uma relação de si para si mesmo que se encontra na base da crítica à interferência. Somos todos empreendedores, ou melhor, todos aprendemos a ser empreendedores. Apenas pelo jogo do mercado nós nos educamos a nos governar como empreendedores. Isso significa também que, se o mercado é visto como um livre espaço para os empreendedores, todas as relações humanas podem ser afetadas por essa dimensão empresarial, constitutiva do humano (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 145).

Isso pode ser observado também, por exemplo, em um dos maiores eventos de empreendedorismo direcionado a moradores de favelas no país: a Expo Favela[19]. Durante a exposição de Renato Meireles, presidente do Instituto Locomotiva, foram apresentados os

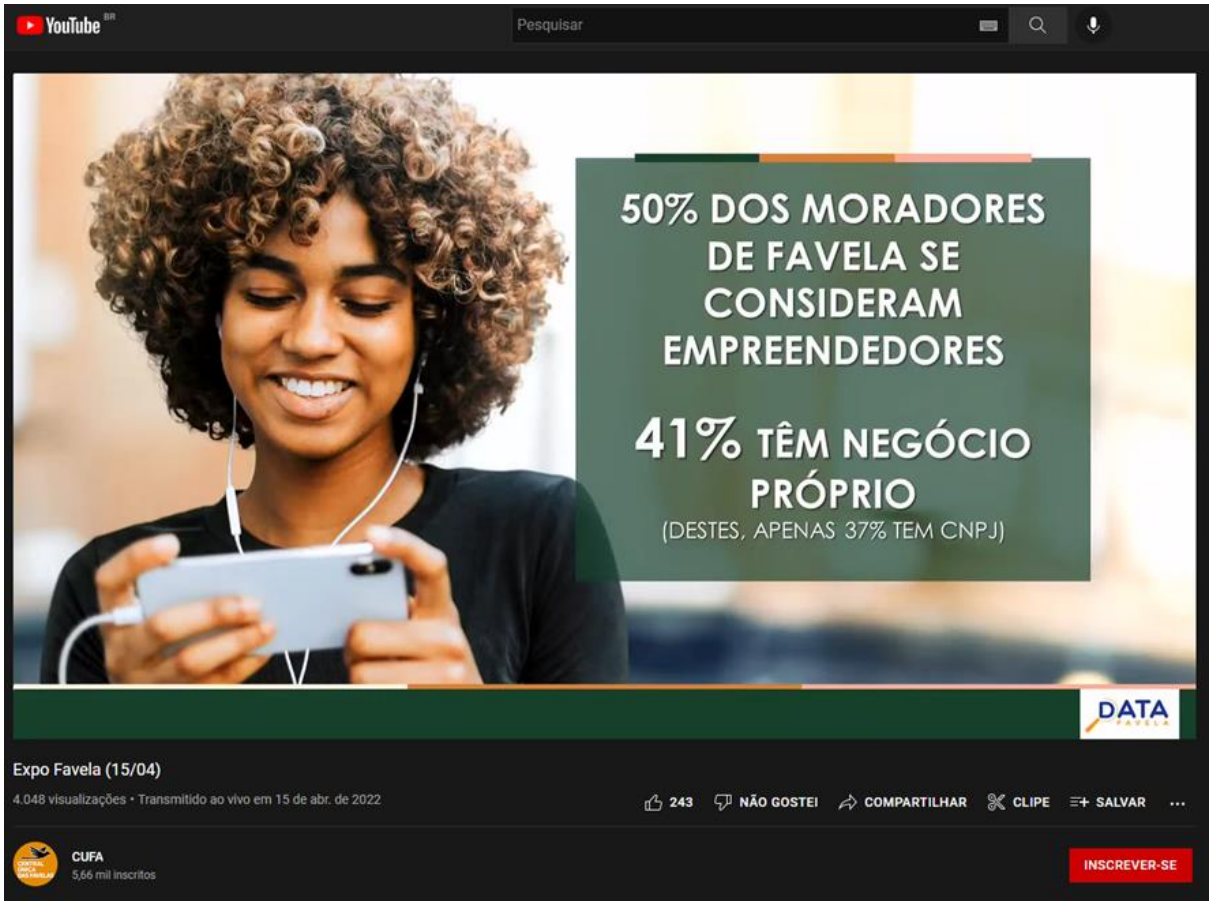
[19] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xXaPg0kBfgo&t=4515s. Acesso em agosto de 2022

resultados da pesquisa Data Favela mais recente. Essa pesquisa é realizada em favelas de todo o território nacional e agrupa informações relevantes. Entretanto, ela não está disponível para consulta, de forma que os dados trazidos a seguir foram utilizados por Meireles em sua fala enquanto defendia que a favela pode ser vista como “Oportunidades para criação de riqueza compartilhada”. Renato declarou que:

> O maior sonho profissional da favela não é um emprego com carteira assinada, não é um serviço público, o maior sonho profissional da favela e é o que faz esse auditório estar lotado, é ter seu próprio negócio, é ser dono do seu horário, é não ter que abaixar a cabeça para um chefe machista, um chefe racista, é ser dono do próprio negócio, é por isso que vocês estão aqui.

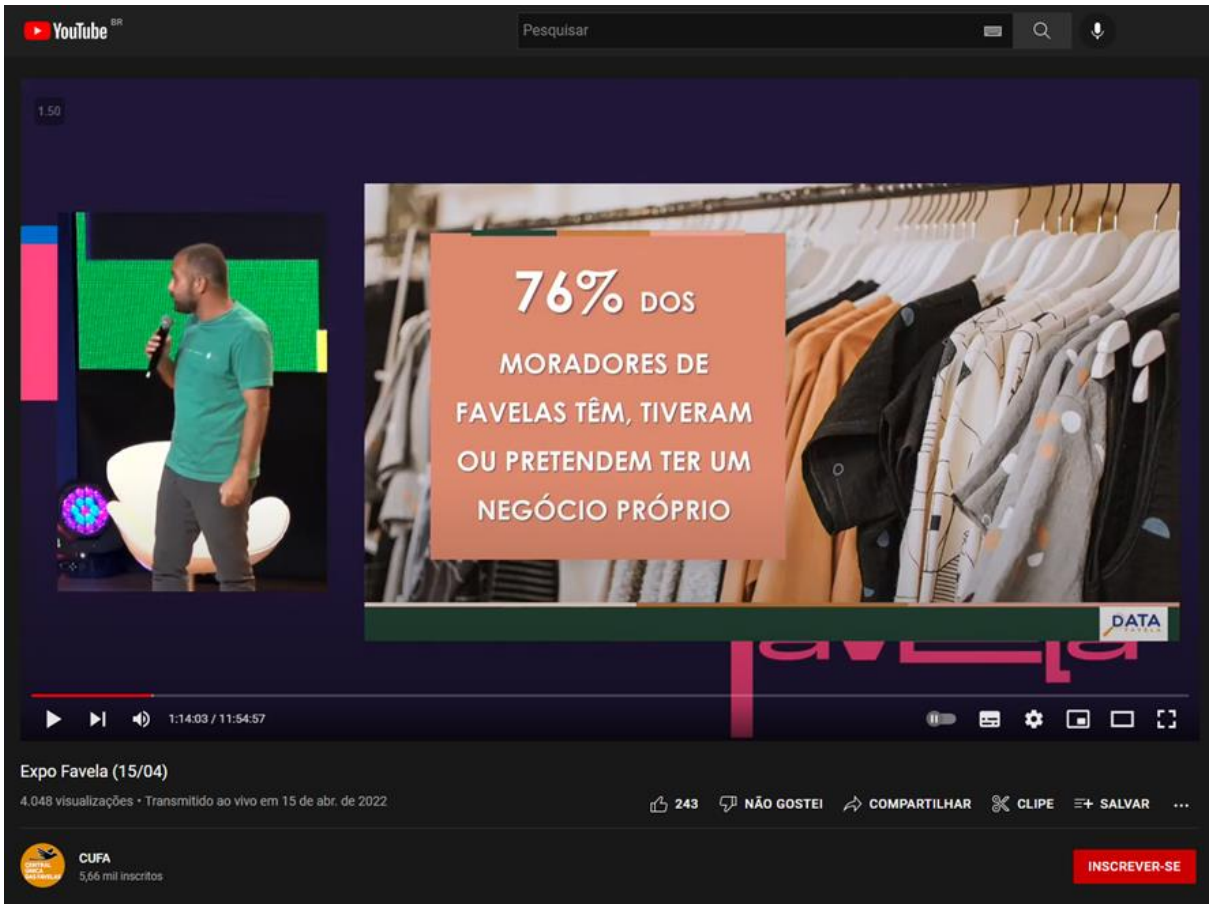
Essa narrativa se apoiava nos dados apresentados por ele como os que se seguem abaixo (figuras 52 e 53):

Figura 58: Divulgação da pesquisa Data Favela



Fonte: Expo Favela, exposição de Renato Meireles, 2022

Figura 59: Divulgação da pesquisa Data Favela



Fonte: Expo Favela, exposição de Renato Meireles, 2022

A sua exposição finaliza trazendo uma máxima sobre o empreendedorismo e a favela, nas suas palavras “empreendedorismo é o que faz os moradores da favela dormirem tarde e acordarem cedo para conseguirem sustentar a sua família. A Expo Favela existe para trazer investimento para a favela, para trazer formação e clientes para a favela”. Esse culto ao empreendedorismo, que Castro (2014) chama de razão empreendedora, de convencimento do trabalhador de que o autoemprego é a solução, era o Norte da sua apresentação.

Ou seja, o discurso empreendedor avança porque encontra espaço em um contexto de ausência de um Estado de Bem-Estar Social, com a insuficiência do assalariamento, o neoliberalismo opera na materialidade tornando as condições de vida cada vez piores e no discurso ao se vender como possibilidade de mudança de vida. **As transformações neoliberais são um dado decisivo pois articulam complexadamente uma rede pujante de informalização com dinâmicas empreendedoras em um contexto de flexibilização e despossessão de direitos** (GAGO, 2014).

Por isso, pensar que a superação do neoliberalismo depende exclusivamente de governos que se declaram mais ou menos alinhados com essa política é um erro. Isso posto é necessário aprofundar a reflexão sobre como esse imperativo de governo se articula com formas de invenção não redutíveis, embora também não sejam totalmente incompatíveis com o diagrama neoliberal (GAGO, 2014).

Figura 60: Empreendedorismo e Favela na exposição de Renato Meireles



Fonte: Expo Favela, exposição de Renato Meireles, 2022

De forma geral, em diversos momentos e nas falas de diferentes palestrantes do evento, as favelas eram proclamadas como “lugar de potência e não de carência” e clamava-se por mais parcerias com empresas, crédito para empreendedores da favela e investimentos privados. Proteção social e horizonte de direitos eram desconsiderados à medida que estimulava-se, a todo tempo, o incentivo ao autoemprego como solução generalizada.

Voltando ao Banhado, por tratar-se de uma favela, ressaltamos que a principal expressão da informalidade no âmbito do território é a falta de titularidade das terras, que para além da insegurança da posse, submete os residentes a condições de precarização do

ambiente que se realizam por omissão do Estado na provisão de condições de habitabilidade do bairro. Os moradores precisam conviver desde escombros de demolição, ao assédio da prefeitura, que tenta negociar individualmente com os moradores oferecendo valores irrisórios em troca do abandono do bairro. Essas violências físicas e psicológicas, a que estão submetidos os moradores, se expressam também na impossibilidade de construir ou reformar suas próprias casas.

Assim, a definição da autoconstrução como principal manifestação da informalidade no contexto atual, foi o ponto mais difícil de ser definido de toda a pesquisa, uma vez que, apesar de ser um componente fundamental do processo de constituição do Banhado, afinal trata-se de um bairro autoconstruído, a autoconstrução quase não se realiza hoje, pela violência que o Estado impõe a essas pessoas. Assim, a informalidade do teto, no caso do Banhado, que se realiza em uma ação imposta ou em uma inibição, reforça que, não somente ela, mas todas as outras informalidades, as quais estão submetidos esses moradores, não são de responsabilidade destes, mas sim imposições ou omissões que resultam nas manifestações de informalidade que aqui compreendemos.

A cultura do autoemprego, motivada especialmente pelo encolhimento das possibilidades de trabalho assalariado e necessidade de sobreviver também cresceu no *barrio Padre Carlos Mugica*, que está repleto de pequenos comércios. Estes constituem uma densa economia popular, vital para o funcionamento do *barrio*, pois muitos moradores consomem no comércio local, além de outros consumidores que frequentam a feira do bairro. Além disso, há também um giro da economia à medida que muitos comerciantes locam seus pontos comerciais de outros moradores, para estarem melhor localizados dentro do *barrio*. Por fim, há também vendedores ambulantes de toda sorte de produtos pelas ruas do *barrio* e entorno próximo.

Assim, o objetivo inicial no *barrio Padre Mugica* era entrevistar trabalhadores autônomos, tal qual aconteceu com as entrevistas realizadas no Banhado, para compreender o cenário da realização do autoemprego e como ele se alinha com as demais informalidades aqui investigadas. No decorrer da pesquisa, foi possível conversar com alguns trabalhadores autônomos e um trabalhador aposentado.

Nesse ponto é importante reforçar os aspectos históricos relacionados às relações de trabalho dos moradores, que condicionaram a organização territorial de resistência à remoção e luta pela urbanização, que se tornou um símbolo da história do *barrio*.

Ao longo dos anos, por fatores econômicos e políticos, as ocupações predominantes foram alteradas. Passou-se de uma maioria de trabalhadores assalariados para um bairro com comércio expressivo, não apenas em pontos comerciais ou nas feiras regulares, mas, espalhados pelas ruas, há sempre pessoas comercializando produtos. Assim como no Banhado, essa forma de trabalho conforma atividades mais individuais, bem distintas das que ocorriam no século passado, quando do surgimento do *barrio*.

Esse trabalho por conta própria como forma de sobrevivência é o que se identifica como principal manifestação do trabalho informal no *barrio*. E o movimento de cooptação desse tipo de trabalho em empreendedorismo também ocorre e tem contornos mais nítidos à medida que existe, dentro do *barrio*, um espaço criado especificamente para fomentar o empreendedorismo: o CEDEL.

As últimas gestões municipais da cidade de Buenos Aires, e a atual, possuem uma forma neoliberal de governo, com políticas públicas que incentivam o empreendedorismo de forma generalizada na cidade. Essas gestões municipais adotaram a lógica empresarial como forma de gerir a cidade. Parte desse processo também inclui a cooptação de alguns moradores, que são utilizados como propaganda dessa racionalidade pautada pela lógica da superação individual. O desmonte da característica coletiva construída historicamente nesse *barrio*, é central no processo de introjeção do neoliberalismo. Afinal, grandes conquistas foram alcançadas pelos trabalhadores quando se organizavam de forma coletiva no ambiente de trabalho e no território

A partir dessas políticas, ocorre uma mudança do perfil do trabalhador. Isto liga-se a um processo de encolhimento do assalariamento e necessidade de sobreviver, não em explicações que se apoie em vocação para empreender, como pontua o poder público municipal. A crise da pandemia intensificou esse processo de informalização do trabalho. Cada vez mais difundido, o autoemprego faz com que cada vez se trabalhe mais e ganhe menos. O empobrecimento da classe trabalhadora foi muito acentuado pela pandemia.

Esse empobrecimento também está no centro da questão do intenso mercado de aluguel, que cresce à medida que essa população perde o poder de compra. O mercado de aluguel foi observado no âmbito dessa pesquisa como a principal expressão da informalidade no que diz respeito à moradia, no casso do *barrio*.

O aluguel, que pode ser visto como uma forma de auferir renda por uma parte população que não possui outros meios de sobreviver, figura hoje como uma possibilidade de

acesso à terra nos *barrios populares* (CRAVINO, 2006). Nessa perspectiva, o aluguel configura uma via de mão dupla: provê renda a quem precisa e é uma alternativa de residência a quem necessita. Entretanto, a locação também é um mercado lucrativo para alguns grupos de proprietários que intensificam a extração de renda a partir dos aluguéis.

Gago e Cavallero (2022) apontam que a casa passou a funcionar como um laboratório de intensificação da extração de renda, que se alimenta de duas problemáticas: o aumento do endividamento familiar doméstico, junto com o aumento do preço dos aluguéis, devido a desregulação do mercado. Assim, o empobrecimento junto com o endividamento são chaves de leitura importantes no contexto do *barrio*, uma vez que, esses dois processos estão diretamente ligados aos moldes do processo de urbanização que vem se desenvolvendo, que as autoras vão chamar de urbanização por endividamento, uma vez que, nesse processo de titulação de novas moradias e formalização dos serviços, ocorre um endividamento da população.

Assim, as tentativas de liberação do solo utilizam-se de estratégias como por exemplo a violência da dívida, que no processo de urbanização invisibiliza os mecanismos de remoção, que estão sempre no horizonte, como as realocações forçadas e novas casas em péssimas condições de habitabilidade que parecem denunciar a provisoriedade que possuem (GAGO, CAVALLERO, 2022). Ou do uso da legislação em favor do mercado, sendo a *Ley Farmacity*, por exemplo, a sua máxima expressão, ao incentivar e facilitar a entrada de grandes lojas no *barrio* que podem promover o declínio dos pequenos comércios.

Reflexões sobre o conceito de informalidade

A busca por uma definição do conceito de informalidade, esteve no centro dos objetivos da pesquisa desde o início, entretanto durante o desenvolvimento dos trabalhos de campo, evidenciou-se a necessidade de uma interpretação própria dessa característica a partir da leitura do próprio campo.

Tendo em vista que a noção de informalidade é relacional, historicamente constituída e dependente da definição de formalidade, à medida que essas duas definições perderam seus contornos claros (RIZEK, 2020), torna-se complexo definir exatamente do que trata a informalidade. A busca por uma definição do conceito de informalidade esteve no centro dos objetivos da pesquisa desde o início. Entretanto, durante o desenvolvimento dos trabalhos de campo, evidenciou-se a necessidade de uma interpretação própria dessa característica a partir da leitura do próprio campo.

Tendo em vista que a noção de informalidade é relacional, historicamente constituída e dependente da definição de formalidade, à medida que essas duas definições perderam seus contornos claros (RIZEK, 2020), torna-se complexo definir exatamente do que trata a informalidade. Assim, o esforço realizado aqui, é de avançar na discussão sobre o tema, sem a pretensão de esgotá-lo. Tampouco se pretende estabelecer um conceito universal. A reflexão que se tenta construir aqui é sobre dois casos específicos e do ponto de vista de uma observadora, a partir das entrevistas, dos ambientes frequentados, e momentos vivenciados.

Quando da entrada em campo, apoiada em definições teóricas clássicas de outros autores, os olhares da pesquisadora estavam condicionados e buscando a confirmação daquilo que a literatura conceitua. Porém, o processo de pesquisa demonstrava realidades particulares dos objetos de estudo que, para além de uma definição do termo informalidade, demandava uma tradução mais generalizada do fenômeno no Banhado e no *barrio*, especificamente.

As histórias contadas eram de vidas atravessadas por informalidades (em seu sentido relacional a partir do par formal/informal), que refletiam em um solapamento das condições materiais. Na cronologia das histórias, destacava-se que quanto mais próximo do momento atual, mais marcada pela informalidade ficam as trajetórias, e consequentemente mais deterioradas se tornam as vidas. Assim, conduzimos nossa reflexão sobre o conceito de informalidade pela chave de leitura de uma constante atualização da exploração da força de trabalho, uma deterioração das condições de reprodução da vida e um aumento da

despossessão de direitos, ou seja, informalidade é lida nesses territórios como sinônimo de agravamento da categoria de análise.

Informalidade como parte do processo, o processo como parte da informalidade

Todo o processo narrado sobre as manifestações identificadas da informalidade da terra, trabalho e teto, nos dois objetos de estudo, Banhado e *Barrio Padre Carlos Mugica*, demonstram um fator comum a todas elas: quanto mais longe do que é considerado como formal/típico, mais precária ela se torna e os impactos advindos dessa precarização (sobretrabalho, ausência de direitos, insegurança da posse, exposição à variados tipos de violência, etc) pioram as condições de vida da classe trabalhadora. Assim, coloca-se que é sobre as condições materiais, deterioradas pelas informalidades, que ocorre o avanço da racionalidade neoliberal.

A partir desta observação, pontuamos que o avanço da racionalidade a partir da materialidade se desenvolve em uma relação dialética, na qual as informalidades são espécies de ferramentas na construção dessa nova racionalidade, ao mesmo tempo em que também são produtos dela. Essa relação dialética a partir de um movimento identificado em campo que, sem pretensão de ser reduzido a algo simples, foi sintetizado para melhor demonstração, da seguinte maneira: a informalidade, que se materializa de formas diferentes (autoemprego, viração, mercado informal de aluguel, autoconstrução, ocupação de terras, etc) e produz seus respectivos e particulares impactos sobre os indivíduos, possui entretanto um fator comum que é a deterioração das condições de vida material, sendo sobre essas vidas deterioradas que o discurso neoliberal avança.

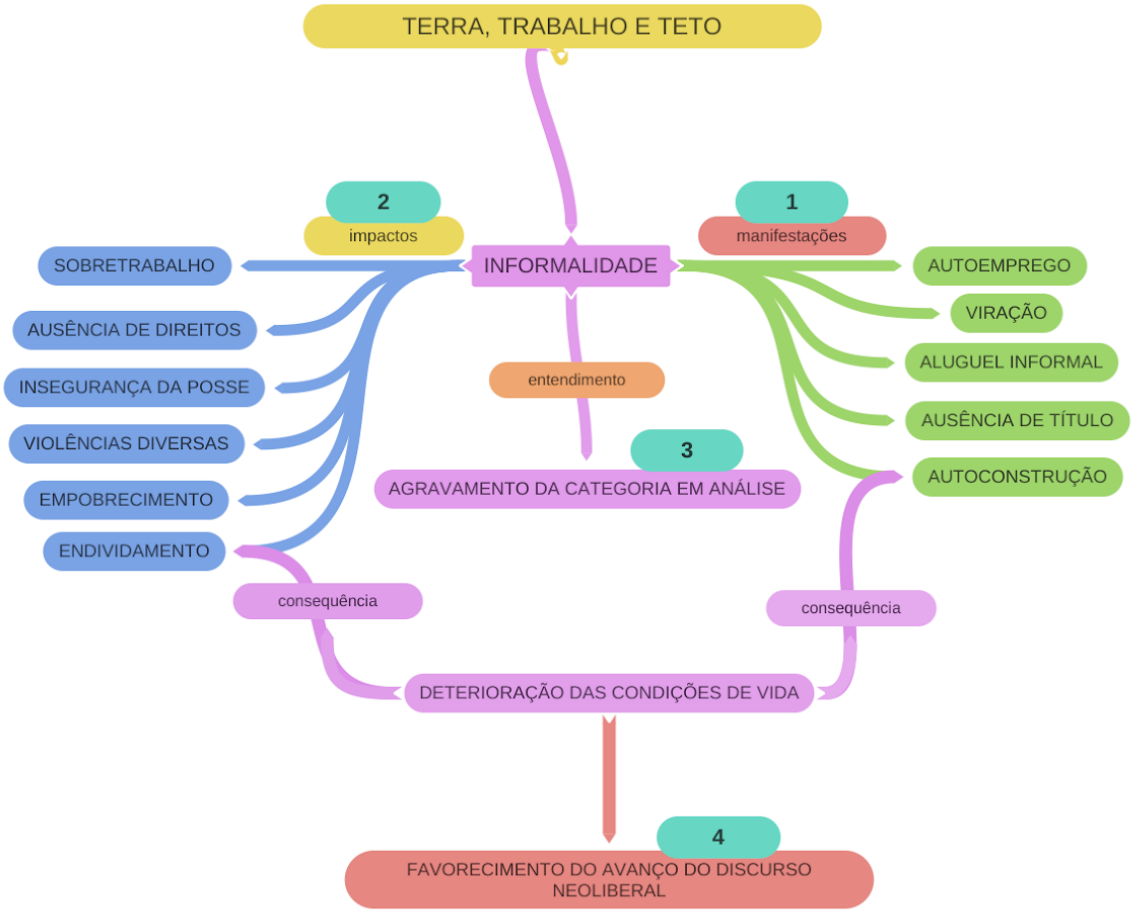
Há uma lógica de ação na qual a materialidade é propositalmente deteriorada, atacam-se as condições de reprodução da vida da classe trabalhadora, a fim de que a realidade desgastada facilite a implementação e adesão da ideologia neoliberal, que se vende como possibilidade de mudança de vida. A partir disso, a ideologia neoliberal intensifica seus efeitos novamente sobre essas categorias aqui analisadas, que são centrais na vida, piorando-as novamente e intensificando o ciclo de exploração, despossessão de direitos e avanços neoliberais.

O segundo ponto a ser destacado diz respeito à relação dialética entre as manifestações de informalidade identificadas. Isso fica muito evidente nas entrevistas, em que a todo tempo são narrados processos de produção e reprodução da vida de forma indiferenciada e muito imbricada. As fronteiras espaciais, temporais e subjetivas entre um campo e outro são tênues ou inexistentes.

Observa-se como as informalidades estão consteladas e sua leitura só é possível de forma conjunta, uma vez que elas se organizam em forma de espiral. Parece existir uma reação em cadeia entre elas: morar de aluguel, significa para muitos hoje estar endividado, o endividamento força a submissão do indivíduo a trabalhos mais mal remunerados, trabalhar cada vez mais. Mas não só o endividamento é um motor nesse processo, como também a desproteção social, que aumenta a passos largos no percurso do tempo, à medida que o trabalho está cada vez mais longe do padrão fordista de relação de trabalho. O emaranhado que liga uma informalidade à outra, também às insere dentro da lógica de produção da nova racionalidade neoliberal ao expor o sujeito a condições cada vez piores de vida e os manter presos nesse ciclo, vendendo, porém, a esperança de mudança de classe.

Assim, uma das maiores dificuldades do processo de pesquisa, foram as tentativas de dissecar os objetos de estudo, porque todos os processos se amarram historicamente. Apesar da consciência de que se tratam de assuntos complexos, em movimento, que se amarram e se desenrolam em questões outras, o mapa mental abaixo expressa o esforço “fotográfico” de capturar o momento que essa pesquisa buscou estudar (figura 55).

Figura 61: Fluxograma temático relacional da investigação



Fonte: Autoria própria (2022).

Limitações da pesquisa

Pontua-se também algumas limitações, observações e inquietações encontradas no transcurso da pesquisa que não puderam ser desenvolvidas. A primeira delas e talvez uma das que mais provou incômodos pessoais diz respeito ao que foi mencionado anteriormente: a dificuldade de explicar sobre o que se tratava exatamente a pesquisa. De certa forma havia uma incapacidade em explicá-la mencionando o termo informalidade, sem parecer que ele estava carregado de juízo de valor. Além do mais, dizer a alguém que aquilo com o que se está acostumado durante toda a vida, é informal, causava um incômodo.

Assim, desse desconforto, teve início uma reflexão sobre o conceito de informalidade. O termo principalmente no que diz respeito às relações de trabalho é objeto de debates da sociologia e da economia, como demonstrou o estudo de Filgueiras, Druck e Amaral (2004), no qual foram reunidas e estudadas as diferentes conceituações do termo informal, e demonstrou-se como cada uma delas atende melhor a uma ou outra explicação que se tenta construir.

Como já explicitado, não há aqui nenhuma intenção de esvaziar o debate ou simplificá-lo, apenas, dada as condições específicas dessa investigação, julgou-se interessante, e talvez necessário, trazer uma definição do termo a partir da leitura de campo e da escuta sensível das histórias de vidas narradas. A leitura do artigo de Filgueiras, Druck e Amaral jogou luz sobre a reflexão que tentava ser construída sobre informalidade de forma geral nesses territórios. Quanto mais longe do que é considerado formal, mais precário se configura.

Nesse sentido de uma dificuldade de expor claramente do que se trata essa pesquisa, compreendeu-se, depois de uma certa distância do campo, que a abordagem poderia ter evidenciado a existência de compulsividade das informalidades, e a falta de controle e poder de decisão que os indivíduos possuem sobre ela.

Formas de resistência, reação e resiliência de cada objeto de estudo

Uma das formulações complexas que não puderam ser tratadas nesse trabalho, foi a compreensão das organizações territoriais de cada objeto ao longo do tempo. Observamos que cada objeto responde às ofensivas que sofre, por parte do Estado, forças policiais, mercado, organismos financeiros internacionais, com as ferramentas que dispõe. Isso nos leva a refletir sobre a capacidade de articulação própria ou dependência de outros atores que não são moradores desses territórios para reagir e os motivos que estão na essência dessas capacidades.

Dada a estrutura de organização dessa pesquisa, com uma clara centralidade das relações de trabalho, a leitura sobre as formas de resistência, passa muito pela disseminação do trabalho assalariado, fordista, formal, com direitos que esteve presente em um e outro território e como isso se perpetua e se enraíza no território mesmo após um longo período.

Esse aspecto da organização se interliga com outro bastante relevante, a construção da solidariedade. Pude observar em campo a permanência de importantes laços de solidariedade que perseveram no *barrio* ainda hoje, sendo sua máxima expressão os comedores comunitários, que apesar de não serem uma iniciativa limitada ao *barrio*, expressam bem a permanência da solidariedade no local.

O empobrecimento causado pelas crises econômicas, ainda no século passado, fez emergir os comedores comunitários. Esses passaram a desempenhar um papel central na organização do *barrio,* pois são espaços que aglutinam pessoas e também fragmentam o território, uma vez que cada tanto de moradores frequenta um determinado comedor. Assim, considera-se que esses espaços substituíram um papel político e de formação que outras organizações autônomas outrora desempenharam. E como os recursos de um comedor (para compra de alimentos e gás de cozinha) são destinados a alguns moradores, que se dispõe a organizar e trabalhar (sem remuneração) em um comedor, passou a existir disputas entre vizinhos para captação de recursos e cooptação de indivíduos, transformados em *punteros políticos*, que muitas vezes se desocuparam das lutas coletivas, focalizados nessa pequena disputa de micropoder e dinheiro.

Outro ponto observado na capacidade organizativa, diz respeito a aspectos econômicos individuais. Para além do empobrecimento, há o próprio processo de endividamento para Uma das formulações complexas que não puderam ser tratadas nesse trabalho, foi a compreensão das organizações territoriais de cada objeto ao longo do tempo.

Observamos que cada objeto responde às ofensivas que sofre, por parte do Estado, forças policiais, mercado, organismos financeiros internacionais, com as ferramentas que dispõe. Isso nos leva a refletir sobre a capacidade de articulação própria ou dependência de outros atores que não são moradores desses territórios para reagir e os motivos que estão na essência dessas capacidades.

Dada a estrutura de organização dessa pesquisa, com uma clara centralidade das relações de trabalho, a leitura sobre as formas de resistência passa muito pela disseminação do trabalho assalariado, fordista, formal, com direitos que esteve presente em um e outro território e como isso se perpetua e se enraíza no território mesmo após um longo período.
Esse aspecto da organização se interliga com outro bastante relevante, a construção da solidariedade. Pude observar em campo a permanência de importantes laços de solidariedade que perseveram no *barrio* ainda hoje, sendo sua máxima expressão os comedores comunitários, que apesar de não serem uma iniciativa limitada ao *barrio*, expressam bem a permanência da solidariedade no local.

O empobrecimento causado pelas crises econômicas, ainda no século passado, fez emergir os comedores comunitários. Esses passaram a desempenhar um papel central na organização do *barrio*, pois são espaços que aglutinam pessoas e também fragmentam o território, uma vez que cada tanto de moradores frequenta um determinado comedor. Assim, considera-se que esses espaços substituíram um papel político e de formação que outras organizações autônomas outrora desempenharam. E como os recursos de um comedor (para compra de alimentos e gás de cozinha) são destinados a alguns moradores, que se dispõe a organizar e trabalhar (sem remuneração) em um comedor, passou a existir disputas entre vizinhos para captação de recursos e cooptação de indivíduos, transformados em punteros políticos, que muitas vezes se desocuparam das lutas coletivas, focalizados nessa pequena disputa de micropoder e dinheiro.

Outro ponto observado na capacidade organizativa, diz respeito a aspectos econômicos individuais. Para além do empobrecimento, há o próprio processo de endividamento para sobreviver, uma vez que salários ou outras formas de rendimentos já não conseguem garantir a reprodução da vida, como demonstra o trabalho de Gago e Cavallero (2022) nesse processo 4 dinâmicas que se entrelaçam e avançam os lares durante a pandemia: aumento do endividamento para acesso a bens básicos; dívidas com aluguel e consequente aumento de despejo por falta de pagamentos, reorganização e intensificação das jornadas de

trabalho e chegada de tecnologias financeiras dentro das casas. O desespero imposto pela necessidade de sobreviver, que tem passado pela dimensão do endividamento colabora no processo de maior ou menor articulação territorial.

A complexidade do tema e dos objetos e as camadas que o compõe

Por fim, enfatiza-se mais uma vez a complexidade do tema, a quantidade de camadas de análise que estão sobre os objetos e incapacidade de sanar todas as análises, tendo em vista que, possivelmente, nem mesmo aquelas que me propus a cobrir foram satisfatoriamente atendidas. Entretanto, o processo de pesquisa e a temática são de fundamental importância.

Assim, esse capítulo buscou demonstrar os fios invisíveis que ligam as manifestações das informalidades que pudemos ler nos territórios, com a construção dessa nova racionalidade neoliberal, que busca construir um sujeito cada vez mais individualista, utilizando-se dessas informalidades, que passam pelo empobrecimento/endividamento do sujeito, ataque aos laços de solidariedade e forte apelo ao empreendedorismo como alternativa. Tudo constelado.

Entretanto, a história da luta de classes demonstra que não existe saída individual para um problema coletivo. Os movimentos e resistência, como apontou Dardot (2018) existem e por hora estão perdendo, mas aqui acreditamos que esse resultado pode ser alterado. Afinal, essa pesquisa só existe graças a resiliência de duas comunidades, que resistiram cotidianamente até aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de formação do Banhado assim como do Barrio Padre Carlos Mugica, nos permite observar como a informalidade está no seio do processo de formação dos territórios populares. Estudos sobre os objetos e as entrevistas realizadas comprovam como a condição informal se sustenta no transcurso da história. No que diz respeito à informalidade da terra, entendida como a ausência de escritura formal que coloca os ocupantes da terra em situação de insegurança, essa é a pedra de fundação de ambos objetos e que nunca foi alterada ao longo do tempo.

Já a atual manifestação de informalidade no aspecto do teto, se distancia um pouco entre um e outro objeto. Apesar do *barrio* ser em essência autoconstruído, o que se destaca atualmente nesse espaço é o forte mercado informal de aluguel enquanto o Banhado, que também é por essência autoconstuído, possui aluguel de forma bastante pontual, mas convive com uma deterioração das moradias causadas pela ação do Estado que impede qualquer reparo, reforma ou melhoria das casas. Entretanto, não importa qual seja a manifestação da informalidade, ela se materializa em condições de habitabilidade ruim para quem usufrui, sendo essa a questão essencial a ser considerada, porque desloca o debate para a dimensão dos direitos.

Por fim, no âmbito das relações de trabalho observa-se um crescente incentivo ao autoemprego como solução ao desemprego, característica inerente do modo de produção capitalista. No Banhado a viração é componente da vida dos entrevistados, enquanto no *barrio* observa-se uma trajetória de maior alcance do assalariamento no passado que perde um pouco o seu lugar no horizonte e passa-se a conviver mais com essa cultura empreendedora, incentivada institucionalmente.

A partir dessa realidade identificada e analisada, defendemos que, de forma geral todas as manifestações e impactos da informalidade que foram observados em campo no *barrio* e no Banhado, colaboram no processo de deterioração das condições de vida dos indivíduos, e sobre essa materialidade degenerada o neoliberalismo pode avançar, *desde abajo* essa racionalidade negocia benefícios a partir de uma realidade de despossessão de direitos e péssimas condições de vida.

Guardadas as devidas proporções e os meios de ação que variam de um objeto para o outro, o estudo de dois casos sul americanos proporcionou reflexões e questionamentos

sobre como aspectos históricos sobre as categorias de análise, terra, trabalho e teto, se perpetuam no tempo e podem intervir, em maior ou menor grau, na realidade atual e nas formas de organização popular.

Referências bibliográficas

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Empreendedorismo, autogerenciamento ou viração?: Uberização, o trabalhador just-in-time e o despotismo algorítmico na periferia. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 11, n. 3, 2021.

ABRAMO, P. A CIDADE COM-FUSA. **R. B. ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS**, *[S. l.]*, v. 9, 2007. ARANTES, P. F. Em busca do urbano. **Novos Estudos**, *[S. l.]*, n. 83, p. 103–127, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000100007

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Org.). A cidade do pensamento único; desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000. p.121-192.

BALDIVIEZO, J. ; SANCHEZ, S. I. Venta de tierras y expulsión en la 31: ¿adónde vamos a parar? Disponível em: https://elgritodelsur.com.ar/2019/07/venta-tierras-31-villa-legislatura-urbanizacion-whertein.html. 2019. Acesso em 03 de outubro de 2022.

BALDIVIEZO, J. ; SANCHEZ, S EL BARRIO CARLOS MUGICA PODRÍA TERMINAR EN MANOS DE UN SOLO ACREEDOR NO ESTATAL. Disponível em: https://observatoriociudad.org/2019-09-el-barrio-carlos-mugica-podria-terminar-en-manos-de-un-solo-acreedor-no-estatal/. 2019. Acesso em 04 de outubro de 2022.

BALTRUSIS, N. Transformações do modo de morar nas metrópoles contemporâneas - novos discursos, velhos problemas. **Caderno CRH**, *[S. l.]*, v. 23, n. 59, p. 235–253, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0103-49792010000200003

_____ O crescimento da informalidade nas cidades do pós-fordismo e a mudança do paradigma das políticas de habitação social. *[S. l.]*, n. 1, p. 6–8, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.16309/j.cnki.issn.1007-1776.2003.03.004*]*

Battistini, O. (2009). La precariedad como referencial identitario. Un estudio sobre la realidad del trabajo en la Argentina actual. **Psicoperspectivas**, VIII (2), 120-142.

CAVALLERO, Luci; GAGO, Verónica. La casa como laboratorio: finanzas, vivienda y trabajo esencial. Realidad Económica, v. 52, n. 347, p. 43 a 88-43 a 88, 2022.

CACCIAMALI, M. C. Globalização e processo de informalidade 1. *[S. l.]*, n. 14, p. 153–174, 2000.

CARDOSO, A. L. A problemática dos assentamentos precários no Brasil urbano e suas interfaces. *[S. l.]*, *[s. d.]*.

CASTRO, C. A. CRÍTICA À RAZÃO EMPREENDEDORA: SOBRE A FUNÇÃO IDEOLÓGICA DO EMPREENDEDORISMO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO1. *[S. l.]*, *[s. d.]*.

CRAVINO, M. C. Relaciones entre el mercado inmobiliario informal y las redes sociales en asentamientos informales del área metropolitana de Buenos Aires, **Territorios,** núm. 18-19, enero-diciembre, 2008, pp. 129-145 Universidad del Rosario Bogotá, Colombia

COBOS, E. P. La ciudad capitalista en el patrón neoliberal de acumulación en América Latina desigual del capitalismo y las particularidades latinoamericanas. *[S. l.]*, *[s. d.]*.

COSTA, M. da S. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. **Caderno CRH**, *[S. l.]*, v. 23, n. 58, p. 171–190, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0103-49792010000100011

DARDOT, P. LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

FERNANDES, E. Desafios da regularização fundiária de assentamentos informais consolidados em áreas urbanas. *[S. l.]*, p. 177–187, 2011.

FERNANDES, E. **Regularização de Assentamentos Informais: o Grande Desafio**. *[S. l.: s. n.*

FERRO, S. Nota sobre "O vício da virtude". **Novos Estudos - CEBRAP**, *[S. l.]*, n. 76, p. 229–234, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0101-33002006000300012

FILHO, A. R. " As políticas públicas do poder executivo na remoção e / ou reurbanização de favelas no Município de São José dos Campos-SP ". " As políticas públicas do poder executivo na remoção e. *[S. l.]*, p. 1–119, 2002.

FILGUEIRAS, L; DRUCK, G; DO AMARAL, M. F. O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica. **Caderno CRH**, v. 17, n. 41, 2004.

FREIRE, C. Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo. *[S. l.]*, 2008.

FONTES, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo**, *[S. l.]*, p. 45–66, 2017.

GAGO, V. **La razón neoliberal:** Economías barrocas y pragmática popular. Traficantes de Sueños, 2015.

GORBÁN, D. Reflexiones alrededor de los procesos de cambio social en Argentina. El caso de los cartoneros. **el@ tina. Revista electrónica de estudios latinoamericanos**, v. 2, n. 8, 2004.

LOPES, J. M. O anão caolho. **Novos Estudos - CEBRAP**, *[S. l.]*, n. 76, p. 219–227, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0101-33002006000300011

MAUTNER, Y. Periferia como fronteira de expansão do capital. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.). O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

JARAMILLO, S. Reflexiones sobre la " informalidad " fundiaria como peculiaridad de los mercados del suelo en las ciudades de América Latina. *[S. l.]*, p. 11–53, 2008.

_____ **Hacia una teoría de la renta del suelo urbano**. Ediciones Uniandes-Universidad de los Andes, 2008.

KOUTSOVITIS, M. E.; Jonatan Baldiviezo; Liana Battino; ; Zoe Durruty. Gentrificación y Negocios en las Villas de la Ciudad de Buenos Aires. Disponível em*: https://observatoriociudad.org/gentrificaci%C3%B3n-y-negocios-en-las-villas-de-la-ciudad-de-buenos-aires/* Acesso em 03 de outubro

LESSA, Simone Narciso. São José dos Campos: O planejamento e a construção do pólo regional do Vale do Paraíba. **Seminário de História da Cidade e do Urbanismo-Sessão temática**, v. 4, 2001.

LIMA, J. C. Participação, empreendedorismo e autogestão: Uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, *[S. l.]*, n. 25, p. 158–198, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000300007

_____ A globalização da precariedade: a informalidade em tempos de trabalho flexível. **Retratos do Trabalho no Brasil. Uberlândia, MG:**, *[S. l.]*, n. August, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jacob_Lima/publication/301749120_A_globalizacao_da_precariedade_a_informalidade_em_tempos_de_trabalho_flexivel/links/57252a1c08aef9c00b846a1f.pdf

_____ Participação, empreendedorismo e autogestão: Uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, *[S. l.]*, n. 25, p. 158–198, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000300007

MACHADO, L. A. da S. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **Caderno CRH**, *[S. l.]*, v. 83, p. 81–109, 2002.

MAUTNER, Y. A periferia como fronteira de expansão do capital. **Enanpad**, *[S. l.]*, p. 1–16, 2014.

NORONHA, E. G. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, *[S. l.]*, v. 18, n. 53, p. 111–129, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0102-69092003000300007

OLIVEIRA, A. S. de. FAVELA EMPREENDEDORA: OS CAMINHOS DA INFORMALIDADE COMO ALTERNATIVA AO DESEMPREGO. *[S. l.]*, 2017.

OLIVEIRA, F. de. O vício da virtude: autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil. **Novos Estudos - CEBRAP**, *[S. l.]*, n. 74, p. 67–85, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0101-33002006000100005

_____ "Crítica à razão dualista". In: Crítica à razão dualista/O ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003. Publicado original- mente em Estudos Cebrap, n.2, 1972.

_____ "O Estado e o urbano no Brasil". Revista Espaço & Debates, n. 6, 1982, p. 43.

OLIVEIRA José Oswaldo Soares de; GOMES, Cilene. Introdução à Urbanização Contemporânea: Espaços e Paisagens na Região do Vale do Paraíba (SP), in XXXXXX, 2010

RANGEL, F. O trabalho informal no comércio popular : ressignificando práticas na nova cultura do trabalho O trabalho informal no comércio popular : ressignificando práticas na nova cultura do trabalho. *[S. l.]*, 2015.

RIZEK, Cibele Saliba; BARROS, Joana; DE AGUIAR BERGAMIN, Marta. A política de produção habitacional por mutirões autogeridos: construindo algumas questões. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 5, n. 1, p. 31-31, 2003.

RODRÍGUEZ, M. C., RODRÍGUEZ, M. F. Y ZAPATA, M. C. La casa propia, un fenómeno en extinción. La "inquilinización" en la ciudad de Buenos Aires. Cuadernos de Vivienda y Urbanismo, 8(15), 68-85. http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.cvu8-15.cpfe. 2015
_____Mercantilización y expansión de la inquilinización informal en villas de Buenos Aires, Argentina. **Revista Invi**, v. 33, n. 93, p. 125-150, 2018.

SANTOS, C. R. C. dos. ASSENTAMENTOS INFORMAIS LATINO-AMERICANOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O MELHORAMENTO DE BAIRROS E AS HABITAÇÕES SOCIAIS. **REVISTA ECONOMIA POLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO**, *[S. l.]*, v. v.5, p. 1–21, 2018.

SMOLKA, M. O. Informalidad, pobreza urbana y precios de la tierra (Land Lines Article). **Land Lines**, *[S. l.]*, v. 15, n. 1, p. 1–7, 2003.

SNITCOFSKY, V. **Historia de las villas de la ciudad de Buenos Aires:** de los orígenes hasta nuestros días. Tejido Urbano. 2022.

SOUZA, Adriane Aparecida Moreira de; COSTA, Wanderley Messias. Atividades Industriais no Interior do Estado de São Paulo: Uma Análise da Formação do Complexo Tecnológico-Industrial-Aeroespacial de São José dos Campos. 2010

STOLKINER, M. BATTINO, L. Zoe Durruty, Abog. Jonatan Baldiviezo, Ing. María Eva Koutsovitis y Trad. Myriam Godoy Arroyo. Relevamiento del Estado de las Viviendas Nuevas del Sector YPF del Barrio Carlos Mugica. Disponível em: https://observatoriociudad.org/relevamiento-del-estado-de-las-viviendas-nuevas-del-sector-ypf-del-barrio-carlos-mugica/. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

TAVARES, Maria Augusta. **Os fios (in) visíveis da produção capitalista:** informalidade e precarização do trabalho. Cortez, 2004.
_____ O empreendedorismo à luz da tradição marxista. Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea, v. 16, n. 41, p. 107-121, 2018.

ULYSSEA, G. **Informalidade no mercado de trabalho brasileiro**: uma resenha da literatura. v. 26, n. 4, p. 596–618, 2006.

Anexos – Entrevistas na íntegra

Entrevista Débora

[00:00:15] Débora: Meu nome é Débora né? É na verdade eu nasci aqui no Banhado, eu e os meus irmãos todos nasceram só a minha irmã Michele que nasceu no hospital. Mas eu nasci aqui mesmo né meus irmãos também e eu fiquei aqui até uns dezoito anos mais ou menos, aí eu precisei me afastar um tempo né precisei me afastar um tempo daqui. Mas daí depois de um tempo eu retornei né? Porque a gente sabe que a situação tá difícil pra todo mundo né? Hoje é difícil pagar um aluguel, é um absurdo né? Até tentei mesmo no tempo que eu saí daqui, tentei né, tentei uma vida de uma outra forma né, dar uma melhorada né de uma outra forma mas acontece que como as coisas tão difíceis e estavam ficando mais difícil né, torno a dizer do aluguel, aluguel é um dinheiro que tipo você investe e você nunca mais vê né? É bom pra quem recebe, para o locatário mas pra quem aluga não é né, quem tem que pagar aluguel não é. Né? E aí fiquei desempregada, meu esposo também ficou desempregado e tal. E como eu já tinha minha casa aqui né, eu voltei pra cá precisei retornar pra cá, né? Não ficou vazio, né? Teve várias pessoas que moraram aqui também na época, né?
É por causa da situação mesmo né? Porque não está fácil pra ninguém né? A situação não está fácil pra ninguém. Vivi aqui mas vivi aqui bastante tempo. Eu nasci, cresci aqui né?. E tipo assim, que nem eu falo, aqui.... Então, e assim é ruim morar aqui? É assim vamos colocar uma coisa entre aspas, uma coisa que a gente tem que ser eu acho é verdadeira, não é verdade? Eu tento ser o máximo possível sincera né? Que eu acho que a sinceridade é uma coisa que é essencial na vida da gente não é verdade? Porque depois se você não é sincero, se não for verdadeiro depois você acaba até mudando a versão do que você falou na primeira vez que você começou a falar do assunto você acaba mudando a versão aí não fica legal pra você, porque você vai sair como mentiroso. Então, e é difícil assim né? É ótima a localização, aqui é uma ótima localização, a natureza é muito boa, né? Aqui o ar aqui é diferente, você pode ver que você veio aqui, você desce aqui é um jeito, você sobe já é outra temperatura, né? Outro barulho. É outra coisa. Mas eu digo assim em outras coisas eu acho que assim é um pouco mais difícil, por causa da estrutura né? Porque a gente sabe por causa da estrutura do lugar assim porque não tem uma rede de esgoto, né? Tem lixo la em cima a gente sobe o lixeiro, ele passa e leva o lixo embora, mas eu digo nesse sentido assim, né? Por não ter uma rede de esgoto, né? Num ter um assim um asfalto. né? Você vê que a gente tem os morros, né? Que pra mim não é problema assim, graças a Deus porque eu ando, né? Assim, tem as minhas pernas boa graças a Deus, mas pra quem tem dificuldade pra andar, já dificulta mais, né? Eu digo assim nesse sentido né? Nesse sentido e outros também né? Que eu num acho que tem necessidade de falar aqui e você que vive na cidade você convive com várias pessoas, ainda mais você que é arquiteta está estudando pra ser arquiteta você vai se envolver com vários tipos de pessoa né, se você ainda não tem essa esse ângulo aberto, você vai ter mais ainda, vai se envolver com vários tipos de pessoas, vai conversar com mais pessoas você vai ver que realmente é que eu estou querendo assim, então eu não estou sendo específica mas eu creio que você está entendendo o que eu quero dizer. Porque tipo assim, o problema aqui é que às vezes as pessoas acham que tipo assim que todo mundo pensa igual né? Você vê a nossa irmã Elaine mesmo né? Ela é guerreira né? Você conhece a história dela, deve ter entrevistado ela, ela é guerreira, corre atrás e ela vai e ela conversa com outro né então ela tem uma outra visão das coisas né? Então mais é em relação a morar aqui não é assim vamos dizer uma coisa de outro mundo.

[00:06:37] Débora: Eu já trabalhei em fábrica de fazer cama de cachorro, eu trabalhei acho que dois anos e pouco eu acho ... É mais ou menos isso. Era aqui em São José. Aí depois a gente foi pra outra cidade. A última cidade que eu estava antes de voltar para cá foi São Francisco Xavier. Em São Francisco eu não mexia com venda não, lá eu trabalhei um tempo, acho que um ano e oito meses, mais ou menos em uma casa de família. Inclusive, tinha essa arquiteta, quando eu comecei a trabalhar nessa casa ainda tinham coisas que precisavam ser feito ali né está terminado mas não toda terminada. Lá eu trabalhei um ano e pouco lá e lá eu fazia de tudo, eu só não cozinhava né porque tinha ela tinha cozinheira particular, a dona da casa quando ela ia ela ligava pra ela e falava pra ela ir trabalhar. **Então aí eu lavava, eu passava, eu cuidava da casa né?** Eu morava perto do meu serviço, era só subir o morro,Eu morava pra baixo e meu serviço que era lá em cima… Você enxergava a casa da minha patroa lá em cima, né? Que era um morrão, tinha um morro enorme né? Daí eu trabalhei lá um ano e pouco e eu fazia de tudo.
[00:09:30] Natália: E você tinha carteira assinada?
[00:09:33] Débora: Eu tinha trabalhei um ano e pouco com carteira assinada. **Assim ela foi uma patroa muito boa, o meu patrão ele me fichou e ele me deu direito a receber… porque acho que ainda empregada não tem direito de receber né? Aquela… esqueci o nome ... aquele negócio que você recolhe todo mês ... é FGTS!!!** O meu patrão ele pagou isso pra mim, o marido dela, pagou isso pra mim durante todo o tempo que eu fiquei lá e ele pagou isso pra mim né?
Isso foi em 2013. Porque eu entrei lá e eu não tava grávida da minha filha né? Da Raquel. Quando eu entrei lá eu nem pensava em ser mãe novamente né? E aí assim que eu comecei a entrar lá depois de um tempo seis meses ou pouco mais de um ano eu engravidei da Raquel.
Ai trabalhei lá até 07 meses e pouco, quase 8 meses, ai depois eu me afastei, porque eu não estava aguentando mais, tava ruim para mim, dai eu falei para ela "olha não ta dando" porque a casa era muito grande, não tinha ninguém para me auxiliar. A casa dela é enorme, tinha 4 suítes! Ai embaixo ainda tinha adega, que era grande e eu cuidava de tudo aquilo. As vezes eu tinha que subir aquele morro, as vezes o senhor me buscava de carro, as vezes não. Meu pé foi ficando muito inchado.
E eu falei para ela "eu queria trabalhar até os nove meses" porque gostava de trabalhar lá, eu gostava por mim eu ia até o final. É porque eu sou uma pessoa assim que eu tenho compromisso, eu sou uma pessoa que sou compromissada com meu serviço, sabe? Eu não sou aquela pessoa de ficar faltando, eu vou doente mesmo sabe? **Eu visto a camisa do meu serviço sabe?** Eu eu faço o máximo pra chegar sempre no horário, muito raro quando acontece eu chegar atrasada, não sou de faltar por qualquer coisa né, me incomoda me inquieta.
Eu tenho compromisso com o horário, só falto quando não dá mesmo. Tem que ter compromisso com o serviço, né? E felizmente pela misericórdia de Deus eu sou assim, eu não gosto de faltar não, só falto se tiver mesmo um motivo muito grande. Eu acho, não acho legal isso, né? Tanto para o patrão quanto pra mim, né? Mas cada um tem um pensamento, não é verdade? Daí eu já falei pra ela, cheguei nela e falei "ah não vai dar pra mim prosseguir, eu queria, mas não vai dar". Então aí eu afastei antes, né? Afastei antes, aí lá e ela vinha na minha casa, fazia visita pra mim, pra procurar saber como que eu tava, como que a Raquel tava, se tava precisando de alguma coisa, né? Ela foi assim prestativa né? Bastante prestativa nesse sentido né?
[00:15:20] Natália: Você se afastou ou foi demitida?

[00:15:25] Débora: Eu me afastei pelo INPS, me afastei antes. Mas eu queria me afastar só com 9 meses, porque dai eu ficaria os 4 meses com a criança .. que nem assim eu não fiquei nada assim com ela [com a Raquel]. Ai a minha patroa foi super legal nesse sentido porque eu acho que não é qualquer patrão que faz isso né? Ela pegou e foi na minha casa quando estava aproximando a data de eu voltar, e aí ela falou assim "E aí você acha que já dá pra voltar? Você tem alguém pra ficar com ela? Você tem previsão de voltar?" Ai ela pegou e emendou com as minhas férias né depois acabou o prazo e ela ainda foi na minha casa e perguntou para mim, só que não tinha como mais eu voltar. Porque eu não encontrei alguém que ficasse com ela para mim.
Aí eu expliquei pra ela, " Olha não vai dar, eu queria muito voltar mas não vai dar pra voltar porque não tem quem fica com ela". Em São Francisco também não tinha creche pra estar deixando ela né, Agora já deve ter ficado pronto a escolinha mas ainda não tava pronto, tava naquele processo todo né? E aí não dava, eu falei pra ela "não dá porque não tem como né? Eu voltar".
[00:17:30] Natália: Seu esposo estava trabalhando?
[00:17:32] Débora: Ele estava. **Aí acabei saindo do emprego. Ela me pagou todinho os meus direitos. Todos os meus direitos**. Mas logo depois meu marido ficou desempregado também e a gente teve que voltar para São José dos Campos. Não dava mais, eu sem emprego, ele sem emprego. Lá a gente pagava aluguel. A casa era boa, não era ruim, a casa ficava em um lugar legal até inclusive eu sinto saudade. Não da cidade em si, porque lá era tipo o Banhado, assim muita natureza e eu sou o centro sabe assim? Para mim roça é bom pra você ir pra você passear final de semana, ficar uma semana e depois ir embora para sua casa pro centro da cidade né? Lugar muito retirado assim eu não gosto não. O meu marido adora, né? E eu gosto de movimento ver gente barulho. Então daí a gente veio pra cá, né? A gente veio pra cá, **a gente pediu para a inquilina que estava aqui para ela desocupar que a gente precisava voltar para cá.**
[00:20:20] Natália: E quando você voltou para cá, você tentou procurar emprego?
[00:20:27] Débora: Temteiii!! Mas não foi fácil. Fui no PAT várias vezes. Fui de manhã, Fiz acho que até entrevista mas não aconteceu. Não deu certo essa entrevista que eu fiz. Entreguei currículo até há pouco tempo atrás. Acho que foi mês passado, porque estamos em agosto. Pedi pra minha filha fazer curriculo pra mim que eu preciso trabalhar. **Eu tenho 42 anos já. Não sou nenhuma mocinha mais. Ai eu penso eu preciso trabalhar, porque se você deixar para pagar INPS por sua conta … não é todo mundo que faz. E eu to há 7 anos sem pagar e todos os meus empregos antes sempre recolheram. É a primeira vez que eu fico sem pagar e nossa quando eu começo a pensar nisso eu fico assim … preocupada. Porque que nem eu falei para você, eu não sou nenhuma jovenzinha mais.** E a tendência nossa, não é que eu quero isso pra mim né? Eu peço a Deus que pela misericórdia dele que ele renove sempre a minha saúde e ele está sempre a minha saúde porque a saúde vem de Deus. Mas eu fico preocupada né? Porque se você não semeia isso né? Lá na frente eu posso precisar e daí? Eu penso nesse sentido. Mas aí tá eu falei pra ela fazer o currículo né? Aí eu comecei a distribuir o meu currículo. **Eu pus até meu currículo pra orar né?** Porque eu sou assim uma serva de Deus pela misericórdia dele né? E tudo que eu vou fazer eu peço direção pra Deus né? E aí eu pedi a direção de Deus né, para mim procurar um emprego. Só que eu creio que não é o tempo, não é o tempo né? Ainda não é o tempo. "Ah mas não é o tempo de procurar emprego??" mas Deus é que sabe porque na realidade quem abre a porta é ele né, eu tenho que fazer a minha parte, a gente tem que ir lá entregar o currículo e procurar, mas se Deus não abrir eu posso rodar o Brasil inteiro, o mundo inteiro que a porta

não vai ser aberta se ele não abrir né? Entendeu? **Então quanto isso eu vou fazendo os meus bolos, né? A gente deu uma parada com pão, isso aí já um outro assunto que eu acho que não me convém assim dizer pra você né mas ai agora eu estou fazendo meus bolos né. Eu faço bombom de morango e é assim que eu tô me virando!**
[00:24:10] Natália: Então quando você não conseguiu emprego na volta para cá foi quando vocês deram início a venda de pães? Como que foi?
[00:24:15] Débora: Ai tá, é verdade, é que tem muita coisa, mas eu tenho que focar no pão. Então a minha sogra a dona Cida ela faz pão, só que a minha sogra é tipo assim ela é tipo ela gosta de cozinhar mesmo e ela assim ela faz por hobby por felicidade porque ela gosta né? E a comida dela é muito boa né? Tudo que ela faz é bom! O bolo o que que ela faz? Tudo que ela faz fica bom. Eu… tipo assim eu faço! Mas não é assim ai nossa paixão. Não, eu faço por necessidade mesmo eu não tenho nem vergonha de dizer isso. Uhum. Porque eu acho assim que nem eu falo pra você eu sou sincera, então não é meu hobby não. Agora o meu esposo gosta, ele faz porque ele gosta!
Aí então, aí a minha sogra fazia pão e sempre fez aqueles pão caseiro, aquelas trança caseira fazia na casa dela e fazia aquele enroladinho de coco que o pessoal gosta, aqui a gente vende e o pessoal gosta. E é porque ela gosta muito de se reunir em família. Mas ela nunca fez pra vender. Não. Pra vender. Ela já fez curso. Aí ela fazia toda reunião que tinha em família, tanto data festiva quanto não data festiva ela gosta né? De ver gente reclama do barulho mas ela sente falta né? Aí nas reuniões ela fazia aquelas trança bonita, né? Fazia enroladinho de coco que não dava pra nada porque ela fazia muito bem, ela faz muito bem. Daí o meu esposo via ela fazendo e começou a fazer em casa né? Ele começou a fazer em casa e aí ele foi se aperfeiçoando nisso quanto mais ele fazia. melhor ficava, né? Aí a minha irmã tudo conversando com a gente depois que a gente veio pra cá, né? E eu tava desempregada também, a minha irmã e minhas irmãs sempre falava “Pô você tá perdendo dinheiro” porque a gente ia na casa dela, reunia de final de semana na casa da minha irmã também. E lá a gente fazia e ela sabia que ele gosta [de fazer] e ela comprava as coisas e falava “Vamos fazer isso aqui”. E aí ficava o dia inteiro, comendo essas coisas. Aí ela falava “Você tá perdendo dinheiro, Rodrigo. Por que que cê não faz isso pra vender lá no Banhado?” Eu tava desempregada e ele também “Faz essas coisas lá no Banhado cê vai ver cê vai ganhar dinheiro” falando pra ele. Falei assim pra ele aí um dia eu estava aqui em casa eu falei **“Mas por que que a gente não faz então, né? Porque a gente precisa ganhar dinheiro de alguma forma, né? Tem que ter dinheiro, eu tô desempregada, então alguma coisa a gente tem que fazer, não pode ficar parado, né?”**
E aí ele pegou e começou a fazer o pão, fez uma vez falou assim “Eu vou fazer uma receita aqui pra experimentar pra ver como é que fica” aí fez. Ficou muito bom aí depois ele falou “Eu vou fazer enroladinho de coco, como que é mesmo?” Ele ficava tentando lembrar direito como que a mãe dele fazia aí ele pegou e fez o jeito dele, um pouco do que a mãe dele passou que aprendeu com a mãe mas aí ele também já pôs a medida dele, né? Aí ele começou a fazer, ele começou a fazer, começou a fazer e a gente começou a fazer, a gente comprou, teve a ideia de comprar os saquinhos né? E os amarrilhos tudo certinho pra vender lá o pão e aí a gente começou a fazer né? E a gente viu que começou a dar certo né? Começou a vender bastante né? **E a gente tem se virado até agora, né? Sete anos já.** É, sete anos que a gente tá nesse caminho ai. Então e aí deu certo aí começou o pessoal gostou né? E é que nem eu falei é difícil pra vender lá na cidade dias de sol, de calor, época de verão época de verão é difícil, não é fácil, a gente anda mais um pouco, vende tudo, mas tem que tem que andar mais um pouquinho.

É porque as pessoas, pelo menos os clientes da gente, que a gente costuma vender, eles preferem, eles comem mais pão no inverno do que no verão, entendeu? Pelo menos nossos pães é assim né? Não sei se ele come outras coisas normalmente. Mas eles quer coisa mais gelada. Mas dia assim, [o dia estava frio e nublado] nossa era uma maravilha pra vender. Tipo assim nós saía, 13h, 14h30 a gente vendeu tudo.
[00:31:00] Natália: E quando vocês começaram a vender foi primeiro aqui na vizinhança ou vocês já tiveram a ideia de subir pro centro?
[00:31:05] Débora: Então nós ficamos um tempo aqui. Não fica muito tempo não mas na realidade assim nós fizemos **mas a intenção mesmo não era só aqui já nós já fizemos focando lá em cima** o nosso objetivo não era só aqui. "Será que a gente vai conseguir vender lá em cima?" Ele falou [Rodrigo, o companheiro] aí eu falei "Vamos vamos vamos" porque uma coisa porque se tem uma coisa que assim no começo a gente fica acanhado né e a gente fica não sabe como que as pessoas vão abordar a gente principalmente quando aquela coisa de comer né e às vezes e**le também tinha receio de falar que a gente morava aqui. porque tem pessoas as vezes que de repente por a gente falar que mora aqui de repente não ia querer comprar né? Por causa do lugar né?** É que nem eu falo pra você porque cada um tem o seu pensamento né? "Ah mas aí se a pessoa perguntar, tal.? Eu falei pra ele, "Ué Rodrigo eu moro no Banhado". Porque a gente não adianta a gente, eu acho que a gente tem que ser o que a gente é, né? Não adianta eu querer passar uma visão pra você que eu não sou depois você descobre fica pior ainda não é verdade? Então eu acho que eu tenho que passar pras pessoas o que eu sou de verdade não adianta eu querer passar uma visão que eu não sou, né? Porque eu acho que daí fica pior porque você fica envergonhado depois, né? Então eu falei, não, "Nós mora lá Rodrigo, nós mora lá e é feito tudo limpinho", eu falei pra ele **"Nossa casa é simples,mas nós prepara tudo, nós limpa tudo, nós prepara ambiente pra fazer um negócio, a gente prepara, a gente forra a mesa, tudo precisa para deixar o negócio limpinho a gente faz. A gente mora lá amigo é nossa realidade"** Não adianta a gente querer falar outra coisa se a pessoa não quer comprar pão paciência, não é verdade? Agora eu não vou deixar, vou mentir falar que eu que eu moro não sei aonde que eu não moro não sei não moro né? Toda vez que eu saía, né? **Aliás, eu saio, não, eu saio e eu oro, né? Peço para o senhor me abençoar, o senhor prepara as pessoas pra tá comprando pão, né**? Que o senhor abençoe, né, e aí a gente saía, saía, oferecia, né? No comecinho meio assim
[00:33:58] Natália: Vocês já tinham trabalhado com vendas, com público ?
[00:34:00] Débora: Não, na realidade assim, eu vendi assim esses catálogos né? Que eu já cheguei a vender, eu já cheguei a vender pano de prato, na realidade eu já estava eu já tinha ido pra rua, ele não, mas eu já tinha ido para a rua. Porque na realidade, eu morei em vários na realidade eu morei em vários lugares né? Então assim eu já vendi couve na rua .. apesar assim ele já vendeu mas quando ele era muito pequeno ele era criança, ele chegou a fazer isso mas quando ele era muito pequeno, mas o Rodrigo na realidade ele já ia pra rua também, ele vendia alface ele vendia pra comprar pipa. Mas criança é criança né? Criança tá nem aí, né? Criança não tem vergonha. Então ele já fazia isso também, mas eu assim, depois da minha fase adulta, depois que eu tive meus filhos, eu vendi couve que a gente plantou no quintal da casa da mãe dele, a gente fez uma horta lá então aí deu aquelas couve bonita sabe aquelas folhonas enormes. A gente buscava esterco lá no pasto, jogava e preparava a terra, aguava. **Eu já vendi pano de prato de porta em porta.** Ele chegou a fazer pão lá também pra gente vender, na realidade aqui não foi aqui que na realidade a gente começou

a vender pão. porque lá no bairro onde a gente morou lá também lá no Bairrinho ele fez pão e eu saí para vender no Boa Esperança.
[00:36:06] Natália: Vocês moravam com a sua sogra?
[00:36:10] Débora: Isso, eu morei um tempo lá. Minha filha oiá eu já andei bem, eu já morei em vários lugares [dá risada]. Então e nesse tempo então nessa época ele fez pão, só que engraçado que o pão dele, o pão que ele fez lá, agora eu eu me lembrei disso, eu tinha me esquecido, na realidade ele não começou a fazer pão aqui, só que engraçado que o pão dele não ficou bom igual esse que ele fez aqui. É verdade eu tinha me esquecido disso se eu soubesse, eu tinha falado antes né, tanta coisa que a gente acaba fazendo confusão. Então ele fez mas não ficou bonito assim as trança dele não ficou tão definido igual fica aqui. Daí até mesmo ele falou e falou assim "Nossa engraçado que as minhas tranças na época que a gente fez que eu fiz não ficou bonito igual a essa" e não ficava mesmo não. E a gente chegou a vender lá. A gente vendeu pão lá. Eu vendi pano de prato lá. Eu vendi couve lá. Que mais que eu vendi lá? Revista. Eu vendia Hermes, da Hiroshima, Avon não. A Avon nunca vendi. Mas acontece que daí eu comecei a vender daí meu esposo até achou ruim comigo porque teve e teve pessoas que acabou atrasando de pagar e aí eu tive que repor do meu bolso, daí meu esposo ficou bravo sabe? "Você ia ter que vender pra você ganhar não para ficar repondo no seu bolso, né?" Porque daí eu tive que ficar correndo atrás da pessoa depois pra ela me pagar, né? Daí não aconteceu uma vez não, aconteceu mais de uma, da outra vez foi um valor maior, daí ele ficou mais bravo ainda. Aí ficou mais bravo ainda, ele falou assim, "Ah pára com esse negócio aí. Porque ficar repondo o seu bolso, você nem tem para pôr e vai repor?" Você vai ficar esperando a pessoa pagar você. Ai eu vendi também Hermes e vendi também lençol ó eu vendi lençol verdade eu vendi lençol eu vendi toalha também o que mais que eu vendi? Tem lençol,, tem toalha, tem roupa de cama, cortina .. Na verdade eu já mexi, eu mexo, já mexi com isso aí, né?
[00:38:39] Natália: Você pegava de alguém?
[00:38:42] Débora: Eu pegava na época, eu pegava dum rapaz que até passei o contato para a minha filha lá no bairrinho.Ele vai lá no bairro e passa pras pessoas revenderem pra ele, né? E o pessoal gostava porque é um preço acessível né, então as pessoas acabaram comprando por causa disso. Então na realidade de vendas assim que público lidar com o público assim eu nunca assim trabalhei em loja assim lá no centro, mas de vendas assim, eu mexo faz tempo. De vender, chegar e vender, né? Então pra mim não foi difícil, o meu esposo foi mais, né? Por causa da fase adulta dele sair pra vender ele vendia quando ele era criança, né? Ele é uma pessoa que conversa, gosta de conversar e uma pessoa assim que na hora de conversar ele é bem atencioso assim com as pessoas, né? Mas ele tem vergonha, ele tinha vergonha. Depois não, né? Depois ele foi perdendo isso aí. Mas eu também no comecinho fiquei meio que ... porque fazia tempo, que eu não saia para rua né. Mas depois da primeira e da segunda você vai que vai. [Dá risada].
É assim né e foi assim. Bom se a gente tivesse uma estrutura melhor aqui, né? Pra gente tá conduzindo isso, mas … E o problema assim de estar vendendo aqui aqui é o quê? É que assim, pelo lugar né que a gente sabe que o pessoal tem assim, na realidade a situação financeira aqui o nosso é diferente da situação financeira de muitas pessoas lá em cima né [refere-se ao centro da cidade]? Mas que nem às vezes tem dinheiro, às vezes não tem. Daí a gente acaba vendendo sem ser no dinheiro né? E às vezes a gente consegue receber no prazo que a pessoa dá, às vezes não. Então é ruim por causa disso. né? Porque tipo assim às vezes você está com aquele dinheiro contado pra você ir comprar o material, você vai e compra o seu material na esperança já que tem alguém que você que vai dar dinheiro em tal

data e aí essa data chega e a pessoa não tem. Aí você está contando com o dinheiro para comprar o seu material. E não vem. Né? É ruim nesse sentido. No centro também tem algumas pessoas que a gente venderia para pagar depois. Tem cliente que a gente vende até mesmo as pessoas que às vezes perguntam principalmente lá no centro, pergunta se tem maquininha. A gente não tem.
Às vezes não tem o dinheiro em mãos né, mas tem como fazer o débito. Então facilita bastante a maquininha.
[00:42:35] Natália: Vocês tem vontade de pegar a maquininha, Débora?
[00:42:38] Débora: Na realidade assim a gente tem, mas a gente tem que focar nisso vai lá pegou o dinheiro já vai lá e compra né porque não adianta ficar com vontade se você não se prontifica, nunca vai ter né. Na realidade a gente não tem, sendo bem sincera porque relaxo mesmo. Porque a oportunidade de ter a gente teve. Mas facilita bastante porque a pessoa não tem dinheiro aqui, porque tem pessoas que não, por causa da maquininha, tem pessoas que não andam com o dinheiro. Na igreja mesmo aonde que eu congrego, eu tenho um irmão lá que ele fala "irmã eu não ando com dinheiro não".
[00:44:40] Natália: E por que vocês pararam com os pães?
[00:44:50] Débora: Na verdade tipo assim, é dificil eu estar falando isso para você, porque o meu esposo. Estão tendo uns problemas e é por causa desse problema que nós demos uma parada ai com os pães. Na realidade ele parou com tudo. Ele parou no tempo, ele ta parado. Porque ele ta meio com problema de saúde que ele tá né. Ele está com bastante problema de saúde, ele ta esperando para operar e não chama. Ele ficou internado esses tempos atrás também, ficou internado lá no UPA, ficou uns dias lá né.E tipo assim quando não é uma coisa é outra sabe? E esse problema de saúde dele também tem dificultado bastante ele não pode pegar peso ele não pode sovar a massa do pão, esse é um ponto importante, não pode sovar a massa do pão porque se ele ficar sovando muito a massa do pão aí ele começa a dar dor, ele vai deitar ele não consegue. Um dos motivos que ele parou de fazer salgado e parou de fazer o pão. Esse problema de saúde também dele. Claro que não é só isso, mas saúde principalmente problema de saúde dele. Que ele não consegue mais. Se ele fizer uma coisinha básica já entope tudo e para.
Por causa da hérnia e ele não tem só uma, ele tem mais de uma, ele tá com hérnia nos órgãos íntimos, ele tá com hérnia no umbigo, sabe? Então é isso aí ele não pode fazer, resumo na história, ele não pode fazer nada.
[00:46:48] Natália: Então está tudo concentrado em você. Por isso que você tá fazendo só o bolo?
[00:46:52] Débora: Isso, é por isso que eu faço o bolo, por quê? Porque é uma parte que eu faço que eu me sobressaio mais, entendeu? Porque se eu fizer... eu faço o salgado, posso fazer o pão mas eu não vou ter a mesma produtividade como ele tem, entendeu? Ele é bem mais rápido. Em tempo que eu faço um pão, ele já fez três, quatro pão e eu tô lá na trancinha. Ele fica bravo comigo, ele fica "Mas você tem que ser mais rápida", não é! Porque na realidade cada um tem o seu ritmo e eu falo pra ele que "Não adianta tá? Esse é o meu íntimo, não adianta cê querer que eu que eu faça igual você, não vai!" e até mesmo na moldura lá na hora tiver moldando a trança, pode sair até melhor ou pior, mas igual ele não vai ficar. Porque cada um tem uma mão. Você pode ir lá fazer … como que chama o seu nome mesmo? Natália. Natália, você pode ir lá fazer pegar a panela aqui e fazer o arroz. Mas o seu arroz Natália não vai ficar igual ao meu.
Então Natália olha, isso é ponto principal que parou o meu esposo: a saúde. Isso foi um dos pontos principais.

O segredo do pão é você sovar bem a massa. O segredo do salgado é mesma coisa. A coxinha também, a coxinha se você for fazer a coxinha se você não cozinhar ela, não cozinhar bem a massa e você não misturar bem a massa do trigo, não fica bom. É igual o pão, o pão e o salgado se você não sovar bem a massa não fica boa a massa né. Então ele que faz tudo isso, fazia tudo isso. Eu cheguei a fazer, mas não fica igual a ele e ele é mais rápido, ele é mais rápido, ele tem prática tem o jeito dele até inclusive ele até ensinou, até inclusive andei fazendo salgado aqui com ele né? Ele até passou as coordenada, mas que nem ele pegava pra fazer, ele fazia dois, três e eu pegava e tava lá no dois ... um.
E ele fala “Nossa você é muito enrolada” e eu falo "não é que eu to muito enrolada você tem um segmento de trabalho e a gente tem outro” e o meu filho é igual a mim nesse sentido, o João Pedro, ele ficar bravo. O João Pedro é igualzinho a mim nesse sentido, né? Ele também ele faz, mas ele já é mais lento, já é mais devagar, né? E na realidade tipo assim, né? Quando se trata de produção a gente tem que ser mais rápido mesmo, né? Tem que ser mais ágil mesmo. Mas eu não posso também né? Claro que eu tento ser o mais rápido possível mas o ritmo dele é o ritmo dele não é o meu.
[00:50:30] Natália: E ele também não estava pagando o INSS né?
[00:50:18] Débora: Então quando nós estávamos empregados sim, por causa do serviço né? Porque o serviço já desconta automaticamente, agora não, agora ele também tá sete anos sem pagar o INPS. Cara que nem eu falo, eu e ele nesse tempo nós tinhamos que ter tipo assim uma cabeça, a responsabilidade de “não eu não estou trabalhando mas eu vou lá pagar o INPS por minha conta”. Agora que nem por causa desse problema de saúde, ele vai ter que ficar um tempo parado né, parado de tudo. Vai fazer a cirurgia, tem que se recuperar e a gente não sabe quanto tempo, né? Se é um mês, né? Se é mais.
Daí o que acontece? vai ter que ter um tempo da recuperação dele eu nem sei se ele tem direito de alguma coisa no INPS mais. Porque a gente tem bastante tempo de INPS pago. Ele mesmo também tem. Então eu não sei né? Parece que eu ouvi falar que depois de um tempo você não tem direito mais né? É se é verdade isso? Nem sei se ele tem direito a alguma coisa por causa do tempo que ficou sem pagar, quase dez anos na realidade sem pagar o INPS. Então mas nós estamos aguardando o pessoal lá do Pronto Socorro chamar né
[00:52:09] Natália: E em dezembro do ano passado quando eu tava aqui, eu encontrei com vocês e ele tava indo fazer um evento no final de semana, ele parou com isso também?
[00:52:15] Débora: Parou. Ele trabalha, ele faz as coisas, mas não é igual antes e ele não pode fazer ficar fazendo muito esforço, ele não pode fazer, sabe? E às vezes até quer mas não pode por causa que aí agrava sabe? Daí ele tem que ficar deitado lá daí ele tem que ir pro pronto socorro aí chega lá no pronto socorro eles colocam a hérnia dele no lugar daí daqui a pouco mal saiu de lá já está de novo que desce né, não sei como, não sei se você sabe como funciona isso. Ele mesmo coloca, ta fazendo o papel do médico aí, quando está ruim ele mesmo pega e põe o negócio no lugar, aí daqui a pouco ele levanta e daqui a pouco desce de novo né? Então enquanto ele não fizer essa cirurgia não vai. Depois que ele fizer daí ele pode voltar a vida rotineira dele, fazer tudo que ele fazia antes. Até tava falando para o meu filho ligar no 156 ai para ver.
Mas eu acho assim que tem quando se relaciona em relação a hérnia eu acho que eles tem que eles tem que ser mais rápido não é verdade? Vai esperar a pessoa morrer? Porque se esse negócio estourar, não dá tempo de socorrer ele, né? Não dá tempo, se Deus não colocar as mãos ele vai morrer, ele morre no caminho, ele morre aqui na minha casa, né?

Não dá tempo, até subir morro, ainda mais aqui que tem esse morro pra subir, né? Então a preocupação, um dos principais coisas que ele parou foi isso, esse estado de saúde dele.
[00:54:01] Natália: E você ta subindo para o centro para vender bolo também?
[00:54:04] Débora: Não, ainda não, até a minha irmã sugeriu isso. "Por que que cê num sobe? Vai lá, apresenta, num sei o quê, você não vendia pão? Então, agora vende os seus bolos, a pessoa compra". Até esses tempos atrás tinha pessoas vendendo bolo. Um monte acho que tinha umas três ou quatro que eu via. Hoje é hoje eu não vejo mais. Hoje tem vendendo bastante trufa né? Então mas o bolo eu não estou vendo mais mesmo não, deu uma parada porque a vida está ruim não sei por que que pararam de vender bolo né porque tinha umas mulher que tava vendendo bolo, umas duas ou três mulher e o homem vendendo salgado também naquela coisa térmica, cooler. Uns carregando né naquele carrinho né? E outros levando na mão.
[00:55:30] Natália: Então os seus bolos e os bombons você ta vendendo aqui?
[00:55:34] Débora: Aqui, eu vendo só aqui. Para o pessoal daqui. Eu faço agora de manhã ai a tarde eu saio para vender.
[00:55:40] Natália: E quando vocês tavam vendendo o pão como que era? De manhã a produção e a tarde a venda?
[00:55:48] Débora: Tipo assim ó, era no sábado e na terça que ele fazia. Ele levantava de manhã e preparava tudo para fazer né. O queijo e o presunto ele ralava um dia antes né. Era assim, nós ia na cidade, ele começava na quinta feira a fazer o pão, virava [a noite] fazendo o pão na quinta feira, na sexta nós saíamos para vender, ele dormia pouco.
[00:56:40] Natália: Por que ele virava a noite fazendo?
[00:56:42] Débora: Porque era mais fresco, por causa da mercadoria. E muitas pessoas perguntavam: "é de hoje esse pão?", queria saber se era do dia e ele fazia isso por causa disso [para ser o pão do dia]. Então ele começava na quinta feira, por volta de umas 8h/9h ele já estava começando. Ai dormia o restante da madrugada, aí de manhã a gente saia, eu já saia logo aqui e vendia um tanto aqui de manhã. Ai o que eu vendesse aqui, vendeu. Ai o restante a gente ja deixava tudo empilhadinho, arrumadinho, bonitinho pra gente subir para cima. Ai lá para volta de 1h e pouco a gente subia, ai lá para umas 3h ou 5h e pouco dependendo do dia a gente voltava, porque ai a gente ia no supermercado com o dinheiro do pão a gente comprava o do salgado. Ai aqui ele fazia um monte de salgado. Ele fazia calafrango, ele fazia assado de presunto e queijo, enroladinho de salsicha. Ele fazia um monte de coisa!
Ele fazia bastante variedade, sabe? De coisa, bastante variedade de salgado. Aí ele saia com aquela caixa enorme que inclusive aquela caixa já posso descartar e jogar fora que tem que comprar outro quando começar a fazer de novo comprar outro e jogar aquela fora. E aí ele pegava e fazia um monte, saia com essa caixa cheia até o bico. E aí a gente vendia. Dai tá vendia o pão e fazia os salgados no sábado de manhã até duas e meia da tarde mais ou menos e ele tava terminando o salgado assado de fazer, de moldar e tal. A coxinha fazia antes do assado né porque a massa ainda tem que crescer, ele terminava de fazer a coxinha e aí já preparava a coxinha tudo, já preparava a coxinha, e risoles que ele fazia. Aí era o tempo dele pegar e terminar a coxinha. Assim que ele terminava os fritos ele já logo emendava na massa do assado, entendeu? Aí fazia deixava a massa lá, deixava um tempo né, o presunto e o queijo estava tudo ralado ai ele pegava e fazia o assado né.
Preparar o assado, já ia lá sovava mais mas o processo todo da massa sovar colocava lá de novo. Ai ia assando e aí lá pras duas e pouca ele começava a fritar o frito né? Ele que fazia tudo isso, eu não fazia nada, não fazia nada, ele mexia com tudo isso. Eu o João Pedro, como

ele fala a turma da limpeza. Ele falava “Agora pode vim a turma da limpeza”. Nesse dia eu nem fazia almoço por causa que ele ocupava a cozinha toda né? A gente já almoçava o salgado que ele fazia. Lanchava o salgado que ele fazia. Aí ele pegava e fazia tudo assado, terminava três horas, três e meia, mais ou menos é isso mesmo. Três e meia, três e quarenta mais ou menos, né? Já tava tudo pronto aí quatro horas subia para vender aqui. Nós subia o morro para vender o salgado. Tinha dia que a gente vendia bem no dinheiro tinha dia que vendia mais para pagar depois. Então mas assim não tava ruim não.
Quando ele tá bom de saúde, ele é muito exigente, esses dias que ele deixou eu fazer é porque ele não podia mesmo, ele não tava podendo mesmo, ele tava sentindo até dor. Ele fez alguns mas ele não conseguiu prosseguir porque ele estava com muita dor sabe? Aí ele ficou lá deitado às vezes eu perguntava pra ele olha pra ele ver como tava o salgado, para ficar do jeito que ele queria. Mas ainda então por isso que ele deixou. Mas quando ele tá bom ele não deixa a gente por a mão em nada.
[01:04:40] Natália: E se vocês pudessem, você gostaria de investir aqui na sua casa para continua vendendo o salgado?
[01:04:45] Débora: É claro! Até mesmo um tempos atrás a gente estava até pensando nesse … tava com esse intuito né de investir de reservar um dinheiro pra arrumar aqui pra fazer uma estrutura melhor né? Mesmo que fosse aqui mesmo um lugar simples mas terminar até mesmo essa cozinha sabe? Ou até mesmo ele tava ali atrás tem um cômodo que a minha mãe começou e foi até a metade. Até a gente tava pensando mesmo assim na possibilidade de abrir isso aqui, né? Pra sair já logo de lá, né? Abrir a parede aqui e saímos de lá, terminar aqui o cômodo ali, né? E arrumar ele ali só pra isso. Deixar lá só pra isso, né? E também na possibilidade de uma máquina específica para fazer o pão. Arrumar aquelas coisinhas certinhas, que você vai pondo o pão assim. Ter uma estrutura certinha só pra mexer lá.
Mas acontece que para fazer isso você tem que ter um dinheiro, uma quantia em dinheiro para você fazer isso. E a gente ainda não teve essa oportunidade de ter esse dinheiro. Até mesmo porque como eu e ele estávamos desempregados e agora ele também com esses problemas dele ai .. para você ter ideia ele já foi operado, só que a hérnia que ele foi operado voltou e ainda surgiu outras. Então se a gente tivesse condições mesmo a gente faria, investiria sim, por quê não? Na realidade tipo assim como eu falei para você, eu tava com esse intuito de arrumar um serviço fichado e trabalhar mesmo. Mas acontece o quê? Mas a gente acaba acostumando a gente ser o nosso patrão. Você concorda? Embora a gente não ganhe muito pra isso né? Porque tipo assim ó eu tô sete anos aqui eu não precisei deixar a minha filha vai pra escola agora mas eu não precisei deixar ela com ninguém pra mim pra mim se virar tanto que ela a gente vai vender os pão ela vai com a gente se ela não tá na escola, ela vai com a gente, a gente leva ela pra vender pão com a gente. O ruim é dia de chuva, que daí ela acaba tomando chuva junto com a gente, né? Mas que nem a gente pode cuidar sem precisar deixar ela pra outra pessoa pra cuidar dela, né? Até mesmo porque aqui é difícil, né? E eu não confio, sabe? Não confio. Aqui eu não confio, não confio em qualquer outro lugar também não confiaria né, de deixar minha minha filha porque eu não conheço a pessoa não sei ué, o que pode acontecer né. Se você está dentro de casa você não está protegido ficando com seus próprios pais hoje, seus próprios pais, infelizmente é uma realidade. Quanto mais com uma pessoa estranha, né? Então tipo assim, então eu fico assim pensando, porque quando eu penso em arrumar um emprego eu penso “Meu Deus com quem eu vou deixar a minha filha?” . E sinceramente. Eu não gosto de ficar incomodando os outros. Assim incomodando, no sentido assim de deixar “Ah fulano, você

fica minha filha pra mim?" Eu não... toda a minha vida assim ó, sempre tentei evitar isso, sabe? Tipo sobrecarregar minha mãe, de deixar ela com a minha mãe. Isso me incomoda, eu não gosto.
Então, mas eu fico assim, fico pensando "Eu não vou deixar com a minha mãe, até por causa da condição de saúde da minha mãe também". Ou mesmo com a minha filha [ela se refere a uma filha mais velha que não mora na mesma casa e nem no mesmo bairro], que ela tá desempregada né, que ela tava num emprego mas acabou não dando certo nesse emprego, mas aí minha filha tem a vida dela tem a preocupação dela eu vou deixar a minha filha não vai poder ir fazer as coisas dela porque ela tem que ficar com a Raquel? Não vai dar certo. Porque ela vai deixar de viver a vida dela muitas vezes tem alguma coisa pra fazer, "Ah eu não posso porque eu tenho que ficar com a Raquel". Eu não sei se tô pensando errado, né? E deixar com o meu filho [esse filho mora junto com eles], eu também não confio, eles brigam muito. Meu filho vai fazer dezoito anos mas nossa eles vivem num pé de guerra. Meu Deus como que eu vou deixar ela com João Pedro? De repente eu vou lá trabalhar deixo ela ir daqui a pouco eu chego ele machucou ela lá bateu nela machucou ela. O meu esposo também não dá por causa desse problema de saúde dele né.
[01:09:58] Natália: E agora que você tem essa experiência de trabalho com carteira assinada e de trabalhar sozinha, qual que você acha melhor pra você?
[01:10:03] Débora: Ah ... eu prefiro ... embora tem aquele negócio que eles lá automaticamente o patrão vai lá e paga o seu INPS tudo, eu acho melhor ser autônomo. Essa opção é melhor. Do que você ter alguém lá do tipo, não que a gente não goste de ser mandado, né? Porque na realidade assim, se eu não sou mandada pelo meu patrão, mandado eu falo assim, entre aspas, né? Eu sempre eu vou estar na minha casa. Se não me sujeitar meu patrão eu vou ter que sujeitar o meu esposo. Se eu não sujeito o meu esposo eu tenho que sujeitar o meu pastor no caso né? Que eu tenho um pastor. Na vida você sempre tem que se submeter. Não adianta você querer fugir. Que nem eu tava falando com a minha filha Ester, tem coisas que não tem como, você tem sempre que se submeter a alguém. Mas a gente tem essa dificuldade. Hoje não, eu já tive muita dificuldade nisso, hoje eu não sou cem por cento. Preciso que eu trabalhar mais isso na minha vida. Mas "Fulano faz isso aqui. Fulano faz isso aqui. Entendeu?" Nossa tipo assim, isso para mim, parecia que estava me batendo. eu tinha essa dificuldade, eu confesso.
Tipo assim eu tinha essa dificuldade eu confesso. Nossa parece que a pessoa... pior que você me desse um tapa assim sabe? Aquilo me corroía por dentro né? Mas é o orgulho, né? Isso é falta de humildade, né? Da gente que é humano. Né? Mas hoje não, hoje já não é mais assim, né? Hoje assim, situações que a gente passa na vida, Deus ele quebra a gente, ele ensina a gente que as coisas não é assim né? Então hoje eu trabalho melhor isso, né? Mas no caso eu acho melhor nesse sentido é melhor a gente ser autônomo mesmo. Claro que você não vai ser uma pessoa descompromissada. Até mesmo porque mesmo você sendo autônoma mas se você não é uma pessoa "compromissada" o que você está fazendo você não vai ter resultado nenhum. Né? Você vai trabalhar a vida toda e você não vai progredir não é verdade? Porque mesmo você sendo autônomo, você não tem compromisso? Não tem um horário pra você fazer suas coisas? Você não tem hora de acabar? Você não tem uma coordenação na hora que você vai tá fazendo as suas coisa? Vai dar em nada, você vai trabalhar, trabalhar, né? E não vai dar resultado, né? Então, mas eu acho que é melhor a gente ser autônomo. A sua independência, ter o seu negócio né? Você tocar o seu negócio. No caso eu e meu esposo né? Que nem eu falei pra você o meu ritmo não é igual o dele mas tem muita coisa que eu aprendi com ele né? E tem muita coisa … Que nem vendas mesmo,

né? Assim, eu puxo ele nas vendas. Quando a gente sai pra vender, né? Assim, acontece de dias eu estar meio desanimada assim, mas é mais eu pela misericórdia de Deus, é mais eu que vendo do que ele. Daí ele mesmo fala "quem vende, mais pão é você, você sabe que é você que vende. Bom, eu faço tudo, mas quem vende mais pão é você".
[01:12:14] Natália: E você se considera empreendedora Débora?
[01:12:17] Débora: Então, aí tem esse aí. Que nem eu tava falando para você. Porque tem muita coisa que o empreendedor tem que ... porque na realidade eu tô fazendo um papel, eu e meu esposo faz um papel de um, né? Só que nós temos que ter uma estrutura, nós temos que... eu e ele temos que colocar tipo a cabeça no lugar e focalizar, tem que ter foco naquilo. Né? Porque se você toma posse daquilo "Eu sou empreendedor", então você vai, né? Que nem você, você é uma arquiteta, cê tá entrevistando, você tá se preparando, né? Cê tá tendo uma preparação pra isso. Então, eu e ele precisamos focar nisso. Quer ser empreendedor? Quer ser seu próprio patrão? Então nós temos que investir nisso, né? Nós temos que trabalhar em cima disso, porque ser empreendedor é muito mais além do que eu e ele fazer o pão e sair pra vender. Né verdade? É muito mais, exige muito mais do que isso.
[01:13:35] Natália: O que você acha que exige?
[01:13:37] Débora: Que nem eu falei tem toda a preparação. Nós temos que investir, nós temos que preparar nossa vida, né? Até mesmo o investimento do que entra e do que sai pra nós ser verdadeiramente um verdadeiro empreendedor mesmo, ser mesmo a empresa, né? Porque você vê que uma empresa é ... eu não sei como que funciona na parte de arquiteto, se tem que ter contador e tal. O empreendedor tem que ter um contador, mais pra frente claro. Tem que ter um administrador. Porque a gente não vai poder fazer tudo conforme for crescendo a gente não vai poder fazer tudo.
Não vai poder eu eu e ele não vai poder fazer tudo sozinho né? Conforme for crescendo vai exigindo mais aperfeiçoamento né verdade? Então a gente vai poder ficar só aqui. Que nem, tipo assim, até essa estrutura aqui, se a gente quer investir, se a gente quer ser, quer ser o nosso próprio patrão, então nós temos que trabalhar pra isso acontecer, né? Já começar das estruturas onde a gente trabalha.
Tipo assim você não sei como que você vê, porque ninguém vê igual ninguém. Uma pessoa que chega num lugar simples assim, de repente nem assim não dá nada ou de repente vai me menosprezar por causa do lugar que a gente tá "Ah mas o pão é feito aqui??" Né? Ou "O bolo é feito aqui nesse lugar?" A pessoa fica até meio receosa na realidade. Né? Então a gente tem que trabalhar se a gente quer, se a gente quer investir nisso, quer levar pra frente? Que quer ser o nosso próprio patrão? Nós temos que contribuir pra que isso aconteça, né? Nas nossas atitudes, no nosso pensamento, fazer um negócio certinho, né? Pra acontecer, né? Levar adiante pra acontecer, né? E ele deu uma parada por causa do problema de saúde dele, enquanto não for resolvido vai ficar meio dificil de tocar pra frente, né? Porque não pode fazer, não pode fazer mais nada em relação a isso, força, nada, né? E eu tenho intenção sim, eu acho melhor, eu acho a melhor opção. Você ser o seu próprio patrão, ter o seu próprio negócio.
É uma coisa assim boa, até mesmo porque daí se você tem uma estrutura, você mesmo vai lá no INSS. Que nem eu falei eu tenho muita preocupação com isso. Então você vai lá e paga o seu INSS, o tanto que tem que ser pago e toca para frente né? Eu acho melhor.
[01:18:05] Natália: Mesmo seguindo seu negócio você tem vontade de continuar contribuindo com o INSS?
[01:18:10] Débora: Tenho! Claro! Porque você vê, é uma coisa assim que … claro tem pessoa que não precisa, mas a gente vai saber? Então eu me preocupo muito com isso, né?

De repente eu não deveria estar dando tanta importância mas eu me preocupo bastante com isso né? Eu vou até me organizar, pra ver se eu consigo pagar pelo menos um pouco, voltar a pagar, né? Investir, porque na realidade é um investimento, né. Cê não tá pagando, cê tá investindo.
[01:19:26] Natália: Vocês já pensaram em abrir MEI?
[01:19:30] Débora: Ah, é que minha irmã tá falando sobre isso também. Eu não sei como é que faz, o que você tem que fazer.
até mesmo porque como eu trabalho na rua também eu estava vendo esse negócio de como eu trabalho na rua pra mim trabalhar livremente. tem aqueles fiscal que você parece uma criminosa na realidade entre aspas cê tá na daí cê tá né? Tá mandando o correto né? Incorreto correto correto ao mesmo tempo porque cê não tava assim você não está metendo revolver nos outros você está trabalhando só está querendo sobreviver isso entendeu? Então mas eu me eu me sinto mal eu me confesso com você na época tipo assim eu eu vendia e pobre meu esposo na rua. veio alguém vim o fiscal falei ai Jesus eu me senti uma desabordada no Face não chegou assim não abordaram mais ...

Entrevista Silvio
Entrevista com Silvio, dia 05/12, às 16h, no centro comunitário do Jardim Nova Esperança.
[00:00:09] Silvio: Eu sou o Silvio dos Santos Pinto, sou nascido em São Sebastião, vim morar aqui em São José, eu acho que deve ter sido em oitenta e oito, parece, né? Eu era bem novo. vim morar pra cá, aí daí já comecei a trabalhar com meu pai, de ajudante de pedreiro, a gente daí já, já mudei ele para pedreiro, e hoje, no momento, eu trabalho de carpinteiro e pedreiro. Já vendi banana, abacate, jaca, tudo daqui mesmo do Banhado.
[00:00:50] Natália: E você gosta dessa parte, Silvio?
[00:00:52]Silvio: Gosto, gosto bastante
[00:00:56] Natália: O que você mais gosta de fazer na obra?
[00:00:58]Silvio: Eu gosto de alvenaria, trabalhar de carpintaria. Tem a pessoa que faz alvenaria e daí outros que já vem pra fazer o acabamento, né? Nós faz a alvenaria, reboque, aí vem pintor, vem elétrica, aí já é outra equipe que vem.
[00:01:35] Natália: E quando você começou lá com o seu pai, você era menor de idade?
[00:01:38] Silvio: Eu era menor de idade. Ah, na verdade, eu comecei a trabalhar com nove anos de idade, porque minha mãe separou do meu pai e a gente foi morar numa ilha, né? A gente levava uma hora e meia de, uma hora e quarenta de remo e vinte e cinco minutos de motor. Mas as vezes não tinha motor e tinha que ser no remo. Com nove anos de idade já arava a terra no enxadão, às quatro horas da manhã, até duas horas da tarde. Para poder ir pescar depois. Até 6h da tarde ia pescando e ali a gente vivia na troca. A gente ia para o Cedro, né? Que é uma cidadezinha mais próxima, daí a gente trocava tudo, coisas que a gente não tinha, né? Que era arroz, isso não tinha, a gente trocava o feijão no arroz, trocava a farinha de mandioca, a gente trocava a mandioca.
[00:02:54] Natália: Os peixes vocês iam trocando?
[00:02:54] Silvio: Isso, o peixe a gente secava eles na tela, assim em cima do telhado, ele secava eles. Aí, levava o peixe seco. Aí fazia troca na carne, fazia a troca nas coisas que a gente não tinha. Que a gente plantava, a gente plantava mandioca, plantava milho, feijão, então a gente tinha bastante coisa, né? A gente ia pra cidade e trocava, fazia uns rolos. Era difícil voltar pro dinheiro, mais era com troca mesmo, galinha, essas coisas assim.
[00:03:26] Natália: Mas dava certo né.
[00:03:29] Silvio: Dava sempre certo!
[00:03:30] Natália: E qual que foi o seu primeiro emprego com carteira assinada?
[00:03:34] Silvio: Carteira assinada foi pacoteiro. No mercado Garça, lá em São Sebastião. Eu tinha quinze anos. É, mas, aí eu já tinha voltado pra lá para morar com a minha mãe. Isso aí eu vim morar para cá [São José dos Campos] depois eu fui morar pra lá de novo. Aí eu voltei a morar com a minha mãe. Aí eu consegui um serviço registrado de empacotador.
[00:03:53] Natália: E como que era esse serviço de carteira assinada?
[00:03:57] Silvio: Ah serviço com carteira assinada é bom né?
[00:04:00] Natália: Por quê?
[00:04:01] Silvio: Ó no meu serviço lá mesmo, eu ganhava o meu salário, que era pouquinho, mas só que caixinha ganhava triplicado o salário, ganhava muito mais. Então era satisfatório pra serviço, era gostoso, era bom.
[00:04:18] Natália: De ter um salário lá no dia certo…
[00:04:01] Silvio: Isso. Eu tenho na carteira também, eu tenho de encarregado de produção, que eu produzia o croquete, eu produzia guia. Em Caraguá. Lá eu produzia guia, broco, fazia de tudo lá, eu era encarregado. Trabalhei na Construpel de encanador na faixa de um ano e oito meses. Deixa eu ver … eu trabalhei na Construpel, na Teto, trabalhei de encanador e

passei para pedreiro. Eu entrei de encanador e passei para pedreiro, na Teto, eu fiquei 2 anos. Depois eu vim pra cá pra São José de novo. Aí comecei trabalhar na Antunes Filho. Entrei de encanador e depois fui para pedreiro.
[00:05:20] Natália: E isso foi em que ano?
[00:05:23] Silvio: Hm em dois mil e catorze, dois mil e quinze, eu acho. Trabalhei 3 anos e pouco 3 anos e 8 meses. Aí eu passei pra pedreiro, lá mesmo eu entrei como encanador e passei pra pedreiro. Esse foi o meu último serviço registrado.
[00:05:40] Natália: E depois, aí, você tentou arrumar os empregos?.
[00:05:44] Silvio: Olha, falar a verdade para você, eu comecei a vender banana e deu certo. Eu fiquei no seguro recebendo o seguro e comecei a vender as bananas na cidade. Não, minto, eu comecei vendendo abacate e jaca. Aí deu certo. Comecei a ganhar um dinheirinho bom, Aí, como acabou o abacate e a jaca aí eu parti para a banana. E a banana gerou mais dinheiro ainda. **Daí todo dia tinha dinheiro**. Aí, eu peguei e fiquei. Daí nos tempos atrás que essa epidemia chegou eu parei. Ai agora tem um mês que eu comecei a trabalhar de novo na construção civil.
[00:06:35] Natália: E agora você já teve essas duas experiências, qual que você prefere? Vender a banana ou a construção?
[00:06:42] Silvio: A construção é o seguinte, é serviço pesado. A banana porém é pesada pra subir o morro aqui, mas se você subir o morro aqui acabou o peso, porque dois prédios, três prédios que eu tenho aqui, eu já esvaziei metade do meu carinho. Então, é rapidinho. Eu saio de casa, eu não preciso sair cedo pra trabalhar. É ..., só pra ir no CEASA mesmo, para buscar uma fruta que eu não tenho, que é uma pêra, uma maçã, que não tem. Então, eu vou buscar. Então… um abacaxi, aí eu vou la buscar e eu saio daqui cinco horas da manhã, venho pra casa, fico aqui até quatro hora, quatro e meia daí eu subo, quando é sete horas eu tô voltando de novo, sem nada, já vendi tudo.
É pouco serviço, né? Poucas horas, vou contar para você ver … quatro, cinco, seis, sete, três horas de serviço.
[00:07:40] Natália:Já ganhou o dia..
[00:07:42] Silvio: O dia e muito mais que eu trabalho oito horas por dia. Eu ganho cem real por dia na construção. É pouco. É bem pouco, porque o pedreiro, na verdade, é pra ganhar cento e quarenta, cento e cinquenta reais. Mas não pagam. Eles não vão querer pagar e se eu for querer pedir eles mandam embora e eles vai caçar um que trabalha por esse preço. É assim. Então…
[00:08:08] Natália: Hoje você prefere trabalhar com a banana, né?
[00:08:10] Silvio: Com a banana, isso. Mas como essa epidemia ta aí, eu não vou me arriscar lá, trazer doença para os meus filhos, né? Porque é ruim, agora numa construção eu trabalho aqui, o outro pedreiro trabalha lá, o ajudante trabalha mais longe, então quase não tem muito contato.
[00:08:28] Natália: Então você acha que é mais seguro?
[00:08:30] Silvio: É mais seguro
[00:08:31] Natália: Mas, se você puder, a gente escolher, você preferia ficar com a venda de frutas certo? E o que mais você vê de vantagem no trabalho da venda da banana?
[00:08:42] Silvio: Ali ó, na venda da banana eu posso vender várias outras coisas também, porque alface, couve, ora-pró-nobis é uma coisa que vende muito, você abre a boca na cidade falando de ora-pró-nóbis quem passa aí, vegano, essas pessoas que gosta, pergunta o preço, meu preço é bem mais baixo do que o preço de cima, porque cem grama é dezessete reais (no centro). Eu coloco setenta gramas à cinco “conto”. Então assim, o meu

ta bem mais em conta. Então a turma vem e compra. Daí eu vendo a banana, ora-pró-nobis...deixa eu ver,.. abacaxi, batata, como é o nome mesmo, eu esqueci o nome, era aquele verde, é brócolis? Tem brócolis, couve flor é o branco, brócolis é verde, né? O verde eu vendo mais. Quando eu tenho esse sai mais. As pessoas pedem bem mais.
[00:09:45] Natália: Mas nem tudo você tem aqui né?
[00:09:47] Silvio: Aqui tem, tem bastante, a única coisa que eu busco é abacaxi, a manga, que às vezes tem aqui também. É … o que eu vou buscar lá fora é pêra, maracujá, o abacaxi que eu já falei, e o melão e o mamão. Às vezes eu tenho bastante mamão aí também. Aí eu não busco, mas quando não tem eu pego no CEASA o mamão.
[00:10:25] Natália: E hoje, em comparação com o emprego com carteira assinada você ainda preferia ficar com a venda de bananas?
[00:10:30] Silvio: Sim
[00:10:34] Natália: E quantos dias você trabalha, Silvio? [Eu me referia a venda de bananas, mas ele entende que estou falando da construção civil]
[00:10:36] Silvio: Ó... que nem a gente tá no começo, se chove você não trabalha, você vai trabalhar até meio dia você consegue ganhar o dia, mas passou do meio dia o patrão já vai mandando você embora, ele vai lá olhar o céu, fala "ah vai chover", então como sua produção vai ser pouca já manda você embora. Aí vem amanhã,aí começa a chover de novo, já manda embora, agora quando tem telhado, como já tá na laje, aí já tem mais serviço embaixo da laje pra fazer, então você fica fazendo outras coisas, aí sim você trabalha o dia todo, mas se nenhum tiver, vai nas duas semanas pra nós terminar. Para bater uma laje. Aí quando bater a laje você vai ter serviço embaixo, igual, amanhã, se tiver desse jeito, já perdi o dia. Se começar a chover sete horas da manhã e parar nove hora eu já perdi o dia, eu não vou chegar atrasado lá,o máximo que eu posso chegar lá é oito e vinte, aí eu consigo entrar.
[00:11:43] Natália: E é longe daqui?
[00:11:46] Silvio: É pertinho, mas só que pelo trajeto que eu faço, fica um pouco longe, mas é aqui do lado aqui ó. Se não fosse os brejos, esses negócios era só um pulinho aqui, já tava no serviço.
[00:11:58] Natália: Além do Banhado, né? Te permite você pegar essas frutas que você vende, a localização dele também faz diferença pro teu trabalho, se fosse em outro lugar ia ser mais difícil você acha?
[00:12:11] Silvio: Ia, porque aqui no centro da cidade tem vinte e um pé de abacate e esses vinte e um pé de abacate, a maioria deles é eu que pego. A maioria desses pés sou eu que pego. Nossa vou falar para você é muito abacate.
[00:12:30] Natália: Você que contou? Foi você que contabilizou?
[00:12:37] Silvio: Foi eu! Eu sei onde tá todos eles, o gigante, o roxo, o roxinho, aquele o .. avocado. Até o avocado tem, lá no Urbanova, tem um pezinho lá. Eu vou com a bicicletinha, eu pego o meu filho, a gente cata o carrinho grande, coloco uma escadona gigante, um bambuzão e um "paduzinho", cê bota no "paduzinho", estica a escadona e vai lá em cima buscar, não cai nenhum no chão. Às vezes caí um outro mas a maioria a gente catatudo, não deixa cair nada.
[00:13:18] Natália: Então se eu passar e não tiver foi você que pegou tudo?
[00:13:20] Silvio: É (dá risada)
[00:13:25] Natália: Você trabalha desde os nove anos, você não sabe como é "não trabalhar" né?
[00:13:35] Silvio: Não, eu já fiquei bastante tempo parado já. Acho que uns tempos... Ah, quando eu era mais, mais novo, antes de eu ter família… era meio vagabundão, não gostava

muito de trabalhar não. Eu gostava muito de jogar um bilhar, tá ganhando um dinheiro fácil. Graças a Deus essa fase já não existe mais.
[00:14:03] Natália: Foi antes da Elaine?
[00:14:04] Silvio: Foi antes da Elaine, a Elaine que me endireitou.
[00:14:06] Natália: E foi quando você conheceu a Elaine que você veio para cá?
[00:14:10] Silvio: Foi
[00:14:12] Natália: Onde vocês se conheceram?
[00:14:13] Silvio: A gente conheceu lá no Bom Retiro, Primavera. É do outro lado da cidade, na casa da tia dela. Ela foi passar uns dias lá e ai a gente se conheceu.
[00:14:24] Natália: Ai foi amor à primeira vista?
[00:14:25] Silvio: Foi
[00:14:28] Natália: Ai já vieram para cá?
[00:14:30] Silvio: Não, a gente foi morar lá pra Caraguá. É... tinha dois cômodos lá no fundo lá, a gente foi morar lá, em Caraguá, aí depois a gente voltou para cá de novo. Voltamos para lá de novo. E voltamos para cá de novo. **Onde tava tendo serviço a gente tava indo.** Eu tinha um tio, que tinha fábrica de bloco, daí eu fui para lá. Ai trabalhei um bom tempo, fazia bloquete, bloco, pia, essas coisas.
[00:15:02] Natália: E quando que o Silvinho decidiu começar a vender fruta com você?
[00:15:05] Silvio: No começo ele tinha vergonha. Moleque novo, bonitão ... Então tinha um pouco de vergonha, mas depois ele viu que deu dinheiro, aí ele gostou. Aí pegou gosto. "Bom,já que dá um dinheirinho vamos lá" ele pegava e ia, vendia tudo, voltava feliz para casa. É bom né, desde o começo assim, já ir começando assim vendendo, é bom, melhor do que ficar na rua ai.
[00:15:41] Natália: E como vocês fazem isso, cada um vai para um lado?
[00:15:44] Silvio: Ah, sim, ele fica na Porta Esperança, né? Na porta do mercado
[00:15:50] Natália: E você vai para outro canto …
[00:15:51] Silvio: Eu fico nas ruas, né? Mas para o final eu vou pro mercadão, que é a hora que os fiscal vai embora e ai eu caio pra dentro. Quando você for brigar com o fiscal, porque uma vez eu fui cedo, vender abacate, tomaram meu carrinho, cheinho de abacate, só tinha feito cinco real e o gás nosso tinha acabado nesse dia, peguei e fui vender abacate. Chegou lá, eles tomaram o meu carrinho, e eu só tinha feito cinco conto. Daí eu falei "Ah, vou lá buscar mais". Catei o carrinho, eu tomei o carrinho deles, porque eles jogaram assim dentro do Kombi, eu catei e saí correndo. Aí ele pegou, falou assim, eu falei pra ele "Ô devolve pelo menos o carrinho, carrinho de encher de massa, eu sou trabalhador, eu uso pra mexer massa, como não tá tendo serviço, eu tô vendendo os abacatinhos pra não perder muito" aí ele falou "Ah, se quiser saber você vai lá na Prefeitura lá, se quiser seu carrinho de volta você vai lá ver". Ai eu falei "ta bom", ai a hora que ele pôs a mão para fechar, eu aproveitei puxei e saí correndo, daí o policial que tava na rota ele ia correr atrás de mim, aí o outro gordão falou " ah deixa o cara ir embora, ele é trabalhador". Aí cheguei em casa, peguei abacate de novo, voltei vender. Ai fui vender de novo mais tarde, esperei eles ir embora, que era meio dia que eles ia embora né, dai deu meio dia, pá fui para a cidade de novo. Aí vendi e deu tudo certo.
[00:17:25] Natália: E tem momentos que aqui fica melhor de venda, tem momentos que não fica tão bom?
[00:17:30] Silvio: Ó, todo dia bom, cidade todo dia é bom, porque todo dia tem movimento, cidade todo dia lotado.
[00:17:37] Natália: Porque é o centro.

[00:17:30] Silvio: É o centro. É o foco. Então, todo dia que você sobe… se você subir com um carrinho de banana você vai voltar vazio. Todo dia, todo dia. Porta Esperança, cê vê, é, a melhor coisa que tem, porque ó, o povo vai lá dentro, olha aquela banana sem gosto lá, experimenta a nossa, é diferente.
[00:17:57] Natália: Você dá uma amostrinha para o pessoal?
[00:17:59] Silvio: Opa, na hora, não vou perder nada. Uma dúzia de banana que você dá, o lucro seu é muito, muito.. Se eu dou uma banana para você, você experimenta, você "ow põe dez real aí". Eu vendo duas dúzias, rapidinho, com uma banana.
[00:18:17] Natália: E você aprendeu a ser vendedor aqui?
[00:18:20] Silvio: Não, na verdade eu vendia, eu vendia em Caraguá também, vendia lá, eu já tenho assim para vender, graças a Deus eu…
[00:18:28] Natália: Você gosta?
[00:18:20] Silvio: Eu gosto. Mas eu tinha vergonha também. E para conversar assim na câmera assim, eu conversei lá porque eu tava de máscara.
[00:18:44] Natália:. Se não tivesse você não ia?
[00:18:46] Silvio: Não ia. É, não sei, inibe, inibe ... Mas, de cara limpa não ia não.
[00:19:00] Natália: Muito tímido. Mas com a venda você está acostumado já?
[00:19:02] Silvio: Com a venda eu sou acostumado.
[00:19:05] Natália: E outra coisa, você falou que quando você saiu do trabalho você pegou o seguro desemprego e tal …
[00:19:11] Silvio: Peguei, investi tudo em casa. Fizemos uma cazona ali.
[00:19:13] Natália: Aí, que você fez a mansão da Elaine..
[00:19:15] Silvio: Fiz uma baita de uma cazona ali.
[00:19:20] Natália: Foi com esse seguro desemprego.
[00:19:21] Silvio: Foi nesse emprego meu, que eu fiquei três anos e oito meses.
[00:19:25] Natália: E foi você que fez tudo?
[00:19:26] Silvio: Tudo, tudo, tudo, tudo. Caí duas vezes do telhado.Foi por Deus mesmo, que eu tava paralítico hoje… A Elaine se você perguntar ela conta pra você, cai lá de cima. Minha casa é alta. Eu caí, e a sorte é que eu tinha montado um andaime embaixo, minha perna enroscou no andaime e eu travei a perna. E o andaime quando você trava ele, ele vira, por Deus ele não virou, ficou paradinho. Aí a Elaine, e Careca, que é meu vizinho, catou e me segurou. Mas era para eu ter batido a costela, a bacia, era para eu estar paralítico hoje. Pela altura que eu caí, três metros e pouco.
[00:20:08] Natália: E obra fora, você nunca se machucou né? Só aqui.
00:20:10] Silvio: Só aqui. Ah, pra fora, a gente tem que ter um pouco mais de cuidado, né? Porque aqui eu não usei cinto de segurança, né? Lá tem que usar né. Tem que por cinto, tem que amarrar … É lugar bem mais alto. Então lá tem segurança.
[00:20:25] Natália: Na obra eles dão todos os equipamentos?
00:20:27] Silvio: Dão, dão. Um não dá, para nois não. **Quando é registrado eles dão**, eles são obrigados a dar. Mas quando é assim não dá não.
[00:20:35] Natália: Essa obra de agora que você pegou, que é tipo por conta, eles não dão nada? **00:20:40] Silvio:** Não. Você tem que comprar luva, você tem que comprar botina, roupa é a sua mesmo, a única coisa que ele dá eu acho é uma camisa.. que é da obra dele, só. Que é pra você fazer merchandising para ele. É assim. Eu trabalhei também de entregar perfume, vendia muito perfume pras outras cidades.
[00:21:07] Natália: Como que era isso?

00:21:10] Silvio: Eu morava aqui em São José mesmo, no Bom Retiro. Eu ia pra Minas, Rio de Janeiro, Cachoeira Paulista. Tudo esses lugar aqui pra Caçapava, até o Rio de Janeiro eu ia entregar.
[00:21:25] Natália: Era uma empresa, como é que era?
00:21:28] Silvio: Ah, eram dois rapazes, dois sócios. Eles mesmo produziam os perfumes. E a gente entregava e as pessoas vendiam e essas pessoas que vendiam o perfume e ganhavam um brinde. Aí a gente até inventava uns brindes que nem existia pra poder entregar os perfumes. Ah é. O patrão falava "Ó, fala que dá tal coisa que as pessoas aceitam, já pega o kit pra vender". Aí, quando a gente chegava lá, falava que acabou esse negócio. Aí ia panela de pressão esses negócios, mas as coisas mais cara, num dava.
[00:22:00] Natália: No final as pessoas nunca viram esses brindes né?
00:22:02] Silvio: Não. Acabou. (Damos risada)
[00:22:05] Natália: E você não ficava mal?
00:22:08] Silvio: Bom, e o pior que não. E pior que não. Ó, "sinto muito, mas é, foi um lote que foi pouco, então, as pessoas que foi vendendo mais rápido, então essas pessoas foi escolhendo e foi escolhendo só a panela de pressão, então, foi embora".
[00:22:25] Natália: Você já tinha toda lábia né
00:22:26] Silvio: Treinado (Ele ri) Edredom, edredom é caro pra caramba, né? Então, ele também nunca ia ver edredom. Nunca. Eles mandava falar que dava. E não dava, dava o quê? Dava um faqueirinho, baratinho, dava aquelas panelinha, é ... até perfume eles dava, relógio, aqueles relógios de parede bonito? Então aqueles lá eles davam. Esses e tal, né? De verdade, que era baratinho, né? Eles têm comprado bastante. Aí a gente dava isso daí, aí as pessoas pegavam para vender pra ganhar um relógio, porque o relógio tinha bastante paisagem dentro, né? Tinha bíblia, tinha pomba, tinha, tinha várias, vários no meio, como é que fala? Desenho né. Aí as pessoas se interessaram, gostavam porque era bonito, né? Aí até que enganava da panela de pressão. Era terrível, mas ganhava bem. Ganhava, porque ganhava dois real por kit pra entregava, entregava quarenta kits por dia, davam oitenta reais, isso há muito ó, muito tempo, então dava para tirar um dinheiro bom.
[00:23:47] Natália: Faz tempo isso?
00:23:49] Silvio: Faz. Eu tinha vinte anos, hoje eu to com quarenta e três anos. Eu sou de 1976, 43 anos né? Tá vendo, tantos anos.
[00:24:00] Natália: Você vai fazer 44 quando? Quando é seu aniversário?
00:24:03] Silvio: Em agosto, vou fazer ainda …
[00:24:09] Natália: E até que série você estudou, Silvio?
00:24:11] Silvio: Estudei até a quarta série. Um dia só na quarta série, depois não foi mais. É eu só passei pela quarta série, por um dia só na escola, não voltei mais.
[00:24:20] Natália: Por que?
[00:24:22] Silvio: Ah, sei lá .. moleque, só queria saber de praia, rio. Aí, acabei não indo mais para a escola. Meu pai separado da minha mãe, não tinha quem olhava, então "tô indo pra escola", mas não ia. Ao invés de ir para eu ia … me arrependo. . Demais. Demais mesmo.
[00:24:47] Natália: Você já perdeu alguma oportunidade de emprego porque tinha que ter mais estudo?
[00:24:51] Silvio: Já!!! Já sim. Foi na... comé que fala? (Pensa um pouco em voz alta, até que se lembra) Ribeiro Gonçalves!
[00:25:07] Natália: Aqui?

[00:25:09] Silvio: Não, lá em Caraguá. É.. era para mim ser promovido mas só que como eu não tinha estudo nenhum, não sabia mexer em nada, ele falou "ah, então, você vai ter que ficar de encarregado mesmo, né?" E o outro rapaz que já tinha mais estudo, ele ficou com cargo maior.
[00:25:25] Natália: Era na fábrica?
[00:25:27] Silvio: Era na fábrica. Se eu tivesse estudado um pouco mais, eu tava sentadinho, só mexendo no computadorzinho, não tava ralando no sol e um salário beeem mais alto.
[00:25:45] Natália: E hoje em dia você incentiva os meninos a estudarem?
[00:25:47] Silvio: Ah sim! Meu filho, graças a Deus tá quase terminando. Acho que vai pro quarto, porque com essa epidemia ai todo mundo acha que vai passar, né? Eu acharia bom que não passasse.
[00:26:00] Natália: Por quê?
[00:26:01] Silvio: Ah, pra refazer tudo de novo. Porque foi um tempo perdido né, meio ano perdido..
senão, fazer um supletivo, né? Pegar de onde parou e fazer tudo de novo, pelo menos metade, né? Do que do que eles perderam.
[00:26:25] Natália: Ea Sâmela? (A filha caçula)
[00:26:27] Silvio: Ela é uma menina inteligente. Graças a Deus. Tenho orgulho dela. Esperta.
[00:26:35] Natália: E você incentiva ela à estudar?
[00:26:37] Silvio: Bastante.
[00:26:39] Natália: Tudo que você faz é pelos dois?
[00:26:40] Silvio: Isso.
[00:26:41] Natália: Quê que você espera assim do futuro para os dois?
[00:26:44] Silvio: Ah, a Sâmela ela já tem na cabeça o que ela quer ser né, quer ser veterinária mesmo né. Gosta muito de animal. Gosta, né? O Silvinho acho que ainda não sabe o que ele quer ser não.. Eu acho que ele quer vender banana, né? Por enquanto (Dá uma risadinha). Vender banana.
[00:27:07] Natália: Ele falou, pra mim tinha bom que dá dinheiro hein. Acho que eu vou começar a vender banana também. (Damos risada também).
[00:27:17] Silvio: É bom, dá dinheiro mesmo.
[00:27:20] Natália: Ô Silvio e quando você tão lá vendendo banana assim, você fala que é do Banhado?
[00:27:23] Silvio: Falo que a banana é do Banhado sim e eles gostam. Falam "é lá de baixo?" E eu falo "É!".
[00:27:32] Natália: E para outras coisas assim ... para procurar emprego e tal.
[00:27:42] Silvio: Ah não, se for arrumar emprego e falar que é do Banhado já moio, ficou sujo para você já. Pelo menos lá, todo mundo sabe que eu sou do Banhado, lá onde eu trabalho. Eu já falei ``Ó eu moro no Banhado".
[00:27:57] Natália: Ninguém descriminou você nada? Mas assim se eu for procurar emprego numa loja e falar que eu moro no Banhado…
[00:28:05] Silvio: Fica mais ruim, fica mais difícil.
[00:28:07] Natália: Mas o engraçado é que a banana se você fala que é do Banhado é positivo, a pessoa é negativo. E alguém ja te destratou, Silvio?
[00:28:18] Silvio: Não. Nunca. As pessoas até falam, "nossa, você mora lá embaixo, subir aqui em cima pra vender banana, é difícil de ver" tem gente que incentiva a vender.
[00:28:37] Natália: E como foi uma época que você tava com uns planos de secar banana, não era? Que o Marcel comentou ...

[00:28:41] Silvio: Isso, isso. É mesmo.
[00:28:44] Natália: Como que era isso ai?
[00:28:47] Silvio: Essa daí bem, eu num sei. fazer. É o Marcel mesmo que tava bolando um jeito de fazer, né?
[00:28:54] Natália: E por que que você teve essa ideia?
[00:28:56] Silvio: Ah, essa ideia aí eu vi na televisão, né? De secar ela, de fazer ela, eu vi e falei, nossa, deve ser legal né. Uma banana, você faz uma dúzia de uma dúzia de banana.
[00:29:15] Natália: E aí, eu compro lá na loja de produtos naturais. sessenta reais o quilo.
[00:29:17] Silvio:Tá vendo? Ó o preço que é. E é gostoso, né? Você come com leite, assim ó, né?.
[00:29:30] Natália: Eu como puro mesmo, mas ai eu não compro, porque acho muito caro né.
(A filha do Silvio, Sâmela, entra nesse momento)
[00:29:36] Silvio: Tem que aprender a fazer, né? Puxando a internet é capaz de de ensinar a fazer.. Igual a banana nanica, né? Se você pegar ela verde, cortar bem fininha, igual a batatinha e fritar ela. Faz assim. Aquela vai ficar desse jeito, aí, você gosta. Se você fritar ela e colocar açucar.
[00:30:05] Natália: Eu gosto daquela caramelizada.
[00:30:07] Silvio: A Elaine faz assim, fica dahora.
[00:30:11] Natália: E vocês nunca tentaram vender assim já caramelizada?
[00:30:13] Silvio: Não.
[00:30:14] Natália: Por quê?
[00:30:16] Silvio: Ah, na verdade eu nunca, nunca tentei fazer. Mas eu acho que fica mais difícil, fica mais difícil.
[00:30:25] Natália: Estraga mais fácil?
[00:30:26] Silvio: Acho que estraga mais rápido, ai acho que fica mais difícil de vender.
[00:30:34] Natália: E para grande quantidade você vende? para alguém que revende e tal ...
[00:30:38] Silvio: Ah, não. Se eu for vender para grande quantidade o lucro é bem menos.Lá em eu vendo uma dúzia de banana é cinco reais. Se eu for vender para eles eu vou ter que vender por dois e cinquenta, a dois real, prefiro vender lá em cima, saio bem, bem mais.. É, tem diversos banana, né? Banana nanica já é um preço, a prata é outro preço, a São Tomé ... eu não, eu vendo tudo um preço só. Se você for, se você for no mercado lá, é tudo, o preço é variado. A verdade, a mais cara é é a maçã e aquela São Tomé? Essa aí é difícil, mas quando cê for ver, cê vai ver o quilo, o quilo dela, acho que é oito reais, quase o preço da maçã. É muito caro. A nanica porém já é barata, mas uma delas é duas de uma, de uma de uma prata.
[00:31:45] Natália: Mas já foi barata, assim, tava cinco ou mais, um quilo lá em São Carlos.
[00:31:48] Silvio: Lá ta caro hein. Porque aqui é dois e noventa e nove. Nossa, então, lá eu ganhava dinheiro com banana então. Vixe. Uma dúzia de banana dá um quilo e oitocentos mais ou menos. Um quilo, bem, dessa, dessa São Tomé mesmo, uma dúzia, dá quatro quilos e oitocentos, eu corto três bananas já dá um kilo.
[00:32:22] Natália: Que banana que você tem aí pra eu comprar?
[00:32:24] Silvio: Aqui, não, cê não vai comprar, mas você vai levar. Banana prata, já ta na sacolinha separada pra você, pro Marcel e para a Simone. Tá lá as três sacolinhas separadinhas para vocês.
[00:33:39] Natália: E como que você aprendeu tanto de banana? Quando você começou a vender, que cê começou a pesquisar?

[00:32:42] Silvio: Como que eu aprendi? Ah, não, já, já sabia já. Banana já era um conhecedor já. Banana nanica é mais pra quem tem câmbio, prata é mito. A prata é só pra criança, a criancinha que é bom, tá? Ah, São Tomé é mais para fritar, tem uma proteína muito boa também, mas é melhor pra fritar aquela, aquela outra também, da terra pra fritar também, mas come ela normal, mas às vezes pra fritar. A Santo André, ela tem gosto de queijo, quase um gosto de queijo. É por isso que São Tomé, eu só acredito vendo né? É por isso que eu tenho esse nome. Então ela é bem, bem gostosa. No começo a Elaine falava assim, "ah, não quero essa banana não", mas depois que comeu frito, acabou, agora ela fala " Vai vender esse daí não, deixa aí para gente comer, deixa aí".
[00:33:43] Natália: Onde você guarda os produtos em casa?
[00:33:49] Silvio: Eu ponho dentro de uma geladeira velha, tem ali uma geladeira velha, tem um carrinho de churrasco, que é fechadinho, eu coloco dentro ali com algumas folhas de bananeira, rapidinho, três, quatros dias ta madurando já.
[00:34:03] Natália: Mas é tipo um cômodo da casa?
[00:34:04] Silvio: Não, não. Fica aqui fora mesmo. Quintal. Isso, fica no quintal.
[00:34:13] Natália: E você tem vontade de ter mais infraestrutura pra venda ou não?
[00:34:18] Silvio: Ah eu queria sim, se pudesse descer material aqui nossa, já tinha uma coisa de fruta aqui na frente já.
[00:34:26] Natália: Você faria um negócio ai para vocês?
[00:34:28] Silvio: Ah, já tinha já, já, se nós pudesse descer, já tinha já. É que proibiu, né? Minha casa não é rebocada.. só a cozinha, minha casa é só a cozinha que tem piso, reboque, piso nas parede e o banheiro, um banheiro só, o resto não tem, que não deixou descer ali. Não desce mais material para baixo. Então, minha casa é todinha sem rebocar..
[00:34:51] Natália: Se pudesse você faria o que? Uma quitanda?
[00:34:53] Silvio: Uma quintada!
[00:34:56] Natália: Mas hoje você vende para o pessoal do bairro, aqui também?
[00:34:58] Silvio: Vendo aqui também, bastante.. bastante. Aqui (na quitanda que ele teria) seria das oito até uma hora, uma hora não, das oito até às quatro hora dá pra vender aqui, depois das quatro sobe para vender para a cidade. Por causa do fiscal né. Se você aparecer cedo lá eles leva a sua mercadoria. Já levou o meu, levou do Silvinho, levou um carrinho cheio de banana. Dele levou o carrinho, né? A gente não conseguiu pegar de volta
[00:35:35] Natália: Ainda apanhou né?
[00:35:38] Silvio: É que ele é boca dura, eu não, eu fico quieto, eu sou aquele que pode levar que depois eu volto. Agora se ele vir tomar meu, eu vou lá e "pá" (gesticula um soco), quebro ele. Quando eu voltar de novo, o que que vai acontecer? Ele vai ficar em cima de mim, não vai deixar eu vender mais, então … leva embora, mano. A hora que ele virou as costas eu tô lá de novo..
[00:36:06] Natália: Ô Silvio e você se considera um empreendedor?
[00:36:08] Silvio: Ah … empreendedor é assim que vende? Assim que você fala?
[00:36:16] Natália: O que que você acha que é um empreendedor? Que hoje falam tanto sobre (percebo que ele não está me entendendo), empreendedor, "fulano é empreendedor abriu um negócio".
[00:36:25] Silvio: Ah, eu acho que não.
[00:36:28] Natália: Você acha que não? Você acha que você não é um empreendedor?
[00:36:30] Silvio: Não, acho que não..
[00:36:32] Natália: Mas você gostaria de ser?
[00:36:33] Silvio: Ah sim, lógico.

[00:36:34] Natália: Você acha que é uma coisa positiva?
[00:36:41] Silvio: Abrir o comércio assim, você fala? Abrir um comércio seria uma coisa boa. Aqui embaixo, aqui, frutaria, uma casa de ração, que não tem. Eu acho que daria certo.. porque bar tem muito! Bar tem mais do que casa.
[00:37:05] Natália: O Sr. Davi falou que tem 20 bares aqui.
[00:37:08] Silvio: Tem para mais, fia (dá uma risadinha)
[00:37:10] Natália: Mas onde que estão todos esses bares?
[00:37:12] Silvio: A minha fia, é que você não desceu aqui para baixo ainda, só no beco ali mesmo tem uns sete bares, só ali tem (começa a contar na cabeça) dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. Acho que nove..
[00:37:30] Natália: Eu acho que eu não reparei tanto não.
[00:37:34] Silvio: É, lá embaixo lá tem três um colado no outro, é a a mulher que vende lanche, tem um barzinho, tem outro barzinho do lado, mais pra cima tem o Celsinho, tem o Sr. Davi, tem o da Cacilda, antes da Cacilda tem um, depois tem outro. Entrando assim tem o da Miriam, mais para cima tem o do filho do Sr Davi, ixi tem um monte.
[00:38:00] Natália: E por que que você acha que tem tanto comercinho assim?
[00:38:01] Silvio: É o que dá dinheiro. É o que da dinheiro.. a turma não precisa subir lá em cima, só gasta aqui embaixo fica mais fácil. A turma gosta de beber cachaça.
[00:38:25] Natália: Quem não gosta né Silvio? Uma cervejinha ...
[00:38:27] Silvio: Graças a Deus eu não gosto mais. Eu já bebi demais já. Já.. demais. Graças a Deus eu to bem. Graças a Deus.
[00:38:39] Natália: E o Silvinho me disse que tem barbearia aqui também, tem outros comércios aqui, fora bar?
[00:38:44] Silvio: Tem bar, salão de cabeleireiro... Eu acho que só. Esse tipo de comércio. Igreja. Ah e tem umas pessoas que vende roupa aí, a Elaine mesmo conhece umas, quatro, cinco mulher ai que vende roupa. Dá um dinheiro bom também para eles.
[00:39:07] Natália: Traz de sacola?
[00:39:10] Silvio: Traz de São Paulo, né? Que é mais barato né e vende aí a prazo
[00:39:17] Natália: E aqui fica na Rua da Linha tem bastante bar também né?
[00:39:20] Silvio: Tem.
[00:39:22] Natália: Mas é onde eram as garagens né? O pessoal vai transformando…
[00:39:25] Silvio: Isso. É, era garagem e agora … quer dizer, alguns eram né alguns não, alguns foi feito barzinho mesmo, né? Do lado das garagens.
[00:39:33] Natália: Mas é gente que coincidiu que é o dono aqui da garagem? Ou pessoal aluga? **[00:39:42] Silvio: Ah tipo assim, o cara acho que investiu em umas telhas, umas madeira … ele vende as madeiras só, porque não tem como vender nada, porque não é dele. Ele vende só o que ele bolou ali que ele construiu.. Não tem como ele vender o que não é dele né.** Só vende as madeiras, telhas …
[00:40:03] Natália: E aluguel, tem aluguel aqui no bairro?
[00:40:07] Silvio: Tem, tem, tem bastante!
[00:40:10] Natália: Tem gente que faz a casa para alugar?
[00:40:12] Silvio: Não, não tem. Tem gente aqui que... Por exemplo, a Miriam mesmo,ela tem umas duas, duas ou três casas, então ela aluga. Herança do pai dela. Ela já tinha a dela, pegou herança do pai que faleceu. Então já aproveitou ..
[00:40:30] Natália: Mas ela não fez pra isso?
[00:40:32] Silvio: Não. Depois que ficou de herança então... Para não ficar parado pegou e alugou. Uma rendinha.

[00:40:40] Natália: E tem procura, Silvio? O pessoal vem aqui procurando casa?
[00:40:43] Silvio: Vem, vem. nós que não deixa. Ah, porque não pode aumentar mais, né? A gente já fez o negócio da prefeitura, então a gente não deixa amontoar né? Só aumenta porque é família né. Que nem eu tenho o meu moleque, o moleque quando foi feito o cadastro aqui ele era de menor, hoje ele já é de maior,, hoje já é uma família, então se aqui tem trezentas famílias, dessas trezentas família, cada um dessas trezentas famílias tem um filho que ficou de maior, quantas famílias tem? De trezentos foi pra quantos? E se tem dois filhos que passou o para de maior? Então é uma coisa difícil de controlar né? O Prefeito colocou aquela placa ali que tem duzentas e poucas famílias, mas isso aí é mentira. Aqui tem mais de quatrocentas. Se for ver com os filhos que foi crescendo e gerando família até mais.
[00:41:45] Natália: E aí vocês falam que não pode, é pela associação, como que é?
[00:41:50] Silvio: Como assim você fala? De fora? Chega aqui, gente fora, a gente já nem fala o que tem lugar para alugar, né? Já dispensa logo. Nós mesmo ali nós tem ... dois, três, seis cômodo de casa parado ali, nós não aluga e não deixa ninguém mora, porque alugar para os outros tomar posse daí fica ruim né.
[00:42:20] Natália: E algum dia da tua vida você tinha se imaginado assim na luta por moradia?
[00:42:25] Silvio: Nunca.
[00:42:27] Natália: Por que você e a Elaine são super ativos né? Você já imaginou isso algum dia?
[00:42:35] Silvio: Não, pior que não.
[00:42:39] Natália: Mas você gosta?
[00:42:44] Silvio: Gosto, vou em todas as audiências, a gente vai em todas.
[00:42:47] Natália: Você é orgulhoso disso?
[00:42:50] Silvio: Ah graças a Deus eu tenho orgulho sim
[00:43:05] Natália: E como você imagina o seu futuro? O que você deseja para o seu futuro?
[00:43:15] Silvio: Ah sei lá, eu quero mais para frente quem sabe abrir um comércio, porque eu quero fugir do serviço pesado. Porque eu tenho uma tendência muito fácil para hérnia, eu para estourar uma hérnia em mim é muito fácil, entendeu? Eu já operei duas. Eu operei uma se eu não me engano tinha, acho que onze anos ou até menos de onze e a outra foi com 25 anos. Tava trabalhando em um dia de chuva, e o carrinho com pneu murcho, e ele é muito pesado, bloco estrutural, e eu tava correndo, eu só senti uma fisgada. Senti uma fisgada, já parei na hora. Dai falei com o patrão, ele falou "vai para o médico", eu fui no médico tinha estourado uma hérnia, quase morri nesse dia que eu fui operado. Quem me operou foi o doutor Baldo e um hippie (?), esse hippie eu não conheço, Um hippie e um pingaiada. Ai eles começaram a me operar, ai o hippie falava para o pingaiada, "a gente tem que filmar para gente consertar os erros depois", nossa aquilo ali me balançou, tinha uma enfermeira assim, igualzinho você do meu lado assim, com soro, ela falou "Calma Silvio, calma" e eu falei "Que calma o que, esses caras falando do jeito que tão falando ai, que tem que filmar para consertar os erros, você quer que eu fique calmo?" e eu comecei a suar frio sabe? Ai eles pararam de conversar, mas isso aí não é coisa que se fale numa mesa de cirurgia, como é que você fala numa mesa de cirurgia isso com uma pessoa que tá acordada? Se eu tivesse dormindo ele podia falar o que quisesse né, mas eu tava acordado, eu falei nossa, pelo amor de Deus. Suei frio aquele dia, pensei que eu ia morrer.
[00:45:41] Natália: Deixa a pessoa mais nervosa né?
[00:45:43] Silvio: Deixa, deixa, eu molhei a camisa … filmar para consertar os erros? tá de brincadeira né. Esse Baldo era um médico bão, o hippie lá eu não conheço né.

[00:46:10] Natália: E aposentar Silvio? Você pensa em aposentar?
00:46:15] Silvio: Aposentar eu acho que por causa dessas hérnias ai, se eu pegar mais uma eu acho que eu aposento viu, porque trabalhar não consegue mais. Se pegar uma hérnia mesmo, eu mesmo não vou querer operar mais não, só se fizer eu dormir. Senão, não vai não.
[00:46:40] Natália: Eu fui lá na irmã Débora e o Rodrigo (companheiro dela) me mostrou um monte de hérnia estourada também.
00:46:50] Silvio: Ele é pesadão né
[00:46:55] Natália: Ele me falou que ele já foi gordo, não sei se você viu ele recentemente
00:46:50] Silvio: Isso ele era mesmo … ta mais magro mesmo.
[00:47:03] Natália: Ele falou que ele era muito gordo, ai me mostrou um monte de hérnia.
[00:47:10] Silvio: Pelo amor de Deus eu tenho um medo desse negócio. Igual isso aqui que saiu em mim oh, uma bolotinha. (Me mostra uma bolha na perna) Aperta para você ver.
[00:47:18] Natália: Eita Silvio.
00:47:20] Silvio: Tenho que ir no médico ver, tem mais de dois anos que saiu isso, tava pequeninha agora que cresceu. Vou ter que ir lá ver isso, me deu medo. Essas coisas de caroço ai é ruim. A Elaine conheceu um.. eu trabalhei para um rapaz, dai ela foi lá receber o meu dinheiro lá, aí um rapaz lá foi fazer uma cirurgia no pé e morreu. Uma coisa simples.
[00:48:05] Natália: Por isso você ta com medo, Silvio?
[00:48:07] Silvio: Tenho medo de cirurgia agora, depois dessa cirurgia que eu fiz, vixe, tenho medo.
[00:48:15] Natália: Mas não é pior guardar a doença?
[00:48:22] Silvio: É … (não parece concordar muito comigo) Oh, tá vendo isso aqui ó? Isso aqui eu tinha seis anos de idade, uma tampa de fossa caiu em cima lá em São Sebastião, numa vielinha assim e tava escorado com uma tampa de esgoto, ela tinha sete centímetros de largura, sete homens que tinha lá não aguentou levantar ela, foi uma retroescavadeira que levantou ela. A minha irmã passou e relou na pá, a tampa desceu, a minha mãe bateu na minha orelha, eu voei longe, nessa que eu cai lá embaixo assim, eu estiquei a perna, no que eu estiquei a perna caiu em cima, mas era para ter chapado eu, amassado. Era para mim ter virado uma pizza. Muito peso. Ai graças a Deus meu pai trabalhava parao irmão do Maluf, aí liberaram um helicóptero de São Sebastião para me levar para São Paulo. O médico de São Sebastião queria cortar a minha perna. Queria cortar bem aqui onde tá esse carocinho. Ele queria cortar aqui, ai meu pai e minha mãe não deixou. Aí ele telefonou para o patrão dele, ele acionou lá em São Paulo, São Paulo acionou a aeronáutica e a aeronáutica levou eu.
[00:49:33] Natália: Então você já andou de avião da FAB, Silvio! Você é chique hein (Damos risada).
[00:49:42] Silvio: É, aqueles verdão lá. A minha mãe também rasgou o peito, porque nessa que ela bateu em mim, ela jogou eu longe que era para eu sair né. No que eu sai a tampa esfolou o peito dela assim. Ela me salvou, ela me deu um murro na orelha, um murrão. Me deu uma cacetada, mandou eu “lonjão”, nessa que eu cai longe eu estiquei a perna, não era para eu machucar nada, só que eu estiquei a perna. Para levantar eu acho né, eu fui levantar. Ela só livrou o rosto, mas o peito dela, a perna assim, pegou tudo. Ela não operou, só costurou só.
[00:50:23] Natália: Sua mãe ta viva ainda? Vocês têm contato?
[00:50:26] Silvio: Minha mãe é, ela mora aqui no Bairro Alto. Perto de Caraguá. A gente não se bate muito bem.

[00:50:38] Natália: E o seu pai?
[00:50:40] Silvio: Meu pai … quase morreu esses tempos atrás. Teve um infarto. Ficou internado e tudo. Agora ele ta lá em Ribeirão Preto. Foi morar com a minha irmã lá. Porque aqui ele não respeita não, o bixo pega para caramba. Lá ela dá uma controladinha nele. Ela é mais nova né, daí segura ele.
[00:51:10] Natália: As vezes o pai se dá melhor com a filha né. Eu e o meu pai é assim igual você e a Sâmela.
[00:51:15] Silvio: Eu e a minha menina nois é grudado. (Nesse momento ela aparece de novo), olha ela ai, minha princesa.
[00:51:28] Natália: Obrigada Silvio, por conversar comigo! É sempre bom conversar com vocês!

Entrevista Silvinho

[00:00:06] Silvio: Meu nome é Silvio, tenho dezoito anos, agora não tô mais, mas eu vendia fruta na rua, vendia fruta e legumes na rua. Eu tô no terceiro ano, último ano agora, eu vou terminar. Agora, pra vender assim, no começo, eu fiquei com vergonha, comecei a vender fruta, eu tinha acho que treze ou quatorze anos. E meu pai foi falando para mim se eu queria subir pra vender com ele, aí eu fui, mas eu fui com vergonha, porque andar com carrinho no meio do calçadão dá vergonha, mas ai no primeiro dia que eu fui, eu voltei com cem reais. Ah, eu falei, "ah, eu passei vergonha, mas voltei com cem reais no bolso, valeu a pena". Aí, todo dia eu comecei a subir, junto com ele, aí depois que eu fiquei mais velho, ele foi, deu carinho pra mim, começou a subir pra vender sozinho. Eu ia prum lado e ele ia pro outro. E todo dia a gente fazia dinheiro, aí eu fui deixei de lado, disso da vergonha e comecei. Mas, assim, vender assim, é, muita das vezes, os outros até discrimina por ser do Banhado. sim, mas a maioria das vezes não, os outros compra mais mesmo, porque fala, a gente é … eles marginaliza muito os outros aí, por tá vendendo lá em cima, eles compram, por tá tentando trabalhar, essas coisas. Aí eles compram bastante, aí eles compram também por ser natural, porque a maioria das coisas tem agrotóxicos, aqui não, aqui é tudo natural, que a gente pega no mato ali, lá em casa, e é isso.

[00:01:55] Natália: E quando você está lá vendendo, você fala que a banana é do Banhado?

[00:01:58] Silvio: Eu falo que é do banhado, é natural, sem agrotóxico aí eu venho na frente do mercado, às vezes eu vou lá no meio do calçadão, o único problema da gente é os fiscais que eles pegam, eles bate, teve uma vez que eles levaram o meu carrinho, aí bateram em mim. Ai quando eu fui bater neles eles filmaram. Aí quando chegou lá, mostrou um vídeo, de eu batendo no fiscal. E não mostrou eles batendo em mim. Aí deu BO aí eles falaram que se pegasse eu de novo, ia mandar eu para o Conselho Tutelar. Mas o maior problema da gente mesmo é os fiscais. Porque né, é normal vender.

[00:02:40] Natália: E agora você não tem mais vergonha?

[00:02:42] Silvio: Agora não. Eu só não tô indo agora por causa da pandemia, porque as pessoas tem medo de pegar a fruta, por tá lá no carrinho assim, eles preferem pegar dentro do mercado e para eles é mais seguro, assim. Aí eu parei um pouquinho, aí eu não tô mais, mas agora eu to planejando voltar de novo pra vender mais.

[00:03:09] Natália: Quando passar a pandemia você vai voltar pra vender?

[00:03:11] Silvio: Eu to querendo pegar a minha reservista para mim arrumar emprego mais lá para cima. Mas até lá eu vou começar a vender.

[00:03:20] Natália: Você tava falando de arrumar um emprego, o que você queria fazer?

[00:03:23] Silvio: Eu tô querendo fazer um curso de TI pra mexer com tecnologia, que eu gosto de mexer em celular, montar, desmontar, né? Eu tô querendo fazer, mas aí eu tenho que fazer o curso e pegar a minha reservista também? Mas ta embaçado para pegar, que eles não tão querendo dar. Não sei, eu acho que é por causa do negócio da pandemia mesmo, porque não pode pegar lá no Batalhão e eu não consegui nem me alistar, porque o site fechou.. Aí eu não consegui pegar, ele falou, tem que pagar multa e eu vou pra lá, eu já fui três vezes lá e eles não dão a reservista.

[00:03:57] Natália: E você queria servir o Tiro de Guerra?

[00:04:02] Silvio: Eu não queria servir não. Ah, não sei. Porque tem que ficar lá daí. Tem que ficar um ano, tem que ficar um ano lá, se eles pegar. Bom, é que eles vão pagar assim, um salário mínimo, eu acho. Pra quem fica lá, mas eu não queria servir não. Tem que acordar cedo, tem que fazer um monte de coisa, eu não gosto de acordar cedo não. Quando eu ia vender fruta, eu estudo né? Ah, eu tinha que acordar cedo, que eu estudava de manhã e

vendia de tarde. Aí eu chegava meio dia e meio ai eu almoçava, aí quando era uma hora, duas horas já subia e quatro horas já tava voltando, porque já tinha acabado tudo, já tava voltando. Aí eu tinha que acordar cedo, mas eu não gosto não, eu preferia de tarde. Só o sol mesmo que é ruim.
[00:04:52] Natália: E depois você pensa em fazer faculdade, por exemplo?
[00:04:55] Silvio: Faculdade não penso não. Mas o que eu quero fazer é curso de TI e curso de barbeiro que eu gosto também, eu acho muito legal, né? Aprender a cortar cabelo. Mas faculdade eu não penso não.
[00:05:08] Natália: Por que?
[00:05:10] Silvio: Eu não gosto muito de estudar (damos risada) mas é necessário. Aí agora eu vou terminar a escola, né? Que esse é o último ano, aí eu vou fazer o curso, aí terminar o curso, eu vou tentar entrar na área de tecnologia, essas coisas. E pra mim, é isso que eu quero fazer. Aí, eu vou focar mais nisso..
[00:05:36] Natália: E onde que é esse curso que você tá fazendo?
[00:05:39] Silvio: É na Microlins, aqui no centro. Ah, eu fui lá ver, o difícil é que é caro também. Ai tem que juntar um dinheirinho. Quinhentos reais, fora, sem a bolsa, com a bolsa fica duzentos reias acho por mês, já pesa um pouquinho. Ah, eu tava pensando em fazer, eu acho que eu vou fazer primeiro de barbeiro e daí já vai, é mais barato e vai gerar mais dinheiro pra poder fazer o outro.
[00:06:08] Natália: Mas o que você queria mesmo fazer é trabalhar com TI?
[00:06:10] Silvio: É trabalhar com TI. Informática. É o que eu quero fazer.
[00:06:15] Natália: E você vê relação entre estudar mais e conseguir um emprego melhor? Você acha que quanto vale você estudar melhor será o seu emprego?
[00:06:21] Silvio: Sim. Quanto mais estudo, mais, mais longe você vai na vida. É. Empregos melhores, mais oportunidades, muito mais.
[00:06:35] Natália: Mas mesmo assim você não pensa em fazer faculdade? (Damos risada)
[00:06:41] Silvio: Dá uma preguiça... Eu num tô pensando muito, mas talvez até faça, assim, faculdade.. Antes, eu queria fazer faculdade, que eu queria entrar, ser bombeiro. Mas, aí, eu perdi a vontade, aí eu comecei a pensar mais no TI, que foi que mais mexeu comigo assim foi TI. Mas eu parei de pensar em faculdade, essas coisas, mas as vezes até penso também de fazer isso, até penso, né? Mas é que eu sou meio preguiçoso mesmo.
[00:07:11] Natália: Mas aqui São José é uma cidade super tecnológica, né? Então você teria muita chance de emprego né. E você sabe sobre o parque tecnológico, sobre o que tem lá? As empresas, as startups … (Percebo que ele não sabe do que eu estou falando)
[00:07:26] Silvio:Não, isso eu não sei muito bem, às vezes eu dou uma mexida no meu celular, nos celulares lá de casa, já pifou alguns, aí eu vejo.. mas não saber muito assim, eu não sei não. Queria aprender mais, assim, querer aprender a montar e desmontar, eu acho legal, seria montar e desmontar e mexer nele as coisas. Aí, essas coisas, eu não sei, mas fora isso, eu sei, as coisas de informática, essas coisas eu sei.
[00:07:53] Natália: Mas você sabe que aqui em São José tem um parque tecnológico, você sabe o que é isso? Você sabe que lá tem várias empresas de tecnologia..
[00:08:03] Silvio: Sim, eu nunca visitei lá, mas eu já sabia dele, mas eu nunca fui visitar. O parque tecnológico, ele é o que fica perto do Frei Galvão, indo pegando a Dutra. Certo. Eu já passei por lá muitas vezes, mas eu nunca fui assim não.
[00:08:20] Natália: Você tem vontade de ir lá visitar um dia?
[00:08:23] Silvio: Tenho, acho que um dia eu vou sim, tenho vontade de ir, a minha mãe já foi. Eu perdi de ir com ela... mas eu tenho vontade disso.

[00:08:37] Natalia: E você sabe o que que é CLT? Você sabe que o trabalho formal com carteira assinada? Você sabe que é isso? Quando eu falo de um trabalhador com os direitos, o que você pensa sobre?
[00:09:00] Silvio: Se eu quero trabalhar com carteira assinada?
[00:09:03] Natalia: É também, mas o que você pensa sobre isso também.
[00:09:08] Silvio: É bom, né? O bom de trabalhar assim, por mim mesmo, é que eu trabalho a hora, que eu quero e eu ganho bastante dinheiro. Tipo, eu faço cem reais todos os dias que eu subia eu fazia pelo menos cem reais e eu trabalhava todos os dias, de segunda a domingo eu subia e eu ficava no máximo três, quatro horas eu fazia pelo menos cem reais e por mês se eu juntasse daria três mil reais. Aí um um serviço com carteira assinada, ali em cima assim, trabalhar em loja, mercado, ganha um salário mínimo até um pouco a mais, vendendo eu ganho mais, trabalhando menos, esse é o bom. Mas também, tem as parte ruim, estraga as frutas, o fiscal pega, pode levar, pode dar, pode prender a gente, dar multa muito cara pra gente aí, não tem como pagar e com carteira assinada, vai ter direito, vai ter muito mais coisa. Férias. Tem as férias, tem bastante coisa a mais. Esse que é o bom, mas eu ainda acho que pra mim, o melhor trabalhar por conta, entendeu? Eu quero montar uma coisa minha. Eu penso em fazer o TI, e dai eu penso em montar uma lan house, uma coisa grande minha.
Mas agora eu tô querendo sim arrumar um emprego lá pra cima, pegar meu reservista e arrumar, porque é bem melhor, não vai ter o perigo, de eu perder as minhas coisas do nada assim. E já vai ter o dinheiro garantido sempre também. Eu acho isso bom.
[00:10:45] Natalia: Mas você não quer trabalhar pra sempre pra alguém, você ter o seu negócio?
[00:10:50] Silvio: É eu quero fazer o meu negócio**.**
[00:10:55] Natalia: Você quer ser um empreendedor? O que você entende por empreendedor? O que você acha que é isso? O que você entende por uma pessoa empreendedora?
[00:11:08] Silvio: Ah (ele pensa um pouco) O que eu posso dizer? Ah, ela pega as coisas assim, ela monta uma coisa dela assim e ela ganha em cima disso por ela, tipo uma empresa. Você num trabalha para os outros. Ah …
[00:11:34] Natalia: Então, você acha que você e seu pai são empreendedores?
[00:11:37] Silvio: Sim. Sim.
[00:11:40] Natalia: E você gosta desse esquema assim, trabalhar quantas horas você definir…
não ter que dar muita satisfação.
[00:11:50] Silvio: É, eu acho bom, mas às vezes também é ruim. Assim, pra agora eu acho melhor, Mas, agora, eu to ficando mais velho. eu vou pegar uma casa, e já vai vir mais coisa. Eu tô querendo morar sozinho. Eu to querendo ir embora. É que eu num gosto muito daqui do Banhado. Eu sou de Caraguá, a minha mãe é daqui do Banhado. Ela é daqui de São José, e ela gosta daqui, eu não curto muito São José, não. Eu quero voltar para Caraguá. Eu nasci lá, eu quero voltar pra lá… aí eu falei pra ela, aí não tem como voltar, só vendendo fruta né, eu não vou conseguir. **Tenho que arrumar um emprego que vai me dar dinheiro. Aí eu tô querendo entrar com carteira assinada.**
[00:12:45] Natalia: Então agora você quer um emprego com carteira assinada e depois você abre o seu negócio lá em Caraguá? E ai você vai casar? (damos risada)
[00:13:00] Silvio: De certo sim.
[00:13:02] Natália: Mas já assim? Novo como você é ..

[00:13:04] Silvio: um pouquinho mais para frente, daqui um tempinho
[00:13:08] Natália: Você namora há quanto tempo?
[00:13:09] Silvio: Eu tô namorando há três anos já. Eu comecei a namorar eu era novinho, eu ia fazer quinze anos e ela ia fazer catorze, aí agora a gente tá junto três anos já, vai fazer três anos mês que vem.
[00:13:25] Natália: Tem bastante tempo já. Aí vocês tão pensando em casar?
[00:13:28] Silvio: Mais pra frente, mas já.
[00:13:35] Natália: Mas ela sabe que você quer voltar para Caraguá?
[00:13:38] Silvio: Sim. Ela não gosta de lá não, ela gosta mais daqui. vai dar um conflitinho. Mas ai tem como morar numa casa aqui e numa casa lá. Aí uma aluga aí passa um tempo em uma um tempo na outra.
[00:13:58] Natália: Mas você não acha que você é muito novo para casar?
[00:14:03] Silvio: Acho. Mais pra frente, uns trinta, trinta anos …
[00:14:08] Natália: Ai vocês vão namorar uns dezesseis anos.. ela estuda?
[00:14:15] Silvio: Ela estuda e ela tá querendo fazer curso, mas eu não sei qual, mas trabalhar ela não trabalha não. **Ela já me vendeu salgado pela rua também assim mesmo, lá onde ela mora, mas trabalhar assim para cá, não.**
[00:14:35] Natália: E onde vocês se conheceram?
[00:14:37] Silvio: Lá no Frei Galvão. Que é do lado do Jardim São José. Minha prima mora lá, eu conheci ela pela minha prima, ela é amiga da minha prima. Aí eu fui visitar minha tia e acabei conhecendo ela né?
[00:15:05] Natália: Vocês não estudam na mesma escola então?
[00:15:07] Silvio: É.. Não, nada, eu estudo para cá, para o centro.
[00:15:12] Natália: Ela me disse mesmo que mora na zona leste, dá para ir a pé até lá?
[00:15:20] Silvio: Dá para ir, mas é longe, é duas horas e meia pra chegar lá a pé. Tá, tá. Quase dando umas três horas, mas dá. De ônibus, eu vou de ônibus, eu demoro quarenta minutos pra chegar lá de ônibus, a pé demora o dobro. De bike também dá para ir,, eu já fui de bicicleta, de bicicleta dá para ir.
[00:15:38] Natália: E você tá tirando carta?
[00:15:41] Silvio: Não, mas eu quero tirar... **Eu quero aprender. Eu gosto de moto, mas eu quero comprar um carro. Moto, num dá não. É perigoso demais, ainda mais quem mora assim no Banhado por causa da Polícia. Porque para eles, se você tá numa moto, você mora numa favela, você é bandido.** Eles vê tipo assim … E moto também é mais acidente, moto não é muito seguro, o carro já é mais seguro já. O carro já dá pra sair com a família, já dá pra sair na chuva, cabe mais coisa, a moto não, a moto é só eu e no máximo mais uma pessoa, mas eu gosto mais de moto. A gente tava querendo comprar um carro, porque minha mãe tem o carro dela ali, mas agora ele parou, tem que arrumar ele, mas a gente tava querendo um outro carro, pra gente pegar as frutas, a gente num compra, a gente pega ou nas áreas verdes ou aqui pelo Banhado. Aí para ir na área verde, a gente vai de carrinho. A gente tem aqueles carros tipos de reciclagem, a gente vai, a gente traz, a gente vai umas duas vezes por semana, já tá bom, aí a gente já consegue vender um tempo bom.
[00:17:00] Natália: Ai vocês pegam lá e deixam guardado em casa? Você não leva tudo para vender?
[00:17:05] Silvio: Não, eu levo metade, raramente eu levo bastante, porque já tem o perigo de ser pego já, já pegaram eu aqui na frente do Banhado. Os fiscais, eu terminei de subir o morro, aí eu botei o carrinho no chão e já veio e pegou, com tudo que eu tinha dentro. Aí já vai o dinheiro do carrinho, já perde o dinheiro que ia fazer, aí é difícil, aí eu fui lá tentar e

pra pegar o carrinho de volta, você tem que pagar uma multa de oitocentos reais. Aí não tem como, porque um carrinho, vale sessenta reais. Eu vou pagar oitocentos reais pra pegar um carrinho de volta? E as suas frutas, sua mercadoria, pode ser fruta, roupa, o que for, não é mais seu, pra você pegar de volta você paga uma multa diferente. A fruta não, a fruta eles falam que doam. Aí quando eu fui lá, as frutas já não tava lá, e o carrinho tava lá. Aí eles falou que pra mim pegar o carrinho, né? Era oitocentos reais. Aí eu deixei lá, aí foi para o desmanche o carrinho. Ai quando eles pega, eu compro no outro dia, e subo para vender de novo. O carrinho não passa de cem reais, um carrinho bom. Aí já traz o dinheiro do carrinho que eu comprei, eu faço cem, duzentos reais. Eu já pago o carrinho e a gente sobe com bastante fruta, a gente já tem nossos freguês, ai já faz um bom dinheiro já.
[00:18:48] Natália: E as frutas que vocês não levam, vocês têm um lugar em casa pra guardar?
[00:18:53] Silvio: Sim. A gente deixa num quarto lá que nem é muito quente nem muito frio, porque senão elas estraga. Tipo, banana, tem banana que ela preteja e empedra, ela fica pretinha e por dentro ela fica empedrada. Aí tem que deixar num ambiente melhor. Uva, a uva murcha quando tá quente, a gente já deixa normalmente melhor, ai o quarto não é nem quente, nem muito frio, mas a gente também não pega, a fruta nem muito verde, nem muito madura, porque senão estraga e não tem como vender e verde também é difícil pra vender.
[00:19:30] Natália: E vocês construíram esse cômodo para isso?
[00:19:33] Silvio: Não, é um cômodo lá da casa que a gente não usa, aí a gente deixa lá, assim, mas ... a gente deixa só um o que a gente não consegue vender, a gente vai trazendo, aí até não dá pra guardar junto com as outras, porque se você coloca uma fruta, uma banana… a banana, se você coloca uma banana madura no meio do cacho verde, ela sozinha, ela amadurece o cacho verde. Ela amadurece, se você mistura a a madura com a verde e esquenta ela, a madura ela solta uma química e ela amadurece a verde. Sim, ela amadurece a verde. Aí a gente não pode, porque se já tem umas madura aí, se botar uma madura, no outro dia, vai tá quente, por causa do sol, vai esquentar, vai ficar tudo podre e preto..
[00:20:25] Natália: E como você aprendeu tanto sobre banana?
[00:20:30] Silvio: Eu subi eu subi não sabia nada. Quando eu fui vender das primeira vez, os outros pedia, banana nanica, prata. Pra mim banana é banana. Aí as pessoas via, aí vinha, falava. Aí eu pesquisei também, eu achei um livro, aí eu comecei a ler, aí eu fiquei sabendo mais das frutas, meu pai ele já sabia, aí eu não sabia. Ah, aí eu comecei a ler o livro sobre as frutas, verduras, aí eu fui aprendendo mais, porque daí já fica mais fácil também, porque quando alguém pergunta ou quer saber de alguma coisa, ou já fala e já, já ajuda mais na venda também. Você mostra que você entende, aí, às vezes as pessoas falam que precisa de alguma coisa pra diabetes, falta uma coisa, alguma fruta, tem essas coisas, é natural, ajuda, igual é a banana prata, ela é a melhor pra criança, a nanica não pode dar pra quem tem diabete. É muito doce. Eu já vendi banana nanica pensando que era prata para uma mulher que tinha. Aí eu tive que ir lá, ela era freguesa, eu fui lá contar né, Eu fui lá contar e levei a certa pra ela. É, eu troquei de novo, porque eu tinha vendido errado, aí eu vi que ia começar a perder, se eu ficasse vendendo errado ai eu comecei a ler mais, procurar mais e algumas pessoas para e vão falando também as coisas pra gente ai eu vou guardando e eu posso usar depois.
[00:22:00] Natália: E você me disse que não gosta de estudar? Olha ai!
[00:22:04] Silvio: Ah o que eu não gosto de estudar é física e matemática.

[00:22:12] Natália: Mas se você quiser fazer TI vai usar muita matemática. A menos que você trabalhe com a parte física do computador …
[00:22:30] Silvio: Pior que usa né, eu comecei a pensar assim: quando eu vou fazer a conta, porque assim, quando eu era mais novo eu não ligava pra ir pra escola. Aí do primeiro ano pra cá esse ano já comecei a me interessar mais, mas quando eu era criança eu não ligava muito. Aí eu não era muito bom com matemática, essas coisas, mas com dinheiro, eu sempre fui bom. Aí eu comecei a pensar como dinheiro, aí já fui ajudando muito. Porque uma conta de matemática, que eu demorei um tempão pra fazer, mas com o dinheiro eu já sei isso, né? Porque eu sempre mexo com o dinheiro, sempre tô lá. Aí eu uso como se fosse dinheiro, aí me ajuda bastante. É, se for com dinheiro, agora se for com números, não. É, fico pensando, daí, qualquer coisa já tira a minha concentração. Eu não sou muito concentrado, qualquer coisa já dá uma voada. É, qualquer coisa parece impedimento mesmo. Sempre quando é aula de matemática e aula de física. Não tem como. Qualquer coisa ... já passou um pernilongo, acabou, distraiu, já não lembro mais nada que eu tinha visto antes.
[00:23:42] Natália: E que que você gosta da escola?
[00:23:44] Silvio: Eu gosto de química, eu gosto de história e gosto de educação física.
[00:23:51] Natália: E você acha que daria certo na educação física, por exemplo?
[00:23:55] Silvio: Ah, ah, sim, mas eu não me interesso muito, assim, eu gosto de fazer, mas pra dar aula assim, essas coisas eu não gosto.
[00:24:00] Natália: Não seria com você. Você acha que não tem paciência com criança?
[00:24:06] Silvio: Não, paciência, eu até tenho. Eu tenho muita paciência. As crianças aqui debaixo é difícil, a gente eles obedecem, a gente sempre tá com eles, eu sempre tô com as criança ali, eu tenho bastante paciência, mas assim, tipo, eu nunca me interessei muito para dar aula. Igual ano passado, eu me surpreendi, eu sou muito ruim de matemática, e português, OK? Não tão ruim igual em matemática, às vezes eu troco algumas letra, porque eu tenho a língua presa, aí eu troco C pelo S. Aí, quando eu falo, eu abro escrevendo do jeito que eu falo. Aí, às vezes, eu troco, eu não consegui ainda parar com isso, aí deu o fim do ano, a diretora ligou pra mim, aí eu achei que já tinha feito coisa errada. Aí ela ligou e pediu pra mim dar aula junto com os outros alunos nas primeiras semanas, para os alunos ficarem mais à vontade. Aí eu fui, até, eu achei legal, mas é bem difícil, você se ver assim no lugar do professor, é, nossa.Os alunos dá trabalho. Aí eu fui dar aula para as pessoas da tarde, para as crianças da tarde, isso no fundamental. É. Aí eu lembrei que eu não era uma boa pessoa, já na hora que eu tava lá na frente.
[00:25:38] Natália: E você é um aluno quietinho?
[00:25:40] Silvio: Agora eu sou ... não, eu sempre fui quieto, assim, de bagunça, eu nunca fui muito bagunceiro, eu sempre fui quieto, mas não gosto, não sou muito paciente, assim, se me perturbar muito, eu não fico quieto. Aí ela sempre foi briguento. Eu sou tranquilo, mas outras crianças não é tranquila e eu sou impaciente, assim, eu num tenho muita paciência.Tipo com criança assim, para olhar, cuidar, se for pequenininha. Agora uma pessoa da minha idade, uma pessoa que já é velha perturbando a minha vida, eu não tenho paciência, eu estouro muito rápido.
[00:26:20] Natália: Mas você já arranjou briga na escola?
[00:26:23] Silvio: Eu não, mas já arranjaram comigo. Aí eu reajo, porque ele sempre … Ali onde eu estudei, no Olímpio Catão eles tiraram eu da escola e falaram na Secretaria [da Educação] que a minha mãe tinha me tirado para trabalhar, porque eu já vendia fruta mas eu vendia porque eu queria vender, a minha mãe, ela nunca gostou de eu subir pra cima,

por causa dessas coisas, mas eu queria vender. Aí, minha mãe foi lá, levou a carteira do meu pai, mostrou que ele trabalha, entendeu? Eu não preciso trabalhar, eu ia porque eu queria. **Ela me expulsou mesmo, porque eu morava no Banhado.** Eles têm um preconceito, ela tinha um preconceito com quem mora no Banhado. Meus amigos também daqui, ela sempre pegava no pé da gente e sempre acontecia uma briga, uma confusão era a gente. sempre era a gente. Aí quando os outro brigavam, a gente descia, quando a gente reagia era "Ai quando um não quer, dois não brigam." E se a gente falava para o professor, o professor não ligava. Ou a gente resolvia, ou a gente ia ficar lá apanhando de graça. **Porque quando era as pessoas da cidade, ela não fazia nada,** e quando é a gente do Banhado, fazia um escarcéu, ocorrência, chamava a mãe, o pai, **já discriminava a gente desde pequeno, já ali, naquela escola.** É uma escola muito boa, mas a diretora estraga a escola.
[00:27:40] Natália: E fora a diretora, o resto da galera da escola tinha preconceito?
[00:27:47] Silvio: Não, as pessoas não, é só a diretora. Ela entrou quando eu era do sétimo ano. Aí ela ficou até o nono ano.
[00:27:55] Natália: Seus colegas de sala não tinham nenhum problema com você?
[00:27:58] Silvio: Único problema dos meus colegas de sala, é vim me visitar, porque se você fala, você mora no Banhado, para o povo lá de cima, o Banhado é perigoso. **Todo mundo tem um preconceito de descer aqui, é difícil alguém querer descer aqui.** Eles não vem, tem medo de vim, a gente explica, que o Banhado é seguro, é um lugar normal, tranquilo, mas é por causa das pessoas mesmo que falam lá em cima que aqui é tudo …. mas não é isso, não, tipo, é bem tranquilo, bem tranquilinho aqui. Normal.
[00:28:32] Natália: E você têm bastante amigos fora daqui do Banhado ou a maioria deles mora aqui também?
[00:28:36] Silvio: Eu não tenho amigo no Banhado. Eu não gosto muito, eu não tenho muito amigo, eu não gosto muito de me juntar com pessoas, eu eu sou tipo minha mãe, a gente não gosta de gente, a gente gosta de bicho, não gosta muito de gente. Ai eu fico mais na minha, "quietão" na minha, mas eu tenho uns amigos aqui sim, mas é poucos amigos. Porque a maioria fuma, usa droga, tipo, quando eu cheguei aqui, que eu vim de Caraguá eu cheguei, eu fui soltar pipa na rua e já me ofereceram droga, ofereceram bebida, ai eu falei "Ah isso não é pra mim", eu nunca gostei dessas coisas. Eu tinha onze para doze anos. Eu entrei no sexto ano, né? Onze pra doze. Já me ofereceram. E nem a gente daqui, é gente lá de cima, criança também. E tem criança que desce aqui, a gente fica vendo, que mora na rua assim, de doze, treze anos que usa droga, álcool, todos os tipos de droga, fica jogado na rua, aí a gente vê, aí oferece também. Mas eu aceitei essas coisas, aí eu parei, já cortei a amizade aqui embaixo, aqui embaixo não tenho amizade. La em cima também não tem muita não, eu tenho pouquinhas pessoas mais tranquila também. Não gosto muito de ter amizade.
[00:30:05] Natália: E você acha que pelo fato de você ter começado a trabalhar desde novo, isso evitou de você ficar com os meninos na rua, você acha que isso foi bom?
[00:30:15] Silvio: Ah, eu não nunca gostei de ficar muito na rua. **Eu acostumei a ir para a escola, voltar da escola e trabalhar**. Eu não gosto de sair para fluxo, balada, detesto, eu não gosto de som alto, sou "chatão", não gosto de nada, não gosto de muito barulho, muita gente falando. Então a rua não é um lugar muito bom para mim.
[00:30:40] Natália: Mas você já foi em balada?
[00:30:43] Silvio: Não. Eu já fui aqui na do Banhado ... horrível, não gostei.
Aqui no Banhado teve um fluxo aí, foi no aniversário de cem anos do bairro, aí foi a festinha de dia com as crianças e de noite foi uma festa mais pra essas pessoas grandes, para os

adultos. Ah, eu não gostei, gosto. Festa de criança eu gosto, eu ajudo, porque de criança eu gosto, eu não gosto das pessoas do grande.. As crianças eu acho legal. Agora os outros não gostam muito não.
[00:31:35] Natália: Tem muita gente da sua idade usando droga, você acha que se eles trabalhassem desde cedo igual você, isso faria diferença?
[00:31:45] Silvio: Ah não sei, vai mais da pessoa né? Os outros fala assim, "ah, se você anda com a pessoa, você usa também, você faz isso, você faz aquilo". **Eu não acho assim, porque você faz, se você quer. Eu conheço muita gente que trabalha desde novo, mas usa, bebe, vai pra balada, essas coisas. Então, eu acho assim, que é mais da pessoa, assim.** Eu não escolho pra mim assim, eu não uso, mas eu não deixo de falar (com quem usa), eu acho normal.
[00:32:25] Natália: E o que que você gosta de fazer?
[00:32:28] Silvio: Eu não gosto de fazer muita coisa. Eu não faço muita coisa. Às vezes eu jogo bola lá no parque da cidade, antes eu fazia luta, mas eu parei. É só jogar bola e mexer no celular mesmo ... visitar minha namorada um pouquinho, a maioria das vezes ela que vem pra cá, mas bem de vez em quando eu vou pra lá, mas eu gosto de soltar pipa no parque e de jogar bola essas coisas. Antes eu ia lá no museu do esporte, mas fechou. Eu ia, mas não no fim de semana, porque eu acho que no fim de semana nem abria. Eu ia dia de sexta e de quarta, eu ia mais por causa do videogame, mas eu ficava lá bastante também, eu fui aprendendo bastante coisa lá. No começo eu fui porque lá tinha videogame de graça, né? Era pequeno, eu gostei, aí eu ia todo dia atrás do videogame, eu via as taça, eu comecei a gostar. De jogar bola, eu nunca gostei muito não, da história do futebol eu gosto.
[00:33:35] Natália: E você gosta de ir no cinema?
[00:33:38] Silvio: Eu não gosto de shopping. É muita gente acumulada num lugar só, me dá nervoso. Me dá uns negócios, eu não gosto de ficar, mas eu vou, eu vou obrigado por causa da minha namorada. Ela briga aí, eu vou. Sou mais bicho do mato, assim, eu tenho, eu fico com bicho, assim. Acho que a maior parte do tempo que eu passo em casa, é com meu passarinho. Eu tenho uma maritaca, a maioria do tempo que eu passo é lá com bicho, não gosto muito de passar com gente não. A Sâmela tem peixe, tem coelho, tem rato, tem gato, tem cachorro, tem passarinho também. A Sâmela tem bastante bicho, tem galinha, eu já não gosto de ter muito. Meu passarinho chama pipa. É uma maritaca. Eu comprei ele, quando ele era pequenininho. Aí eu comprei dois.. Aí eles vieram com a asa cortada. Aí eles ficava lá na gaiola ali, só que com o tempo eu parei de cortar a asa deles. Aí, os dois foi embora e voou. Aí, quando eu tava subindo pra procurar eles, o macho voltou em cima de mim e a fêmea foi embora. Aí depois eu nunca mais cortei, eu deixo ele na gaiola lá, mas ele fica, ele abre a portinha, ele voa, aí de tarde ele volta. Ai se ele acha eu ele pousa em mim e fica. Ele fica em cima de mim falando, mas ele voa sim, eu não gosto de criar os bichos preso. Eu comprei ele com a asa cortada, mas eu não cortei mais a asa dele, porque se ele quisesse ir embora, ele ia, essas coisas, que eu não gosto de prender. Ele vai embora mas depois ele volta. Ele chama meu nome, aí quando ele vai eu sempre sei onde ele tá, porque quando chama o nome dele, ele chama o meu em cima da árvore, onde ele tá, porque é difícil aqui também porque os moleque dá estilingada, aí eu fico com medo de acertar ele. Aí eu sempre tô chamando, para ver onde que ele tá. Mas eu deixo ele sempre por ai. É a casa da minha mãe e da minha avó, assim, junto, tem um quintal muito grande. Aí ele fica só entre os dois, é difícil de vim pra esse lado. Eu só vou atrás dele, quando ele vem pra cá.. Eu não fico muito com ele na rua também, porque eu acho que o Ibama pega também, porque eles pegam, mesmo você tá criando solto, eles tenta pegar, uma vez o máximo que

aconteceu foi a polícia, que passou, olhando assim, aí eu levantei a mão, ele voou. aí eles viu que ele tava voando, aí eles foram embora. É, eles passa aqui no Banhado, ele passou lá olhando assim pra mim, né? Que ele tava falando, no meu ombro, aí ele desceu no braço, eu joguei ele pra cima, ele voou. Ai eles olhou que tava voando, tava certinho, passaram reto.
[00:36:35] Natália: E Silvinho como você imagina o seu futuro? O que você pretende fazer, onde você queria estar
[00:36:48] Silvio: Eu pretendo tá beeem longe daqui! Eu quero morar ou no Rio de Janeiro ou voltar para Caraguá. Eu quero conhecer o Rio de janeiro, eu acho bonito, quero conhecer os Estados Unidos também. Queria aprender inglês não, mas eu queria aprender espanhol e francês. Inglês eu não me interesso muito.
[00:37:09] Natália: E por que você queria conhecer os Estados Unidos?
[00:37:11] Silvio: Ah, eu acho bonito, assim em fotos, mas vendo o Brasil também em fotos é bonito, né, mas quando tu vai ver, não é bonito (Damos risada).
[00:37:20] Natália: Você mora em um lugar lindo ué
[00:37:23] Silvio: Às vezes é bonito, o pôr do sol daqui é lindo, lugar nenhum tem esse pôr de sol bonito, aqui de São José, o lugar mais bonito é aqui no Banhado.. pôr do sol. Mas a cidade assim eu não acho bonita não. Ah não sei, é muito morta, assim, essa cidade. Não, assim, não pelo movimento, movimento é muito movimento, mas no Rio de Janeiro os prédios são pintados, assim, é um lugar mais bonito. As praias são bonitas, você vê vida na cidade. Aqui não. Aqui é feinho …
[00:38:05] Natália: Você acha que ta mal cuidada a cidade?
[00:38:09] Silvio: É, mas é movimentado demais também..
[00:38:15] Natália: E você se imagina fazendo o que no Rio ou em Caraguá?
[00:38:18] Silvio: Hmmm ou aposentado, se eu for bem velho, tomara que eu consiga. Mas eu quero trabalhar com TI mesmo. Eu quero abrir uma lan house e abrir uma barbearia. E as duas coisas que eu mais quero é: TI e barbeiro, eu sempre me interessei por cortar cabelo. Eu queria fazer de cabeleireiro, mas aí depois entrou uma confusão, mas eu ainda quero. É mais por causa da minha namorada mesmo, corte de cabelo de mulher.. mas eu acho legal porque ganha mais dinheiro também. É, porque ó, um corte de cabelo de homem, você ganha quinze, vinte reais, que é os cortes daqui.. Agora, os cortes daqui, de mulher, cinquenta reais, sessenta … um cortezinho simples. Lá em cima deve ser muito mais caro na cidade.
[00:39:05] Natália: Aqui dentro tem salão?
[00:39:07] Silvio: Tem, tem um homem só que corta cabelo aqui, ele corta lá na frentona assim, você segue reto aqui, primeira, segunda esquina, descendo. **Ele corta, pinta, não é um salão, é mais dentro da casa dele**. Aí, barbearia aqui tem três. Eu queria abrir uma, aqui na frente de casa. Aí, eu quero abrir uma lan house também, mas aqui não, porque aqui dá problema, muita gente. **[00:39:40] Natália:** Onde ficam essas barbearias?
[00:39:47] Silvio: Tem duas pro lado de lá e uma pro lado de cá. Hum. Vocês foram no Rodolfo? É lá do lado! Tem a Claudinha, tem um barzinho ai do lado tem a barbearia. Ali do lado. Aí tem um outro, ele chegou agora, ele tá cortando cabelo onde ficam os morador de rua.. Lá no fundão do Banhado. Lá onde tem uma bica lá da água, tem uma piscina que era dos escravos assim né? Aí tem umas árvore lá que eles chamam de toca, onde eles ficam, eles amarra uns toldos assim e dorme lá. Aí lá ele tá cortando os cabelo das pessoas lá, ele tá querendo abrir uma barbearia pra cá também. Aí as outras barbearia tudo para do outro lado, tem uma barbearia mesmo pro outro lado, um homem que corta na casa dele e tem

uma barbearia fora, lá na cidade. Ele corta quando ele tá aqui e quando ele vai para lá ele corta lá. Aqui ele corta por dez reais e lá em cima o corte dele é cinquenta. Ele corta mais aqui por dez por ser comunidade assim. Ele mora aqui. Ele mora aqui. É o Guilherme. Aí eles, lá em cima, ele corta, não sei se é no Esplanada, onde que é, mas é bairro mais de rico com mais dinheiro. Todas as barbearias é mais esses preços assim mesmo. Aí o corte dele lá é cinquenta, quarenta reais. Eu corto com ele. O corte dele é bom, corta muito bem. Aí eu comecei a me interessar, eu quero fazer um curso lá no James que eu acho melhor lugar daqui é o James, ensina muito bem. É o pastor James, eu quero fazer um curso lá. Aí eu tava pensando, eu já fui com a minha mãe, eu já ganhei muitas bolsas de TI, mas mesmo com a bolsa é caro. Aí eu tava pensando comigo assim, vendendo fruta, eu consigo ganhar bastante, se eu guardar, se eu faço, se eu guardar um mês, eu consigo, três mil reais.. fazendo cem reais por dia, mas ainda tenho que gastar e ajudar aqui também. Aí eu consigo tirar um mês, dois meses, eu consigo tirar mil e duzentos o curso, o curso é mil e duzentos. É mil e duzentos, você paga pelo ano inteiro, mas você paga as suas coisas e consigo comprar uma máquina e algumas coisas. **E aí eu já vou ter a minha coisa, já vou cortar cabelo e eu não pretendo parar de vender fruta, né? Ai vou vender fruta e cortar o cabelo, aí eu já vou ter mais dinheiro e vou conseguir fazer uma coisa maior, que é o TI. Eu quero fazer TI avançada, técnico de informática, que é mais avançado. E eu acho que eu quero fazer robótica também.**

[00:42:35] Natália: E quando você começou a pensar em dinheiro assim?

[00:42:37] Silvio: Ah, eu comecei a pensar assim, quando eu fui trabalhar com meu pai pela primeira vez, assim, eu comecei a ter o meu dinheiro, comecei a pensar mais em dinheiro e pensar mais em gastar o dinheiro. Agora, o meu dinheiro, às vezes, já pensei mais em gastar. O que gastar, como gastar.

[00:43:02] Natália: O que que você gosta de comprar? Ou você gosta de guardar dinheiro?

[00:43:04] Silvio: Eu gosto mais de guardar o dinheiro. Eu guardo comigo. Eu guardo bastante dinheiro. Mas gastar assim mesmo compro roupa, tênis, essas coisas, compro mais roupa, às vezes, quando minha namorada arrasta pro shopping, eu compro as coisas lá para mim, pago as coisas, mas é mais roupa mesmo. Mas eu gosto de guardar dinheiro, gastar só quando não é mue, quando é da minha mãe nós gasta, nós vai lá no mercado né? Agora quando é o meu já seguro mais. Ela sempre fala assim "Ah o meu você gasta né? Mas o seu você é pão duro né". Barbearia? Mas eu nunca acabo guardando, eu vou guardando, guardando, aí chega uma hora que eu vou comprar roupa e eu gasto já tudo de uma vez, eu fico pensando assim, mas depois eu compro assim, eu compro... raramente eu me arrependo quando a roupa não presta, mas gasto bastante com roupa e não me arrependo com roupa não.

[00:44:38] Natália: Você acha que você é vaidoso?

[00:44:42] Silvio: Sim. É.. aí as roupas normalmente e eu gasto bastante com roupa e gasto botando crédito também, muito, eu acho que eu gasto mais com crédito do que com roupa. **Porque eu não tenho plano no celular, aí eu coloco dez reais, dez reais, toda semana e não desce internet em casa, não tem. Não tem wifi.** Não, ah, eu já liguei pra Vivo, pra Nextel, pra tudo, não vem no Banhado, eles não vêm mais no Banhado. Ai com crédito é sempre dez, dez, dez, dez, aí. É muito dinheiro que vai embora.

[00:45:25] Natália: E não compensa você fazer um plano?

[00:45:27] Silvio: É que eu fiz 18 agora. O meu chip ta no CPF de uma mulher que eu nem conheço. É porque quando eu fui fazer o chip lá precisava de um CPF e eu não tinha CPF, daí eu fiquei perturbando a mulher daí ela botou no CPF dela lá. Aí eu só coloco mesmo os dez

real, aí agora que eu fiz dezoito, tô querendo comprar outro chip e trocar de número, aí de novo. Como eu era de menor não podia fazer no meu nome, tinha que ser alguém de maior. E, eu tinha esquecido o CPF da minha mãe. Aí eu fiquei perturbando a mulher lá, até que ela pôs o dela. Aí eu fiquei... faz tempo que eu tenho esse chip, acho que eu tinha, que eu ia fazer dezesseis, agora eu to com dezoito, faz tempo. Aí agora eu tô querendo fazer e fazer um plano. **Porque a internet não quer descer aqui embaixo. A TV, eu acho que ainda desce, mas a internet não desce. Aí quando eu vendia fruta eu usava bastante a internet lá do mercado. E eu fico mais tempo no mercado do que em casa, porque sempre eu to subindo no mercado para comprar as coisas.** E quando eu descer certeza que a minha mãe vai mandar eu subir de novo para comprar outra coisa. Eu acho que eu fico mais tempo lá do que aqui. É do lado aqui de casa né, então eu vou toda hora.
[00:47:20] Natália: E agora na pandemia você não está tendo aula online?
[00:47:22] Silvio: S**im, mas por causa da internet eu não consegui fazer muita coisa. Eu fiz bastante coisas assim que era rápido, prova, essas coisas assim, mas aula que tem que ficar assistindo não tinha como.** Muitas coisas eu não consegui fazer, né? Não sei se eu vou conseguir passar de ano, tomara que eu consiga, porque muitas coisa passou direto e eu não consegui fazer, mas apostila, essas coisas que eu peguei eu fiz.
[00:47:50] Natália: E você tem computador, Silvinho?
[00:47:52] Silvio: Eu tenho mas não presta. Eu tenho dois computador, os dois pifou. Não pifou, um tem que arrumar porque eu pifei, ele tinha parado de funcionar, aí eu fui tenta mexer. Aí eu acabei piorando a situação, era só limpar com o secador, só que eu acabei mexendo em uma pecinha lá, não sei o que que eu fiz, ele tava com muita poeira, aí quando ele tá com muita poeira, ele não liga aí era só passar o negócio, eu passei,aí eu acho que eu tirei um fiozinho, ai agora tem que soldar lá de novo. E o outro computador tá faltando alguma coisa nele lá dentro, uma plaquinha e eu não tenho essa plaquinha. Eu tenho que comprar lá em cima. **Mas não adianta muito ter computador e não ter internet**. Aí é difícil …
[00:48:51] Natália: Talvez quando você se mudar daqui faça sentido você ter um computador ...
[00:48:55] Silvio: Que nem a minha mãe ela não quer sair daqui não. Aí ela falou assim pra mim, eu tenho direito a uma casa aqui porque eu sou filho dela. Aí a minha casa daqui, eu quero pegar e já trocar em uma casa lá de cima. **Eu não quero ficar aqui, eu não gosto daqui, muito barro.** É aqui ali onde a gente morava, às vezes quando chovia, aparecia aranha gigante do tamanho da mão, aparecia muita cascavel, do nada aparecia, não era nem sapo, era aquelas pererecas gigantes e transparentes na parede, aí não dá. As aranhas é, aquelas aranha armadeira, ela aparecia muito aqui e ela morde a picada dela apodrece onde ela morde. Cascavel se ela picar ela pode matar, os sapos fica pulando em cima da gente não é legal. Aí dentro de casa não é legal. A minha mãe tem medo, Eu tenho um negócio que eu não gosto muito perto de mim, mas se precisar pegar assim eu vou. Mas assim, minha mãe morre de medo mesmo, aí a gente já se mudou de lá também por causa de alagamento. Por que o Banhado por baixo da terra tem um negócio de água, né? Aí conforme você vai andando aqui pra baixo, quanto mais para baixo você vai mais a terra é mole, lá no Beco assim, se você der um pulo você vê que a terra é mole. Ela mexe, e a gente morava num lugar que era muito mole e o vizinho ainda construiu um rio um pouco acima da casa, que ajudou mais a encharcar lá para dentro. Ai a gente se mudou para cá, agora ali ta bem melhor. Não alaga, é um lugar melhor, não tem bicho entrando dentro da casa (dá uma risada meio sem graça) E os gatos, nóis tem oito gatos, gato não pega rato, gato não

pega barata, não pega nada, só dorme, só dorme mesmo.. só a minha gata, eu tenho gatinha preta, ela pega. Agora o resto dos gatos tudo macho, tudo dorme, mas a gata fêmea que caça.. Os outros ficam dormindo ... Nossa senhora.. A gente tem oito gatos e sete não prestam. A gente tem bastante cachorro também, a gente tem bastante bicho, os cachorro acho que tem seis cachorro, a gente tem bastante bicho, a gente gosta muito de bicho. Mas acho que quando eu for morar sozinho não vou ter bicho, não. Porque o tanto de bicho que eu cuido, nossa senhora, do trabalho, quando eu for morar, eu vou ter um ou outro só..
[00:52:10] Natália: E você tá ansioso pra morar sozinho? Onde você queria morar?
[00:52:12] Silvio: Ah, eu tô, eu tô! Sozinho aqui não, mas lá pra cima na cidade sim. Eu queria morar aqui no centro mesmo,que é mais perto das coisas, só que uma casa no centro é cara para caram. Mas eu acho legal aqui no centro, eu gosto. Ah, eu sempre tô lá para a zona leste, eu gosto também, mas lá é um lugar muito longe de tudo. Um pouco antes da Santa Cruz as casas são baratas e são casas bonitas, também, daí eu já pensei ali também.
[00:52:58] Natália: Apesar de não gostar do Banhado, você gosta de morar no centro.
[00:53:00] Silvio: Só disso, da cidade eu não gosto não, eu não gosto muito dessa cidade. Não sei se é porque eu não queria vim morar pra cá, eu queria ficar lá em Caraguá, minha mãe que quis vir pra cá. Aí, ela já morava aqui assim, a gente tinha casa lá, a gente vinha para cá só de vez em quando. Agora a gente mora aqui, vai pra lá de vez em quando. Eu não, eu faz três anos que eu não vou pra lá, minha mãe de vez em quando ela vai pra cuidar da casa, pra cuidar das coisas, pra alugar. Mas faz muito tempo que eu não vou para lá. A minha mãe que vai mais pra lá, porque tá difícil de ir pra lá agora, né?
Aí, é mais ela que vai para ver a casa,se tá tudo bem. Lá é um sobrado, aí é aquelas casa de ... o telhado não é assim, é de barro. Aí os passarinhos enchem de ninho lá dentro, aí se demora uma semana, fica cheio de coisa de passarinho, ninho, ovinho. muita coisa, muita sujeira. E a gente tem medo também, porque a gente tem um "corredorção" grande que minha mãe fechou inteiro de vidro lá em cima. A gente tem um medo de quebrar aquilo lá, porque foi caro para por. O medo são os passarinho e as criançada também por causa de pipa, petrada, pipa subindo, entendeu? Eu era atentado quando eu morava lá, eu subia na casa de todo mundo. Ai minha mãe vai para lá sempre.
[00:54:54] Natália: E você sabe fazer todos os serviços de uma casa, ta pronto para morar sozinho?
[00:55:00] Silvio: Cozinhar não. Eu sei fritar ovo e fazer toddy. Só. E eu não tô tomo café, então eu não sei fazer café, eu sei fazer, mas fica ruim. Eu só sei fritar ovo. mas eu limpo a casa, passo pano, sei carpir, essas coisas. Eu já quis aprender a fazer comida mas a minha mãe nunca me ensinou, mas eu acho também que é porque eu nunca dou muita atenção quando ela ta falando as coisas. Eu faço mais as coisas de fora assim. É muito caro para pedir comida, tenho que aprender.
[00:56:05] Natália: Então você ta pronto para morar sozinho? Ano que vem quando eu voltar aqui você não vai estar então?
[00:56:10] Silvio: Ah não sei, talvez eu teja, talvez eu não teja … (dá risada mais uma vez)
[00:56:15] Natália: Então está bem, muito obrigada Silvinho!!

Entrevista Elaine

Elaine: O pai dele [do meu avô] chegou aqui em meados de mil novecentos e trinta e seis, meu avô era. criança, né? Eles chegaram aqui, meu avô contava a história que a família dele, os avós dele eram escravos do parque da cidade, ele sempre contou essa história, que a família dele, né? Tinha uma fazenda, ali no parque da cidade, em Santana. e que eles vieram dali, meu avó nasceu livre, mas que a família dele veio escravizada, né? E eles vieram para o Banhado assim, vieram fugidos. Daí ele sabia que o banhado era habitado por índios e quilombolas que fugiam do Parque da Cidade e fazendas próximas. Daí vieram todos para cá E a família dele sempre mexeu com agricultura, meu vô era criador de porco, vendia cenoura, alface, tratava de tudo, abóbora, e vendia aqui no centro da cidade, meu avô sempre teve terra, né? Muita terra. Então, ele sempre viveu na agricultura e minha avó era italiana, a familia dela veio da Itália, né? Um pouco morava no Campo dos Alemães e a minha vó casou com meu avô e veio morar no Banhado. Então eles sempre moraram aqui no Banhado, e nós nascemos aqui. E a gente sempre teve, esse interesse pela terra, de cultivar, plantar e vender. E a gente também tem peixe, né? Sempre mexeu com bicho, com peixe, a gente só não cria mais porque, porque nós não gosta, eu no caso, entendeu? Até meu pai criava, eu já não gosto

Natália: E seu avô sabia de onde a família dele tinha vindo? [Me refiro a algum país da África, ou outro estado do Brasil]

Elaine: Então, ele falava de uma vila chamada Zizinha, eu não conheço, ele sempre falou que eles vieram da Vila Zizinha, conheceram o Banhado e vieram pra cá. Só tinha mato, quando ele chegou aqui, só tinha três moradores, que é ele, o Kardec, a família da dona Neuzinha, e a dona TIna era só esses três moradores, depois foi chegando, família do seu Sérgio …

Natália: Daí fora essas famílias tinham os quilombolas, isso?

Elaine: Tinha mais pra dentro da mata, né? Tem até o Donizetti que era a família dele era índio também, né?

Natália: E por que eles sairam daqui?

Elaine: Eles não saíram, eles foram morrendo né? Igual meu avô nunca sairia daqui, mas ele foi internado e morreu

Natália: Ainda tem oca lá dentro da mata?

Elaine: Não, não tem mais nada, a única coisa que tem é casa de taipa, né? A última é aqui atrás do centro comunitário, não existe mais.

Natália: Até que série você estudou?

Elaine: Eu? Bom, eu fiz até o segundo ano do ensino médio, né? Aí eu engravidei e saí da escola. Então... Vinte e um anos que eu tô casada, conheci o Silvio com 14 anos, né? Só que aí eu eu voltei a estudar, né? Pra mim, pelo ensino médio, né? Que eu pretendia. fazer assistência social. Aí eu voltei a estudar, né? Pra fazer assistência social, daí eu descobri que eu tava grávida, eu encerrei, num dei continuidade porque eu já tinha meu filho, né? Que tinha seis anos. Daí eu já tava grávida, [da segunda filha] daí eu falei “ah não tem como, deixa para lá”

Natália: E você já trabalhou fora Elaine?
Elaine: Já trabalhei de recepcionista, trabalhei em pizzaria de atendente, mas não aqui, em Caraguá.
Natália: E esse trabalho você tinha carteira assinada? Você ficou quanto tempo lá?
Elaine: Não, só seis meses eu fiquei. Eu vi que eu não dava para trabalhar em pizzaria não, não gostei. A pizzaria parava muito caminhão, eu fiquei altamente estressada, daí pedia para eu ir lá e cortar [a pizza] e a gente é educado né, mas daí vinham com gracinha e eu já não aceito e eu vi que não era para mim, tinha muito assédio. O povo acha que eu sou bonita né [dá risada, ela é realmente bonita]. Daí eu resolvi largar a mão.
Natália: Quer falar um pouco sobre os trabalhos que o Silvio [o esposo dela] teve?
Elaine: Ah o Silvio ele tem vários trabalhos, ele tem vários empregos na carteira né, ele é marceneiro, ele é pedreiro, ele coloca piso, ele é azulejista, **então ele fazia de tudo um pouco.** Então, por causa de ter caído muito a construção civil, estava muito concorrido, e a prefeitura de SJC prefere trazer de fora do que contratar as pessoas que tem aqui, eles trazem mão de obra de fora, não contrata a que tem aqui. As construtoras, muito difícil contrar daqui
Natália: E de fora, você sabe onde?
Elaine: Pior que eu não sei, o Silvio saberia dizer melhor do que eu, mas hoje ele ta trabalhando no Urba Nova de pedreiro, hoje, **mas ele trabalhou muito tempo, muitos anos, vendendo banana lá em cima que nem meu avô fazia antes**
Natália: Ele aprendeu com o seu avô?
Elaine: Não, eu que falei pra ele que meu avô fazia isso e tal e ele pegou e falou "ah" e teve um dia que ele pegou as bananas, cortou as bananas aqui no Banhado e fez a experiência, daí ele se encontrou nisso, ele gostou demais.
Natália: E como foi que vocês se conheceram?
Elaine: Eu conheci ele no Bom Retiro na casa da minha tia, daí quando eu conheci ele eu já fui morar com ele lá em Caraguá. Foi loucura da cabeça. Eu conheci ele, já apaixonei e daí fomos embora para Caraguá no mesmo dia, nem falei para minha mãe, fui embora com a roupa do corpo. Ele tinha casa em Caraguá, dai eu fui morar com ele. Daí quando eu cheguei em Caraguá eu avisei minha mãe "Ô mãe tô aqui em Caraguá, eu vim embora, eu casei". Daí minha irmã tinha ido embora pela prefeitura né e a casinha dela minha mãe não deixou derrubar na época, ficou para mim, então eu sempre vinha para o Banhado, ficava em Caraguá e no Banhado até vir morar aqui definitivamente, porque eu sempre quis morar aqui, só que falava que não podia descer com material, não podia reformar e eu não queria morar na casa do jeito que tava né. Era a casa da minha irmã, a casa que eu nasci, era só dois cômodos e um banheiro, precisava reformar, porque o Banhado sempre foi assim, congelado. Então, a gente não tinha condições de trazer material. Aí minha mãe sempre falava, eles falavam pra mim, minha mãe falava, não, tem como voltar, não tem como voltar, né?

Ai um dia deu cinco minutos em mim, aluguei a minha casa e vim, aluguei minha casa de Caraguá, que eu morava e vim embora para SJC, eu falei "não, eu vou embora", quando viram eu já tava aqui, com mala cuia e cachorro. Gato, cachorro, piriquito …
Natália: E você ja tinha seus dois filhos?
Elaine: A Samela [a filha] tava com dois anos e o Silvinho [o filho] tava com oito.
Natália: E lá em Caraguá o Silvio trabalhava com construção civil?
Elaine: **Isso, toda vida ele trabalhou com construção, foi só aqui em SJC que ele foi vender banana**
Natalia: E quando vocês vieram embora de lá já não tava muito boa a construção civil?
Elaine: Tava bem ruim, tinha mais serviço em Bertioga e Ilha Bela, agora em Caraguá tava ruim. Só tava bom em época de temporada, daí a gente veio para cá. Daí aqui em SJC ele trabalhou 5 anos na construção civil, daí ficou ruim. Ficou 5 anos trabalhando aqui em cima no antigo fórum da cidade, subia aqui e trabalhava, do lado de casa, pertinho. Ele chegou e já conseguiu esse serviço aqui. Ele ficou mais de 5 anos trabalhando ali daí ele foi mandado embora e começou a vender banana.
Natália: E como era a contratação nessas construtoras? Era por conta?
Elaine: Ali era uma empresa, era e tava construindo um edifício, mas era um um cemitério também que cuidava de um cemitério. É o mesmo dono, né? Esqueci como é que fala … funerária. O dono do prédio é o dono da funerária.
Natália: E ele tinha carteira assinada?
Elaine: Tinha, era tudo certo. Quando ele foi mandado embora ele ficou meio depressivo. Isso foi em 2016 e depois disso ele não conseguia mais emprego de jeito nenhum, mandava currículo, ia atrás e não arrumava, dai ele foi fazer o teste, foi vender banana. Tanto é que daqui foi ele que foi vender lá em cima, ele foi o primeiro, depois que eles [outros moradores] via que ele subia com o carrinho cheio e voltava com ele vazio todo mundo foi fazer a mesma coisa. Aí depois dele vários outros moradores foi fazer a mesma coisa. Mas ele foi o primeiro, tanto é que ele tem o ponto dele, todo mundo fala que é o ponto dele no Esperança, porque ele sempre ficava ali na porta do Esperança, ele e o meu menino
Natália: Daí o Silvinho começou a ir junto?
Elaine: Sim, ele começou a ir junto, eles vendiam, banana, taioba, várias plantas que tem aqui no Banhado, aquela planta cara para caramba, que eu esqueci o nome agora … ora-pro-nóbis, que lá em cima 100g é R$18,00 e aqui no quintal tem de perder, é mato.
Natália: Daí o Silvio ficou 3 anos e meio trabalhando com a venda de banana?
Elaine: Isso, e agora por causa da pandemia ficou ruim, porque todo mundo tem medo, porque você tem que ir lá cortar, tudo na mão né, ai todo mundo ficou com medo do contato, dai caiu muito. Daí hoje ele conseguiu, agora faz duas semanas que ele ta trabalhando como pedreiro, é bem recente.
Natália: E agora ele tem carteira assinada?
Elaine: Não, não tem. Tipo assim, ele trabalha por quinzena e recebe, se o homem quiser mandar ele embora, manda.
Natália: Onde é essa obra agora?

Elaine: É lá no Urba Nova, uma casa
Natália: E você quando ficou um tempo vendendo bolo [me refiro a venda de bolos que ela realizava antes da pandemia na fila do INSS] como foi?
Elaine: Eu gostava, foi uma experiência bem gostosa. Eu já gostava de fazer bolo, dai com o curso que eu tive aqui, eu peguei o certificado plastifiquei e colocava na caixinha, e ia vender **lá em cima.** Era gostoso. Porque eu juntava uma coisa que eu gostava, que é fazer bolo, eu sei fazer bolo de tudo quanto é jeito, com a praticidade e tendo o certificado, nossa foi bem legal.
Natália: E você gostava?
Elaine: Gostava, onde eu ia, eu ia parando conversando e vendendo bolo. Só que daí por causa dessa história de coronavírus não ficou bom para ninguém, as pessoas não confiam né. Ninguém quer nem chegar perto, então … **Ainda mais sabendo que a gente mora na comunidade né, já tem certo preconceito.**
Natália: E quando a pandemia acabar você quer voltar a fazer bolo?
Elaine: Ah com certeza!! [animação na voz]. Eu vou fazer sim, eu vou para tudo que é lugar, vou para porta das escolas, os alunos compram bastante …
Natália: Volto a falar do trabalha do Silvio: como é o horário de trabalho dele?
Elaine: Ele entra 7h e saí 5h, de segunda a sexta. Daí ele come lá no serviço, tudo certinho, tem marmita.
Natália: E vocês fizeram mudanças na casa para o Silvio trabalhar com a venda de banana e você com os bolos?
Elaine: Não, a única mudança é que quando eu morei muito pouco em Caraguá [contraditório, porque ela foi para o Banhado quando o Silvinho tinha 8 anos], porque a casa é da família dele né, meu sogro cedeu a casa para gente, deu para ele, porque como ele deu para cada um dos filhos, pegou e deu o espaço dele também para gente morar lá. Dai eu fiquei muito pouco tempo lá, porque eu tenho a minha casa, sempre tive a minha casa aqui no Banhado e eu queria reformar mas nunca conseguia né, ia na Prefeitura e eles não autorizavam, **daí teve um dia que o Silvio foi mandado embora desse serviço, como ele era registrado tudo certinho e ele pegou um dinheiro bom. Daí eu peguei esse dinheiro e comprei o material e construí**. Hoje eu tenho uma casa de 9 cômodos. 2 banheiros, 4 quartos, uma casa ai enorme em vista dos dois cômodos que eu morava. Eu morava em dois cômodos de alvenaria, sem reboque, hoje também não tem reboque porque a prefeitura não deixou mais descer com material, então impediu novo, mas pelo menos em compensação **coloquei porcelanato na casa, nos 9 cômodos. ô vitória.** E minha cozinha é toda arrumada, tenho piso na cozinha inteira. Assim que eu ia começar a rebocar a casa a prefeitura colocou a guarda municipal na entrada do Banhado. E daí a gente não reboca não por condições, condições a gente têm porque ele é pedreiro, então eu posso comprar um caminhão fechado com 12 metros de areia que eu reboco a minha casa inteira, eu tenho condições para isso, mas a guarda impede. E a casa é minha, nasci e fui criada aqui, tenho o direito de fazer mas sou impedida.
Natália: Então Elaine, essa reforma ó saiu graças ao seguro-desemprego do Silvio?

Elaine: Isso, porque eu morava lá em baixo [Elaine mora bem perto da Rua da linha, uma das partes mais altas da comunidade], bem lá embaixo, em um terreno meu, que eu tenho documento, como meu avô chegou na década de 30 isso tudo era meu, era do meu avô, considero meu porque eu sou a única pessoa da família do meu avô que ficou aqui né, então o que ta documentado, bem dizer, é da minha família. Antigamente meu avô havia vendido essa parte, que hoje voltou para minha mão. Que é onde eu moro hoje, que era do meu avô, mas que foi loteando e vendendo e por coincidência voltou para a minha mão.
Na época o Carlinhos tava retirando as pessoas, foi retirada essa senhora e o terreno passou pra mim de novo, e como já era daqui e eu saí, onde eu morava ali, por mais que seja meu, é na beira da valeta e aqui o solo é bem melhor, lá alagava mais. Minha casa alagava demais. Então foi uma troca de casa, foi como se fosse uma troca de casas, a gente podia fazer isso, a gente podia fazer isso, nos permitiam mudar de vida, hoje nem isso.
Natália: E porque só você da sua família ficou aqui?
Elaine: Porque eu amo o Banhado. Porque eu tenho afeição pela terra, né? Sou a única pessoa que tem o pé fincado na terra. Eles não, eles gostam mais de, tipo assim, não tem interesse? Eles não gostam de carpir, eles gostam de tudo cimentado. A minha irmã foi para apartamento, a Daniele. A minha outra irmã pegou uma casa, né? Lá no Frei Galvão, o meu outro irmão já não morava aqui, foi embora daqui muito novo, hoje ele tá aqui com a minha mãe porque ele se separou.
O meu terreno é familiar né, só mora a minha família. Tem a dona Eliane ali, que ela mora no meu terreno, né? Que eu tenho o documento, né? Mas ela mora no meu terreno e tem a minha mãe, o resto do terreno eu segurei tudo, conforme eles iam saindo eu não deixei ninguém entrar.
Natália: E só você quis ficar aqui?
Elaine: Isso, só eu quis ficar pra pra segurar, não não cogito a ideia de sair dali, que é meu.
Natália: E quantos filhos seu avô teve?
Elaine: Vish teve muitos filhos, mas eles muito interesseiro, foram tudo embora. Nunca ligaram para terra. Tipo assim, como que eu vou dizer? Ó, meu tio, meu tio tinha feição pelo Banhado, mas ele foi embora devido a uma depressão muito forte que ele teve porque viu seu filho morrendo no portão de casa. A polícia matou o meu primo, tá? Covardemente. Uma chacina. Ele era guarda municipal, ele era segurança, meu tio, era guarda municipal, só que quando você mata, você não sabe quem é a pessoa, né? Você acha que você tá matando qualquer um. Matou um rapaz inocente e depois tentou incriminar ele com tráfico de drogas.
Só que não tem como, porque você tem ali na sua carteira, que você é segurança, vários serviços de segurança, entendeu? Uma pessoa com a vida idônea, e meu tio sempre eu subia o morrinho ali ele via meu primo no chão.
Ele largou a casa dele aqui, e foi morar lá no Campo São José e a casa do meu tio que ele morou, como eu sempre disse, né? Sempre foi uma vila familiar, depois que meu tio foi embora, a minha mãe saiu de baixo pra morar mais pra cima, aí a minha mãe subiu, a gente foi morar na casa do meu tio, né? Que meu tio pegou, abandonou, a gente foi morar na casa

dele. E agora faz dois meses que ele morreu de diabetes. Hoje meu terreno é uma chácara muito grande né.
Mas teve um momento que tinha 7 famílias, quando todo mundo tava aqui era muito gostoso, a gente fazia fogueira, assava batata doce, contava história, mas era muito triste ver a sua casa cheia de água e não poder fazer nada.
Por causa desses benditos prefeitos, todos eles higienistas e não deixa reformar a casa, era muito triste você pegar e ver água dentro da sua casa, você não poder fazer nada. Cê vê, você em um comando só e não poder fazer um quarto pro seu filho. Então eles foram embora.
Iludidos com uma vida melhor e hoje tá na vida pior, que hoje esse imóvel é um apartamento deteriorado, o que ele não pode fazer nada e eles viram que era pior do que eles tavam antes, mas vai fazer o quê? Não tem como correr para trás. Até poderiam voltar, porque como era uma propriedade particular eles poderiam voltar, mas como voltaria?
É, eu também sou contra eles voltarem. E a minha família graças a Deus, a minha família tem uma cabeça, assim, que eles não anda pra trás, eles anda pra frente. Já pensa pra melhor ali, são trabalhador, sempre a vida inteira foi assim, então eles correm atrás do prejuízo, eles não olha pra trás, eles não cogitam andar para trás.
Natália: E quando eles estavam aqui com o que eles trabalhavam?
Elaine: De tudo no centro da cidade, diarista, atendente, segurança, de tudo. Porteiro.
Natália: Era mais fácil para eles arranjar emprego morando no centro?
Elaine: Bem mais fácil não tinha que pagar passagem né. Não precisava pagar passagem, né? Então como falava que morava no centro da cidade, sempre tinha serviço sempre.
Natália: E preconceito? Tinha preconceito por morar no Banhado? Corria o risco de não arranjar o emprego?
Elaine: Aí que tá, eles nunca falaram que moravam no Banhado, sempre falaram que morava no centro da cidade. Igual eu, viu? Tenho orgulho de falar que moro no Banhado, se eles tem preconceito é problema deles. Tiver que contratar eu, vai contratar mas porque eu moro no Banhado, eu não vou esconder.
Mas tem muita gente que por causa da discriminação e do preconceito não fala que mora no Banhado, o Silvio já não liga, onde ele vai ele fala que mora no Banhado. Meu menino também coloca no currículo que mora no Banhado, sabe? A gente não tem que esconder aonde a gente mora, né? Não tem que ter vergonha, quem tem que ter vergonha, são eles de ter preconceito. Nois não, o Banhado é um bairro como qualquer outro.
Eu falo, eu tenho o privilégio de morar no Banhado, porque se falta água tem uma bica dágua enorme no meu quintal, eu tomo banho, bebo água, eu sou rica em água, sempre gosto de falar assim, aqui tem mais de setenta e seis nascentes e eu tenho uma no quintal.
E o Banhado não é irregular, ele foi, se ele se tornou irregular pela discriminação, né? Eles tornaram irregular. Tanto é que a gente tem água da Sabesp, temos luz no poste, tudo certinho, tínhamos FUNDHAS, aqui funcionou assistência social, creche, escola. Tem até o nome ali fora da assistente social.

Então, eles tornaram o Banhado irregular, porque o Banhado, como eu vou dizer, não tinha tanto valor, aí conforme a cidade foi crescendo, eles foram vendo que os pobres tavam no centro da cidade, estudando, fazendo tudo certo. Os pobres tá ali, eles tem água na Sabesp, e tem luz no poste, eles fazem tudo certinho, a conta de água vem, eles estudam, eles tem estudantes, tem dentista, vamos dar um jeito de criminalizar eles. Foi aí que cortou nossa água, cortaram a nossa luz, eles cortaram, não foi mais deixou de pagar, eles pararam de trazer as contas que sempre vinham, eles deixaram de trazer.
Demoliram a FUNDHAS, a escola tentaram esse ano de novo, mas nós como sempre teve associação, né? O sr David, e eu, Renato, sempre lutando pra não deixar demolir o último espaço que nos sobrou.
Natália: Você estudou na FUNDHAS Elaine?
Elaine: Eu estudei nessa sala, na outra ... Meus filhos já não pegaram, né? Não, já não tinha mais, não tinha mais. Só eu estudei aqui. Tinha curso profissionalizante.
Nessa época eu achava que eu era rica.Porque eu tinha onze anos de idade e ia estuda ali no Olimpio Catão. Era pra ali, subia o morro, tava na escola, saia do Olipio, já ia para a FUNDHAS. Almoçava na escola, fazia vários cursos profissionalizantes, eu gostava de fazer hoje, eu não lembro mais como é que se diz, acho que é solda, sabe? E eu trabalhava na marcenaria, fazia marcenaria, fazia coração. E fazia aquela solda, sabe? Queimava a madeira, fazia escultura na madeira. Eu sei fazer isso e eu aprendi na FUNDAS, quando eu tinha onze anos eu fiz aqui e depois eu fui pro Parque Industrial. Então eu pensava que eu era rica, porque eu tava comendo, bebendo, fazendo tudo que eu gostava e ainda tava ganhando setenta e cinco reais. Então, nossa, a gente pensava que a gente era rico. Por que dá setenta e cinco reais para uma criança né? Comprei um monte de bala! Sabe aquele saco de salgadinho?
Meu primeiro salário eu comprei um saco de salgadinho que vinha um monte, depois fui atrás do mercado, comprei mais um monte de salgadinho, tá? Sério e existe até hoje, que as pessoas tinham carrinho, né? Que vendia, eles compravam e eles faziam vários salgadinhos, pequenininho e vendia, né? Cinquenta centavos, né? E eu fui mais esperta, já comprei um sacão mesmo, tá? Pegava aquela vasilha, sentava ali e meus primos compravam também. A gente achava que a gente era rico de salgadinho.
Natália: E você lembra os outros cursos que tinham na FUNDHAS?
Elaine: Tinha de tudo! TInha mecânica … aqui era uma preparação, tinha cursos, mas era uma preparação pra você ir para o técnico lá em cima. eu com onze anos eu fui, né? Com onze anos eu fui pro Parque Industrial, fiz até os doze, treze anos no Parque, ai eu casei.
Natália: E você parou de estudar quando casou? Você se arrepende?
Elaine: De ter casado, ter parado de estudar, me arrependo de tudo. Só não me arrependo dos meus filhos, que é a maior riqueza do que na minha vida, a maior benção que eu tenho na minha vida é ter os dois filhos. Tem que andar de joelho, agradecer muito a Deus, que é presente vindo do céu mesmo, são anjos. Então, só não arrependo nunca deles, mas eu arrependo porque eu casei com quatorze anos, né? Muito nova. E hoje eu tenho trinta e seis, né? Então, vinte e um... muito tempo. Então, eu fico pensando, e se eu tivesse

continuado a estudar, né? Igual, eu queria sempre a vida inteira, eu quis ser assistente social, sempre quis mexer com a criança, que eu amo as crianças. Mexer com o bicho, né? Ser auxiliar de veterinário, um veterinário. Que quem cuida dos bicho aqui sou eu, as criançada vira e mexe, o cachorro tá machucado, traz aqui para mim, porque eu coloco aquele mata mato, e eles pensam que eu sou veterinária, porque eles trazem, eu tiro os bichinho, eu curo, do remédio.

Natália: E isso é uma coisa que você sonha para os seus filhos? Que eles estudem

Elaine: A minha filha vai fazer meu sonho. A Sâmela, ela falou que ela vai ser veterinária e eu vou investir ali pesado, sabe? A gente vai pagar faculdade, o que ela tiver que fazer para ser veterinária eu vou fazer. Já o Silvinho não tem interesse em fazer muita coisa. Ele que estuda, sim, graças a Deus, ele estuda, ele tá no ensino médio, já vai terminar, mas não sabe o que vai fazer depois. A Samêla sempre teve definido que ela queria ser veterinária, toda vida. O Silvinho não sabe o que ele quer fazer. Mas ele sempre foi trabalhador né? Agora ele não tá trabalhando por causa da pandemia, mas esse menino sempre correu atrás do dinheiro dele.

Aí então ele vendia banana, ele fazia trabalho de free lance, né? A gente tá pra fazer agora. Tanto eu quanto ele, trabalharam numa fazenda aqui, tem tem uma fazenda hotel aqui e a gente já tá pra fazer isso. Aqui. No final do Urbanova. A gente já tá em vista, faz tempo que eu tô vendo, aí como ele quer trabalhar de garçom e ele sempre fez essas coisa, né? A minha irmã levava ele, vendia banana. Então, por ele que tem a aparência muito boa também, consegue um serviço muito rápido. Então, ele vai trabalhar ali, e eu quero mexer com o bicho. Eu to vendo a possibilidade mas ele ja é certeza, vai trabalhar de garçom.

Natália: E porque você ta analisando a porposta ainda e não ta com certeza de ir?

Elaine: Os bichos que eu vou deixar, né? E a Sâmela também, né? Ela fica muito comigo. Além disso eu tenho oito gato, cinco cachorro, porquinho da índia, peixe, galinha, coelho. Sem falar que eu vou fazer um zoológico para Sâmela mesmo. Eu tô limpando o terreno, cerquei tudo, eu e o Kardec, sabe? Vai ser a divisa nossa. Então, ele vai plantar e eu separei para essa parte de trás, vou plantar pimentão, já dei início, plantamos couve, alface, eu vou plantar pimentão, essas coisas na parte de trás e como o terreno é muito grande, enorme, eu vou fazer um zoológico para Sâmela, vou comprar dois cabritinho, que ela gosta, tá? Ela quer até porquinho de novo. Então, tem que ter espaço. Então, nesse terreno aqui, onde a chácara, eu pretendo fazer, já tem tanque de peixe lá. Eu pretendo fazer tipo um mini zoológico para ela e assim, e colocar os coelhinhos dela lá. E o Doni sempre traz as pessoas, né? Para visitar o Banhado, quando as crianças virem, vai tirar foto lá, vai ver as carpa, vai ver os cabritinhos. Vai tirar foto.

Pretendo fazer isso, fazer bem bonitinho, tudo arrumadinho, tudo cercadinho pra sempre ter ali um pontinho, conhecer meus coelhinhos, ver os porquinhos da Índia, tem criança que nunca viu, né?

E a escola mesmo, sempre gosta de vim trazer pra ver os bichinhos, né? O olípio Catão sempre me liga, eu levo ali no no alemão, para ver os porquinho de perto, pegar na mão ..

mexendo com terra, vai ali no Wilson, né? Eles têm vontade de fazer uma horta, pras crianças vindo, cultivar, as horta delas, a gente tá vendo isso aqui.
Natália: E a horta que você vai fazer é para alimentar o zoológico ou para vender?
Elaine: Não, o meu é separado, né? Eles vêm aqui pra ver o Wilson, pra ver as hortas, daí as crianças, mexe com essas coisas, tipo assim, tira um dia, "vamos lá no Banhado? Vamos passar um dia inteiro no Banhado, vamos conhecer as nascentes". Então, eles me ligam, por eu morar aqui e sempre estar em frente, assim, nessa parte, né, de trazer a visitação. Então, eles vêm e me ligam, a professora e eu faço essa parte com ela, né, que é a de andar com eles e sempre o Doni traz também visita, né? O Doni já faz isso de turismo, né? O Doni gosta de contar as histórias, né? Aí eu já faço isso por parte da escola, né? Que a escola confia de vir, andar e eu conto a história. Agora, na parte da minha, eu tô fazendo pra Sâmela, eu vou fazer pra ela, que é uma paixão que ela tem, que ela gosta demais dos bichos. E eu tenho um espaço suficiente pra fazer, né? E ali é meu. tem pouca coisa, né? Né? Trança, eu tenho os bicho lá, vou fazer o quê? Colocar os viveiros bem grande, que eu não gosto de, não gosto de bicho apertado. Então, eu vou fazer para as crianças poder conhecer.
Natália: E se você pudesse ter um emprego, qual seria?
Elaine: Eu sempre tive um sonho de ter uma ONG de gato, cachorro aqui no Banhado, poder salvar os bichos, sabe? Eu sempre falei isso, tanto é que quando, eu fui me candidatar eu já tinha esse sonho, falei pro Vagner, "Vagner, a gente tem que regularizar o Banhado" e o Wagner comprou a ideia, né? Que eu sempre falava pra ele, falou que ia fazer. Ia regularizar o Banhado mesmo, que a gente ia fazer mesmo o plano de Urbanização, só que aqui no Banhado o meu sonho era ter uma ONG de gato e cachorro mesmo. Seria ser uma ONG, que fosse eu e o Doni. Assim, demais apoiadores, lógico, mas eu e o Doni, porque nós somos. tipo assim, a gente ama como que nem a gente ama as crianças. Se eu pudesse juntar, juntaria bicho e criança. Esse seria meu emprego dos sonhos.
Natália: E quando eu falo sobre empreendedorismo, o que vem na sua cabeça?
Elaine: Olha, eu já fiz torta de frango, para o Silvio vender lá em cima, no carrinho dele ele levava. Então, se for criança dessa forma, faço uma maçã do amor que. todo mundo elogia. Sempre o Silvio levava, ele comprava aquelas caixas, fazia muita maçã do amor, ele levava, tanto aqui na festa junina, a gente incentiva as crianças a dançar. "Se vocês dançar, vocês vão comer maçã do amor de graça. Então, assim. tem que ser bonito lá, dançar, mostrar quem sabe dançar, sabe?" E daí incentiva a criança a dançar, é uma cultura, né? Da festa junina e eles ainda ganham presente.
Natália: Então antes do bolo você já fazia comida para fora né
Elaine: Já eu sempre fiz, recentemente eu fiz 60 maçã do amor azul e vermelha para um aniversário aqui do filho da mulher do prédio. Olha se não fosse a pandemia, eu acho que eu ia ter ganhado dinheiro com maçã do amor e bolo viu? [dá risada]
Natália: E você acha que morar na região central facilita para você vender as coisas?
Elaine: Nossa demais, aqui a gente faz a maçã do amor, sobe ali, cadê? Não fica uma hora. Vende ali, vende ali, que a hora que cê vai ver já não tem mais, é o tempo que cê subir ali fica duas, três horinhas ali já não tem mais nada, já desceu.

Natália: Isso é um fator importante para você e decisivo para morar aqui? A possibilidade de vender algo ali no centro e sobreviver?
Elaine: Morar no Banhado, isso é maravilhoso, porque eu sempre fui, costumo dizer que a gente cuida do banhado e o banhado cuida da gente, porque se você não tem dinheiro, cê vai e pega uma banana, sabe? E eu amo a banana verde com carne zica, nossa. Então, de fome aqui ninguém morre, tem taioba, come muita taioba. Então, o que você plantar no Banhado se você plantou, você vai colher. E na minha casa, depois até eu mostro pra vocês, assim de poncã. Esse pezinho foi eu que que plantei. Eu, Silvio, acerola. Eu sempre priorizo muito a fruta pros meus filhos, né? Então, na minha casa tem graviola, tem manga, acerola, poncã, jaboticaba. Então eu amo o Banhado porque tem muita diversidade de plantas e ainda o povo lá, o que aqui ó, eles não tem condição de plantar lá.
Natália: E você vende comida aqui no bairro também Elaine? Ou só lá no centro
Elaine: Não, sempre na cidade. Eu falo que eu sou uma pessoa que eu não consigo ter bar, mercearia, porque eu sou boba. As crianças vai lá, sabe? Eu sou muito boba, sabe? Não sei negar nada. Mas sou boba e abençoada. boba de uma certa forma que os pessoal me taxa de boba, mas abençoada, porque quando o Silvio sobe com o carrinho, ele nunca negou nenhuma banana pra ninguém que pedir, ele sempre deixava aquela penca ali pras crianças, sabe? Assim? E a gente. as crianças tavam tudo ali, já vinha no carrinho. Daí,as pessoas me chamam de boba. Mas, eu acho que essa bondade, sabe? De nunca ter negado, Deus sempre abenç oou que voltava com o carrinho vazio com duzentos, trezentos real no dia.
Natália: E você já foi com o Silvio vender?
Elaine: Já fui vender já, cara, que vergonha. Eu já vendi jaca. Mas não, eu não gosto muito não, num gosto mesmo não. Quem gosta é o Silvinho, né? Mas a maçã do amor para mim já é bem mais fácil porque compra quem já me conhece, então um fala para outro e vai passando. Ai eu passo e já perguntam
Natália: E você acha que isso te fez ficar conhecida aqui no centro?
Elaine: Você acredita que onde eu sou conhecida como 'Elaine do Banhado'? Porque onde eu vou eu to falando do Banhado, todo mundo conhece. Então, eu sou uma figura, assim, que o povo conhece.
É, o povo gosta demais, né? O povo gosta demais do banhado assim e já vem porque eu falo do banhado, quando eu falo do banhado lá em cima, e aqui embaixo também, quando eu falo. Sabe das coisas daqui do banhado? Que a gente é rico em água, das horta, de tudo que a gente tem, as pessoas eles enchem os olhos e vão ver de outra forma. Então, eles querem conhecer o que eu tô mostrando, o que eu tô falando. Tem gente que fala que é perigoso, eu falo, "vamos conhecer, tire suas próprias conclusões. Se você, depois que você descer, você tiver a mesma opinião, eu vou respeitar, caso contrário, sem conhecer, eu não vou respeitar"
Participei dele com o Sr Luiz há pouco tempo, no Museu das Remoções. Todo mundo, gostou, cê acredita que eu tava contando as histórias do Banhado, aí as pessoas mandavam perguntar pra mim. Aí, a internet parou, não sei se foi do lado deles, porque eu tinha muita internet no meu celular. Então, não sei o que aconteceu, se foi pela distância, aí a gente

ficou cinco minutos, daí a gente conseguiu falar no WhatsApp, dizendo, nossa, que pena que acabou, as pessoas queriam muito perguntar mais coisas pra vocês. eu falei assim, se ele estofar a gente voltar agora, daí perguntou, na hora que te ligou, voltou todo mundo de novo e depois de dez minutos a voltou, cê acredita?

Natália: E você gosta de falar em público Elaine?

Elaine: Eu amo falar do Banhado, onde eu vou eu to falando do Banhado, sem vergonha nenhuma, eu tenho orgulho.

Natália: E vocês ficaram sabendo dos investimentos no Parque Tecnológico? Como vocês recebem a notícia?

Elaine: Eu sou revoltada que, principalmente com a ponte estaiada que custou maisde setenta milhões que num tem serventia pra nada, né? Tem aquela luzinha lá, a árvore de Natal dele. que fica mudando as cores, enquanto isso, quatrocentas famílias num bairro histórico, que trinta milhões de reais, regularizaria né. No centro da cidade as nossas crianças não tem um parquinho e eu sou revoltada, tá? Essa quadra não tem uma cobertura, a gente tem um terreno desse tamanho, tem esse Banhado imenso, tem três times de futebol e nós aqui não tem um campo de futebol pra nossas criança, nossas filhas não era pra tá na rua, nossas crianças era pra tá jogando futebol, porque nós temos três tipos de futebol, o que não falta aqui é professor de educação física, Então, eu sou revoltada, porque podia tá investindo nas nossas crianças, nos nossos campeões, né? Porque essas crianças pode ser, tudo campeão. E eles gastando tanto lá fora, por puro preconceito, discriminação de tirar um povo do centro da cidade, porque nós somos pobre, uma Prefeitura higienista, prefere retirar, jogar pra longe do que investir nessas crianças, investir na educação. Ele investem na criminalização, investe porque pra mim colocar uma base da guarda em cada entrada do mais duas viatura em cada entrada é criminalização, tá investindo pra quem criminalizar um povo inocente.

Porque lá fora, nossa, o povo pensa “eu não vou passar no banhado, não. Porque tem duas guardas ali, olha ali, ó. Além da viatura, tem, além da base, ainda tem a viatura. Ah, não, eles não presta”. Então, isso é criminalizar um povo, né? Eu fico revoltada. Para nós, não existe essa São José que é mostrada. Pra mim, essa São José dos Campos, que mostra é só pra eles, porque eu só conheço essa cidade que criminaliza a pobreza, higienista, que escolhe pra quem eles vão governar, só conheço essa, não conheço outra não.

Que se fosse empreendedora, tecnológica, nossas crianças, tava aqui ó, com a nossa FUNDHAS dando serviço pras crianças, colocando as criança pra aprender um futuro, né? Pra ter um serviço, pra ter um futuro, pra ter uma profissão, quantos profissionais eles teria aí, quanto marceneiro, quanto mecânico, né?

Natália: Você ainda acredita na relação entre quanto mais escolaridade, melhor o emprego?

Elaine: Acredito, sempre. Só que como cê vai estudar assim, né?. Se até o direito de estudar é negado. Tem que lutar até pra estudar. E eu quero dizer, nossa, se contar uma coisa aconteceu com meu filho, todo mundo fica pasmo e não acredita. Meu filho estudava no Olípio Catão e simplesmente a diretora, dona Marisa, simplesmente tirou meu filho da escola e alegou na Secretaria de Ensino que eu tirei meu filho pra trabalhar, daí eu corri

atrás, fui na Secretaria de Ensino, denunciei e falei que eu não ia colocar meu filho em escola nenhuma, em nenhum lugar nenhum que mandaram nem no João Cursinho, meu filho vai pra escola que humilharam ele. É do lado da casa dele e é lá que ele vai estudar. uma escola que eu vou falar bem discriminatória com o povo do Banhado, mas tem muita criança que estuda lá e sempre, tipo assim, eu penso dessa forma. É do Santa Cruz e do Banhado não tem que ter criança de outro lugar, não. Porque é da Santa Cruz e é do Banhado, porque tá nessas divisa. Daí, coloca a criança de tudo quanto é lugar e as crianças que que é do Banhado da Santa Cruz não tem o direito de estudar lá.
Quando teve reunião, ela pediu pra mim desligar o celular, pra mim não gravar conversa. E eu peguei a carteira de trabalho do meu marido, que ele tava trabalhando na época, esfreguei na cara da diretora, do lado da delegada de ensino, “Olha, a gente não passa fome não, meu filho não precisa, ele sai da escola para trabalhar, como você disse, sua falsa” chamei ela de sem vergonha. “Aqui dentro cê pode ser diretora, lá fora, você é uma mulher como eu, você vai levar tapa na cara”. Falei pra ela, “Destrata meu filho aqui dentro pra você ver se lá fora nós não resolve”. E pra ela, dessa forma, eu falei, “Não é porque ele mora no Banhado ou qualquer outro lugar que você pode destratar, ele foi o melhor aluno de São Sebastião, ele estudou em São Sebastião numa das melhores escolas do Canto do Mar, meu filho sempre foi exemplo. Agora pra você falar o que você falou do meu filho por ele morar no Banhado? Lá é um lugar como qualquer outro e lá fora eu resolvo, se meu filho for discriminado aqui dentro eu resolvo”.
Hoje, minha filha estuda ali. E a professora só tem elogios pra ela, mas a diretora, me odeia me deteta, porque eu fiz valer meus direitos”.

Entrevista Miguel

Miguel: Ah, meu nome é Miguel Elias Rosa Figueira, eu mexo com reciclagem, tem uns vinte anos já. Então, não tem serviço fixo, eu só mexo com isso aí só, com reciclagem, né? É a minha vivência dos meus filhos, da minha família, né? Sobre isso aí, **conheço muita gente rica, conheço muita gente classe média, classe baixa, tudo me ajuda eu**, e pego tudo também, tudo que eles tão me dando eu pego. Então eu vivo disso aí. Não tem emprego. Então eu vivo disso aí de reciclagem, qualquer coisa que eu vou achando, vou pegando, eu, meus amigo, né? Não só eu, né? Meus companheiros também. Então, é isso aí.
Natália: Você tá aqui no Banhado faz quanto tempo?
Miguel: Eu tô aqui no banhado aqui, mais ou menos tem quase uns vinte anos já, viu? Faz vinte ano. Natália: Tua família já era daqui?
Miguel: Eu sou de Minas, só que eu tô aqui desde 2001, por aí, nós que tá aqui tem uns vinte anos já que eu mexo com isso aí.
Natália: Quando você mudou pra cá, você já mexia com reciclagem?
Miguel: Não, em Minas eu trabalhava com asfalto, trabalhava que nem aquela ponte [se refere a ao Arco da Inovação] ali é a comé que chama aquela empresa ali, que mexeu com ela? É a, comé que é o nome dela? É .. Queiroz, Galvão. Isto nós trabalhava em outra empresa, que nem esses cara aí mexendo. Infraestrutura assim. Só que cabô o serviço e o contrato aí eu afundei a cara na reciclagem, até hoje eu tô.
Natália: Então, lá em Minas mesmo você já começou a trabalhar com reciclagem?
Miguel: Aqui, aqui. Aqui. Comecei aqui, porque acabou o serviço lá, o contrato da empresa, né?
Natália: E você veio pra cá atrás de emprego?
Miguel: Sim, só que nós não arrumamos, aí eu, minha esposa, começou a sentar a cara na reciclagem, tô até hoje trabalhando de reciclagem e não largo minha reciclagem não, eu conheço muitas pessoas, né? Muitas pessoas do prédio, "Miguel daqui, Miguel dali", pessoal da loja, me ajuda muito, né? Aí se eu largar isso aí acabou pra mim. Mas a vida tá aí ó, na reciclagem, eu não tenho vergonha não. Eu trabalhei dois anos numa obra aí, mas só que acabou o contrato, aí não arrumei mais emprego, aí eu comecei ficar do mesmo jeito que eu era o mesmo.
Natália: E lá nas empresas em Minas você trabalhava com carteira assinada?
Miguel: Trabalhei com carteira assinada, né? Fiquei um ano e meio lá. Um ano e meio.. só que a empresa cabô a, os asfalto aí foi embora e eu vim pra cá.
Natália: E essa obra que cê trabalhou?
Miguel: Cabô também, isso. Fiquei dois anos e meio nela, isso também. Só que acabou também
Natália: Quê que cê fazia lá na na construção?
Miguel: Eu era ajudante de pedreiro. Aí encontrei a reciclagem nunca mais, não sai mais não. Aí é isso aí.
Natália: E trabalha a família toda?
Miguel: Não, só eu mesmo, não coloco a minha família pra trabalhar não, só ela [Andreia, a companheira] que separa pra mim, né? Porque eu não posso levar a criança na rua por causa de carro e teve um advogado que trabalhava no fórum, mandou voltar com meus filho e minha filhinha, porque se eles pegassem mais uma vez com a minha filhinha, aí eles iam denunciar eu e o juiz ia tomar. Então, não levo por causa de acidente, né? O carro pode bater, pegar meus filho aí, só vou eu mesmo. a Andreia só separa só, né? A reciclagem.
Natália: E aqui você trabalha sozinho ou como que é?

Miguel: Eu, eu trabalho aqui, Deus e eu só. Só isso, que eu tô querendo um terreninho, mas eu não tenho condições, eu não tenho. **Se tivesse condições, de ter um bom terreninho aí, pra mim colocar minhas reciclagens. Porque eu coloco aqui em casa**, coloco ali em cima ali que cês viu, né? Por isso, se eu tivesse condições, eu não tava colocando aqui não, colocava num terreninho, mas eu não tenho né, tem que colocar aqui mesmo.
Natália: Você gostaria de separar da sua casa?
Miguel: Isso, separado a minha casa. Só que não tem ninguém pra ajudar nós aí, **só Deus lá de cima, só promessa, promessa e não ajuda a gente, que somos classe média, né?** Aí só começa e nada, não sai nada, fica do mesmo jeito mesmo, não resolve nada.
Natália: E aqui você que construiu Miguel? [Me refiro a casa dele]
Miguel: É, isso aí eu peguei duma dona, né? A minha era, a minha era do outro lado ali, aí eu fiz rolo com ela aqui, colocar minha família que é grande.
Natália: É? E quantos vocês são?
Miguel: Olha, nós somos três, né? Quatro, né? Quatro. Tem um menino mais velho que mora ali, que a esposa dele. Tem minha menina aí, tá aí.
Natália: Então. teu outro filho já casou, já? Mas ele não fica na reciclagem.
Miguel: Não, ele não, ele tem sua vida própria, né? Ele tem, tem seus interesses já na sua própria vida, né? É só eu, eu, eu e minha esposa mesmo.
Natália: E aqui se vocês não precisassem armazenar os recicláveis você ia construir outra coisa, Miguel?
Miguel: Mas não ia não. Não ia, porque tá esse negócio aí, né? [Refere-se às ameaças de remoção] Tá, esse rola aí, não decide nada... promessa, promessa e se me jogar em prédinho também eu não vou porque como é que eu vou viver? Eles não vai me ajudar, prefeito não vai me ajudar, ninguém, só Deus. Então, onde eu vou colocar minha reciclagem, né? Porque eles já separam pra mim, já me dá, já ando, já ganho móvel, já ganhei essas coisas. Se virar com a família, né? Dá pra se manter.
Natália: E você coleta aqui no centro?
Miguel: Eu vou pro lado da Vila Ema, né? Que eu tenho muito conhecido ali, né? E esse, dos prédio aí, tudo me conhece há muitos anos, né? E não ando muito não, porque é perigoso, né?. Minha carrocinha tá lá em cima, ela não fica aqui embaixo. É daquelas que você vai na frente.
Natália: Mas então o pessoal ja sabe o dia que você vai passar né?
Miguel: Nossa, quando eu não vou, eles fica doido. Ele não vem hoje, trabalhar, como é que é. Que que aconteceu? Tá doente? Daí eles já guarda pra mim, muitos anos, né?
Natália: E se não fosse o medo de ter que sair daqui você faria mais alguma coisa aqui? Você tem outros planos?
Miguel: Não, eu não tenho outros plano ainda, mas eles vai ter que me dá pelo menos um terreninho pra mim colocar minha reciclagem. Porque isso aí é pra mim viver até o Cristo chamar nós, porque pra onde que eu vou colocar se sair daqui?
Natália: E se aparecesse outra oportunidade de emprego você deixaria a reciclagem?
Miguel: Não, porque as empresas mandam embora, depois cê fica aí correndo atrás de emprego aí, e tudo é currículo, né? E depois nunca te chama assim. Aí começa a bater as panela, aí fica meus filhos pedindo isso aqui, aquilo ali e tal.. né? E porque eu já acostumei muitos anos a reciclagem, né? Muito amigo meu que mexe com isso aí, anos e anos, por isso que eu não troco.
Natália: O que que você mais gosta no seu serviço?

Miguel: No serviço é muita amizade, muito respeito, né? Que eles tem por mim, carinho, né? É humildade também, né? Uma confiança que me chama dentro de casa, "ô Miguel, vem aqui, vamos tomar um café" Eu entro nos prédios, entro no condomínio e me respeita aí e eu também respeito eles, né? A minha companheira. [Se refere a cadela] Vai direto, deixa eu não levar ela, eles ficam. "Cadê sua companheira Miguel? Cadê?" Então, por isso que num num abandona a reciclagem, né? Porque trabalhar pros outros, acaba tudo, eu fiquei desempregado aí procurando, indo atrás, não achei mais, pouca oportunidade, por isso tem a reciclagem.
Natália: Quanto tempo cê ficou parado?
Miguel: Quatro anos e dois meses. Só procurando. Só agora que eu saí da empresa aí, tem uns cinco, seis anos já. Fiquei lá dois anos e meio lá. Ah, eu desisti de achar serviço aí, num acha, tudo é currículo, né? Eu falei, não sei. E nunca te chama você pra trabalhar, porque minha filha aí tá doida por um serviço, ela é adolescente, só que não chama nem nada, espalha currículo, a gente espera chamar e nunca. Então, eu não posso esperar chamar, eu fico com minha ferramenta e trabalhar, né? Correr atrás do pão de cada dia dos meus filhos, né?
Natália: E você acha que antes era mais fácil arranjar emprego? Você acha que tem piorado?
Miguel: Antigamente era muito mais fácil tomar serviço, né? As pessoas vinham atrás da gente para trabalhar.
Natália: Por que você acha que teve essa mudança?
Miguel: Ah, eu não sei, só Deus, né? Deus, eu não sei, isso aí. **O ser humano não sabe né? Enquanto nós tiver na terra nós vamos passar por isso mesmo, sofrimento, dores, desemprego, tudo aí, é só num perder a fé, nem a esperança, né cara? E correr atrás.** Cair do céu não vai, nada vai cair não. É correr atrás, batalhar mesmo e segurar na mão de Deus, pra Deus proteger você.
Natália: E quando você tava empregado de funcionário, você tinha medo de ser despedido?
Miguel: Eu não tenho medo de nada nessa vida. Aí é pior que cê sustenta a sua família. Então, não tem medo de nada. É, pegar a mão de Deus, é levantar a cabeça e correr atrás.. vai ter um sinal lá na frente.
Natália: Isso que te faz ficar confiante?
Miguel: Claro, isso, eu confio em Deus, em Cristo, em minha fé, que nunca, nada não falta pra minha família. Eu tenho disposição de trabalhar, né? Olhar, não ser preguiçoso, sempre com respeito com as pessoas.
Natália: E você que define teus horários?
Miguel: Não tem tempo ruim não, agora a chuva, no sol, no frio, no calor, é isso aí, só não vou se eu ficar de cama, né? Daí não tem como correr atrás não, mas de resto.
Natália: E como você define sua profissão, Miguel?
Miguel: Ajudante. [Fico confusa] Feliz. Tudo na vida. Encaro tudo. Pra mim não tem nada ruim, uma escolha só não, né? Mandar eu catar isso aqui, mandar, encara tudo, tudo na vida. Ver o pão dos meus filho pra comer, o resto …
Natália: E apesar de você não ter ficado muito tempo na escola, você quer alguma coisa diferente para os seus filhos, você incentiva que eles estudem?
Miguel: Eu falo com eles, dou meu exemplo pra eles. Aí ó, puxar a carrocinha. Então eu falo pra eles pra estudar, pra fazer alguma coisa na vida, porque eu não vou tá pra sempre pro resto da da vida na terra, né?

Natália: E você acredita que quanto mais estudo a pessoa tiver, mais fácil conseguir um emprego?
Miguel: Consegue porque o mundo tá mudando muito, a tecnologia, né? A gente não sabe o que que espera pra frente, não, que a gente vai envelhecendo, não sabe. Por isso, por isso que eu falo, estuda muito, muito, muito, muito mesmo.
Natália: E como cê vê a tecnologia, você vê ela como uma ameaça pro serviço?
Miguel: Ah, tudo, né? Tudo, porque os porteiro. Tinha muito porteiro, cadê os porteiro? Num tem mais nada. Ó os cobrador de ônibus, mais nada, várias coisas no mundo, né? É isso aí, tá uma ameaça aí, né?
Natália: E você vê também outro sentido assim na sua profissão, Miguel? Você acha que o seu trabalho também pode ajudar o meio ambiente?
Miguel: Ajudo muito nós. Embalo certinho [ele não entende a minha pergunta] não deixou bagunça, nem nada, tudo arrumadinho. Deixa espalhado nada. Cubro com lona, tudo pra não dar dengue nem nada, senão o fiscal chega e ferra eu, é isso aí, tudo arrumadinho ali ó, tudo arrumadinho, vou acabar de arrumar, deixar tudo certinho, ta essa bagunça assim é porque desde que eu tava lá na feira vendo as coisinhas, né?
Natália: Você vai na feira?
Miguel: Eu vou na feira. Vendo essas coisinhas que eu ganho negócio de informática, eu ganho muito computador, eu ganhei tipo um que é? Ah, CPU, essas coisas aí. Me deram tudo nas lojas, né?. Não pode ter preguiça, né? Eu nunca tive preguiça..
Natália: Então quantos dias você trabalha na semana, Miguel?
Miguel: Como, como que é? É, tarde de quinta, segunda? Terça. Terça e sábado. Já no quarto não tem, anda.. De que horas a que horas? Ahm? De que horas a que horas? Ah eu fico tão anjo. Uma hora, duas horas, né? Num vou seis horas. Cê faz seis horas e pouco isso. Então duas horas da tarde..
Natália: Aí você volta e Andreia já separa?
MIguel: A Andréia já separa, né? Nois é unido, tem discórdia não, é um ajudando o outro no mundo, né? É assim a nossa vivência, né? Esperar cair do céu não pode. É um ajudando o outro no mundo, né? É assim que vive nossa vivência, né? Porque antigamente eu levava meus filhos, né? Agora parei, porque pode ter acidente, né? O rapaz mandou voltar, senão ele ia me denunciar para o juiz e aí não podia, né? Não troco a reciclagem pelos meus filhos não e nem a vida deles. Por que eu já corro risco, né? Fazer o que? Tem que trabalhar, né?
Natália: E quantas horas por dia você acha que você trabalha, Miguel?
Miguel: Essa semana eu não parei não. Pauleira mesmo pra trabalhar. Trabalho das 06h às 14h.
Natália: Mas aí, mas quando você chega, você já faz mais alguma coisa?
Miguel: Ó, faço mais coisa, limpo um quintal aí, vou fazer mais coisa.**Tá, quanto mais tiver serviço para mim é melhor. E eu faço não gosto de ficar parado.**
Natália: E o teu dia de folga é mais ou menos o domingo?
Miguel: Mesmo assim não tem, não tem folga pra mim não, que eu não fui na feira hoje, né? Vender as coisinhas porque ela tava meio mal passando mal. Eu gosto de trabalhar, para que ficar dentro de casa, passando necessidade, né? Ficar aí esperando cair do céu ali, né? Tem preguiça não. Eu honro meu pai, né? E minha mãe também, né? Eles eram da roça.
Natália: E você trabalhou na roça também?
Miguel: Não, amiga, eu era bem pequenininho.
Natália: E eles ficaram em Minas?
Miguel: Eles partiram, né? Foram lá pra cima [aponta para o céu] e eu fiquei.

Natália: Com quantos anos?
Miguel: Eu fiquei com dezenove anos. Cuidando dela, só eu e ela, né? Aí, por causa da minha irmã. Minha irmã aí minha esposa trouxe pra cá.
Natália: Foi aqui que você conheceu a Andreia?
Miguel: Em Minas. Em Governador Valadares.
Natália: Sente saudade?
Miguel: Não, eu não tenho ninguém por lá, só tinha minha mãe, mas foi embora, minha véinha,
Natália: E foi com ela que você aprendeu a ser um trabalhador, Miguel?
Miguel: Pequenininho, as pessoas me olhavam, esse rapaz é trabalhador, hein? Para esse menino não tem serviço ruim não, tudo na vida, tudo pra mim viver, tudo.
Natália: E o que mais que você já fez na vida de trabalho, Miguel?
Miguel: Construção é, já trabalhei. já também, né? Não, essas coisas não, um amigo meu ia arrumar pra mim lá de entregador de banco, né? também, né? Arroz, Descarregando caminhão. Mas meus filhos vão estudar, estudar, porque eles veem o pai puxando a carrocinha aí o negócio é feio, né? Ó o exemplo do pai aí, embaixo de chuva, de sol, no frio. Mas não tem vergonha. De nada.
Natália: Ô, Miguel, e quando você passa nos lugares assim, você fala que você é do Banhado?
Miguel: Ô amiga, tem hora que eu não falo não, por que tem discriminação, né? Eu sinto uma discriminação de muita gente e a gente somos iguais, cara. Porque quando Cristo voltar, não vai ter nada de pobre, rico, ele vai limpar a terra de qualquer maneira, não tem jeito.
Natália: E tem lugar que se você falar que é do Banhado as pessoas não querem falar com você?
Miguel: Não, eles não fala nada, porque tenho muitos anos na rua, né? Fala nada, já sabe já, né? A discriminação é que por causa de um que faz as coisas erradas, todos pagam né? É, entendeu?
Natália: E para abrir um crediário na loja, você fala que é do Banhado?
Miguel: Ah, não, por isso não tem problema. O único problema é que não tem endereço certinho, né? O Prefeito não ajuda, ele não gosta da gente, não gosta nem dele mesmo, nem do próprio ser humano. Então, por isso que fiz, jogaram os guarda ali, falou, já não disse nada, arrumar nessa casa e nada. Isso aí, pelo amor de Deus, né? Em nome de Cristo.
Natália: Você gosta de morar aqui?
Miguel: Amiga para mim, embaixo do sereno, na chuva, comigo não tem lugar ruim nessa terra, porque todos nós somos iguais. Por isso, o lugar que for, eu tô vivendo, não deixando meus filhos no sereno, tá bom, é isso daí.
Natália: E você lembra por que você veio especificamente para o Banhado?
Miguel: Olha, eu vim pra cá porque eu não tinha condições de comprar uma casa, eu não morava assim [aponta para a sua casa de alvenaria] eu morava em madeira, eu não tinha vergonha não, aí depois daí fui mudando, fui mudando, aí eu passei pra essa aqui, isso aí, é muito bom morar aqui, né?. Não é ruim, quem faz o lugar é a gente, né? Se eu não mexer com nada, não fizer safadeza, nem ser vagabundo, o resto da vida.. graças a Deus.
Natália: E morar em um lugar perto do centro te ajuda no seu trabalho?
Miguel: Muito, mas aqui falar uma coisa para vocês, qualquer lugar, qualquer lugar pra mim, só não pode mandar eu em predinho. Porque vai ser difícil porque eu não vou ter lugar pra juntar, certo? E ninguém vai me ajudar, o próximo não ajuda o próximo não, é um

querendo afundar o outro nessa terra grande. O homem comendo fogo, por isso, porque ajudar a gente aqui, é só Deus mesmo e você correr atrás. Isso aí.
Natália: Não tem cooperatividade você acha?
Miguel: Que se fosse pra ajudar a gente, eles arrumavam um um cantinho pra gente, pra gente viver, né? E só eles ganham, só pensa neles mesmo, não pensam no próximo, se pensassem não tava essa bagunça aqui, lá pra cima. Nós tinha um cantinho certinho pra viver. Vamos no cantinho certinho, organizar certinho pra eles viver, né, pessoal. o homem não pensa no próximo não, só Cristo, Deus que pensa no nós. Aí.
Natália: E a Andreia, ela já trabalhou com outras coisas?
Miguel: Ela trabalha fichada no Provisão [um hospital da cidade], né? Ela ficou lá dois anos e depois foi mandada embora.
Natália: Faz tempo que ela está desempregada?
Miguel: Quer falar?[pergunta para Andreia se ela quer falar] deu quase um ano, né? Que que cê já trabalhou ali Andreia?
Andreia: Trabalhei de monitora de criança deficiente, ensinava a fazer bolo, ensinar a fazer pão ...
Natália: E esse era um trabalho que tu gostava?
Andreia: Sim
Natália: E onde que era, Andreia?
Andreia: Era aqui na antiga Casa do Idoso ali. Mas agora saiu a firma da Provisão, agora entrou essa turma aí.
Natália: E foi aí que você veio trabalhar com a reciclagem?
Andreia: Aí eu peguei e vim trabalhar na reciclagem.
Natália: Você gosta de trabalhar com a reciclagem Andreia?
Andreia: Gosto. Mas é porque também não tá aparecendo trabalho né? Por causa do lugar que a gente mora, os pessoal tem preconceito, num pega currículo da gente. Então, a pessoa fica na reciclagem.
Natália: Você já passou por isso? De levar currículo e alguém recusar porque você é do Banhado?
Andreia: Várias vezes. Eles não pega, eles não fala, mas não chama, por que eles ver o local onde que a gente mora, até pega o curriculo mas não chama. Até pra doar cachorro eles não doam, uma vez tinha uma doação de cachorro, no Face eu fui pedir a doação, eu falei que eu morava aqui no Banhado, aí ele falou assim, “ah então já foi doado”. E nem tinha doado. Foi só porque eu falei o local que eu morava eles não queria doar.
Natália: E você ficou bastante tempo procurando emprego, Andreia?
Andreia: Depois desse, desse último? Ah, não dá pra procurar, não andei por ai não, mas eu colocava currículo.. porque aqui tudo aqui é currículo, a gente anda, a gente não acha, porque só pega currículo, tô esperando, né?
Natália: E hoje se aparecesse outra coisa, você iria?
Andreia: Com certeza.
Natália: Você gostava de trabalhar com carteira assinada, você via a diferença, Andreia?
Andreia: Ah, mesma coisa, né? Tu vai lá.
Natália: Mas assim, de ter um salário lá todo dia certo? Férias, remuneradas?
Andreia: Hm-huh. É. Isso fazia diferença.
Natália: E quando você saiu, você pegou seguro desemprego?
Andreia: Peguei. Porque eu tava de resguardo, né? Tava, tava de resguardo de três meses, aí eles mandaram me mandaram embora, só esperou ganhar neném mandou embora

Natália: E com o seguro desemprego vocês investiram na casa?
Andreia: Não, paguei a divida que eu tava devendo. Tava pagando a dívida, ajudando dentro de casa.
Douglas: A separação, como que é feito? Assim, vocês trabalham só com latinha?
Andreia: Não, com tudo. Papelão, latinha, vidro, com tudo.
Douglas: Mas tem alguma coisa que você prefere pegar?
Andreia: Temos. Televisão queimada. Computador. Mas o que der para mim, eu tô pegando. Tudo.. Não escolho nada, tudo que ele está doando eu tô pegando.
Douglas: Como o senhor fez essa construção desses contatos que você fez?
Miguel: Como eu falei pra vocês, tem mais de vinte anos que trabalho com isso né? Por causa disso aí.. Mais de vinte. É conhecimento, né? É conhecimento demais da conta, ó. Muito conhecimento mesmo. Aí eles me vê, passando, já me gritam lá de cima lá. Liga pra cá pra me dar as coisa.
Douglas: Se você fosse fazer assim um mapa da onde você anda, onde que o Miguel tem conhecidos, até onde seria? Você sairia do centro até Santana, Zona Sul ..?
Miguel: Até Santana né, que dali vai ficando longe, né? Porque eu vou de carrocinha, né? Ali já tem outros, outros cara que cata ali, né?
Douglas: Cada um tem uma região pra catar, né?
Miguel: Isso, ali na Santa Cruz. Lá, Santana, ali a Vila Maria o camarada canta ali, aí eu não tomo o espaço, né? Respeito eles.
Douglas: E já teve alguma intenção do pessoal que trabalha com reciclagem também de se unir e de fazer e pensar uma alternativa? Fazer um barracão, algo assim..
Miguel: Teve aquela mulher lá antes dela ganhar, né? Não sei o que que ela é, que ela é. Isso, ela sempre, ela não parou uns tempo aí, antes dela ganhar. Como é o nome dela? Ela falou, que que cê acha? Num sei o que. Uma loirinha. Ligou e me perguntou "que que cê acha Miguel? Fazer uma cooperativa?" Ai eu falei: "Cooperativa é complicado né, dá muita bagunça, uns faz o trabalho, outros ganha, outros não, aí rola bagunça." Então, eu trabalho por si mesmo, pra mim mesmo.
Douglas: Você gosta de trabalhar sozinho?
Miguel: E sozinho Deus, só isso. Porque vira bagunça. Por isso agora meu sonho é comprar uma "prensinha" E um lugarzinho pra mim colocar minhas reciclagens, um terreno desse tamanho, isso aqui pra mim tá bom demais.
Douglas: E onde você vende o material?
Miguel: Eu vendo lá pro lado do Pinheirinho, né? Se tivesse uma prensa, levava mais um pouquinho, né? Não ficava essa bagunça aí não, prensava, tudo bonitinho, que nem tijolo, tudo certinho. E um espaço.. só que como eu falei com ela aqui [faz referência a mim]. Não tem ninguém pra ajudar nós não. Não tem não. Não.
Douglas: Você acha que a comissão de moradores daqui não ajuda?
Miguel: Por enquanto até agora não chegou perto de mim ainda não. Por enquanto até de pé de minha agora não, cara. Porque eu sou um cara que eu não chego perto também.
Douglas: O senhor sabe quem são os moradores que fazem parte da comissão?
Miguel: É Elaine, né?
Douglas: Elaine, quem mais?
Douglas: Elaine e o Renato, né? Não vieram falar comigo não, ainda não. Só mandou vocês vim aqui agora, né? Conversar comigo, né?
Natália: Não, essa conversa não tem nada a ver com a comissão de moradores não, é pra minha pesquisa. Eles apenas recomendaram você pra ser entrevistado porque te conhecem.

Entrevista Davi

[00:00:21] Davi: Meu nome é Davi Morais, tenho 70 anos e faz 3 anos que eu sou viúvo, vivi casado 53 anos e a minha vida daqui do Banhado … eu fiquei órfão de pai, não conheci meu pai, eu só conheci minha mãe. E ai a minha mãe como era jovem arrumou outro namorado daí nós viemos para São José dos Campos. Eu sou de Campos do Jordão, aí antigamente, quando nós viemos para São José, era cidade pequena, o ônibus só tinha uma entrada no Sul de Minas para São José, então eu vim naquele ônibus que chamava jardineira. Então chegando aqui em São José dos Campos a gente foi morar no Monte Castelo que foi a primeira residência nossa, as ruas eram tudo de terra, o bairro era um brejo, aí logo de repente surgiu o loteamento Jardim da Granja , ai o meu padrasto comprou dois terreno no Jardim da Granja, ai desses dois terrenos ele vendeu um e trocou outro por 1 alqueire de terra aqui no Banhado. Então nós viemos morar aqui e eu me enraizei dentro do Banhado e daqui eu só quero sair no caixão, como a minha esposa saiu. Minha esposa faleceu com 70 anos e foi nascida e criada aqui dentro do Banhado, ela viveu 70 anos aqui dentro.
Então eu vim para cá criança, aquelas várzeas era todinha de plantação de arroz, milho, feijão. E também tinham algumas residências que plantavam a sua hortinha na sua casa, tinha pessoas que trabalhavam fora, tinha pessoas que trabalhavam na várzea e outros cuidavam da plantação em casa. Ai eu fui crescendo aqui, fui desenvolvendo, trabalhando, sempre trabalhando, no meio do arrozal, plantava arroz, colhendo café. O meu primeiro emprego foi aqui na roça. AÍ depois eu já comecei a trabalhar em obra, trabalhei de pedreiro. E nessa vida de pedreiro, eu sinto um orgulho muito grande, igual aquela música do Zé Ramalho que diz “ta vendo aquele edifício moço? Eu também trabalhei lá”. Esses dois edifícios aqui em frente ao Banhado desde a fundação eu tenho calos na mão que é dali. Então eu comecei a trabalhar e nisso fui virando várias profissões de servente de pedreiro eu passei a pedreiro ..
[00:03:57] Natália: Isso tinha carteira assinada?
[00:03:57] Davi: Não, naquela época, era o seguinte: tinha umas empresas que registravam, mas tinham outras que não registravam e eu ainda era menor, então trabalhava sem fichar. E as empresas de construção civil pagavam a gente por hora mas não chegava ... vamos supor, nem a 5 reais por hora.
Ai praticamente com 15 anos eu me apaixonei pela minha esposa ai nós viemos 3 anos casado e éramos para ter 11 filhos, mas criei 8 só.
Mas quando eu era menino aqui só tinha umas 10 ou 15 casinhas tudo de pau a pique coberta de sapé, era a nossa moradia aqui do Banhado, aí conforme passou o tempo, o Banhado foi crescendo.
Hoje eu sou avô de 37 netos, 35 bisnetos e 3 tataranetos.
E as profissões que eu tenho são várias, eu sou pedreiro, depois aprendi a trabalhar em cozinha. Primeiro lugar que eu trabalhei na cozinha, foi quando surgiu aqui o bairro dos Pinheiros que também está dentro da concha do Banhado. Eu entrei lá como servente de pedreiro e naquela época abriram um restaurante para fornecer comida para os funcionários que ia trabalhar lá na obra, então aí o meu patrão, era empreiteiro de uma das firmas, ele abriu um restaurante lá dentro e ele falou “Davi vamos fazer o seguinte, você vai trabalhar de ajudante de cozinha lá com minha esposa” ai foi onde eu fui para cantina e trabalhei, ai foi lá que eu aprendi um pouco a trabalhar na cozinha, ai depois com o tempo, eu nunca escolhi serviço, se eu ficasse desempregado, o servicinho que aparecia, eu ia.

[00:07:07] Natália: E esse serviço na cantina também não tinha carteira assinada?
[00:07:11] Davi: Não tinha. Naquela época era mais informal do que registro em carteira.
[00:07:21] Natália: A maioria não tinha registro em carteira?
[00:07:23] Davi: Não, ai eu comecei a trabalhar lá, fui pegando idade, depois já tinha a família e comecei a mudar de profissão. Ai da cozinha eu passei para vigilante. Fui guarda noturno em 1970, depois passei para guarda bancário, ficava no banco como segurança. Ai ja começou a vir com carteira fichada. Em 1974 eu fui segurança do INPS, no IAPI de forma terceirizada. . Depois passei a ser porteiro de hotel, depois voltei a ser segurança, trabalhei na prefeitura. Até 1992 eu trabalhei fichado na prefeitura. Comprei um carro e eu achava que para mim seria difícil porque eu sou analfabeto. Então assim eu fui levando a minha vidinha, trabalho fichado, mantendo a minha família e hoje eu me encontro aposentado, tenho a minha casinha né ..
E ai na vinda de 1970 para cá que SJC começou a progredir né, virou a capital do avião o pessoal vinha de fora para trabalhar aqui em SJC e muitos deles achavam que o Banhado aqui era mais fácil para arranjar serviço então foi se alojando muitas pessoas aqui. E agora hoje se você fizer um levantamento do Banhado você vai acabar descobrindo que é tudo uma família só.
Que é o meu caso aqui, eu vim para cá conheci meu sogro me apaixonei pela filha dele aqui, e ai fui tendo meus filhos que foram casando com filho de morador daqui também e assim foi dando continuidade ao Banhado. O Banhado é igual uma mãe e um pai para mim, tem um valor muito grande.
O Banhado é conhecido mundialmente pelo por do sol e por isso eu coloquei o slogan de uma roça na cidade, porque nós temos 64 nascentes de água, nós temos uma fonte daquela época que está cercada, foi feita em 1 de dezembro de 1928.
E tem a beleza das pessoas e por isso a roça na cidade, tem quem cria gado, tem outros que cria galinha, outros que tem tanque de peixe na sua casa e tem também o pessoal que faz a parte da reciclagem né que trabalham para a sobrevivência né. Então por isso uma roça na cidade.
E o outro slogan é que o Banhado é o pulmão de SJC, porque o Banhado açoita a poluição da cidade. E nós os habitantes aqui dentro do Banhado somos a veia desse pulmão.
Eu vivo 58 anos aqui dentro, eu tenho muitas recordações aqui e nós estamos lutando para ficar aqui dentro, porque os governantes querem nos tirar daqui. Em 1995 nós tínhamos a FUNDHAS, tinha escolinha, postinho médico, creche. Muitas pessoas aqui estudaram na FUNDHAS trabalharam em indústria, daqui sairam engenheiros. Depois de 2000 que veio essa briga com órgão público para nós sair dessa terra, por causa da especulação imobiliária. Primeiramente aqui ia passar a via Banhado, daí nós brigamos e foi cortada a verba, que tinha financiamento pelo BID. Ai agora eles estavam vindo com “área de risco” porque numa parte do Banhado tem turfa que causa incêndio e agora eles estão discriminando nós, fala que aqui só tem bandido e traficante. Mas a gente não vai abrir mão. Porque se for pelo tráfico, vai ter que fechar a cidade inteira, o mundo, porque o mundo ta perdido no tráfico. Eu já to com 70 anos nas costas, logo logo Deus me leva embora.
[00:21:57] Natália: O senhor quer falar um pouco sobre como e porque o senhor decidiu abrir o bar?
[00:22:07] Davi: Antigamente aqui tinha umas bodeguinhas, que as pessoas vendiam na janela das suas casas, ai depois teve um rapaz que abriu um bar aqui, mas esse bar ficava mais fechado do que aberto e todo mundo falava “nossa aqui precisava de ter mais um bar, porque você não abre um bar aqui embaixo?”, ai eu não queria abrir um bar, porque é o

seguinte, já tinha um bar se abrisse mais um, um ia acabar atrapalhando o outro. **Aí coincidiu de eu ficar desempregado no final de 1999,** ai eu fui falar com o rapaz do bar né, e a gente combinou de trabalhar meio junto, quando eu tivesse fechado ele estaria aberto, se alguém fosse comprar algo e não tivesse ele mandava no meu bar. Ai a minha esposa começou a falar para mim "vamos abrir um bar velho". Ai o que ela fez, ela comprou 1L de pinga e dois maços de cigarro e começou a vender no portão de casa, ai foi onde eu abri o bar. **Depois disso começou abrir um bar atrás do outro e hoje nós temos 20 bares aqui.** Mas depois disso a minha esposa adoeceu e ela me dava uma força muito importante [começa a chorar]. A minha esposa ficou 8 anos na cadeira de rodas, então eu tinha que cuidar dela e cuidar do bar e ela faleceu em 15 de abril daquele ano e desde então eu não tenho mais animo para nada, só esqueço um pouquinho quando vou para o rio pescar. As vezes ela me pedia para ir no rio pescar e quando eu voltava com 1 peixe, ela ficava tão feliz.

[00:30:47] Natália:.E quando o senhor ficou desempregado o senhor estava trabalhando fichado?

[00:30:50] Davi: Quando eu abri o bar eu tinha ficado desempregado e eu tava trabalhando em um hotel aqui que chamava Hotel Lisboa. Ai as empresas sempre davam uma queda, dai aconteceu isso e o patrão me explicou que tinha acontecido isso, isso e isso e que ele ia ter que me dispensar. Eu trabalhei três vezes nesse hotel e as três vezes o patrão veio me buscar em casa. Eu trabalhava um ano, dois anos, três anos ... Ai eu fiquei desempregado e a prefeitura tinha aquele mutirão que contratava mas sem ser na carteira. Ai fui contratado e fiquei trabalhando aqui dentro no centro comunitário, eu era tipo um zelador, eu cuidava disso aqui. Naquele tempo o centro comunitário era um ponto de referência no bairro, tanto que o correio nã entrega carta nas casas, as cartas vem tudo aqui. Aii terminou esse contrato com a prefeitura. Quando eu sai da Prefeitura que eu abri meu bar

[00:32:35] Natália: E alguma vez o senhor acessou direitos trabalhistas? Como seguro desemprego, FGTS ..

[00:32:46] Davi: Sim, sempre que saia dos empregos eu conseguia seguro desemprego e olha eu nunca fui mandado embora de empresa nenhuma por justa causa, então eu sempre recebia todinho os meus direitos. Eu trabalhei em uma empresa de São Paulo que chamava Alvorada e lá eu fui guarda do INSS, porque as empresas são terceirizadas né. Ai terminava aquele contrato e eles dispensavam aqueles funcionários né. Depois trabalhei numa empresa que chamava Edson Moreira, como segurança também, trabalhei na Sacilote era sempre de segurança né. A gente fazia escolta de pagamento quando tava vindo na Rio - Santos, a gente ia fazer pagamento lá em Paraty pela Camargo Correa. Então a minha vida foi sempre assim, eu chegava a trabalhar duas ou três vezes numa mesma empresa e não era eu que ia procurar emprego, eles vinham aqui atrás de mim.

Agora mesmo ali no curso de sabão, eu estava falando com as moças da faculdade, e assim, o estudo ele é muito bom, mas o estudo melhor que tem é a convivência, é você ir vivendo e aprendendo. Tem muitas pessoas que quando eu falo que eu sou analfabeto, eu só tenho o 1o ano de escolaridade, mas eu escrevo muito bem, faço conta muito bem, as pessoas acham que eu sou uma pessoa formada, mas ninguém sabe tudo e eu sou o tipo de pessoa que gosta de fazer contato com todo mundo, eu gosto de ter amizade com todo mundo. Que nem ontem mesmo, eu faço salgado né? Porque eu trabalhei em cozinha, padaria, confeitaria, eu sei fazer um pouco de cada. Hoje mesmo você perdeu que eu trouxe coxinha aqui, mas o Marcel deixou aí e os vizinhos comeram! Mas se você quiser, vamos lá em casa, eu vou fritar para você na hora!

[00:38:23] Natália: O senhor faz para vender?
[00:38:27] Davi: Olha, eu não vou dizer para você que eu faço nem que eu não faço, porque quando me aperta um pouco, que nem, agora mesmo meu carro quebrou e eu vou ficar a pé então não vai ter nem jeito de eu ir para o campo de futebol, porque eu faço para vender no campo de futebol né.
Ai ontem a hora que eu tava fazendo meus netinhos pequeno estavam perto de mim ai eu ensinei eles a fazerem coxinha e essa receita eu aprendi trabalhando. Até porque minha mãe só me ensinou duas coisas: respeito e serviços domésticos.
[00:39:45] Natália: E ao longo da vida a maioria dos empregos que o senhor teve foram com ou sem carteira assinada?
[00:39:49] Davi: A maioria carteira fichada, tenho ela guardada até hoje na minha casa.
[00:39:53] Natália: E os seus filhos também tiveram emprego com carteira assinada?
[00:40:07] Davi: olha eu vou explicar uma coisa aqui para você, hoje em dia, eu acho que nem o estudo mesmo ta tendo serventia para o emprego. Vamos começar do começo: hoje em dia você não pode por seu filho para trabalhar para te ajudar né, é contra a lei, se você colocar seu filho para fazer qualquer coisa, a lei vem em cima de você e acha que você tá explorando. Na minha época não tinha isso. Aí você tem que colocar seu filho na escola, para conseguir uma vaga na escola é maior dificuldade né, aí seu filho estudou, fez o ensino fundamental e ele chega lá e vai pedir emprego né e chega lá o que eles pedem? Experiência. Se você se forma hoje, como que amanhã você vai ter uma carteira fichada se não tem experiência? Então o emprego hoje em dia tá muito dificil. Eu jávi muita coisa, já passei muita dificuldade. Hoje quando você arranja um emprego é uma exigência tremenda. A tecnologia por exemplo é muito boa, mas ela também ta muito avançada e está atrapalhando nós seres humanos, quando eu trabalhei no GM eu via lá, coisa de 5 minutos estava um carro pronto, manuseado por uma pessoa só. Hoje em dia até para trabalhar em obra tá dificil porque é tudo na base de maquinário e maquinário você sabe, é uma pessoa só que controla, é por isso que eu acho que a tecnologia atrapalha a vida de pessoas. Quando eu trabalhava na obra meu ombro era calejado, na minha época as pessoas iam na obra chamar a gente hoje em dia tudo é curriculo e pela internet ainda. Eu falo para os meus filhos, não adianta nada você mandar currículo e não correr atrás. Na minha época eles pediam carta de apresentação e currículo. Eu já entreguei currículos e até hoje nunca me chamaram, as fábricas já até fecharam. Eu vou ser sincero, esse negócio de currículo só dá certo se você tiver um cartucho lá dentro já é outra o que acontece na maioria dos casos aqui em São José dos Campos é .. você sabe por que que existe morador de rua? O que acontece é o seguinte: vai abrir uma indústria na cidade, ao invés dessa indústria pegar as pessoas da cidade para trabalhar, ela traz de outra cidade deles, aí eles prometem um monte de coisas para você e o coitado vem iludido para cá, alguns vem até com a família direto para cá, trabalha dois ou três meses e tá na rua, não tem nem condições de voltar para casa.
O tráfego, por que que existe muito tráfego? Falta de emprego. E isso é culpa da própria justiça não deixar você cuidar do seu filho como você foi cuidado, porque na minha época até de professor eu apanhava e até por isso eu não estudei mais, porque minha mãe não me deixou voltar mais depois que a professora me bateu, mas naquela época os alunos obedeciam a professora.
[00:49:45] Natália: E quando o senhor acha que começou a ficar mais difícil de achar emprego? Falando talvez especificamente sobre os moradores do Banhado.

[00:50:07] Davi: Ta bem difícil, vou explicar porque a primeira parte eu já falei para você né, é o estudo. Quer dizer, primeiramente a idade e depois o estudo. Aí tem essa coisa da experiência né e depois a tecnologia. Sobre os moradores do Banhado e morar no centro da cidade é mais prático e de modo a melhor sobreviver né, porque hoje aqui nós temos os recicladores, pessoal que tem um pedacinho de terra para plantar alguma coisa, criar uma galinha, um porco .. Mas sobre o centro da cidade: não tem mais emprego no centro da cidade. Porque a maioria é indústria e comércio e vai depender do estudo e da experiência né. Tem sim trabalho, mas é em obra e é distante. Tem lá no UrbaNova, meu filho trabalha lá no Urbanova. Ele sai daqui 6h da manhã para chegar lá as 08h. Empregada doméstica por exemplo, hoje em dia quase ninguém mais ta pegando empregada, tá muito dificil arranjar serviço de empregada doméstica, porque nós da classe operária somos descriminalizados. Quando você vai procurar um emprego, se você disser que mora no Banhado, não vão dizer que não tem, eles guardam seu currículo mas não te chamam, eles não dão emprego, nós pobres que moramos na periferia somos muito discriminados. Eles acham que na periferia só tem bandido, criminoso, assaltante. Mas eles tem que lembrar que muitos profissionais do futebol saem da periferia. É igual eu estava falando para você agora no começo da conversa, aquela música do Zé Ramalho que diz que se eu ficar em frente ao edifício chama a polícia e é assim que nós somos vistos hoje. E os empresários eles não lembram disso, eu tenho andado por ai e você vê tanta pessoa querendo uma moradia, uma casa para morar, um terreninho para plantar. E quanta terra vazia tem por ai né? Tanta gente precisando de uma oportunidade. Você vai aqui na represa que eu costumava pescar, de primeiro a gente pescava que até vendia, hoje em dia ta tudo cercado. Antigamente até no Banhado nós pescava. Eu trabalhava em obra, nós tinha os nossos amigos que trabalhavam em obra.

Entrevista Donizetti

[00:00:14] Donizetti: Eu me chamo Donizeti, na verdade estou aqui já há 52 anos, mas já venho de uma família histórica daqui de 80 anos, que é meu avô, minha avó. Eu nasci aqui, me criei na juventude aqui, me tornei adulto e fui trabalhar em fábrica, trabalhei alguns meses, alguns anos na verdade, mas não me identifiquei, porque na verdade como eu moro numa zona urbana mas ao mesmo tempo rural, eu cresci mexendo com terra com o meu avô, me identifiquei muito com a terra e aí trabalhei no máximo 2 anos em fábrica e voltei para o campo, onde que eu fui mexer com lavoura, com 22 anos eu comecei a mexer com lavoura, com plantação e tô até hoje mexendo. Criei meus filhos com a lavoura e é a coisa que eu posso dizer que eu gosto de fazer. São coisas básicas, mas é aquilo que eu gosto de fazer. Hoje eu me tornei um agricultor, produzo muitas verduras, legumes, hoje eu tenho minha venda própria, eu tenho a minha loja, eu mesmo planto né e consumo tudo dentro da minha loja. Essa é a história da minha vida.

[00:01:50] Natália: E quando você trabalhou em fábrica, era fábrica do que?

[00:01:55] Donizetti: Trabalhei na Nacional, depois eu trabalhei mais uns meses numa empresa de construção civil e daí coisa de 25 anos eu só mexo com lavoura. Eu trabalhei pouco tempo na indústria, juntando tudo dá uns 3 anos e meio só, pela idade que eu tenho é 3 anos e meio só, o resto é tudo lavoura

[00:02:30] Natália: E quando você trabalhou na indústria era com carteira assinada?

[00:02:32] Donizetti: Sim era carteira assinada, era registrado mas eu não me adaptei [Dá uma risadinha]

[00:02:40] Natália: E quando você veio trabalhar aqui na lavoura você abriu empresa? Mei? Como ficou essa questão?

[00:02:47] Donizetti: Então eu trabalhei na verdade, na lavoura, muito tempo plantando e abastecendo mercados. O mercado municipal aqui da cidade, abastecendo alguns clientes que vinham pegar aqui, e de 10 anos para cá que eu montei uma loja, que daí eu falei "bom vou trabalhar, vou montar uma loja de hortifruti e eu mesmo vou me abastecer" daí eu comecei a trabalhar para mim mesmo, tudo que eu plantava eu consumia na minha loja. Então tudo que eu planto aqui hoje eu vendo lá. Não preciso mais de intermediário.

[00:03:30] Natália: E os seus filhos também seguiram na lavoura?

[00:03:30] Donizetti: Não. Os meus filhos na verdade me ajudaram, eu tenho uma filha que me ajudou muito a vender minhas verduras, mas daí ela se tornou jovem, fez faculdade e casou e não quis mais. Eu tenho um outro filho que me ajudou também, mas ele seguiu uma carreira totalmente diferente da lavoura, se tornou um jogador [de futebol] foi embora para a Europa né. E eu tenho um filho mais novo, 14 anos, que ainda não sabe o que quer da vida mas lavoura eu tenho certeza que ele não quer. A lavoura da minha parte, Aquino, eu sou a última pessoa, se eu morrer acaba a lavoura aqui. A parte agrícola, creio que eu sou o último, se eu morrer não tem mais.

[00:04:27] Natália: Mas você tem irmãos né?

[00:04:28] Donizetti: Eu tenho irmãos, mas eles trabalham na indústria. Eu tenho um irmão mais velho, mas ele não quis. Creio que na parte agrícola, na parte de lavoura, eu sou o último de geração. Começou com o meu avô e depois passou para mim na verdade, creio que sou assim, da geração, a última.

[00:04:56] Natália: E a sua casa você construiu pensando no trabalho?

[00:05:00] Donizetti: Aqui foi uma construção bem mais recente, aqui geralmente, a estrutura para as verduras já é dentro de onde eu planto mesmo [na parte de baixo do terreno]. Com essa epidemia que deu também, minha esposa, minha cunhada, acabaram

fazendo uma jardinagem de flores, com a epidemia acabou surgindo a ideia das mulheres de fazer uma jardinagem e isso está crescendo, cada vez mais está aumentando. Acabou surgindo essa ideia que agora ta sendo cultivada uma jardinagem, muitas ideias na cabeça delas, da minha vó, da tia … tão fazendo um parquinho para os netos. Acabou surgindo algo legal, apesar da epidemia a gente tirou algo bom também.
[00:06:35] Natália: Sua esposa trabalha com você na lavoura também?
[00:06:35] Donizetti: Não, ela trabalha na loja, ela administra a loja.
[00:06:40] Natália: E antes da loja? Ela trabalhava em outro lugar?
[00:06:48] Donizetti: Ela trabalhava em casa, como doméstica. Daí quando eu abri a loja ela foi trabalhar lá.
[00:07:00] Natália: E quem que mora aqui com vocês?
[00:07:00] Donizetti: Só as minhas cunhadas. Só que elas não mexem com lavoura não. Eles trabalham na indústria … Com lavoura só eu mesmo, eu falei Aquino, mas é família Ramalho, o sobrenome do meu avô era Ramalho, desculpe. Meu avô que era o dono de tudo isso daqui né, Ramalho então é o sobrenome da minha mãe e termina comigo aqui a lavoura, a terceira geração.
Então veio a primeira, a segunda e a terceira sou eu. [geração]
[00:07:45] Natália: E como você se considera, Donizetti? Um trabalhador do campo? Empreendedor?
[00:07:50] Donizetti: Hoje com 52 anos eu me considero vencedor, porque olha, foi difícil viu. Eu sou de uma família pobre e com trabalho eu conquistei a minha vida, criei meus filhos, e**u tenho um filho hoje que viajou o mundo pela escolha que ele fez de ser jogador né, tenho uma filha muito bem sucedida também, com os estudos que eu pude dar para ela né a partir do trabalho, só que foi tudo assim sofrido. Conquistado com muito sacrifício, com muito tempo, a cada dois anos conquistava alguma coisa, a cada cinco anos conquistava outra.** Era difícil, eu não tinha maquinário, eu não tinha carro, eu não tinha material suficiente para lavoura, então foi difícil. Sò que hoje assim, aos 52 anos eu me vejo assim, não conquistei tudo ainda, mas conquistei muita coisa né, pelo trabalho e pelo esforço.
[00:09:00] Natália: Mas em termos de profissão, como você se declara?
[00:09:01] Donizetti: Agricultor. Eu tenho orgulho e gosto do que eu faço. Aprendi muito com meu avô, com a minha avó, fui o único da família que aprendi muito com ele, na verdade a minha avó na época me ensinou muito sobre o sofrimento da lavoura, me mostrou as coisas boas da lavoura também, então eu vejo que eu tenho um legado hoje orgulhoso para mim e da lembrança do meu avô e minha avó.
[00:09:35] Natália: E eles também plantavam as mesmas coisas que você?
[00:09:38] Donizetti: Meu avô vivia de hortaliça, vivia de plantar, já naquela época, vamos colocar ai 70 anos atrás vivia disso aqui, vivia de lavoura.
[00:09:50] Natália: E o Banhado para você o que significa?
[00:09:55] Donizetti: O Banhado para mim eu tenho assim como um lugar, para mim, muito abençoado, onde eu conquistei tudo que eu tenho, conquistei minha família, conquistei o meu trabalho, a minha honestidade, criei meus filhos .. então o Banhado eu vejo assim … é tudo, não tem explicação, do local, do espaço, da grandeza que eu tenho, eu sou livre. Aqui eu tenho tudo que muitos queriam ter né. Só tenho que honrar mesmo.
[00:10:44] Natália: E o Banhado é imprescindível para o seu trabalho né?
[00:10:44] Donizetti: Sim e até na minha infância né, eu tive uma infância aberta né, uma infância com muita mata, com muitos bichos, porque aqui uns 25 anos atrás, na minha

infância tinha muita coisa assim que hoje não tem mais até pela mudança do clima, mas tinha muitos bichos, era muito mato, era muito divertido, então foi assim, ano a ano, tempo a tempo foi mudando, mas nunca mudou em mim o desejo de ficar aqui, isso não, meu desejo sempre foi ficar aqui, assim como dos meus filhos, a minha filha que casou sempre que ela pode, ela tá aqui. Para mim e para minha família é assim muito gratificante.
[00:11:36] Natália: Vocês tem uma relação estreita com esse território né?
[00:11:40] Donizetti: Com certeza e ao mesmo tempo sofredora com muitas tristezas e muitas alegrias. O Banhado foi muito interessante, porque eu fui muito agarrado com meu avô e minha avó. então eu tive um momento interessante com meus avós que eles eram bem de idade, foi muito gostoso, mas depois Deus levou eles né, tive momentos muito bons com a minha mãe também e que Deus depois levou também. Então foi tudo momento assim … é. quando eu comecei a plantar eu via assim que era o orgulho da minha avó ver que um dos netos ia seguir o caminho do avô, a minha avó me elogiava muito, não que eu fosse o melhor neto dela, mas sempre tava eu na boca dela "ah o meu neto aquele que seguiu a minha carreira", então assim, foi um legado muito legal também de ter essa sensação do meu avô e da minha avó de seguir o caminho deles.
[00:12:38] Natália: Você fala muito dos seus avós né .. e sobre os seus pais?
[00:12:42] Donizetti: Meu pai não mexeu com lavoura né? Meu pai mexia com construção civil, ele não seguiu a lavoura. Ele cuidava, porque na época era muito mato, ele fazia a limpeza, mas não foi assim direto da agricultura não … E a minha mãe era dona de casa, cuidava mais da casa.
[00:13:10] Natália: E você estudou até que série?
[00:13:12] Donizetti: Eu estudei muito pouco, por isso que hoje eu até dou conselho para todo mundo estudar, eu não estudei, infelizmente estudei até a 5a série somente mas eu tenho orgulho tanto da minha vida porque eu conquistei tanta coisa e por isso que acabou eu ficando preso na lavoura, porque hoje para você ter uma profissão você tem que ter um estudo né, mas Deus me abençoou e hoje eu tenho uma empresa que é uma conquista muito grande, mas se eu dependesse do estudo eu não conseguiria não, foi muito da minha força de vontade, do meu esforço pessoal que Deus me deu, mas eu estudei muito pouco né.
[00:13:50] Natália: E você vê relação entre estudar e ter um emprego melhor?
[00:13:55] Donizetti: Nossa, é o que eu falo para os meus filhos: estuda porque no mundo de hoje sem um estudo, até mesmo para lavoura, se você não tiver um estudo que é uma coisa que a gente pensa que é tão simples mas não é. Hoje você tem que saber fazer uma cotação de muda, uma cotação de preparo de solo e tudo isso daí tem que ter um estudo, tem que ter uma sabedoria se não tiver você não consegue.
[00:14:18] Natália: E você foi aprendendo tudo isso na prática?
[00:14:22] Donizetti: Eu aprendi tudo na prática, com avô, com a avó, com o tempo, com a prática que me ensinou muito. No mais eu posso dizer que eu não aconselho ninguém a fazer isso não, "vai estudar!".
[00:14:35] Natália: E você falou que a sua casa é recente né? Como era a sua casa?
[00:14:39] Donizetti: Sim, era uma casa muito de roça. É como eu falo, na minha infância isso aqui era um matão fechado né, então a casa era muito simples, fogão de lenha, a gente não tinha energia elétrica, por isso que eu falo que foi sofrido né. Era uma coisa bem simples mesmo, depois que o tempo foi passando, as coisas foram evoluindo, o trabalho, depois a gente foi crescendo, foi evoluindo para coisas melhores e hoje a gente vive numa

roça rural ao mesmo tempo urbana porque nós estamos em um lugar urbano né. Eu tenho uma horta dentro da cidade e muito privilégio para mim, legal né.
[00:15:25] Natália: E daí a sua casa você foi construindo com o seu rendimento aqui do trabalho?
[00:15:25] Donizetti: Sim, aí com o trabalho que eu fui tendo, eu fui reformando tudo, reformei minha casa, o fogãozinho de lenha que era da minha avó eu acabei tirando né, as coisas foram modernizando, eu acabei tendo filho e as coisas ficam diferentes. **E hoje a gente vive com o mesmo espírito, digamos assim o mesmo jeito que a gente viveu lá na infância, mas com um custo de vida bem diferente, bem melhor, e ao mesmo tempo mais ruim, mesmo sofrido eu preferia antigamente**.
[00:16:06] Natália: E Doni você acha que tem um preconceito por parte dos outros moradores da cidade com o pessoal daqui?
[00:16:15] Donizetti: Cara, muito preconceito, uma coisa assim que .. eu vou até falar um pouco agora do meu mundo espiritual. Eu sou católico e aqui era assim muito preconceito e **.. eu ainda to bem afastado da favela né, eu tenho que falar favela porque é o nome científico né, que é da comunidade né. Eu to um pouco afastado, mas o preconceito aqui sempre foi muito grande eu mesmo quando criança tinha vergonha de falar que morava no Banhado até pelo preconceito de escola e tudo esse preconceito que o Banhado teve aí eu fui crescendo, fui me formando, a realidade do Banhado e aquilo ia mexendo muito comigo, porque eu via que lá no Banhado, aqui no Banhado, independe do lugar que estou e do lugar que eles estão tem muita gente boa.** Ai uns 20 anos atrás, lá tem uma capela lá dentro da comunidade, ai 20 anos atrás eu tive uma sensação de fazer um trabalho lá, pessoal do Banhado, mas para trazer pessoas de fora né. E foi tão legal, eu arrumei uma equipe de pessoas e a gente começou a fazer encontros lá na Capelinha dentro do Banhado, e era muito preconceito e o legal de tudo que quando eu comecei a fazer esse trabalho com a igreja, tive ordem do nosso padre, da paróquia, da igreja, e lá a gente acabou formando um grupo e já vai fazer 20 anos que a gente tá lá. E o interessante desse grupo é que já passaram mais de 20 mil pessoas de fora, pessoas que nunca imaginaram tá lá dentro do Banhado, pessoas de alta classe … ali veio médico, ali veio advogado .. ali veio tantas pessoas e continua vindo tantas pessoas. Eu to lá ainda até hoje, só que agora por causa da epidemia a igreja pediu para não ter esses encontros. Mas eu vejo assim que com esse pequeno trabalho eu consegui tirar a visão de muitas pessoas de que o Banhado é .. tem famílias boas, tem pessoas boas. E isso para mim foi uma grande vitória, até para a igreja também. E hoje eu tenho orgulho de falar que eu moro no Banhado. Então eu vejo que foi uma conquista muito legal.
Mas eu tive que crescer, buscar um pouco mais de conhecimento. Como eu falei, eu não tive um grande estudo, mas Deus me dá sabedoria. Eu busquei muita sabedoria, até dentro da ciência mesmo eu busquei sabedoria com o pouco estudo que eu tinha mas com a mente muito aberta, eu buscava informação com um, buscava informação com outro, conversava com as pessoas que tinham entendimento melhor que eu. Abrasou tudo isso. Hoje nós temos um grupo dentro do Banhado que é conhecido em São José, Vale do Paraíba e alguns estados conhecem esse grupo, que era um Banhado com tão mal visão, hoje pelo grupo que tem ali há 20 anos, acabou mostrando mais o Banhado para a sociedade ainda. Então isso, nossa, foi muito legal. E eu me sinto muito orgulhoso disso. As vezes eu estava lá, para fazer os encontros, a gente tem encontro de casal, de jovens, e quando eu via a Rua da Linha lotada, aquela igrejinha lotada … e eu consegui também, enturmar as pessoas de fora com a turma da comunidade, achei muito legal isso, porque eu conquistei a comunidade, e ali a

gente é tudo igual. Então lá eu consegui fazer assim, independente de religião, evangélico, espírita, católico a gente acabou se tornando um povo só do Banhado e eu achei muito legal isso.
[00:20:36] Natália: E como os seus filhos lidaram com essa questão do preconceito? Também tiveram vergonha?
[00:20:42] Donizetti: O meu filho nem minha filha. Ela tinha pouco de receio, talvez a filha mais velha, muito pouco, não tinha tanto receio igual eu tive não, porque quando eles vieram, é como eu falei né, a gente era mais sofrido, a casa era muito simples, mas depois que eles vieram a gente tinha um pouco mais de condições, a casa já era um pouco melhor, e como eu moro dentro do Banhado mas um pouco mais afastado, tenho uma chácara para os meus filhos creio que não teve tanto receio, mas para mim sim, porque na minha geração realmente aqui era um lugar muito mal visto, até pelos perigos que tinham na época. Hoje já não mais, a mentalidade das pessoas mudou também, é isso.
[00:21:36] Natália: E você acha que o fato de você estar mais esclarecido quando os seus filhos nasceram e então ter ensinado o que era o Banhado fez diferença?
[00:21:40] Donizetti: Ah sim, tanto que quando eu tive essa inspiração de fazer esse movimento de igreja no Banhado, meus filhos iam comigo, eu mostrava a realidade do Banhado para eles, a situação de cada família para eles, mostrei pra cada filho. No entanto, como eu falei né, minha filha tem faculdade, meu filho bem instruído. Mas sempre ali tendo aquela mentalidade que eles nasceram em uma comunidade pobre, que a gente é pobre, nasceu onde tinha muitas drogas né, tanta coisa errada que era oferecida na comunidade, então eles cresceram com tudo isso né, não envolvido né, mas vivendo a realidade da comunidade por isso que hoje o que eles têm também eles valorizam muito porque eles cresceram vendo tudo isso. Hoje a minha filha é casada, ela tem filho, meu filho também já é casado e tem filho e eles dois passam o mesmo legado do que eu passei para eles, então é muito interessante. Principalmente esse filho que foi embora do país, eu falei "olha você vai embora mas leva a sua raíz", o pessoal da comunidade, todo mundo gosta dele né. Ele vem né, agora com a pandemia ele não tá nem conseguindo voltar para lá, mas sempre que ele vem ele tá envolvido, joga bola com eles, ele é bem querido pela comunidade por essa raiz que ele tem. Por ter essa humildade que ele nasceu aqui no Banhado. E quando ele era criança, eu tava aqui trabalhando na roça e ele tava jogando a bolinha dele ai no mato e um dia ele professou para ele mesmo "pai eu quero ser jogador de futebol, não quero ser plantador não". E aquilo que eu fiz da minha vida, que eu profetizei para mim que eu ia ser um agricultor, ele profetizou para ele que ele ia ser um jogador de futebol. Daí correu, sofreu, acho interessante, porque a gente não tinha tanta condição na época, e ia com chuva fazer os treinamentos de bicicleta, machucado e hoje com 22 anos ele conquistou aquilo que eu ainda não conquistei, mas tudo assim, com muita humildade, simplicidade, sem querer ser melhor que o outro. É um legado que eu tiro assim com orgulho. "Ó ele é do Banhado mas tem filho que foi para Europa, tem um filho que foi para os EUA, que é conhecido no mundo do futebol aqui em São José" isso para mim é um orgulho de pai. Porque a gente sabe quantos jovens da idade dele se perde no mundo errado e ele não, ele foi para o mundo certo. E eu achei legal que ele respeitou muito o que eu passei para ele né, eu cresci dentro da comunidade e meu pai dizia "nunca faz uma tatuagem no seu corpo" e meu pai dizia assim "eu não tenho nada contra ninguém se você fizer eu vou te amar do mesmo jeito" e eu passei esse legado para o meu filho né. E eu não esperava que ele fosse er jogador e meu filho tá numa profissão que todo mundo é tatuado, mas olha bem claro, se ele fizesse eu ia amar ele do mesmo jeito, só que como eu tive uma criação assim e por

incrível que pareça meu filho vivendo no meio de tantas pessoas assim .. aqui na minha casa mesmo já veio um monte de jogador, tudo tatuado e ele até hoje não tem. Talvez ele até gostaria, mas pelo respeito, eu só falei para ele "você é homem, você é maior" eu aprendi isso com meu pai e ele levou para ele … uma coisa tão boba né, que hoje em dia todo mundo ta tatuando até eu se bobear acabo tatuando [dá risada]. São pequenas coisas que para mim são grandiosas. É isso que faz a minha felicidade. Ver alguém bem, que nem eu falei no início, a gente sofreu tanto, eu não sofri de passar fome mas eu sofri de trabalho, sofri de algumas dificuldades na vida que então quando eu vejo o meu filho ou alguém que está feliz eu também fico feliz. E eu acho que a vida tem que ser assim né.
[00:26:30] Natália: Então você não pensa em ir embora daqui né Doni?
[00:26:30] Donizetti: Olha, sinceramente não. Volto a dizer, eu sou muito aberto né, eu tenho uma tia que ela é raiz daqui que ela tá viva, ela tem 90 e poucos anos mora aqui e se você falar de ir embora daqui ela chora! **Eu não, se eu precisar sair daqui, mas assim de forma justa, que seja Estado, que seja município, se vier me oferecer que seja o justo, mas eu não queria mas se precisar eu não vou poder fazer nada, mas se for por um outro tipo de situação "ah eu vou vender para comprar em outro lugar" eu não vou não.** Minha filha que casou mora em apartamento e não tá conseguindo ficar lá. Ela fica mais aqui do que no apartamento dela. Mas dizer que eu quero sair daqui eu não quero não, não tenho um pingo de vontade pela liberdade que eu tenho. Liberdade de tudo, a liberdade que eu tive para criar meus filhos, agora a liberdade que eu tenho para o resto da minha vida e isso não tem na cidade. Aqui é o paraíso. To cercado pela natureza e o centro tá logo ali. Eu tinha um irmão do meio que falava que só ia embora quando morresse, ele faleceu aqui. Eu meus dois irmãos fomos criados aqui. Todos eles e os filhos foram criados aqui. Para mim o Banhado é um Urbanova, um Esplanada [bairro nobres de SJC]. Para mim é o melhor lugar se um dia eu falar mal do Banhado eu to falando mal de mim mesmo.

Entrevista Bil

Bil: Meu nome é Severino José da Silva, sou cozinheiro industrial e comercial. No momento eu estou parado, porque eu estou com sessenta anos e então tô parado, já ainda tô com esse problema da pandemia e piorou mais ainda, né? E eu também faço bico. faço de tudo. Faço de tudo, faço de tudo. **E me viro fazendo bico mas no momento não tô fazendo bico.**

Natalia: e essa coisa da arte que o Doni comentou?

Bil: Arte também, né? Quer dizer, eu faço arte e no momento não tô fazendo nada, né? Mas já fiz arte de chuva de pandeiro, dou show de pandeiro, eu canto, eu toco, eu faço de tudo, luto capoeira, Já fui passista do carnaval, já fui pro estrangeiro, já fiz loucura, né?

Natália: E desde quando você tá aqui no Banhado?

Bil: Aqui no Banhado foi, eu cheguei aos doze anos de idade, faz uns quarenta e cinco anos mais ou menos

Natália: E por que que a tua família veio pra cá? De onde vieram?

Bil: É, eu sou do, somos do Norte. Nós era pernambucano e viemos pra cá com a família toda. Aí, minha mãe morreu, ficou só eu assim de mais velho, né?

Natália: E por que a sua família veio pra cá?

Bil: Veio pra gente se virar aqui em São Paulo. Trabalhar e viver aqui em São Paulo.

Natália: E por que eles escolheram São José?

Bil: Porque é uma cidade maravilhosa, aqui a gente sempre ficamos sabendo que São José era uma boa de morar, né? Então, a gente veio morar aqui e permaneceu até hoje. Eu mesmo consegui emprego e trabalhei, até hoje eu trabalho, né? Eu trabalhei na Prefeitura de São José dos Campos, trabalhei na Vila Nova Comércio de veículos aqui. Aqui do lado do posto aqui, onde que é o antigo Bradesco, ali era uma loja da da Ford e eu trabalhei ali também. Trabalhei na farmácia, já trabalhei na irmã Suza ali do lado da ponte, trabalhei ali no ... na frente do PRONAL, trabalhei no restaurante Migas. E trabalhei em vários lugar aqui em São José. E também morei um bom tempo em Santos, aí fui pra Santos, fiquei morando lá e minha mãe morava aqui, né? E minha mãe morreu, eu tive que voltar pra tomar conta da minha família, meus irmão, pai. estamos vivendo aí, mas eu trabalhei bastante tempo aqui em São José dos Campos.

Natália: Você lembra qual foi o seu primeiro emprego?

Bil: Meu primeiro emprego foi na prefeitura. Trabalhei bastante tempo na Prefeitura. Depois que eu vim trabalhar na Ford como um ajudante de limpar as coisas, mexer com graxa e aprendi muita coisa, aprendi até uma profissão de mecânico, não muito, né. Aprendi um pouquinho. Deu pra pegar uma base.

Natália: E na prefeitura, como que era? Era registrado?

Bil: Sim, registrado, foi registrado. Até eu entrei na carteira, né?

Natália: A maioria dos seus empregos aqui foi com carteira assinada?

Bil: Não, foi assinado e também sem assinar, né? A carteira, porque quando eu tô desempregado, eu pego qualquer coisa, não fico desempregado, senão, às vezes, não é fichado, eu pego pra fazer bico, né? Cê trabalha dois, três meses ali, sem tá fichado e mas a gente tem pra declarar, né? E amanhã quem tem família, né? E nos últimos tempos? Tenho

oito filho ainda. Oito filhos, eu tenho oito. Agora morreu uma, tenho sete, mas tenho oito filhos.
Natália: E nos últimos anos tem sido mais difícil achar emprego com carteira assinada? Como você sente isso?
Bil: Ah agora, nos últimos anos agora tava meio arrumando serviço fichado, não sei se é por causa da idade, não sei, aí agora veio a pandemia agora, acabou de complicar, mais ainda pra mim. Eu não sinto dificuldade porque eu sou uma pessoa que eu sou múltiplo utilidades, sabe como que é? Então, eu não aperto, graças a Deus eu sou uma pessoa bem expansiva, né? Vivendo a minha vida, graças a Deus.
Natália: E você lembra assim como era ter um trabalho com carteira assinada fichada?
Bil: Era tudo sob controle, cara. Tinha seus direitos sempre, né? Tinha que ser assim, não tenho o que reclamar, não..Trabalhar fichado, vão poder garantir o seguro, né? Garantir a aposentadoria, né? Então, tudo isso daí eu aprecio.
Natália: E quando você foi mandado embora, você chegou a acionar Seguro Desemprego, essas coisas, você conseguiu?
Bil: Na época eu consegui, segundo desemprego, consegui 3 meses, né? Consegui, deu tudo certinho, graças a Deus e todas as firma que eu trabalhei também, eu recebi direitinho, sabe? Nunca passei por bronca.
Natália: Você sentia que tinha uma segurança maior em ter um emprego fichado.
Bil: Com certeza. É mais certeza, né? Sem fichar, cê já num garante muito, vai que dá um uma zebra, né? Aí fichado, você tem segurança, né?
Natália: E os seus filhos estão em idade de trabalho, como que é?
Bil: Ah, meus filhos já tão tudo casado, né? Tem uns casados, pequeno tem pouco, tem duas mocinhas, né? E uma que tá trabalhando. E os outros já são tudo grandes, casados, né?
Natália: E eles tão aqui com você ou foram embora?
Bil: Tão com a mãe. Eu estou separado da mãe, né? Ahm. Mas eu moro sozinho aqui, mora eu e meu irmão. Meu irmão mora no fundo, eu moro aqui. E a mulher mora lá [não compreendo] e as filhas mora com ela e vem me ver aqui, vem me ver, né?
Natália: Você estudou na FUNDHAS?
Bil: Não, estudei na Prefeitura, eu fiz o fundamental, que eu não sabia nem ler e nem escrever quando eu vim do Norte, né? Aí cheguei aqui e fiz o fundamental e me desenvolvi a minha, minha capacidade de inteligência, eu desenvolvi trabalhando e conhecendo o mundão aqui, porque quando eu vim, eu cheguei de lá, meio brutão, não sabe comé que é, né? Aqueles povo do norte que chega sem ler, sem escrever e burro. Fica um “burrão”, aí, depois fica esquisitão, né? Mas graças a Deus, eu aprendi a ler e escrever aqui. Pela Prefeitura. Sério? Eu estudei nas na Sueli, aqui na, na Vila Maria, estudei do lado do parque, lá perto do parque da cidade. Eu tenho meus, os boletim ali dentro tudo aí. Tudo guardado. Meu histórico, tá tudo igual.
Natália: Você gostava de estudar?
Bil: Gostava e gosto. Só não estuda agora, porque eu tô tô sossegado, né? Eu parei um pouquinho, mas eu sou uma pessoa que eu gosto muito de ler, eu gosto de prestar atenção,

né? Porque senão cê fica meio burrão no mundão aí, cê fica meio burrão, então tem que tá estudando sempre, lendo livro, lendo a Bíblia, lendo alguma coisa, né? Senão é fica meio burrão parado meu tempo.
Natália: E você ainda acredita que quanto mais estudo, melhor o trabalho a pessoa consegue?
Bil: Melhor, né? Eu só num num tô trabalhando mesmo agora por causa dessa pandemia e eu tô mesmo sossegado, mas só sair pra procurar o trabalho. Demorou, arranjo um serviço rapidinho, eu num passo dois, três dias sem arrumar um trabalho, sabe? Porque eu tenho vários campo, né? Eu sou cozinheiro industrial e comercial, se não tiver nessa arte eu sou pedreiro, eu sou um encanador, eu sou eletricista, eu faço de tudo.
Eu também fiz curso na Prefeitura, então quer dizer, eu me viro, né? Eu tô sossegado, e se não tiver nada disso de profissionalismo, eu vou limpar um quintal, fazer uma cerca.
Natália: Assim porque o Banhado é no centro, isso ajuda a arrumar emprego?
Bil: Exatamente. Não, o passe da gente já é usado também pra comprar um leite, um pão pra essas criança, né? E aqui não, aqui cê tá pertinho da cidade, tá de boa, cê vai no médico de a pé mesmo. Aqui é uma beleza. Eu mesmo no Banhado eu moro a "miliano", né? Eu eu adoro Banhado, eu gosto dele. É, e você sai para procurar emprego a pé, dar uma volta ali. Já dá uma voltinha, já passei pela cidade, nois mora na cidade mesmo, né? Mora no centro. Nós mora no ninho. Nós somos, nós mora no céu, por isso o povo briga pela nossa área aqui, né verdade? Porque aqui nois mora no centro, quem que não quer morar aqui? Mas sabe que nós tamo de boa aqui, todo mundo quer tirar, só tinha que legalizar aqui, né? Aí ó, coisa feia. [Aponta para o entorno] Então, sendo que tanto lugar aí que eles gastaram uma grana. Que não tem tanta necessidade, eles gastaram. E aqui é um lugar que é um lugar de pobre, que precisava arrumar também, essas pequenas... por causa do tráfigo, eles acham que o que vai resolver, né? Então deixa aí, deixa nós viver então, pô. É isso que eles tem que entender. Vamos arrumar uma área, né? Porque malandragem vai ter em todo canto mesmo.. pronto. Na sociedade está ligado que tem. Então não adianta, vamos cuidar da nossa área, cuidar da cidade. Acho que o prefeito deve prestar atenção nesse movimento. Cara burro, tá sendo burro. Ele tá generalizando, tá generalizando tudo, falar louco, se eu, se eu tivesse como, achar ele, cara a cara comigo, eu ia falar com ele. Eu ia falar "meu amigo, cê tá então usando assim que ele, porque problema. de uma coisa, resolve com outra coisa. Se essa outra coisa não tá resolvendo esse problema, o problema é dela, né? É sinal que essa coisa tá mais forte do que aquela outra coisa que não resolve, né verdade? Então, é fraco." [Bil aqui está falando do tráfico na área e da ação policial] Aquela outra coisa que não resolve, aquele problema isso aqui é fraca, não tem capacidade de resolver. Pelo menos sei lá. E eu acho que é assim que funciona.
Natália: E o que você mais gosta de fazer?
Bil: Olha, eu vou te falar procês, eu gosto de fazer tanta coisa.. eu gosto de cozinhar. Cozinhar é? É uma arte minha que eu gosto de fazer também, porque eu não sei se é porque eu gosto de comer. Não é verdade? Eu adoro cozinhar, cara.. tendo a matéria prima pra mim é o desempenho, né? E nesses restaurantes? Eu só não desempenho bem agora

porque eu tô parado, meio duro, sabe? Quando eu tenho dinheiro, eu como bem, eu como bem e quem tá comigo come bem também, sabe? Mas eu, a gente. vai sobrevivendo do que a gente pode, porque a gente tá desempregado, né? **Desempregado, parando assim, mas eu só num num tô passando mais aperto porque eu sou uma pessoa que eu desenvolvo, né?** e também tenho meus filhos que me ajudam, sabe quando, quando eu venho aqui que eu tô apertadinho, eu sou meio timidão, não gosto de ficar falando dos meus problema, mas a pessoa que conhece a gente já sabe. olha na cara e já vê, né? Aí eles vem pra mim, rapaz. Tá doido? Ah, tô bem duro mesmo aí, porque eu sou verdadeiro, não gosto de mentira. Mas eu também não gosto de incomodar, né? Não vai tirar de você pra dar pra mim não que eu dou meus pulo. **Eu dou meus pulo. E é verdade eu mesmo. Pode ser que eu não ganhe o que eu gostaria de ganhar, né?**. É, mas tá bom, quem se virar.
Se a gente num, num conseguir buscar, filho, nós vamos sofrer, né?. por isso que eu digo, a gente tem que ser inteligente para buscar, né? Pra buscar o futuro da gente, buscar a sobrevivência daí, né? Porque roubar eu não acho certo. Tem que buscar o seu conquistar alguma coisa, né verdade? Eu não admito ladrão, não gosto de ladrão não, detesto ladrão.
Natália: E Bill fala que foi teu último emprego com carteira fichada?
Bil: Último.O último eu sei que foi padaria, né? Trabalho em padaria de balconista, eu trabalhei de balconista, padaria. Eu já trabalhei de tudo, cara. Até de açougueiro. Eu aprendi, né, cara, a gente aprende.. cê pega experiência com tudo, né? Isso aí é você trabalhar um mês no local pronto, né verdade? Hm-huh. Trabalhar um mês no açougue, duvido se cê não aprender a descascar o boi. Também já trabalhei em feira, trabalhei em feira vendendo as coisas na feira, gritando, chamando freguês, esses negócios tudo. Já aprendi já tudo isso aí. Trabalhei em caminhão vendendo frutas, vendendo, falando no microfone, foi ai que eu comecei a cantar, foi aí que eu comecei cantar, eu vendia as frutas no caminhão de fruta e ficava.. Aí desse daí eu fui cantando, fui aprendendo a fazer a voz, né? Eu já tive voz de verão, viu? Agora fumando, né? Cigarro, agora que eu tô parando com o cigarro, mas aí eu acho que estragou um pouco minha voz, foi o cigarro, né? Porque estraga, cê tá ligado. Eu tava fumando muito, sabe? Então, mas o que vamos fazer? Vamos pra cantar, cara. Cheguei, cheguei a ser compositor de samba enredo, fui pra Marroco. Nós fomos contratados pra dar show lá, aí eu fiquei. Marrocos é muito louco, nossa. É que nem você vê no filme aquelas, aquelas dumas coisas eu andei naqueles desertos lá, eu andei. Fiquei três meses lá, deu show de pandeiro lá. As mulheres de burca, você não vê o corpo de mulher nenhuma, cê só vê o zói.. só parece um zói mesmo. Mas é mó barato, cara. Eu, e eu, era parecido com, com árabe, então eu fui preso, eu fui, fui preso lá umas três vez lá em achando que era você. Eles achavam que eu era. árabe e eu, como eu era do Brasil, era forgado, né? Queria andar liberado, mas nós não podia. Aí dava vontade de espairecer, daí, conheci a cidade, aí a polícia me prendia, eu tinha que mostrar o documento, tinha que contar a história do Brasil.
Natália: E como que cê se comunicava, Bil? [Isso realmente me intriga]
Bil: Aí é que tá, cara. Como que era? Conseguia conversar com os cara, eu não sei como que eu entendia eles, eu não sei como que eles me entendia, né? Mas eu fazia gestos e ficava

prestando atenção neles ali e ficava enrolando ali, eu ficava quase uma hora tentando entender alguma coisa, mas eu entendi, eu não sei, mas eu entendi. Caramba eu, aí eu também falava, eu sou do Brasil, aí o cara não me entendia, eu, aí eu já fazia o gesto de samba, né? Brasil, pá, os cara. Tentando explicar, tentando entender, ele fazia assim, ele. E eu fazia com pé assim, aí eu falava, tô no hotel, hotel, hotel, hotel, morango, hotel, comendo lá, sofando, cantando, mais ou menos, entendeu? E a gente ia se explicando, cara, ia sobreviver. [essa parte deveria ter sido filmada, Bil fazia muitos gestos]
[Continua] Era legal. Fiz amizade lá em Casa Branca, em Marrocos, a capital de Marrocos é Casa Branca, certo? E eu fiz amizade lá no centro da cidade. Eu ia beber, né? Nas minhas horas de lazer, eu ia tomar uma. Fazia amizade com os donos das lanchonetes. Não sei, mas eu consegui fazer uma amizade ali, viu? Fazia. Fazia. E num entendia nada do que eles falavam, mas só por gesto e às vezes eu ficava em dúvida também com alguma coisa que eles falavam, talvez fosse uma coisa e era outra, né? Mas eu mais ou menos entendia alguma coisinha, sabe? Aí eu comecei, já comecei a entender, já comecei quase falar em árabe. Três meses, né? É, comecei quase falar, porque eu era obrigado a ter que falar com o público, num era isso? Então, quando eu ia falar pro público falava, “someria”, diretamente de “Brasile” Samba Show, aí falando, falava em brasileiro, falava em árabe um pouquinho, né? Someria é boa noite em árabe. Bonjour, francês. Ia falando tudo inglês assim, falava inglês assim, tudo assim, né? A gente tinha que falar, quem sabia falar, quem não falava, ficava quieto, agora era do nosso grupo. Alguém que falava em alguma língua, tinha que falar, né? Certo. Aí eu falava, eu sabia falar um pouquinho alguma coisa. “Bonjour, someria” né? E fala o que vinha na mente ali que eu lembrava, eu ia falando, né? Alguém lembrava, falava no meu lugar ali, né? No microfone, todo mundo, no seu microfone, né? Era legal pra caramba. E assim, a gente sobreviveu lá, três meses, só viemos embora porque as mulheres do nosso grupo começou a arrumar problema. É um lugar muito rígido, sabe? É um lugar muito rígido, é um ramadan [Bil diz palavras que lembra mas que não fazem nenhum sentido concreto], aí elas começaram a vacilar lá e mandaram nós embora. Era uma turnê com 21 países e o último país vai ser o Brasil. E o primeiro foi o Marrocos. Uma roda. E o sonho acabou no primeiro? Acabou no primeiro, por causa de dez mulher que brigava. Eu chorei, eu bati o pé. Vê só.. aconteceu duas raças nesse esquema. As meninas já pisaram na bola lá, né? Houve um problema lá, isso com quinze dias que nois tava lá, com quinze dias, já era pra nós voltar com esses quinze dias. Mas eu fui lá e conversei com eles, como eu era parecido com eles, eles gostaram do meu jeitinho, né? Virou pequenininho. eu ia parecendo um reizinho chegando pra falar com eles. Falei, “Ô, pelo amor de Deus, eu amei vocês, eu podia ficar aqui, porra, eu quero terminar o meu sonho, né? Por causa dessas meninas aí, vocês vão mandar nós ir embora, da mais uma chance pra gente, velhinho.” Daí eles disseram “Tá bom, vamos dar mais uma chance, porque eu gostei muito de você, você é um show.”
Aí, nossa, foi o maior orgulho pra mim, né? Aquilo dali me levantou mais ainda, minha moral. Eu falei, “pode ficar sossegado que agora eu vou comer o pandeiro, vou, vou fazer, vou subir. as parede agora. Vai ser o melhor show, sabe?” Foi o que eu falei, eu até me

arrepio quando eu lembro, falei desse jeito pra ele, falei, “Pode ficar sossegado, o que eu faço, eu vou fazer muito mais, pela chance que cês me deram.” Aí eles, “você tá dando pra nós tudo”. Aí falei, chamei, fizemos uma reunião, chamei as meninas, falei, “Ó, você vacilou, você vacilou, mas eu conversei com esse cara aí, até chorei lá, tive que me humilhar lá pra pra eles, mas ganhamos uma nova chance né?”
Eu ganhava quatro mil e duzentos dólar por mês. Eu ganhava. Eu ganhava e cada um ganhava, cada um tinha a sua parte. Ganhei dinheiro, trouxe dinheiro pro Brasil. Ganhei dez mil e seiscentos dólares. quem trouxe, trouxe, quem não trouxe. Aí ganhei a paciência das meninas, falei, “Ó, vamos ter a chance de ficar de novo. Aí ficamos mais inteirando três mês desses quinze dias pra lá, inteirou mais três mês ó, foi bom, né? Demorou um bom tempo ainda, né?. Olha. Demorou dois meses e quinze dias ainda pra frente. Nossa, que beleza. Nós aí nós vai seguir, né? É colocar de frente aqui um contrato. Ai os caras disseram “parece que cês vão conseguir. parabéns, tamo gostando” aí todo dia, meia noite, chegava a hora do show, era meia horinha de show só, mas era lindo, era lindo montar aí o show, o meu show era cinco minutos de apresentação. Era pandeiro dança, música e tudo. E eu subia no palco, cantava e o “couro comia” era muito lindo, era muito lindo. E eu como eu lutava capoeira, eu andava com as pernas. assim, né? [faz gestos de “plantar bananeira”] Então, jogava o pandeiro lá na frente e ia andando assim [“plantando bananeira”], pegar o pandeiro, vinha rodando, soltava o pandeiro aqui, fazia maior show, só que era show, era show, nossa. Aí, eu fiquei envergonhado, falei, “ah não vou mais se humilhar mais” e me decepcionei, né? Eu tentei fugir e ficar lá. Mas não deu certo. Esse dia arrumei um rolo, mas eu fiquei revoltado, né, meu? Fiquei revoltado. Porque houve tudo que houve, né. A gente ia seguir vinte e um países e a terminar com um show nosso aqui no Brasil, nós já ia arrebentar. Se desse tudo certinho, eu tava aqui hoje mesmo não, conversando com vocês. E era mesmo, num tava.
Natália: Eu ia ter que marcar lá com assessoria de imprensa do Bil né?
Bil: Já imaginou? Ia ser muito lindo, né cara?
Doni: O Bill todo ano ele saia na na na ala de frente do carnaval
Bil: É. Eu fazia a ala show, tinha sete pessoas que rodavam pra ver. Eu subia no ombro de todo mundo, ficava lá em cima e eles tirava foto.
Natália: E mesmo assim se você pudesse escolher, você não preferia viver de música? ao invés de cozinha?
Bil: Olha que como eu tô com 60, agora eu não sei, qual que se enquadraria melhor pra mim agora porque eu gosto muito? Cê tá entendendo? Tem que jogar na cozinha. Então, eu não sei como resolver a minha vida. Juntar os dois.. Fazer um pagode de manhã e de noite o restaurante trabalhar. Mas é legal, né, cara? Bom.. vem vem curtir bem a vida, viu? Vamos curtir bem.
Natália: Mas quando você foi viajar você já era casado?
Bil: Quando eu fui? Uma filha de quarenta anos, a única filha que eu tenho, assim, com essa primeira mulher minha, com essa segunda aqui, eu tenho oito filhos aqui.

Foi essa segunda aí, só que eu não sou casado. Eu não queria tanto filho, eu sempre fui uma benção assim, mas não tinha filho. O máximo que eu queria na minha vida eram dois, mas essa mulher. Queria mais, não sei. As ideias olha, eu falava "não quero mais filho" e ela aparecia grávida. E agora? **Mandar tirar é feio, vai matar a criança, eu não quero matar.** Deixa nascer. Quer mais? Dobrar.. E agora? Tomar remédio, né? E já era, né? Era aborto. Ah, deixa o bichinho nascer, mãe. Onde come um, come dois. E tá comendo oito já. E eu tipo, não pelo amor de Deus [gesticula e coloca as mãos na cabeça]. Mas eu vou dizer um negócio procê caramba, se eu tivesse ficado com ela até hoje acho que tinha uns vinte filhos, ia sair muito filho ali, ia fazer uma ninhada ali. Mas graças a Deus, né? Bom a gente prosperar assim, né? Mas tem que dar sorte, né? Ter condições de cuidar de tudo, né? Mulher, mas ser feliz com aquela mulher.

Natália: E você não foi feliz?

Bil: Eu pensei que eu ia ser feliz. As duas vezes. Eu fui pedido em casamento lá no Marrocos, mas eu não aceitei, porque eu não conhecia nada lá, né? A mulher [a pretende] também não conhecia, ela era muito bonita pelo olho, eu queria conhecer ela. Mas não dava. Eu queria tirar o véu dela, escondido, "deixa eu tirar. deixa eu ver, eu vou tirar" [o Bil dizia a ela], "Você vai preso. Não pode" [ela dizia a ele] "Não, você é muito linda, deixa eu ver você" Aí eu entendi a situação em nome de Deus. E é bonito esse casamento lá na terra. É diferente. É a semana inteira, né? Tem que sentar numa cadeira assim [gesticula] ela também é a maior festa.. leva a gente no meio do povo, eu fui convidado pra participar de uma festa lá no Palácio do Rei mesmo, não? Nossa senhora. Eu lembro até hoje, tem que comer cabeça de carneiro. cabeça do carneiro assado no forno, com molho de frutas, enfim e vocês não podem fazer desfeita de não comer. E para eles é o manjar dos deuses. Sabe o manjar dos deuses pra ele? Aí quando chega numa hora lá eles chamaram para experimentar e eu tinha que dar show, hein? E todo mundo esperando, será que ele vai comer? E eu tive que comer, eu tive que comer. eu comi lá, né? Eu passei mal. Nossa senhora, é ruim cara, é ruim. A carne é doce, parece que tem mel assim. Ele derrama mel no bagulho. Aí, na hora de comer. Todo mundo, todo mundo metendo a mão, arrancando orelha, comendo a ovelha, outro puxando a língua dela. Nossa, comendo gostoso. É costume, né?. Pra eles a melhor coisa. Nossa senhora. "É muito bom, vou deixar pra vocês" "Eu vou fazer muito movimento." [Bil disse para tentar se desvencilhar de comer a carne]. Peguei um copo d'água e fugi.

E eles lá tem outro tipo de "pandeiro" é esquisito, não tem platina, nem nada, tem só o bagulho redondo. Toca bem. Aí eu fui tentar fazer, enrolei, não sabia fazer nada. "Dá pra fazer outro tipo de barulho aqui, hein?" [O Bil disse a eles]. Aí eu falei, "o meu que é dá hora e o meu é o meu".

Lá eu tinha um apartamento só pra mim, com sauna, vida de gente, tomando champanhe, pedindo as coisas pra você pelo fone, traz isso pra mim, traz aquilo. Nossa, eu nunca tive. Sair de noite pra comer as coisas. E eu tinha o poder de entrar lá e comer o que eu quisesse. Não assim, chegar a mexer nas coisas, mas os cozinheiro tava lá, eu pedia, os cara me davam as coisas para comer? "Eu sei que não é hora, mas tem alguma coisinha para

comer?" Entrava na cozinha, pescoçava tudo lá dentro, aí eles, "Que que você quer comer?" Me agradavam.. que delícia. Sim. Às vezes era peixe, né? Mas eu voltava, a rapaziada, meus amigos. Tudo invocado "Bill, como é que cê consegue, meu? O que cê fez, cê tá fazendo amizade que todo mundo do hotel aí, nós num faz" A gente tinha direito à 3 doses de whisky e eu fiquei tendo quantas doses eu quiser.. Se eu fosse pingaiado, já era, viu?
Natália: E esses esses amigos da banda você tem contato ainda?
Bil: O pessoal da banda? Não tem mais**, a única coisa que sobrou de lembrança foi essa passagem**. Eu guardo até hoje a passagem, porque às vezes eu conto uma história dessa, e tem gente não acredita, hein? Se não quiser. perguntar, eu mostro a passagem no avião, pronto, já foi a melhor coisa, né? A passagem, tem o valor, sem dúvida, né?
Natália: E você não tem foto dessa época?
Bil: Eu tinha, mas perdi, perdi tudo é muito difícil. Eu marquei, cara. Quando eu voltei eu perdi meus documentos, tive que tirar novos documentos, tá vendo? Com biometria, né? [não entendo bem a relação] Não sei se eles, os outros, as outras pessoas, meus amigos, guardaram a boa memória, sabe?. os meus amigos. Se ainda existe nego vivo também. Não sei, né? Tô com sessenta anos no ombro já. E eu não sei o que será isso aqui. Isso aqui [aponta para o Doni] vem chama eu direto aqui pa pa querer fazer as coisas comé que é? Fazer roda de capoeira, quer fazer e tudo, mas pra fazer isso tem que arrumar as pessoas. Aí aqui só tem eu e o Luiz, né? Tinha que ter umas coisas na comunidade, num é? Entendeu? Cê acha que o pessoal aí dos outros comunitários ali. atividade, né? Uma atividade, com assistente social, com essas coisas pra poder ter alguém pra conversar, não tem ninguém. Então, as crianças vão nascendo, criança sendo criada, mas não tá sendo educada, sabe? Então, se tiver uma assistente social ali no centro comunitário, de alguma maneira, né, ajudaria. A comunidade aqui é mal visto, é mal é famosa assim, um de mal vista. Aqui é motivo de vergonha, uma situação dessa, isso aqui era pra ser orgulho
Era para ser bonito isso aqui, ó [olha ao redor] Mas por ódio não é.
Natália: E você ainda acha aqui uma cidade maravilhosa? E se tivesse oportunidade, você sairia daqui?
Bil: Maravilhosa. Cidade maravilhosa. **Só sai daqui pra outro bairro.** São José.. ou então voltar pra minha cidade onde que eu morava lá em Santos. Se não fosse São José, seria Santos, tá?
Eu gosto de morar no centro, mas pra mim o que importa pra. ser feliz e morar em paz, morar não, não teja aborrecimento nem nada, não tem problema. Quero morar em paz, num lugar sossegado que ninguém me encheu, sabe? Que lindo, feliz,. linda. Nossa, cê tá feliz. Então, acho que seria aqui mesmo, primeiro lugar, tinha que morreria aqui, né? Acho que eu vou morrer aqui.. daqui muitos anos, viu? Porque morrendo aí, né? Tem um monte de gente morrendo aí, já já foi simbora um monte de amigo meu aí. E eu e era cara forte, sabe?.
Natália: E pro Nordeste você não voltaria mais?
Bil: Não, pro Nordeste não.
Natália: Você já voltou alguma vez?

Bil: Foi na quarta vez que eu vim de lá para cá que eu fiquei de vez,porque quando eu vim de lá, a primeira vez eu vim só pra cima do meu pai e da minha mãe, e ela me levou três vezes, na quarta vez eles voltaram, aí eu fiquei.
Natália: E em Santos onde você trabalhou?
Bil: Trabalhei na Monsanto, eu trabalhei em restaurante, em Santos, restaurante do SESI, serviço social da indústria. Imagina seiscentas pessoas na hora do almoço eu não sabia. revezando seiscentos mais seiscentos.
Natália: E você sabe sobre do parque tecnológico? Que agora eles vão até fazer um condomínio tecnológico. Eles vão fazer um loteamento aí.
Bil: Não tava sabendo? Mas pra quê? Pra nós?
Natália: Não. A ideia é servir para receber os trabalhadores do parque tecnológico. estrangeiros.
Bil: Isso já existe acho que no japão, é uma boa ideia. Uma ideia de inteligência, porque você vai ter, vai ter um material ali, né? Vai ter um material, vai ter as pessoa pa já. mesmo, trabalhando ali mesmo, né?
Natália: Então. Mas cê não fica chateado, por exemplo, de tá fazendo esse investimento lá e aqui, nada? Né? Tipo, investe tanto recurso lá e aqui.
Bil: Mas aqui cê vai, cê vai criar, né? Aqui, cê vai criar.
Mas lá cê vai, vai se manter lá, né? Vai, vai ter a sua residência fixa lá, num vai? É, mas. Cê só vai tá trabalhando aqui e morando no no estabelecimento ali que ele num tá, né? É,. prédio. Aí se quando você voltar pra lá, cê vai ter sua casa, seu terreno lá do mesmo jeito que vai tá lá.
Natália: No teu país? Lá. Né? Pode ser, mas pode ser que eu renda tudo e venha de vez pro Brasil. Vai ficar aqui.
Bil: Mas aí tu tá aí, já vai ser decisão pessoal da pessoa, né? Que vai vim trabalhar aqui no Brasil. A senhora veio do Japão vindo a, dos Estados Unidos, ela vai ter ali o apartamento pra ela morar, né? Aí ela vai ter o quê? Um contrato de um ano. Depende o contrato que ela faz. O contrato permanente, né. Geralmente, contrato de um ano, né? Geralmente renova o contrato, todo ano, né? Porque se a pessoa não tiver satisfeita, ela tem um prazo sossegado para se resolver, né? O negócio só vai trabalhar um ano então aqui. Então, tipo assim, né? Agora, se você gostou, cê renova o contrato. Um mês antes de pá, vai vencer o contrato tipo um mês, "aí cês vão continuar", que eu sou dono da empresa, igual, "seu contrato vai vencer o mês que vem, se vai continuar com a gente mesmo aí, tá gostando do serviço? Então, assina aqui que mês que vem cê já vai, aí cê assina já mais um ano que cê vai ter do contrário, né?"
Natália: E uma última pergunta, nessa época que você tinha mais emprego de carteira assinada, era aquela época que a gente andava com a carteira no bolso, pra provar que era trabalhador.
Bil: Cê tinha que andar no meu bolso, né? Porque senão os homem pegar você, a polícia pegava e achava que cê era vagabundo. E você com o documento, cê tinha documento pra mostrar o que cê tava trabalhando. Eu sou trabalhador.. Aí se os homens pegasse na rua "ô

vagabundo, vem aqui. Cadê? Tá trabalhando aonde? Tá fechado?". Se não tivesse, vai se virar, fio, vai, senão cê vai pra cadeia. Ia preso se tivesse andando sem carteira de trabalho. É uma lei que não deu certo. É, aí mudou a lei, né?

Bil: Nossa. mudança que houve, que transformação, hein? Não tinha tanto assim, né? A gente não ouvia tanto crime assim, né? Quando a gente ouvia falar de um crime a gente ficava horrorizado, né? Hoje em dia normalizamos. Hoje em dia virou normal o bagulho, cê via um cadáver morto em algum lugar, você assustava.

Natália: E quando você acha que tudo mudou?

Bil: Assim, que a gente tinha mais oportunidade de emprego, de repente, começou a mudar depois dos anos oitenta, foi depois dos anos oitenta e essa mudança cê pode ver que tá cada vez pior.. tá se transformando, mas pode ver, tá? Todo mundo aí, tanto pro bem como pro mal.

Natália: Como assim?

Bil: Então, tá vendo que tem muita coisa boa acontecendo.

Natália: O que que cê considera bom? Por exemplo,

Bil: A tecnologia, o menino conquistando o espaço, tudo isso aí tá bom, mas também tá vindo doenças, tá vindo doença, **tá vindo problema com desigualdade social, racismo, né mesmo?** Preconceito. Ixe. Desemprego. Falta de de de falta de produção mesmo, tá faltando, né? Faltando um monte de coisa aí, tá faltando. Então, quer dizer, tá havendo uma transformação mundial aí que a gente tem que ver direito, certo? Tá vendo uma transformação. aí agora cê fala assim é o fim do sistema? É Deus que tá já tá avisando que vai ter o seu do tempo, que ele tá vindo, tudo isso tem que prestar atenção. Só que tem que ter dosagem, equilibrado. Que se for desequilibrada perde o equilíbrio. O mal corre pro mais do bem, pro mal e o bem. Tem uma balança ali, né?. Senão o outro sobe, aí um vai ficar com inveja do outro, porque o outro subiu, né verdade? Então, tem que tá lá no seu cinquenta, cinquenta. Pra ninguém ficar com inveja do outro, o bem, com inveja do mal e o mal com a inveja. bem.

Natália: Antes dos anos oitenta a gente tava na época da ditadura militar, cê pegou essa época, foi muito, como que era, né? Tipo, cê tava andando na rua, te parava. sessenta, né?

Bil: Uh-huh. Sou de sessenta, então dos sessenta eu num sofri muito porque eu era criança, né? E cê tava lá. Mas eu era meio bobinho ainda, eu não sabia o que tava acontecendo, né? É uma criancinha de dez anos, né?. Aí, setenta, aí vem setenta e vê a compa de setenta, né? Eu lembro da compra de setenta, dez anos, eu tava com dez anos. Caramba, hein? A televisão é o preto e branco. Era preto e branco, poucos que tinha, com poucos que tinha aí, algum que tinha cores, era daquele jeito, né? A válvula. É, ou então aquele plástico na frente.. também. Mas a gente assistindo, eu assisti a Copa de setenta com o Tostão, aqueles palco todo lá, né? Pelé e tudo. Aí foi aonde eu comecei a abrir os olhos, tá entendendo. Copa de setenta. Eu era como se fosse um homem que tivesse um lugar fechado. Não sabia de nada. Aí quando eu vi a copa eu abri o olho. Nossa que bom, é a copa. Setenta, setenta e dois, setenta e quatro, foi um, oitenta. aí em oitenta, em oitenta e seis eu fui para o Marrocos.

Natália: Você tinha a minha idade quando você foi
Bil: De que ano você é?
Natália: Sou de noventa e quatro.
Bil: Nasceu em noventa e quatro. Em noventa e quatro.. novinha, tá novinha a parte dura, lá pra trás ela não viu, né? Não viu, ela não passou, não sei o que, esses problemas. Nessa época aí não tinha essa mesma teve uns probleminhas também de academia, de joelhos pra cima. Foi uma pandemia, né? Era surtos de doença, né?. eh sarampo, né? Essas coisas. Mas nada assim, mundial. E essa transformação? Vai resolver, vai voltar ao normal. Será que essa transformação vai ficar transformada? Vai ficar transformada, sabe? Vamos ter que ficar usando isso [ele se refere a máscara] pro resto da vida agora. Vamos para o quê?. Tomara que não, né? Isso vai ser um alerta pa nós, isso aí já é um alerta, né? Mas se for um alerta, já é um alerta bem certificado. **Então, é coisa pra gente pensar bem, agir melhor, procurar viver bem, ser feliz.** Aproveitar a vida. Tratar bem o próximo, ajuda quem precisa, né? E vamos pedir perdão a Deus, das nossas maldades, que ninguém é santo, né? Das palavras malditas, das injúrias, das coisas errada, porque ai nós tamo aqui na terra, somos obrigado a errar, quer dizer não, não, e procurar acertar. p**rocurar acertar mais do que errar**. É esses? É. Acho que tem que procurar acertar mais do que errar. É errar é humano. Todo mundo tem o direito de errar, mas não pode. persistir no erro. Quando errar, procurar acertar. **Porque a gente tem que errar pra acertar. Sabe**? Você não pode já chegar e pá acertar o álbum na música. Porque você vai ficar muito confiante, você vai achar que é o bom. Quando eu chego eu acerto. E se você errar? A sua confiança falhou. Pô, mas eu eu tenho tanta confiança que eu acerto, que que eu mirei, errei agora? Então, é bom acertar, mas também é bom errar. O erro da humildade. O erro leva ao acerto. E ele da humildade. Desculpa aí, ó. Deixa eu acertar de novo? Deixa eu ver se eu acerto.. se eu não der chance pra você acertar, comé que cê vai acertar? Aí eu vou, tá bom, vai. Vou falar procê, então tá bom, acerto pra ver se acerta. Aí cê vai e tenta de novo, aí cê nossa, que felicidade, acertei.. né? Procurar acertar.

Entrevista Carlos Armando

00:00:00 Natália: Muchas gracias por hablar un poco conmigo

00:00:11 Carlos Armando: Está bien.

00:00:14 Natália: Entonces primero voy a hablar un poco de mi ubicación. Es acerca de las 3 mercaderías que consideró principales de nuestra vida en capitalismo, que techo, tierra, trabajo y Brasil es tuyo, investigó una favela en São Paulo.

00:00:38 Carlos Armando: ¿Estudiaste?

00:00:39 Natália: Estoy estudiando ahora, llama Banhado qué es una favela en área cerca del centro de la ciudad, cerca cerca de lugares de mucho dinero, parecido con acá y tiene más o menos la misma edad cerca de 100 años. Pero es menor es menor, tiene 400 familias, entonces son menos personas, pero están en una fase anterior ainda están luchando contra remoción nuestro radicados. Entonces era una situación. Parecido, pero también distinta por los anillos, por la entendimiento de las personas, de de la situación. Entonces investigué como los 3, los 3 cosas, ya trabajó el techo, tienen relación e influencia en la vida de las personas para entender mejor lo que son de la informalidad ...

00:01:56 Carlos Armando : Y una ONG la que estás trabajando, una organización no gubernamental?

00:01:59 Natália: No yo hago una maestría en la Universidad de San Pablo. Pero no pertenece a ningún tipo de organización? No ... yo soy arquitecta y como arquitecta trabajo con comunidades. Eh barios populares hacemos proyectos de arquitectura para personas que no pueden pagar, pero no estoy organizada en un partido, una organización.

00:02:56 Carlos Armando: Sea de buena voluntad.

00:02:59 Natália: Si .. Voluntad. entonces esta investigación es un ámbito de mi maestría.

00:03:09 Carlos Armando: Aquí. Y se te digo por venir a la Argentina porque.

00:03:15 Natália ¿Por qué? Tenemos una relación próxima con algunos profesores de Universidad General, Sarmiento en Los Polverines. Entonces hacíamos una investigación desde Brasil y Argentina. Nosotros estamos estudiando el Cone Sur. E el barrio es un caso interesante para la favela de Brasil, Banhado que estan peleando por la urbanización.

00:04:52 Carlos Armando

Nosotros pertenencemos a la Alianza Internacional de Habitantes. Que tiene su sede en pádova, Italia. Que está en todo El Mundo y de Brasil está CONAN. Que es una organización que está por todos lados.

00:05:28 Natália:

Sí, sí.

00:05:28 Carlos Armando

Después acá. Son organizaciones, que se fueron gestando a través de la necesidad de la gente. No sé. ¿Cómo quieres que te explique que esto qué quieres saber?

00:06:01 Natália

Me gustaría saber un poco más sobre la su vida , Franco me há detto que están acá hace mucho tiempo, entonces creo que tienes muchas cosas para hablar sobre el barrio ...

00:06:16 Carlos Armando

¿Contarme sobre la lucha, el proceso de inicio de la organización, cómo, cómo fue, cómo ha sido la pandemia también?

00:06:28 Natália

Voy a contarte del momento de mi aparición acá. Está bien.

00:06:47 Carlos Armando

Digamos, bueno, mi nombre es Carlos César Armando. Soy, presidente de la Federación de villas. Una organización que nuclea a distintos tipos de organizaciones. Presidente delegado cooperativas. Grupos comunitarios. La cual. Se llama fe débil habitación. Que a su vez fede bien la representante. D. Antena sur desalojos Hero. De la alianza internacional de habitantes. A la que te hacía mención que también. Esta este. Los compañeros de Conan. De Brasil. Este. Bueno eso o, recaló acá yo si bien. Tenía el tenía conocimiento de la villa en los 70. Época difícil, digamos. ¿Qué hacíamos incursiones? Villas. Haciendo apoyo escolar ayudando. Tratando de solucionar algunas cosas. Yooo. Vengo. En la época de la democracia. A vivir acá. Por ello. Tenía empresa constructora. La cual. En una de las. Empresa una de las obras. Se muere mi padre. Entonces me agarra una Gran Depresión. Y me quedé muy bien. Entonces. Todo lo que tenía este remataron la casa, me sacaron los vehículos, me hicieron juicio la gente y me hicieron juicio los propietarios. O sea todo y quede en la ruina. Y como yo tenía sea la época anterior, digamos, la democracia tenía unidad básica, acá un partido político del partido peronista. Este. Un obrero que yo tenía acá al quedarme solo en. La lona. Esta villa se estaba repoblando recién. Entonces. 1 de ellos me compró una casilla de madera donde vivo actualmente, pero ya no la casilla de madera ya no está mal. Eso, el progreso de la lucha también. Este. Después ahí veo. La necesidad del barrio. En ese momento era asentamiento. Toda la gente venía cuando viene la democracia.

¿Qué? Venían y se asentaban las distintas villas de Capital Federal. Entonces. En este caso particular. Voy a hablar eso de mi persona. En. La era de la democracia. Veo como te decía, las necesidades y el sistema organizativo que no había nada, porque la gente venía a tomar los terrenos, se peleaban, se tiroteaban. Entonces veo esa posibilidad de organizar. Y. Me reúno con gente del barrio, también habitantes. Que le concientizo de. De que esto para poder lograr un objetivo había que. Que unirnos y.

00:11:11 Carlos Armando

Fijar dígamos metas. ¿Como ser? Repartir los terrenos. Sin necesidad que se maten. Bueno, en empezamos a trabajar. Empezamos a hacer apertura casa que no había luz, no había agua, no había ningún. Eran todos pasillo. Y empezamos a hacer. De todo, o sea se hacía. De albañiles de ingeniero, de doctores, de médico, o sea, vos era todo. O sea era. Una figura que representaba dígamos y la gente del barrio esté. D. Que que venía a buscar, digamos, para que le resuelva los problemas. ¿Pero tú? Todo, todo eso se hizo. A raíz digamos de que previamente a eso. Después de la década del 70. ¿Cuando fueron también? En el 76. Erradicada todas las villas que iban desalojando. Un grupo de compañeros. En la cual yo no estaba. Este que se llamó los demandantes. Y sus compañeros lograron hacerle un juicio. Al Gobierno de facto del Gobierno militar. En la cual. Se le gana el juicio. Donde decía. Se logró un recurso amparo de don innovar automáticamente esos ganar. El juicio. Se. Empieza a repoblar todas las vigencias, algunas villas quedaron con. 20 casa otros fueron diezmadas totalmente otro kernel caso acá 30 y pico de familias así. No. Y se empieza a luchar por ese. Ese objetivo era la tierra. Y vivienda. Si acá no había. Luz, agua y todavía tiene. Hacer tirar los cables e. Buscar las canillas más próxima para tratar de hacer un tendido de red. Bueno. Eso. Valio, digamos, el sistema organizativo que era. Eh. Un grupo de compañeros que. No. Auto convocamos. Después ya. Necesitamos tener un sistema más organizativo, más democrático. Entonces empezamos. Hacer censo poblacional. Manzana por manzana. El vecino de esa manzana. Elegí a un delegado. Para conformar una comisión directiva. En esa. En ese anteriormente era un grupo de trabajo nada más. Entonces se conforma, se eligen todos los delegados. Democráticamente, a través de un censo fiscalizado por el Instituto de la vivienda. La cual daba el aval para poder hacer la selección.

00:15:16 Natália

Sería bueno.

00:15:18 Carlos Armando

Entonces. Sí. Se conformó, digamos. Eh una comisión directiva. A través de. La participación de los delegados, todos los delegados. Tenían. Derecho a querer ser presidente del barrio. No había que 1 se postulaba para presidente. Pero eso busqué un sistema. ¿Qué? Aquel que era referenciado, digamos. A través de lo que eran delegados que cada cual se postulase. Y después el que mayor votos tenía. Ese era la cabeza y después sucesivamente los distintos cargos. Te recuerdo que teníamos 31 manzana. 31 delegados, mejor dicho porque eran. No era ni manzana, era todo asimétrico así. Pero más o menos teníamos. Bueno, la cual la primera elección se hizo con 31 delegados. Eh. Que el mandato duraba dos años. Y. Yo salgo electo yo no me había presentado, pero me presentaron. Otros compañeros. La cual. De los 31 delegados que había yo saqué 28. Después. Dos sacó otra persona buena y así. Y se conforman la comisión vecinal. Esa comisión vecinal del barrio. Ya empieza. A interactuar. Con otra villa que ya sabían democratizado, que eran dos villa. En la villa 15, ciudad oculta el núcleo habitacional transitorio que estaban al lado. Que eso sea eran, sabían, sabían, elegido democráticamente. Entonces la visa 31 pasa a ser la tercer. Villa democratizada. Y, bueno, ahí empieza realmente. La democratización de todos los barrios. Entonces se fueron este mismo sistema que se emplea en la villa 31 se empleó en todas las otras villas, en ese momento teníamos. 16 villa. En. La época del 76 que habían. He sacado a todos. Fueron expulsados 109000 familias. Y en todas las villas y han desaparecido la villa del bajo Belgrano. Eh. El. Otra villa de colegiales. Osea desaparecieron totalmente. No hubo posibilidad de recuperar esas tierras, pues el gobierno construyó sobre esas tierras. Bueno. Y ahí. Empezamos a adquirir un nombre que se llama movimiento. Villeros ante. Anteriormente a los 70, eran movimiento de Villa peronista, pero con la vuelta democracia. Empezamos nosotros nueva camada, dígamos organizarnos. Y se llamaba movimiento de villas y barrios carenciados. No después. Ingresa a esa organización. La pastoral villera. Y, bueno, con la ayuda de los curas empezamos todas las villas democratizar y elegir Elsa. Este. Digamos forma de dirigir un barrio.

00:19:41 Carlos Armando

Entonces tropezamos con otro problema. ¿Qué tal mokra tizado? Pero no teníamos agua, no teníamos luz, no teníamos nada. Así que era. A suerte de Dios. Y. Entonces. La. Las peticiones que nosotros hacíamos. Íbamos determinado organismo, decía, no esto no corresponde acá. Tiene que ir allá. ¿Iván, bueno, esto no corresponde, tienen que hacer esto, qué es? Bueno, la cuestión es que nadie nos daba respuesta, no teníamos solución y

deambulamos todo el día de un organismo a otro. Sin respuesta alguna. Entonces. Con los compañeros así un poco más pensante, digamos que era. El presidente de la villa 15 y de la villa 2124 y yo decidimos hacerle una propuesta. Al intendente. O sea, el gobernador de capital, dígamos prefecto. Este. Íbamos. Con la idea de que porque en todos lados nos decían no. Entonces vamos con la idea de plantearle la siguiente forma que nosotros. Éramos 16 barrios constituido legalmente ya. Democráticamente elegido. Le propusimos al intendente. ¿Decir una mesa de concertación? Donde él a la cabeza. Y todos nosotros. También. A la cabeza y del todos sus ministros. Todos los ministros. Por su secretario que tengan poder de decisión, entonces en esa mesa de concertación resolvíamos los problemas. Para no tener problemas, no que no corresponde a esto, no que ahí estaban todas las áreas y que se resolvía ahí la cosa. Y eso fue una propuesta nuestra, después sacar leyes de urbanización, digamos para. Que lo plano, los mapas de la ciudad siempre estaban marcados en verde y estaban habitados. Entonces se hizo eso después en la mesa concertación empezamos a ver las distintas, nosotros queríamos la tierra, todas las tierras que eran. Y, bueno, entonces empezamos a trabajar sobre eso. Y creamos. El decreto 1001 nosotros. Le proponemos al intendente, el intendente lo propone el presidente, en ese momento era Menem. D. Las tierras.

00:22:46 Natália

Acá eran tierras públicas?

00:22:48 Carlos Armando

De la tierra del Estado nacional. La mayoría eran tierras del Estado nacional, de todas las villas de las 16 villa, excepto algunas que eran privadas o pertenecían a otro organismo. Entonces. Tras. Muchas discusiones de ir. Y venir y trabajar sobre esa ley el decreto 1001. Logramos, digamos que. Que el presidente. Firme. La transferencia de las tierras. No sea que nos venda las tierras. En ese caso. Se pudo comprar. Tierras como es. La villa 12 charrúa que se compró con título casatodo barrio Mitre. Título casa. La villa, 212466 hectáreas y 20 e. Una parte la 15 otra parte y así algunas villas se pudieron comprar todos los que eran tierras del Estado nacional y otras no. El caso particular de acá de la villa 31 este evento, tierra del Estado nacional, o sea, Administración General de puertos. Y esto cuando no iban a vender, acá había un ministro de economía que se llamaba domingo cavallo. El decreto 1001 decía serán vendidos. 1 la parte que decía serán vendidos a sus actuales ocupantes. O sea, a los habitantes de la villa. A través. De una asociación organizativa García cooperativa Mutual

asociación civil. Y serán las características. Para comprar o sea. El estado le vendía. Cuatro dólares el metro cuadrado. Era irrisorio en ese momento. Era más simbólico que otra cosa. Este. El. El gobierno. Esta villa en particular. El domingo cavallo es. Declara necesaria esta tierra, o sea que ellos lo necesitaban supuestamente, entonces por eso nosotros no pudimos comprar las tierras, esta es tierra y todavía seguimos peleando. No. GT ya han pasado distintos gobiernos y 1. Esta es una tierra muy caras, tan pleno. Se entretenía 5 minutos, tenía caso que no va caminando. 10 cuadras. Tenés todo. ¿Osea que ha tenido? ¿Los micros UTE decorta de larga distancia en el aeroparque a 15 cuadras, no?

00:26:02 Natália

Sé.

00:26:04 Carlos Armando

En el puerto acá ósea. Esto es una tierra, esto cotiza lo mismo que puerto Madero. Bueno. Eso. Más o menos. ¿Simbólicamente lo que? Fue la lucha, digamos de. Te estoy contando muy por. Arriba las cosas, no pormenorizado, porque si no sería muy extenso, pero. En línea general o así. Después, bueno, ahora ya hay otras camadas de dirigentes. Después del los 95, más o menos ya se perdió. La función de. Del dirigente social. Ya empezaron a convertirse. En punteros políticos. Osea dijo. D. De ser. El mandato que te da el pueblo. Para convertirse en puntero político. Entonces este. Yo, particularmente después ya me fui alejando, alejarnos toda la parte de. De ocupar. Los cargos. Tenía, pero si sigo manteniendo el contacto de todas las organizaciones villera. Y bueno, eso es un poco. Lo que es la la villa, digamos.

00:27:50 Natália

Las personas que venía acá en los 70 era un trabajadores de otras partes del país.

00:27:57 Carlos Armando

Si no. Generalmente las villas. Lacalle, Capital Federal. Y. Se construyen alrededor de algo. Hoy existe una. Un polo industrial muy grande. Fabricas, la cual los obreros. ¿Trabajan en esa fábrica entonces? Construyen serca de la fábrica. Hacen su asentamiento, después se van urbanizando. Es el caso de capitán, acá tenía hacia el puerto, el puerto ocupaba. Acá la mayoría de los habitantes de la villa 31 eran todos portuario, todo trabajador del puerto. Y venían gente del interior del país, como ocurre siempre. Voy a ir de una provincia y tenía sacar gente que vivía acá, entonces ellos traían a los otros acá. Y así se fue repoblando la vida, después vinieron los inmigrantes, digamos los bolivianos peruanos. Chileno. Hoy en día

ya. Está bien. Vivíamos. Eh. Localizada. La colectividad boliviana colectividad paraguaya, por ejemplo, hay vida que son el 80% Paraguay villa, que son el 80% boliviano y así. No después de tener la mezcla de más o menos 1 crisol de razas. Y eso es. Lo que la vida.

00:29:54 Natália

¿Es porque? Llamar llamaba villa 31 y después 31 bis porque este número.

00:30:03 Carlos Armando

Todas las villas, partir de la democracia. El Gobierno de facto de los militares. Le ponían un número. Villa 11114, villa trevilla 6. Villa 2124 todos tenían un nombre, villa 15, villa 31, villa 17, villa 19. Todas las villas tenían un número que era la forma de individualizar. Ver que estaba radicada, por ejemplo, en la zona acá en la zona sur de esta, la mayoría de todas las villas. La parte norte prácticamente está, esta es la única. La 31 y 31 bis. 31 bis porque se desglosa de la 31. O sea. La 31 en realidad esto da 31, pero algunos lo pusieron 31 bis para hacer. Una cuestión política. No. Entonces. Pero. Que toda la villa 31, el premio lo mismo.

00:31:21 Natália

Ahora todo. Todos acá son varios barrio, padre múgica. Pero tienes lluvias Jones.

00:31:30 Carlos Armando

Si tiene divisiones, sector ferroviario. Eh sector San Martín. Y dentro del barrio, tener sector Güemes. Tener este comunicación. Tener este y pf son los lugares que se conocían originalmente. Dices sigue manteniendo sea la gente se individualiza de esa manera.

00:32:01 Natália

Eh, cada parte tiene un representante o.

00:32:04 Carlos Armando

Delegado. De delegados.

00:32:09 Natália

11 cada país.

00:32:11 Carlos Armando

De acuerdo a la cantidad de. De habitantes que tenga cada manzana. Este. Se elige un delegado o dos d.

00:32:29 Natália

¿Eh cómo hacen para? Conciliar las decisiones como como exteriores de la UE y después tenía un presidente, o.

00:32:39 Carlos Armando

Solar después de ahí dentro los delegados. Hay un. No se llama presidente sino. El delegado de la comuna. Que es el que tiene la autoridad sobre los otros delegados. Donde todas las peticiones van ahí se encarga de Irán. A la distin tos. Organismo del Gobierno.

00:33:10 Natália

Eh. Hoy tienen. El pasado mis personas que vinieron a caer para trabajar el corto, él era más trabajadores en la industria y hoy es diferente.

00:33:30 Carlos Armando

Hoy. Imagínate el puerto antes. Peleaba, no sé. Sí en mi persona. Hoy. Habrá 5000. Porque se han modernizado todas las máquinas que el ser humano ya no es necesario únicamente para que manejen las máquinas. Pues entonces esa gente se fue quedando acá. Y entonces al quedarse sin trabajo y todas esas cosas, eso ya fue después de los 90. Que privatizan todo, ya fue más complicado tener que irse. Algunos se iban porque fueron indemnizados, pero otros prefirieron quedarse acá.

00:34:17 Natália

¿Hoy la mayoría de las personas que viven acá, eh? No son trabajadores en. Local específico del trabajo en Brasil e. Tenemos selliti consolidación de trabalhista, entonces personas con cartera de trabajo escenario.

00:34:39 Carlos Armando

Acá tenés digamos acá. Que tenían los albañiles, las empleadas domésticas que no trabajan acá. Trabajan hacia afuera, son los que construyen las viviendas afuera y las mucamas. Las empleadas son las que van a trabajar en la casa de familias, después ahí. Profesionales también que han salido de acá. A través de su lucha por querer. Capacitarse por querer mejorar. Ven el ejemplo de que el padre, los padres no le pudieron dar, entonces ellos tratan, se forzaron por ser alguien en la vida. Y así hay muchos profesionales. Pero yo particularmente tengo 8 hijos. ¿Cuál? Tengo hijos este. Osea desaparecieron totalmente. No hubo posibilidad de recuperar esas tierras, pues el gobierno construyó sobre esas tierras. Bueno. Este. Y después lo otro. Y, por ahora abandono que era. Ingeniería, digamos. D. Del sistema y bueno. Necesito. Después tengo una hija en Europa. O sea, todos se han educado acá y han sido todo profesional. ¿O sea, está también el mito ese no? Pues la gente de la villa son mala, que esto no tiene. Pero todo radica, digamos también. En el seno familiar los hijos. Aprenden lo que ven en la casa. Y yo tuve la suerte de tener una compañera. De Fierro, digamos que me bancó todo el sentido de la lucha de tener que estar lidiando con los

chicos y todas esas cosas que bueno. Y tuve la desgracia de perder la en el 2020. Falleció. Pero sigue. Una de las hijas y a cargo de. Todo lo que inició. La madre del comedor comunitario. Y bueno, y con colaboración de todos. Así que. Todo bien en la familia contenta.

00:37:20 Natália

Pero quiero decir, si hoy los trabajadores tienen menos derechos, lo que teníamos en el pasado. En Brasil hay hay disminuido el número de personas que trabajó para alguien con sus derechos tienen.

00:37:39 Carlos Armando

Sí, sí, sí, generalmente.

00:37:41 Natália

Hoy somos todos trabajadores, por contra, no tenemos ferias, no tenemos aposentadurías, no tenemos.

00:37:49 Carlos Armando

No, generalmente no acá todos tienen derechos. ¿Qué? Vos por trabajar hoy en día a lo mejor de energía, trabajar en negro sin beneficios sociales. Hay un precario que hay muchos acá. Después hay otros que. Están. Bien renumerados. Que cobran bien. Y. Es tan cómodo acá esa es la palabra. No. Pero. Todo bien ahora este problema del desempleo se notan todos lados, por eso es. La abundancia de todos los planes del Gobierno. Pero los planes del Gobierno lo hace con un fin. Eh político, digamos para tenerte costado. Una máquina de crear pobres. Entender. Porque no, no te solucionan el problema con darte una beca de. De 20000 pesosXN$ cuando el costo de vida. 100000 MXN$ para poder vivir. O sea que. Es relativo.

00:39:15 Natália

¿Eh, cómo son las becas en Argentina? Tienes muchas. Programas sociales para ayudar más población.

00:39:25 Carlos Armando

Y la Argentina debe ser 1 de los países. Con mayor cantidad de planes sociales que tiene. ¿Porque acá tenés planes sociales para poder estudiar si quieres estudiar? Tener si te embarazaste para así tener familia te paga si. Este. Querer hacer a una actividad creativa te pagan o sea. Y, en algunos casos se cumplen y en otras son manejados por. Punteros políticos. Que no cumplen ninguna función, oséa cobran. Te sacan un porcentaje a voto tal.

Bono vas a trabajar nada, simplemente tienes que ir a los piquetes que llamamos OA las movilizaciones. O sea, no concientizan. ¿Digamos en el sentido para qué? Lo que te está dando la ayuda del Gobierno, vos lo puedas capitalizar. No si yo puedo tener sinko, planeó lo que fuera bienvenido sea y también ahí. Se ha perdido un poco la cultura del trabajo porque. El padre, el abuelo, el hijo, Nieto, todos cobran planes. Entonces yo. Quiero darte un trabajo. ¿Legal donde vos vas a cobrar? Con todos los beneficios. No le interesa. Porque de esa manera. Están cobrando todos los planes que ganan mucho más. Creo que te puede pagar un empleador en blanco. Y, entonces a veces no se consigue, a veces es contradictorio. A veces vos buscas. Plomero gasista, electricista. Son. Eh Herrero. Soldadores son todos profesionales que se fueron perdiendo. Porque se acostumbraron a no hacer nada y cobrar. Hecho.

00:41:53 Natália

Porque viviendas las.

00:41:55 Carlos Armando

Becas exactamente.

00:41:56 Natália

Una persona puede tener más de una.

00:42:01 Carlos Armando

Y no no puede tener ahí ahí, por ejemplo. Puede tener más de 1. Porque hay planes no son compatibles. ¿Con los otros, entonces calcular tiene después vos padre tener un padre? Tengo un plan de 30000 MXN$ tengo mi hijo que tiene otro, d. También de 30 o lo que fuera y así. Todo El Mundo hace es ese cálculo. No yo soy. Totalmente. Contrario a los planes. Porque los planes lo único que hace es. Es perjudicar a la familia. Denikin. Que te den trabajo. Después de acuerdo a tu capacidad vas a ir progresando. Pero. Si vos estás esperando digamos que te den. Como esperando del Gobierno que te solucionen el problema. Nova. Sea salir nunca adelante. Siempre va a ser un paliativo.

00:43:23 Natália

¿Crees qué? Bueno, las personas están acostumbradas con víveres.

00:43:29 Carlos Armando

YY el generalmente. El billete o, digamos, y que la gente, habitantes de la villa, hoy barrio

popular, tiene cierta idiosincrasia. Distinta al común de la gente, si bien son iguales pero distintos, porque hay hay. Hay personas, habitantes de las villas, los barrios. Así. Que se acostumbraron tanto eso. Que fueron mamando de chiquito. Y. El. Espera que el gobierno. Te tiene que dar todo, solucionarte todo el problema, no cobrarte nada porque habitasen una villa, no todo lo contrario. Yo siempre digo que. ¿Si vos estás habitando en un lugar? Mínimamente tenés que pagar. Porque de lo contrario. No valoras. Las cosas. O sea, si te viene todo de arriba te regalan todo así. Nunca vamos a valorarlo. Lo que es. Así.

00:44:49 Natália

Crees que en los últimos años a. La pobreza en acá tiene alimentado por cuenta de la pandemia?

00:45:00 Carlos Armando

Y todo tuvo que ver la pandemia. ¿Porque mientras nosotros estábamos encerrados? ¿Los políticos sean grandes negocios, no? Y ahora se ve. Este si fuese por los políticos, seguían pandemia toda la vida. Pero cada vez hay más pobres. Cada vez hay más pobres. A medida que van a seguir los gobiernos. Por acá. Que siempre. El Gobierno de turno, el que viene le echa la culpa al otro y el otro al otro, y así sucesivamente este pero. Boves ahora digamos la incapacidad de gobernar. El presidente que se pelea abiertamente con la vicepresidenta y los ministros que hacen declaraciones, así que. No sé a cuál por acá no buscan la solución del pobre OO de la clase social. Acá el. La clase social de. De la familia media. Hasta abajo. Se ha perdido todo. Entonces. Novell. No hay posibilidades de salir adelante hasta que no aparezca. ¿Un líder realmente qué? Y acá tenemos. Muchos líderes que algunos son confiables y otro no. Pero como desgraciadamente la política se hace. Com. Plata. Si el político no tiene plata, no puede ser político por más capacidad que tiene, entonces que pasa siempre ronda en las cabezas de que están siempre. Ahí te agoten es el kirchnerismo que hace más de 20 años que están gobernando. Y tenés ahora. Que el gobierno diga. De Alberto Fernández, que también el de Cristina. Que es lo mismo el kirchnerismo. Y hemos. No piensan. En solucionar los problemas de la gente, piensa en su solucionar su problema personal. Cristina para que le traten de borrar todos. La parte. De los cargos que tiene contra la corrupción y lavado de dinero y todas esas cosas. Y después la incapacidad del gobernante. Dígamos Alberto que no hace nada porque no tiene capacidad.

00:48:01 Natália

Es normal pero siguiente.

00:48:03 Carlos Armando

Es un mal presidente. Y yo creo que mientras yo pensaba que antes. Decía Macri va a pasar a la historia. Por ser un mal presidente, pero éste le ganó.

00:48:16 Natália

Cero.

00:48:17 Carlos Armando

Sí. Entonces. Bono. Ves digamos. La cantidad de delincuencia que dice. Regresan Pablo feo también así. ¿Pero acá? No hay lugares. ¿Dónde puedo tener problemas dentro de los barrios populares? ¿Tener problemas fuera de los barrios populares? Y lo más triste es que aparte te roban y. Y te golpean y te matan encima. No hay que antes te robaban. Bueno ahora te roban y te matan. Entran a tu casa. Entonces. El problema de inseguridad acá. Eh. Total.

00:49:20 Natália

Ahora es mejor lo que antes?

00:49:23 Carlos Armando

Peor.

00:49:24 Natália

Antes no tenía tiempo.

00:49:26 Carlos Armando

De no había, pero muy aislado. Acá mientras no mejore. La educación. La salud. Y la seguridad. Esto va a seguir siendo un caos. ¿Por qué pasa? Educación cuando más bruto ahí. Mejor. Que el gobierno. ¿Puede manejarlo de esa manera? O sea. Te dicen cosas. ¿Que hubo al no tener conocimiento, no le crees? Pero. Acá tenemos los barrios populares que sean. Urbanizado se han urbanizado media e barrios que. Han construido con sobreprecio. Pero. Total. Y no. Y no lo han terminado.

00:50:38 Natália

Eh. ¿Piensa piensa que estos son problemas de todo, Buenos Aires o más?

00:50:46 Carlos Armando

Acá del país.

00:50:48 Natália

Ese país.

00:50:49 Carlos Armando

El País. Acá medianamente, Capital Federal. Tiene un medio más de vida, mejor, digamos, porque acá nadie se muere de hambre.

00:51:06 Natália

No.

00:51:07 Carlos Armando

Acá en en en Buenos Aires, la ciudad. Salen a recorrer los. Los tachos basura. Los macdonald hola multinacional y piden y comen. Pero eso no es lo correcto. Eso es la denigración. Del ser humano. Por eso están todos los comedores comunitarios que no tendría que existir comedores comunitarios. ¿Por qué? Tenía que darle los alimentos para que coma la familia. No que vaya con un taper oír a los hijos a comer y el padre. Pero mejor.

00:51:54 Natália

Cómo funcionan los comedores son. Son cosas que el gobierno paga para para. ¿Es decir, cómo cómo es que las personas hacen porque?

00:52:06 Carlos Armando

Él. Los comedores comunitarios funciona de la siguiente manera, en el caso de la ciudad. En provincia es otro sistema. ¿Qué hace la ciudad el gobierno? ¿Vos tenés? 200 personas. Para dar de comer. El gobierno te manda raciones para 200 personas. Si 1 tiene 2001210 ya esas 10 no come. Te manda para 200. Que generalmente. Nunca alcanza porque eso si te manda. Eh. Arroz, por ejemplo. No te mandan el puré de tomate no te manda la papa o te mandan a media te dan poco entonces. Lo que están al frente de los comedores comunitarios tienen que hacer su aporte, en eso no cobran. Es ad honorem. Trabajan. Honoré. La única. Ventaja que tienen es que. Su grupo familiar puede comer en los comedores.

00:53:30 Natália

Pero el trabajo no es pago.

00:53:33 Carlos Armando

O.

00:53:33 Natália

A las personas que hacen la comida no reciben. Nada.

00:53:37 Carlos Armando

Nada.

00:53:42 Natália

Es muy grave.

00:53:43 Carlos Armando
Sí.

00:53:45 Natália
Sólo sólo de una comida, nada más.
00:53:52 Carlos Armando
Por eso algunos comedores funciona bien, otros no, y entonces ahí empieza. ¿A entrar la faz política? ¿Por qué? ¿Porque ese grupo comunitario? Estar partido. Cualquier nombre se acerca y le trae la mercadería que le hace falta. Entonces ese grupo comunitario trabaja con el partido. Tal. Y así.
00:54:30 Natália
Entonces las personas que.
00:54:34 Carlos Armando
Excepto creo que hay muy pocos como negro que cobraban. Que pasaron los 90 pasar una planta. Sigamos así porque tenían un plan del Gobierno, entonces cobraron ese plan, después pasaron a planta y eso están cobrando, pero la mayoría, el 90 por 195% de los grupos comunitarios no cobran.
00:54:59 Natália
Entonces. Gladys.
00:55:01 Carlos Armando
Si.
00:55:02 Natália
Trabajaba.
00:55:04 Carlos Armando
Por amor al arte lo bancamos nosotros.
00:55:08 Natália
¿Pero come?
00:55:10 Carlos Armando
Los hijos.
00:55:11 Natália
Una revista. Es muy.
00:55:16 Carlos Armando

Bueno, ahí está más o menos grandes. Hitoshi por. ¿El esfuerzo del los hijos, no? Y bueno mío, lógicamente, pero. Yo ya estoy. Alejado de todo. Que mi hijo sigue aportan, digamos todo. Sí. Hey se han hecho. Ahí nosotros y de apoyo escolar es. Este capacitación, taller de costura, pintura y todo. Este. ¿Y que han salido? Muy buena gente. Muy buenas. Responsable profesionales. Sí, a capacitación de enfermería. De salud de deporte. Todo por el bienestar del barrio.

00:56:28 Natália

¿Cuántas personas comen al día en el comedor?

00:56:31 Carlos Armando

¿Que hay comedores que? Dan para siempre son unas 150 200 o 500 800. ¿Cuántos son? En las 150. Pero no vienen a comer, vienen a llevar. Sólo. ¿Con su superbien a las 11:30 h que estará comida, vienen eh? Previamente hay un listado donde Juan Pérez son 5 raciones. Son 5 hijos, padre, madre, hijo. Entendéis otro José García que selló son 3,8 y así sucesivamente vienen consulta pero llevan. Y se van. Son siempre las mismas personas. Siempre la misma persona que tiene el día por ahí que una de esas personas se retiró porque consiguió un trabajo mejor o se trasladó que no necesita del comedor, entonces esa vacante se le da otra y siempre hay lista de espera. No tiene mal. Muchas personas en la lista. Sí, sí, sí, porque el hambre acucia en este momento. No. ¿Acá en barrio tienes cuántos comedores? ¿Y acá tenés como? Unos 15 comedores, tener repartido en todo. El barrio, digamos. No son suficientes.

00:58:21 Carlos Armando

No son suficientes. Y algunos cocinan bien, otros cocinan. Más o menos. ¿Vos comiste?

00:58:32 Natália

O no, no, no, no es fácil cocinar para tanta gente.

00:58:37 Carlos Armando

Y si no nos.

00:58:38 Natália

Persona. Es difícil.

00:58:41 Carlos Armando

Sí, sí, sí.

00:58:42 Natália

Sí, estamos acostumbrados a hacer comida para dos 3.

00:58:46 Carlos Armando

Claro.

00:58:47 Natália

No para siempre.

00:58:48 Carlos Armando

Sí. Un grupo.

00:58:54 Natália

Pero me impresiona saber que las personas que cocinan un reserven para eso es un.

00:59:00 Carlos Armando

¿Trabajo cuántas personas? Han muerto hace 15 días murió 1 de los últimos comedor que está la otra cuadra. Que nunca tuvo beneficios. Tanto la señora murió en el comedor, el marido murió en el comedor y así.

00:59:22 Natália

Moriremos aquí.

00:59:24 Carlos Armando

Y mueren por el agotamiento él. El digamos el tanto trabajar. Alguna esto de los 80, prácticamente son 40 años.

00:59:39 Natália

Trabajando en el comedor.

00:59:43 Carlos Armando

Ante esa época era joven, pero fueron pasando los años y los años van pesando. Entendéis entonces lo que en aquel momento tenía 40 años, ya tienen 7080 que ya no pueden caminar. No. Entonces. Porque no es que vos te ponés a cocinar, que tenés que. Lidiar con con todos ahí.

01:00:15 Natália

Son muchas horas de trabajo.

01:00:17 Carlos Armando

En todos lados. Así que.

01:00:23 Natália

Y ahora una hija continúa siendo.

01:00:26 Carlos Armando

Si el trabajo de la madre. O sea, ella está a cargo, tienen las cocineras que la ayudan todono,

pero una de las hijas de la que. La que no es profesional, digamos, porque lo único que hizo terminar el secundario. Se terminó.

01:00:50 Natália
¿Si tienen alguno?
01:00:54 Carlos Armando
Este bueno este. Ella es la y después en el caso. De comunidad organizada que es el comedor. En la cual visitaste oiga. Que está a una de las hijas de Gladys manejando el comedor y supervisa, digamos por. Otra que es la abogada que andai hace bien y tras directiva y todo. Y después la otra ventaja que. Cada cual tiene su departamento en el mismo. Terreno.
01:01:35 Natália
Si Franco me mostró su casa.
01:01:38 Carlos Armando
La vista muy linda, muy linda te.
01:01:42 Natália
Puede venir toda Buenos Aires.
01:01:44 Carlos Armando
Sí, sí, sí, sí. Bueno de Franco. Después tenía al lado tener María Laura, que la abogada fue la otra que está en España. Digamos que bueno, ella no está construida, están construyendo un poco después la bajó que la responsable del comedor. Y así y yo, que vivo también en el primer piso.
01:02:06 Natália
Sí, sí. ¿Eh, quieres contarme un poco sobre tu historia? Y claro. Conoceremos de acá.
01:02:13 Carlos Armando
No no no, no, nosotros somos oriundo del Chaco.
01:02:19 Natália
Chaco es una ciudad?
01:02:21 Carlos Armando
Chaco es una ciudad o una provincia. La ciudad se llama resistencia.
01:02:27 Natália
Lejos de acá.

01:02:29 Carlos Armando
Y, 1000 km. La zona nordeste del país. No o sea provincia alejada. Nosotros. No pusimos de novios allá. Y vinimos para acá.
01:02:57 Natália
¿Cuántos años tenía cuando se conocieron?
01:03:00 Carlos Armando
Y ella tenía 15 años. Yo tenía 20. No, o sea tuvimos. Viviendo hasta que murió 55 años. De convivencia y ahí nacieron todos los hijos. Fue una mujer que. Excepcional, digamos. Con un. Que con un temple de acero luchador. Hora. Lidiando con todos los hijos y bueno. Así salieron los hijos. Pero yo creo que es. Mérito de ella. Más que mío, digamos, porque eso constantemente por una cuestión política todo tenía que andar. Disparando a un lado para otro, pero. Este ella si se Banco todo.

01:04:05 Natália
¿Que por qué ella decidió hacer en su casa un comedor?

01:04:10 Carlos Armando
Bueno, eso tiene toda una historia. En el 88. Eh.

01:04:23 Natália
¿Puedo pegar más?

01:04:25 Carlos Armando
Si quería. El 88. Bien el gobierno democrático asumido en el 83. Una gran hambruna. Y. Era muy difícil. Las. Inflación no era inflación, era superinflación porque. Voy a comprar 1 kg de azúcar con él, en ese momento podía estar un peso. A la mañana y a la tarde estaba 120. Y así sucesivamente. Todos los productos, no había un precio donde voy a decir bueno, hoy comproestoy con estos no. Este era galopante la inflación que. Entonces nosotros. Los presidentes de cada barrio, del organismo de cada barrio decidimos hacer. Ollas populares. No entonces en cada villa. Se hacía. En distintos lados ollas populares que íbamos, pedíamos la carnicería, pero en la verdulería pedido moto y con lo que nos daban en todos los barrios lo mismo. Hacíamos las ollas populares. Y Gladys como nosotros teníamos una casilla de

madera y teníamos todo el patio libre y todo eso teníamos lugar y el acceso a todo. Decidió hacer. Las ollas populares para la gente del barrio y la gente del barrio venía a buscar la comida, pero nunca alcanzaba tampoco. Hasta que después se normaliza. Y sean el 89 cambio de gobierno, pero seguíamos con las ollas populares. Después ahí ya. Se crean los grupos comunitarios sea. Oficial. Que el gobierno te daba la mercadería para que. ¿Dónde estaba esa olla? Populares se convirtiera en comedores.

01:06:55 Natália

Eso fue el inicio del comedor, las rosas eran.

01:06:59 Carlos Armando

Sí. Es el inicio de un error. Después se fue modernizando, se construyó, se fue haciendo cosas así.

01:07:10 Natália

En otros locales de de la ciudad tienes comedor.

01:07:16 Carlos Armando

Sí.

01:07:18 Natália

Todo. Todas las personas que trabajó, ninguna reciben para eso. Esto es muy grave.

01:07:27 Carlos Armando

Claro que es muy grave. Por eso está el refrán, no todo lo que brilla es oro. Eso está en la mayoría, están subvencionados por. Por gente de otro lado o por fundación. Aportes. ¿Familiar? Pero. Eh es triste. Han dejado la vida.

01:07:59 Natália

Es difícil comprender.

01:08:02 Carlos Armando

Es como el que el que no lo vivió no lo va a comprender.

01:08:06 Natália

¿Es cómo? Yo entiendo, pero no entiendo realmente porque es una. A mis hijas son de la vida muy.

01:08:15 Carlos Armando

Muy injusta.

01:08:17 Natália

Muy completo. Es difícil comprender.

01:08:23 Carlos Armando

Sí, sí, sí, sí. Por eso te digo eh. Algún día antes que vaya te voy a llevar ando sin vehículo, porque si no. Te voy a llevar a que conozca otros comedores cuando Franco tengan un tiempo y decir, bueno, llevar a tal lado vos y te presento y ahí conversar. N. Más o menos. El panorama. Es todo tienen. Cada referente social tiene distintas luchas que le tocó vivir. Una. Cunha. Con mayor lucha, otra menos Lucho, otro más politizado. Todo, pero. Después. El gobierno te da, por ejemplo, en este momento en este momento. Te da. Creo que 30000 pesos me parece que te da ahora, ahora creo que lo llevaron AA 100000 pesos que es para que compres. ¿El gas, por ejemplo, qué es lo que te paga el estado previo? A rendir digamos. ¿Otra factura, tener que presentar en qué gastaste la plata? Nada más. Así que no es doloroso todo esto. Pero bueno. En la vida que no tocó. Así que. Bueno, sí, eso es. Más o menos todo la lucha. Que me tocó a mí en particular. Caso más o menos. Después, De hecho, recorrer distintos país. Para. Tratar de solucionar el problema que selló el caso del hábitat. Pero no tiene nada que ver con el comedor.

01:10:46 Natália

Siempre he visto en las movilizaciones que siempre están. Planteando sobre. Cosas relativas al trabajo. Siempre fue así cuando luchaban para estar acá en un 100 radicados, la pauta de trabajo siempre se ven en. ¿En las que Jones o no?

01:11:10 Carlos Armando

No siempre la gente reclama trabajo genuino. Pero hay 1 que con los planes que cobran. Por eso te digo este este gobierno. Ha creado, digamos, una fábrica de pobres.

01:11:27 Natália

Esto de ahora o hace hoy.

01:11:30 Carlos Armando

No ahora ahora.

01:11:32 Natália

Se esté más específicamente.

01:11:34 Carlos Armando

Si si.

01:11:35 Natália

Los planes sociales alimentaron.

01:11:37 Carlos Armando

Sí, sí, sí, sí, sí. A medida que van pasando los años 20 y pico de años atrás. A la fecha han pasado gobierno y todo más o menos. Usan la misma táctica.

01:11:53 Natália

Acá tiene muchos comercios en baños, muchos comercios, servicios, como mucha gente que trabaja acá. La casa.

01:12:05 Carlos Armando

Hay muchos que tienen que os con la cual viven, de eso tienen almacén otro bar carnicería, verdulería. Todos tienen algo panadería. Es una ciudad. Si tiene de todo.

01:12:21 Natália

Es muy grande.

01:12:22 Carlos Armando

Acá farmacia todo.

01:12:27 Natália

Y ahora tiene muchas personas de otros países, entonces tiene diferentes comidas, acá también.

01:12:34 Carlos Armando

Si peruana es la que predomina. Sí, sí. Pero peruana y boliviana. ¿Qué aprende los sectores que vayas a encontrar? Gente.

01:12:51 Natália

Que veo acá buscando trabajo.

01:12:56 Carlos Armando

Y buscando un mejor porvenir diga no. Que muchas veces lo encuentran y otras veces no.

01:13:06 Natália

Muchas veces nobelio, no es fácil ser inmigrante.

01:13:10 Carlos Armando

No.La ventaja del inmigrante, que tiene tanto derecho como el argentino. Acá acá sí.

01:13:23 Natália

Tienen. Servicios públicos de salud acá.

01:13:28 Carlos Armando

Sí.

01:13:36 Carlos Armando

Acá tenés al lado. Tener un centro de salud que tienen. Todos los médicos. ¿Necesario tener veinti? Ginecólogo. Clínico. Cardiólogo. Traumatólogo. Neurólogo. Proyecto la especialidad de tener lo que sigue también cuesta conseguir un turno. Por ello mejor boven y tenés que venir a la madrugada para que te puedan atender, depende del. Del de tu enfermedad y todas esas cosas, después están los hospitales que están. A 10 minutos de acá. O sea que tampoco está alejado de todo.

01:14:27 Natália

Esto centro a tener todas las personas argentinos de extranjeros.

01:14:33 Carlos Armando

Todo, todo, todo.

01:14:36 Natália

Se necesito pero será dignidad.

01:14:40 Carlos Armando

Vas con tu documento tiene hacer la cola como todo te atiende. Tienes que hacerte análisis que te mandan a hacer análisis. No pagas. Es gratis.

01:14:56 Natália

Algunas una vez ha recibido un. Estadounidense en Brasil se se machucado, llevamos en. Hospital he hecho él. No tengo que pagar nada. No me enseñes no no comprende. ¿Cómo? Como tenemos salud gratuita porque ellos tienen que pagar. ¿Cuál fue el costo?

01:15:23 Carlos Armando

Y en Europa, en Perú o en todos lados tienen que pagar todo. Acá no se pagan a la educación, es gratis. La salud es gratis. O sea. Por eso es un país. Muy buscado y creo que vienen todos acá. Y no tenemos lugar para todos. O sea. Hay tierras. ¿Pero todos quieren estar acá en el centro, todos quieren estar en capital, no quiere ni a 30 km de acá? No, no. Ya no. Todos quieren estar acá.

01:16:05 Natália

Eh acá tiene mucho. Casas de alquiler.

01:16:10 Carlos Armando

Alquiler.

01:16:12 Carlos Armando

Claro, porque acá acá acá el generalmenteel. El paraguayo boliviano y el peruano. Construyen la casa. Un piso dos pisos, 3 pisos. ¿Hacen piezas? Y, como es tanta la necesidad

de alquilan piezas. Entonces viven de rentas.

01:16:38 Natália
Ya construye la construyen para eso.

01:16:41 Carlos Armando
Para estar.

01:16:41 Natália
Pensando en alquilar.

01:16:45 Carlos Armando
¿Pues a mí me dicen checarlo, pero por qué tener una casa grande? Bueno, yo no quiero nada, no quiero lucrar con la gente, ello. Tengo mi familia.

01:16:55 Natália
Fue su hijo.

01:17:00 Carlos Armando
No sirvo para. Compartir con nadie la privacidad familiar, diga.

01:17:07 Natália
Sí. Eh ahora han de estar haciendo cosas de la urbanización OA.

01:17:17 Carlos Armando
Sí, no, no, no tan continúan. Y ahora que van a venir las elecciones, instancias políticas van a empezar a construir y a darte beneficio, que no te lo dieron antes.

01:17:32 Natália
A falta muchas cosas, a falta muchas cosas para.

01:17:36 Carlos Armando

Sí, falta mucho, muchas cosas, pero. Algunas tienen una vivienda. Que tampoco no es muy buena la construcción porque no son. Construido con lo clásico sino todo con duro y todo esa divisoria. ¿Qué? No son duraderas.

01:18:12 Carlos Armando

No son paredes tradicional. Entonces se tiene mucha lindavista todo, pero. Su tiempo de duración, no sé qué. ¿Qué periodicidad tendrá?

01:18:29 Natália

¿Eh, qué te parece la urbanización? ¿Has mejorado la vida acá?

01:18:35 Carlos Armando

Y si le ha mejorado la vida mucha gente. El hecho de hacer apertura a la falta. Que los. Que tengan que entrar micro, por ejemplo los buses. Que antes no. No podían entrar. Porque no habían casi tienen todos.

01:19:04 Natália

A. Ha mejorado las casas están bien. Coloca que llegado cloaca a todos.

01:19:15 Carlos Armando

Y en la mayoría tienen cloacas, un poco deficitaria, pero hay. Hay por lo menos los. La vivienda nueva tienen todos. Tiene otro déficit que, por ejemplo, que colocaron. Paneles solares. Y no dio resultado. Entonces ahora se está cambiando. Por los eléctricos.

01:19:52 Natália

Las nuevas casas tienen agua caliente también, pero. Nosotros no.

01:19:59 Carlos Armando

No, no, no, los otros. Las otras viviendas tienen también abarca la mayoría, todo el 100%. A través de calefón. D. De calefones eléctricos. Algunos con gas, pero muy poco. Pero todos tienen agua caliente. No se haya construyen a que por más que sea una casa incipiente, digamos que era un rancho cuando van construyendo, ya construye con esa finalidad de agua caliente y agua fría. Por más que tenga agua fría. Después se va. Colocando el agua caliente, con colocando un calefón termotanque y entonces ya tiene la familia.

01:20:49 Natália

Hace mucho frío acá no es posible no tener agua caliente.

01:20:52 Carlos Armando

Y no. Y más acá. Te amo en la zona del puerto y. Mhm.

01:21:00 Natália

Eh crees que es más fácil para las personas que viven acá. E arreglar trabajo por formular puerto de estas zonas puerto.

01:21:13 Carlos Armando

Retyma y algunos tienen la posibilidad de conseguir trabajo. Entre ellos. Pero la mayoría de la gente que son albañiles tienen ya que se. A. A media hora o una hora dos horas de viaje.

01:21:36 Natália

¿Pero crees que es más fácil por esas cerca de él?

01:21:40 Carlos Armando

Y no.

01:21:41 Natália

Más oportunidad.

01:21:43 Carlos Armando

Sí, sí, sí, sí, pero ahí trabajo. Pero no todo el trabajo que se necesita para tanta gente. O sea trabajan 10 y 90000. No miran si no que no tienen trabajo.

01:22:00 Natália

¿Qué cree que las personas? Los vecinos del barrio tienen. Es preconceito que que hablas de acá.

01:22:13 Carlos Armando

No ya de por sí. Como ocurre en todos lados y en todos los países. La gente. De afuera. Los habitantes de afuera. Lo tienen estigmatizado. La gente de los barrios populares, las villas, las favelas, los cantegriles, esas cosas. O sea, si vos sos un habitante de la favela. No soy buena persona para la gente de afuera porque vivís en la favela, pero no saben que vos fuiste a vivir ahí. Por no tener recursos. Qué bueno ocurre todos los lados así. Entonces. Eh ante, por ejemplo, tenía que tener. Sí sabían, voy a buscar trabajo. Y sabía que mostraba la dirección. Y tenía la dirección de la villa, no te daban. Que rechazaban y así. O sea, esa discriminación siempre existió y va a seguir existiendo en menor escala, pero existía. No. Pero está la gente. A mí me decían muchas veces cuando. Voy a dar charlas congresos. Me dice pero. ¿Usted no es villeros? Pero luego. Porque yo soy habitante de un barrio popular, de una villa, no me considero bisexual. Pero. ¿Para usted le digo, qué características tendría que tener billetes? Tendría que hacer negro pelo duro, grasiento. Eso para usted es un villeros. No está equivocado. Hay de todo. Hay gente que quiere progresar. Progresa. En

todas perfecto. En su alineamiento personal. En su vivienda. En trata de salir adelante. No quiere decir que porque es habitantes de una villa. Tiene que ser mala persona, si que hay de todos también a que atenerse. El 95 o 98% de gente trabajadora y el 2% delincuente. Y bueno pero eso. 2% de delincuentes. Resalta más que los 98% de los.

01:25:04 Natália

Sí.

01:25:05 Carlos Armando

¿Porque son lo que hacen en perjuicio y ahí se toma el concepto, no? Pero son los negros de la villa, son los de las favelas que vienen acá. Igual.

01:25:16 Natália

Acá te envían he hablado favela.

01:25:20 Carlos Armando

No no no. Acá ósea, te explico. Cada país. Tiene. Su nombre a las villas. En Brasil. Le llaman favelas. ¿A los barrios no urbanizado o que se están urbanizando? En Uruguay. Lo mismo. Cantegril le llama. En Europa, España chabolas. En Perú, pueblo joven, pueblo, o sea todo lo mismo van cambiando. ¿El nombre no? Acá las villas. Son estas horas son se han convertido ya urbanizado en barrios populares. O sea. Queda un poco de lado. El billete de g. Entonces era. Ya tienen. Eh. Otra aceptación. Por eso tienen todo el barrio, acá tienen todo, casi nunca. Entonces voy a poder recibir. Los correos. En tu calle. ¿Porque tienes k número?

01:26:55 Natália

Después de la urbanización, todos tienen.

01:26:58 Carlos Armando

Sí, sí, después.

01:27:00 Natália

Pero todo, todo el barrio es como acá muy porque acá y se cerca de la entrada, entonces.

01:27:09 Carlos Armando

No esto como yo siempre digo este. La zona Recoleta, la zona chic. La entrada tiene todo. Pero tenemos otros. ¿No tuviste oportunidad de conocer?

01:27:26 Natália

No sólo fue hasta. Ministerio de Educación e las casas de pf salir no no he ido más para. Mas fue adentro. ¿Solo eh? ¿Cuando? Cuando estuve en el tren, entonces perder 3 e. El visto la otra parte, casas más. Entonces mamá.

01:27:56 Carlos Armando

Ahí achicharra.

01:27:58 Natália

Sí.

01:27:59 Carlos Armando

Espacio que quedó espacio que lo explota.

01:28:02 Natália

Abajo de la.

01:28:04 Natália

La autopista.

01:28:06 Natália

Pero ahora estoy muy lechero, las personas de. Si debajo de.

01:28:11 Carlos Armando

Está debajo de la autopista de muerte en todo eso y se le da la vivienda es.

01:28:17 Natália

Para ypf.

01:28:19 Carlos Armando

Si.

01:28:20 Natália

Todas las personas. ¿Pero es suficiente el número, el número de casas para las personas que se tiran?

01:28:30 Carlos Armando

No para las personas que están bajo la autopista. Después hay otras personas que impiden el movimiento. El trazado de la casa, entonces. La vivienda. No se les regala. Se lo vende.

01:28:53 Natália

Se vienen las fases de IP. Pero a. Parcelas pequeñas. Ellos. Mensajes.

01:29:04 Carlos Armando

Las personas son el edificio donde cada ahí hay departamentos, o sea, te venden un departamento a otro, el que lo sacan de tal lado tvn otro departamento y otro el gobierno le da. Materiales para que mejore. Su vivienda. ¿Donde?

01:29:26 Natália

Los propios moradores si hacen las mejorías, si el golpe no sólo dar las cosas, el trabajo por

cuenta de.

01:29:36 Carlos Armando

Que las personas de las personas que habitan la casa. Y no conociste el playón al 31 vistos en la feria, eso no fuiste. Vamos que te muestro!

Entrevista Jesus

00:00:00 Natália: Entonces como Carlos ha detto, soy brasileña y estoy acá haciendo una investigación para mi tesis de maestría y es una comparación con una favela en Brasil que tienes más o menos la misma edad. También se queda ahí un buen lugar en la ciudad de un área de interés del Gobierno del capital imobiliario. ¿Entonces es, para fines de comparación la historia de ustedes? ¿La historia de ellos para al final podremos tener alguna luz do qué hacer? ¿Porque en Brasil la situación es peor para para esta favela, no tiene urbanización, no tienen la pose de las tierras, de sus viviendas, entonces creo que acá están más avanzados en muchos quesitos. Entonces, no sé si tienes otra duda sobre mi investigación, pues no decir No no no no para nada, bueno, mi nombre es Jorge, me dicen Jesús acá en el barrio sí.
00:01:09 Jesus: La historia de lucha viene hace bastante, yo estoy hace ... Desde 98. ¿Y te imaginarás que han pasado gobiernos y han pasado políticas inclusivas entre paréntesis que iban a resolver el problema y nunca he terminado de resolver el problema. En estos últimos 7 años por intención de urbanizar este lugar, ¿Eh con este gobierno actual ... No fue fácil, no fue fácil para nosotros. Acostumbrarnos al cambio. Y ¿Pero fueron muchos procesos muy difícil con nosotros porque no los gobiernos no hablaban prácticamente con nosotros, no nos preguntaban qué era mejor, que era peor, que les parece esto? ¿Qué le parece el otro? Sea que la organización trabajaba en una oficina en un escritorio, ellos traían la propuesta y la trataba de implementar, por eso muchos años fracasaron las urbanizaciones. Acá hay un sistema democrático de representantes por en el barrio de distintos sectores hubo diferentes representaciones como presidente de barrio, delegados por sectores hay muchísimos delegados por sector, yo soy 1 más, nada más en el lugar. Y en ese proceso de todos estos años han habido marchas al estado nacional? Pidiendo primero porque hoy la ciudad de Buenos Aires. Perdón ante la nación era dueña de estas tierras. Pero estaba dentro de la ciudad de Buenos Aires, por lo tanto, en la ciudad tenía la prestación de servicios. Nada más darle la luz, el agua, el mantenimiento de todos, pero no podía hacer viviendas, tocar las tierras porque eran nacionales. Y ahí disputaban la política entre la ciudad, los dos partidos y nosotros estamos en el medio siempre. Nos prometieron una cosa y nos llenaban el oído para que vayamos en contra del otro y el otro no es cierto y hacía iban pasando los años y hay avances muy pequeño, distintos sectores. Pero últimamente se empezó, hubo distintos sectores, marchas. Al gobierno nacional a la ciudad de Buenos Aires exigiendo una organización real. No. Real digo en en en la participación también con los habitantes del lugar. Cosa que se está dando muy poco, pero se está dando hoy. Pero en este proceso fue muy difícil, muy difícil, hay mucha gente ya pintando canas. Que han han estado luchando y han dejado para los que venimos y lo que estamos empezando a pintar canas para los que vienen no, pero es largo el proceso es muy largo, muy larguísimo. Todos han dejado una enseñanza y un poquito de cada cosa. Últimamente, si hoy se está urbanizando por distintos sectores, no como quisiéramos nosotros. Pero se está haciendo.
00:04:32 Natália: ¿Este este proyecto que estamos haciendo tienen .. fue hecho con la participación de las personas o no?

00:04:40 Jesus: Sí poco, pero se hizo.
00:04:43 Natália: El proyecto fue trabajado. Creo que fue por la UBA (Universidad de Buenos Aires) Carlos? Con un arquitecto que se llama Javier Fernández Castro, que trabajó. También participó en el Gobierno de la ciudad.
00:05:01 Jesus: En aportar ideas en sí ... (Habla com Carlos que le oferece un café) no está chiquitito.
00:05:08 Natália: No gracias.
00:05:10 Jesus: Brahma dice. (reimos) Eh. Hubiera muchísimos participantes de Derechos Humanos, muchas organizaciones que aportaron cosas, instituciones que fueron trabajando y fueron juntando las ideas profesionales, tanto de Defensoría del Pueblo, hubieron muchas instituciones del Estado Y ONGs que hoy están trabajando. Perdón (su telefone llama) están trabajando para velar de que todo esto salga bien. se están haciendo encuentros una vez por mes donde se discute con los referentes del barrio algunos vecinos, las prácticas que vamos a llevar adelante, mejoramiento pintada en las casas, emergencia habitacional cuando hay alguna casa que está en el tema de derrumbe. Bueno, te puedo nombrar muchísima, muchísimas cosas, pero se está trabajando hoy con referentes y con ONG ¿Obvio con el estado presente, no? Ha cambiado muchísimo, es verdad que ha cambiado muchísimo a lo que venimos luchando muchos. Que no nos daban pelota, sino que hacían cosas para que nos tranquilicemos parts, como decimos nosotros distintos lugares para que no hay ruido como decir. Pero hoy hay viviendas, podemos discutir si están bien o están mal hechas, pero se están haciendo cosas. Es un proceso muy difícil, pero hasta el día de hoy no hay, hay cosas que. ¿Que la gente discute también son las garantías, digo yo te doy la vivienda, eh? Mi situación económica hoy no puedo pagar como hago? No eso está en discusión hoy.
00:07:05 Natália: Porque ahora están están pagando por las viviendas las nuevas. ¿Cómo es la situación de la gente que acaben porque la situación de la tierra es un poco complicada ainda?
00:07:16 Jesus: Y hay una disputa, todavía no se resolvió el tema de la tierra
00:07:18 Natália: Pero la situación de las viviendas, las personas que están en las viviendas nuevas como YPF están pagando?
00:07:28 Jesus: Ellos están en proceso de tener el título de propiedad.
00:07:32 Natália: De las viviendas?
00:07:33 Jesus: De la vivienda. solo? solo de la vivienda. Eso es la garantía de que no la van a sacar Y x montón de garantías que dicen. El tema de la tierra se está tratando. También supone que está todo incluido en eso. Vos sos propietario, ya empezaba a empezar a pagar todos los servicios como paga cualquier ciudadano. Hay dudas todavía no está cerrado. Hay mucha gente de muchas ONG detrás de cada item de cada renglón. ¿Para para ver que no no caigamos en la trampa no? ¿Se discute también que el precio de las tierras acaso son muy codiciadas? El miedo que se tiene hoy te digo el miedo que se tiene hoy es que yo como habitante no pueda pagar. Y que haya un mercado abierto inmobiliario para que

venga el tipo con el maletín y que me diga, bueno, puedes pagar bueno, toma tanto. Quizás me sirve a mí, pero me desplaza del que yo ... Nacieron mis hijos, tengo mi trabajo y tengo todo. Eso se está discutiendo todavía está en proceso, no sabría decirte si va a ser así o no. Va a ser así, pero la idea es que al ciudadano, al habitante del barrio, le dé garantías de que no haya ningún desalojo porque la situación económica hoy no es buena para muchos, inclusive las personas que Junta cartón. En la calle le tocó una vivienda. ¿No tienen para comer, cómo va a pagar? Es una situación difícil que estamos hoy, estamos en proceso. Se está discutiendo, hay mucha gente que está discutiendo este tema. ¿Cómo se va a pagar los servicios? ¿De qué manera? ¿Y si no le pagas, qué plazo vamos a tener para que no te corten los servicios? ¿Digo, es un barrio vulnerable? No, no, no, no es que te dan la casa y te dan trabajo. No la gente quiere pagar. Lo que pasa es que no puede. Y en ese proceso hay desconfianza. Se avanza se está avanzando igual no se está avanzando porque la gente a lo que tenía ante sí lo que tiene ahora es un cambio. Podríamos estar mejor. Está la discusión de que la vivienda podría haber sido mucho mejor, todo de material. No son todas de material, tiene un revestimiento. De chapa y todas esas cosas, pero es linda, igual estéticamente adentro se ve bien. Y, bueno, ese proceso es lo que hoy se está discutiendo. La tenencia. La cuestión de trabajo que ha hablado que la vivienda, pero no tiene trabajo, no se puede pagar, eso es una cuestión que también si discute? Esta discutiendo eso, está está verde en ese sentido, pero la propuesta que ha tirado el Gobierno es que, por ejemplo, te dan dos años para que consigas trabajo, pero esos dos años no es que te lo regalan, te lo tiran para adelante, lo vas a tener que pagar igual ese sentido, ahí se está trabajando en eso. No es que nadie te va a perdonar que no te voy a perdonar nada a nadie si no puedes pagar en en dos años esos dos años te lo van a tirar para adelante y la vas a tener que averiguar. Eso es lo que se está discutiendo hoy. Sí hay montones de cosas para hablar. Pero lo que hoy me estaba preocupando es también las aperturas de calles. La apertura de calle dónde van a trazar la la Nuevas supuestamente avenidas todas esas cosas que va a pasar con esa gente? se están construyendo, hay terrenos para construir viviendas nuevas que van a ser trasladados ahi y bueno, bajo la misma condición que se está discutiendo. ¿Con qué garantías? Hay gente que esta contenta, hay gente que que no hay gente que tiene confianza, la gente de muchísimos años que viene y siempre han hecho trampa, nunca le han prometido cosas y nunca le han cumplido y esa es la que más tiene desconfianza que viste. Llega de repente esta organización y te hacen firmar un papel que no es la escritura final? ¿Es otro papel? No me, no me acuerdo del marco legal que le pusieron, pero no es hoy la escrituración definitiva. Hay hay varios escenarios discutiendo, ahí hay una bolsa de gato porque están la necesidad actual que hoy los servicios básicos se mezcla con las viviendas nuevas, se mezcla con las obras de mejoramiento adentro porque no toda la gente que está dentro se va a trasladar a viviendas nuevas. ¿Si le van a ser mejoramiento de vivienda o no? Todas esas cosas se están discutiendo, están en proceso.

00:12:43 Natália: ¿Entonces ainda están abriendo calles acá?

00:12:47 Jesus: Van a abrir calles están tratando, ahora están trabajando con la gente. Eso es lo que dicen que si el en el en la calle hay 20 familias afectadas, si una no quiere no se

puede, tienen que estar todos de acuerdo. En ese sentido bueno puede ser. No es que dicen ellos y vamos y abrimos y tenés que irte. Eso es lo que está claro es que si una de las familias afectadas no quiere salir y no quería vivienda, no se va a obligar. Se pensará en otro sector tras la calle. En ese sentido, cambio un montón porque no era así, tenía que ir y tenía que ir.
00:13:26 Natália: ¿Y ahora crees que estás mejor o peor?
00:13:28 Jesus: Creo que he mejorado un poco por la participación de ONG de distintos actores que han trabajado estos temas.
00:13:41 Natália: Porque es complicado sacar a una familia de su casa que ellos han hecho. Tiene su historia.
00:13:50 Jesus: Tiene su historia y la gente de tantos años le cuesta cambiar de ver el cambio le cuesta muchísimo. Muchísimo la cuesta, pero por ahí es para bien, hay gente que le ha mejorado. La vida porque ahí vive hacinado. Una familia con 4 hijos, 5 hijos, matrimonio y una pista donde vivo están todos juntos, comparten, ya no tienen intimidad. Los chicos crecen adolescentes. Y a eso le sirvió también para que le han dado y le han mejorado. Te lo digo por lo escuchado de parte de ellos. La cambiado la vida tiene más iluminación, entra aire, no están bajo una autopista, no están hacinados. En ese sentido, sí tengo que reconocer, no, no está bueno, yo no pongo políticas y si me pongo en contra del Gobierno y así que todo está mal, yo me estoy poniendo en el lugar de El barrio como yo, como vecino hay cosas que sirven. Y puede discutir que podrían estar mucho mejor con tanta plata que se tira. Que podría estar mucho mejor, pero lo importante es que se está avanzando. Y se está viendo no como hubiéramos querido nosotros. Con la celeridad que que debería ser, pero. Se está avanzando. Sí.
00:15:06 Natália: He has veces esta fase familia que estaba haciendo un lugar que quieren pasar una casa. Tienes un comercio porque acá tiene tiene mucho en la nueva vivienda, es un edificio de departamentos, no hace no tiene cómo tener su.
00:15:22 Jesus
Trabajo con eso, con la familia y le han dado las viviendas nuevas que tienen locales comerciales. Han trabajado con ellos, también les dan el local comercial, si tenías un almacén, un kiosco. Visita en una vivienda si le gustas y está adecuado a lo que ellos buscan. Y si están de acuerdo, se trasladen, trasladan su comercio ahí un local. ¿Abajo y subiendo para arriba? Sí, sí, han trabajado con eso también. Los que tenían locales volvieron a colocar locales acá.
00:15:59 Natália
Pero todos consiguieron tener locales?
00:16:03 Jesus
No no tener no están todas preparadas para para tener local.
00:16:07 Natália
Entonces algunos perdieran?
00:16:10 Jesus
Algunos creo que si yo no tengo el dato ahí, no por lo menos lo que no. No se han hecho escuchar, no se han quejado como digo. Que directamente cuando no encuentran, no se

trasladan o sea si vos no estás de acuerdo en el lugar de tu negocio no vas directamente y no han ido, no es que lo lleva engañado y llegan allí, no pueden hacer nada. La gente va por su propio, de su propia decisión. No es que van a obligados. Por eso hay muchas viviendas que no fueron removidas todavía autopista porque no quieren. Que no quiere.
00:16:54 Natália: Que quieren hacer bajo autopista?
00:16:57 Jesus: Es autopista que pasa por acá en altura. Y abajo, los terrenos se tomaron todo por la gente y ahí hay viviendas a bajo. E inclusive utilizaban él como techo la autopista.
00:17:12 Natália: Está sacando la gente para hacer o que no lugar? Están haciendo áreas verdes, parques, lugar de esparcimiento.
00:17:24 Jesus: Sí, no, no están haciendo, quizás nosotros hubiéramos preferido que hagan otras cosas, no todo áreas verdes, porque siempre pensando en nosotros a la defensiva digo claro. Hacían eres verde el día de mañana nos rajan a todos y ya tienen todo. No hace falta derrumbar nada. Todo campo, dice. ¿Siempre pensando pensando mal, digo no? También en las otras cosas que decíamos que bueno, cuando ellos entregaban las viviendas, entregan con todo el sistema eléctrico, cocinas eléctricas, un consumo. Hasta que confiamos eso digo, cómo vamos a pagar el consumo se nos va lejos. El costo de mantener todo esto. ¿Y hay de todo, viste todo los vecinos tienen ahí hay deficiencias en las viviendas nuevas, no tiene mantenimiento, se queman los termo tanques de agua caliente, son solares, la gente no tiene a quién recurrir, son los problemas cotidianos que tienen, viste? Pero. Por eso hay otra gente que no quiere ir ahí, prefiere estar en su casita chiquitita cómoda. ¿Y, qué está pasando esa? Mala sangre por ahí como se hizo.
00:18:43 Natália: Hay departamentos vacíos en YPF?
00:18:46 Jesus: No, dicen que ya no hay. Hay algunos que están tomados también. Por familia eran familia y tomaron.
00:18:54 Natália: Familias que no debería?
00:18:55 Jesus: Estar no correspondía estar y si por fin se metieron porque necesitaban, dijeron en un proceso judicial. No sé qué van a hacer con ella. Han desalojado también... Pero hay una, hay hola, dos dos tramos o 3 tramos de áreas que están construyendo nuevas viviendas van a hacer para las aperturas de calles.
00:19:19 Natália: Entonces. Las personas que fueron sacada?
00:19:22 Jesus: Van a ir de trasladada y siempre y cuando ellos quieran.
00:19:28 Natália: ¿Eh dime una cosa, tienes un mercado de alquiler aquí?
00:19:34 Jesus: Sí obvio siempre fue.
00:19:36 Natália
Y como es siempre fue.

00:19:38 Jesus
Siempre siempre fue discutido porque a veces la desocupación te lleva a construir tu casa y alquilarla. Eso para los que vive acá. Tenés un pequeño ingreso informal. Pero tiene también la otra gente que viene de afuera y construye con dinero y tiene 30/40 habitaciones.

00:20:00 Natália
¿Personas que no vive acá, no?
00:20:02 Jesus
No viven acá.
00:20:03 Natália
Solo compran y si hacen negocio, no, no son las, no es la gente de acá, pero si hay mucho, mucho hay ...
00:20:15 Jesus
E inclusive había pasado lo que también discutíamos es que había un dueño de de una casa que en el momento, cuando habían censo poblacional o censo para la vivienda. Los corría. Váyanse iban a familia de otros lados para que se revisara. Hay de todo, después está el tema es que esa misma gente que no vive acá le tocó viviendas en dos o 3.
00:20:53 Natália
De las nuevas? Sí. También está la discusión de que los propietarios que viven hace muchísimo tiempo acá alquilaban.
00:21:04 Jesus
Y cuando sacaron a bajo autopista que estaban todas las viviendas, ahí había muchos inquilinas, muchísimo y a todos los inquilinos le tocó viviendas, algunos estado un año y 6 meses. Y hay gente que ... esta es la disputa, no de de 20 años no le tocó nada y todos los inquilinos que llegaron hace poquito todo, la mayoría ahí, en las viviendas nuevas. Estaba esa disputa, dijo. ¿También tienen derecho, no? Pero estaba esa que se tire y afloje. Pero bueno, hay muchos inclinato también.
00:21:41 Natália
Solo para argentinos o para extranjeros también?
00:21:46 Jesus
Para todo para cualquiera.
00:21:47 Natália
Porque es diferente para alquilar algo acá duque sin otra parte de la ciudad.
00:21:53 Jesus
Y si vos tenés acá más o menos seguro que vas a tratar de tu gente de Brasil, de consfianza que sabes que no se te van a querer quedar con la habitación. ¿Bolivianos que tienen familias bolivianas, paraguayos con paraguayos que se van conociendo, viste porque está la trampa de que alquilarme y te pongo 10 hijos adentro y no me sacan más? Hay de todo. Pero si mayormente la misma comunidad.
00:22:19 Natália
E... es más fácil para alquilar acá ? Por ejemplo, si no tengo un trabajo formal, no tengo cómo darse garantías es más fácil?
00:22:32 Jesus
Es más fácil, llegas, pagas y entras. Es un hotel pero... vivienda no necesitaba viste? 3 o 4 meses de alquiler depende viste ahora la gente parece que se está ¿Tratando de avivar y te

pide viste garantía? Pero no. Tienes una situación laboral mala y lo que acá en el centro te queda todo bien. Bueno venís alquilar buscas una habitación por ahí la alquila y tchau. ¿Es más barato sin garantías en nada la pregunta, quién soy, de dónde soy? Nada. ¿Una necesidad viste? Ningún otro requisito. ¿Y acá tienen muchas personas que trabajan, trabajan informalmente? ¿Cómo es la situación de los trabajadores? Si vos te paras acá en la mañana temprano o en la tarde la cantidad de gente que entra y que sale a trabajar y que entra cantidad. En el área de la construcción de todo servicio doméstico. Hay mucho. Y mucha gente también que no tiene trabajo y trabaja en el informal cartonero en negro, en cualquier otra cosa, en los comercios inclusive del barrio, haciendo cosas hay mucho, mucho. Voy a saber la cantidad de gente que sale todas las mañanas. Hay mucho, mucho, mucho empleo formal y mucho empleo informal cuando te digo formales porque trabajan mucho en construcción.
00:23:58 Natália
La construcción tiene empregos formales acá? La mayoría sí. En Brasil solo grandes constructoras tienen, pero la mayoría no ..
00:24:18 Jesus
¿Que toman a sí? Sí, sí hay mucho, pero no. Las empresas no pueden tomar así acá no no, no se pueden. En Brasil en la teoría no se puede también, pero en la realidad no es lo que lo que hacen los empresarios. No no no. Aca lo que hacen lo que te puedes llegar a hacer es tomarte a vos te pasan. ¿Qué trabajas medio día y lo otro? Te esclavizan 10 horas más en negro o pagan aparte de otros sobre aparte para que no figure este, pero normalmente lo tienen todo en blanco. Sí, sí, todo en blanco, a no ser que sea una obra privada y que yo vaya a hacer un lavoro privado entre nosotros, contratamos, íbamos, hacemos un trabajo. Pero mayormente los trabajos de construcción son todos de empresas de construcción. Cosas grandes que uno va a pedir laburo y lo contratan seguro de vida, todo como corresponde. En ese sentido sí acá. No no se puede elaborar negro. ¿Tienen algún accidente y no le paga nadie?
00:25:27 Natália
Sí es malo.
00:25:28 Jesus
Terribles este. Sí aca vas a ver mucho el trabajador, como decimos, nosotros somos trabajadores de servicio en los barrios populares. Tiene gente que está en la facultad, hay muchos pibes que están saliendo adelante. Decía que muchos no tenemos la posibilidad de llegar a la Universidad a estudiar una carrera. Más que nada, nosotros llegamos a ser plomería, construcción e todo lo que es prestadores de servicios somos nosotros, bueno, es una forma de decir, no, no llegamos a ser doctorado en no es porque no nos duele la cabeza, sino no tener las posibilidades. El estado no te da las posibilidades.
00:26:35 Natália
Porque acá tienes Universidad pública pública, pero pero tienen que trabajar.

00:26:45 Jesus

Y pero es obvio. En estos lugares difícil. Hay muchos pibes que llegan adolescentes. Eh hoy en día así. Pero no muchos pueden por la situación económica familiar para atrás. Pero ¿Crees que hoy es mejor que el pasado, es más fácil? Sí, eso sí, hay posibilidades. Pero no tantas digo, sobre todo en estos barrios, en estos barrios digo con la problemática que hay atrás. Cuesta as veces ... Pero conosco muy contento. Así, hay un arquitecto de recibo por allá enfermería de enfermeros se fue. ¿Hoy está estudiando una carrera en el mismo, viste? Son por el incentivo propio que tienen ellos. Pero hay poquitas cosas que te dan posibilidades a pesar de que son gratuitas, digo, no puede ser gratuita, pero por ahí yo no tengo. Para comer en mi casa o para ir vestido adecuadamente al lugar y que no me da. Prefiero salir a trabajar por ahí para mantener por ahí. Soy sostén de la casa. ¿Matrimonio joven viste ahí? Hay un mundo de de cosas dentro de estos barrios, no es lo mismo que otros lugares. Eh pero de haber ay ay ay si.
00:28:16 Natália
Y vos por qué viniste para acá? De donde donde eras antes de venir?
00:28:22 Jesus
Yo era de aca de otra zona, veni porque no sé si por la situación económica, por el trabajo que me quedaba cerca en la construcción. Y un día llegué por acá, me invitaron a otras familias bolivianas, me invitaron y acá me quedé, no me pude ir más. No pueden más porque un día bueno, un día nos organizamos para hacer una casa. ¿Un día dijimos, bueno, hagamos el tramo de la luz y un día organicémonos para atraer la cloaca y un día esto y cuando? Quería acordarme, estaba involucrado representante de traer estos representantes del otro y así fueron pasando los años.
00:29:02 Natália
Antes de venir acá, no, no trabajabas socialmente?
00:29:07 Jesus
No no no no no es.
00:29:08 Natália
Como es como salistes en este trabajo?
00:29:12 Jesus
Solito fui aprendiendo en la práctica o por la necesidad misma Hoy ya prácticamente está todo antes, no había nada, no había luz. Tenemos que sacar del alumbrado de de la autopista lo que era público. Vos construias una casa ante nosotros no sé cómo les llaman las chapas en Brasil de zinc de calamina.
00:29:38 Natália
Sí, sí. De fibrocemento.
00:29:42 Jesus
Sí, pero de metal. Nosotros hacíamos de chapa y adentro construyamos con material. ¿Por qué no te dejaban? La policía venía y te te lo tiraba con caballo, lo volteaba en el mismo caballo, te volteaba. Osea levantábamos de chapas asi una fachada estructura que vos veía de chapa y pensaba "ah no pasa nada." Después sacábamos las paredes de chapa y queda todo el material adentro ya era. Era tarde para ellos, así se empezó. Y bueno, hoy estamos,

estamos así con todas las cosas que han pasado, marcha pedido de cosas, derechos que nosotros, derecho a la vida, derecho al agua, derecho ... tomamos agua contaminada. Hemos pasado muchísimas cosas, muchos cosa que hoy no se pasa. Ya no es historia, pero... Hay gente que hoy ya no está, que a gente grande estoy hablando gente grande que luchó mucho por este barrio y que dejó un legado para todos. Representante que estamos que no todos estamos tan bien capacitados para para poder sostener la problemática hay que estar, escuchar a la gente y absorber todos los problemas. Es muy difícil cuando no lo puede resolver. Es muy difícil tener una impotencia Y bueno, después está el otro que no importa nada que se yo... Hay gente y gente hay representantes y representantes. Pero. ¿Por ahí hablar un poco mas técnicamente de lo que se está trabajando, quizás es lo que te interesa a vos, no?
00:31:21 Natália
¿Pero solo una pregunta, tú mismo hiciste tu casa? Hasta hoy nadie me dio nada, nada nada.
00:31:31 Jesus
Nunca todo ladrillo por ladrillo todo.
00:31:36 Natália
¿Trabajas construcción o no?
00:31:38 Jesus
Yo trabajaba en construcción, hoy estamos trabajando con partes, construcción, hice como pude. Entre algunos compañeros que llegamos acá, construimos entre 2 o 3 una pieza humilde, fuimos mejorando hasta el día de hoy. Tenemos dos plantas. No es lo que yo quería, lo mejor es que quisiera no, pero es lo que lo que tengo. Pero nadie me dio nada, ningún gobierno mi dio nada, nada, absolutamente nada lo hice.
00:32:11 Natália
No ha participado de programas de mejoramiento de vivienda? Me lo han ofrecido.
00:32:16 Jesus
Pero yo soy cabeza dura, ya está ya lo peor, ya lo pasé. No le quiero deber nada a nadie. Por ahí medio terco ya no porque no ya lo que venía no me resolvía nada, era más una lavada de cara. Que les servía a ellos, pero a mí no.
00:32:32 Natália
Sí, porque es para parecer mejor de fuera.
00:32:37 Jesus
Es como nosotros decimos con un pasaban pintando no mas, vos que no conoces, pasa entrando y "ahi que lindo pintado" y entra dentro de cómo está la las rajaduras, la humedad a todos. Era para la vista del turista, el que viene afuera. Por eso nosotros decíamos con un poco de color, la miseria es pintoresca, digo iban caminando turismo, pero. No participé ningún programa, no lo hice todo ello. Sólo entre familia. Me costó muchos años. Quería... nacieron mis hijos. Y, hoy seguimos en el mismo lugar.
00:33:18 Natália
(Carlos aparece traendo el plato que vamos a comer) Estaba acá cuando estaba haciendo

eso ayer.
00:33:23 Jesus
Que es eso arrollado de ...? De pollo. Ah bien. Sí, por ahí el malo de la vivencia te puedo después lo técnico ya es otra cosa, digo de lo que se está trabajando dentro. Tengo algunas hojas de los temas que se van avanzando, eso sí, por ahí te lo puedo, te lo puedo pasar para que veas que lo que se está discutiendo. A ver si tengo, creo que sí, creo que lo tengo. No pasarán por mail cada vez que se va a trabajar te mandan un temario. Con los puntos a tratar en la reunión...
00:34:08 Natália
Le mando para los mando para todas las personas?.
00:34:12 Jesus
¿Sólo para los referentes? Que participan en la reunión, referentes, ONGs y todas esas cosas.
00:34:20 Natália
Puede enviarme para que yo de una mirada?
00:34:22 Jesus
Sí, sí, sí, yo te te te te envío. Los procesos que no son definitivos, pero son temas para empezar a trabajarlos? Sí, sí, yo lo voy a buscar y te lo anoto tu correo electrónico y te lo envío para que veas que es lo que se está haciendo. Es un avance. De lo que se viene. Pero lo que se viene ahora, dicen que van a hacer es una pintada de todas las casas.
00:34:52 Natália
De todas?
00:34:53 Jesus
La mayoría de todas las entradas principales.
00:34:56 Natália
Son las entradas porque tienes muchos, muchos turistas acá entonces.
00:35:01 Jesus
Es que emblemática está sí, todo bien acá hacer cátedra. (Se rei)
00:35:08 Natália
Yo he recebido un mapa turístico dos puntos, entonces y el barrio, no está el mapa.
00:35:17 Jesus
No no?
00:35:18 Natália
Tiene el terminal y en lugar de de bario, puseran una tarjeta con escritos entonces Ah muy bien.
00:35:29 Jesus
No, no, no, todavía no estamos, supuestamente ya somos parte de la ciudad, pero todavía nos figuramos ni siquiera en el no. En el Google Maps silla figuramos, las calles etc ...
00:35:41 Natália
Durante el olimpiadas y Copa en Brasil, las favelas fueron sacadas de Google. Algunos lugares, poneran Cartones físicos para que para que los turistas no, no mira hacia los

niveles en Google sacaran las favelas para que no se encontrase porque en río están por toda parte, entonces.
00:36:09 Jesus
Yo conocí la Rocinha, si hace muchísimos años 2009, creo que fui. Fuimos a visitar algunas oenegés. E una iglesia, creo que era grande para arriba a mitad de camino y vamos subiendo. ¿Habló también de la organización, eh? Estoy hablando hace muchísimos años, no entendí mucho la traducción, no entendía, yo fui, visitaba, nos dieron un folleto también en portugués. Pero es casi la misma estética de las viviendas, la misma problemática en todo yo creo que.
00:36:48 Natália
En todo el Mundo.
00:36:49 Jesus
Pero nosotros fuimos cuando nos encontrábamos bastante bueno, lo que nos decían que estaban ya en proceso de urbanización, no mostrar los lugares que habían organizado cuando acá todavía no teníamos nada. Acá no teníamos nada todavía, todos estos que estos mejoramientos que nos parecía bueno, fuimos varios de acá como dos o tres a ese encuentro.
00:37:12 Natália
¿Sí, por qué la situación de las favelas en Rio ahora es malo porque tienes mucha violencia, muchas? No, no, no sólo de los dos vecinos más de la policía, pero acá tienen policía. y va bien en la relación porque en río es terrible?
00:37:36 Jesus
No acaba bien la relación no no, no es río, esto es no es nada. Hay más ruido de lo que se escucha, no, no vamos a comparar con Brasil, hay mucha más, es más violenta, es mucho más violenta. ¿No hay cruce de diálogo entre la policía de allá, no? Aparte aca es mucho más grande, es más difícil la entrada, quizás por eso yo creo que no se enfrentan más difícil escape acata, enfrenten porque estan acá adentro y te agarraron. Pero no nada que ver acá charlando con ellos, caminan tranquilos ya a las 6:00 h de la mañana oscura. Andan caminando solo. Dos o 3, inclusive tu edad y de la policía jovencitas caminando a las 3 las 6:00 h de la mañana allá. Cosa que haya, no creo que no creo no, pero sí tienen se relacionan mucho. Además, la gente pide más.
00:38:37 Natália
Si pide más. Presencia quieren. Porque hay como en todos lados, un poquito delincuencia manchitas así que molestan y por eso la gente pide por prevención.
00:38:52 Jesus
¿Sin apuntar a nadie, no?
00:38:54 Natália
Tienes más policía acá do que en el microcentro.
00:38:58 Jesus
¿Mucho más, es verdad?

00:39:00 Natália
Y como a la cuestion de la discriminación de vecinos de la ciudad con el barrio la televisión, cómo cómo trata a la cuestion de de los barrios populares?
00:39:18 Jesus
Obvio que hay muchas discriminacion. Es difícil uno buscar trabajo y darle la dirección de acá hasta el día de hoy.
00:39:24 Natália
Hasta hoy?
00:39:25 Jesus
¿Si hasta el día de hoy, yo a veces me estoy tratando de acostumbrar, pero vas a una A un hospital o algún lugar público y te dicen.... Eh. Viene uno y dice no la dirección és avenida Recoleta por acata y te toca decir a vos manzanas 7 casa tanto y te dan un poco de cosas porque la misma gente, cuando vos dijiste eso, villa 31, te miran así. Por eso cuesta a veces y uno miente en las direcciones ... mientes tambien quizás por el trato tambien.
00:40:01 Natália
Porque cuando dices que son acá, el trato cambia?
00:40:06 Jesus
Y cambia. Sí, sí, claro que cambia.
00:40:09 Natália
Es para buscar trabajo como ése es difícil?
00:40:13 Jesus
Para buscar trabajo es difícil.
00:40:15 Natália
Troppo difícil y más cuando tienes que trabajar en una empresa de seguridad de una empresa de limpieza donde vos estás dentro de un edificio.
00:40:28 Jesus
Haciendo tu trabajo que cuesta un poco eso. No te dicen que no ... te toman los datos y por olvidate no te llamas. Hay gente que sí, pero no todos hay muchos que están trabajando en empresa de limpieza. Pero igual te da un poco de de no sé si vergüenza. Está estigmatizada la gente con ese tema de la villa. De ahí para allá lo que es el coso siempre. Voy a escuchar los comentarios, las críticas en las redes sociales. Es no mínimo de poner una bomba para que se mueran todos. Gas lacrimógeno se acaba todo de una vez. Que la pobre. Que realmente nosotros estamos así pobre. Por el estado somos pobres. Ellos no han llegado acá, no es que nacimos, digo, oye, hay 3 generaciones que nacieron ya, pero los que llegamos no, no, no nacimos en la pobreza. Digo la situación económica de un trabajador que no. No podía sustentar en su casa y se vienen estos lugares. Estos lugares acá te permitían no pagar alquiler, no pagar luz. Y tener las cosas cerca. Los trabajos siempre estan en la ciudad. ¿Por eso es un barrio codiciado y por nosotros mismos digo que somos obreros y nos quedan todos más cerca y los empresarios que son terrenos codiciados por muchísimos por corporaciones, no? Corporación Puerto Madero, por ejemplo. Pero, bueno, esto es lo lo que se vive cotidianamente acá adentro. Hay mucho ¿Eh mucha seguridad en

en ese sentido, estamos un poco más tranquilos a pesar de otras gestiones, cada gestión es diferente, no? Es como decís vos. También en los medios de comunicación amarillos también dicen lo que voy a decir, por qué tanta policía? Y yo en la ciudad está mirando la tele, te arrebaten terror en cualquier lado, no ves un policía en ningún lado y a caminas acá para allá vas a encontrar 2, 3, 4 si andan cambiando por todos lados. ¿Pero esos policías están puestas por este Ministerio de Educación?
00:42:59 Natália
A.aaaaaa ¿Antes del del Ministerio no tenia?
00:43:04 Jesus
No tenía, había poquita una cada tanto cuando llamabas te aparecía, pero están por el Ministerio de Educación. La otra vez dejaran un colectivo de lineas, que entran a cada dos o 3 líneas. Y el chofer dijo, bueno, eran las 7 ya os en la última entrada dijo que entramos dentro de por sí, por eso tenemos convenio con el gobierno para entrar a el horario de que la gente llega y se va del Ministerio afuera. Después de la noche no entra más acá, es un convenio que tiene con la ciudad. De ingresar los colectivos acá hasta un horario. No estaba puesto como en cualquier otro lugar, para que nosotros vamos a cualquier hora, si a la noche digo no. Pero. ¿La seguridad está pensado en eso? Nosotros siempre pedimos corredores escolares cuando salimos en la mañana temprano. No hay.
00:43:59 Natália
Nosotros cuando decimos corredores escolares ... yo vivo en el Ministerio, pero yo vivo acá atrás. ¿Nosotros necesitamos que un corredor le decimos corredor policías por acá, siempre por las vías principales, para solo decimos corredor que sea seguro para que podamos salir al Colegio de los chicos tranquilos y que no las rebajas a tener eso no, no hay inclusive la gente que sale a trabajar en la mañana temprano desde las 5:00 h de la mañana empiezan a salir? No para nada.
00:44:29 Jesus
Que a las 8:30 h 9. Nosotros pedíamos, llamamos. Eso sería un para chico y para la gente, cosa que no hay, pero ahora, como decimos en la presencia está hace un año ya. Por por esto.
00:44:44 Natália
Eh antes del ministerio algunas cuestiones eran peores, entonces la vida ha mejorado?
00:44:53 Jesus
Mejorado por este ministerio.
00:44:56 Natália
¿Si tienes gente que trabaja gente de acá que trabaja en el Ministerio? No, no, no, no, A no ser alguna empresa que viene de afuera de limpieza y toman algunos que otros por ahí.
00:45:12 Jesus
Eso sí. Pero cooperativas que ofrezcan oferta en su servicio no las tomam. No para esos espacios públicos.

00:45:21 Natália

Porque tienes muchas cooperativas que podría prestar servicios aqui
00:45:26 Jesus
Las tienen para la construcción y limpieza dentro del barrio.
00:45:30 Natália
Pero no para el Ministerio?
00:45:31 Jesus
No para el Ministerio no ...
00:45:32 Natália
¿Y se puede entrar como es entrar en el edificio, no?
00:45:37 Jesus
Sí, sí, sí, sí se puede entrar si obvio e inclusive sostenemos reuniones con la Secretaría que depende. Que lleva adelante la gestión del barrio, tiene oficinas ahí. No nos llamó íbamos y entrábamos tranquilamente. Cualquiera puede entrar. Pero. ¿Qué te iba a decir este antes no era así? Antes tenía que pedir audiencia, tentendías, no te atendían, estaban por acá acá a la vuelta y nos containers chiquitito a ir a la oficina antes. Pero. Hoy hoy cambio en ese sentido. El la prestación del Estado, como dice el estado, presente a estar un poquito más presente. Por qué tiene de todo lo que pasa es que también tiene la ambición. Hoy este partido político tiene la ambición de ser presidente.
00:46:35 Natália
¿ Larreta tienes ambicion?
00:46:39 Jesus
Tiene, quer ser presidente y como este barrio llegan todos. Quiere mostrar esto esta gestión. Porque llegan de todos los países acá de otros lugares hacer recorridos adentro empresas de otros países. Y eso es lo que muestra. Y quizás hoy también están participando todas las cooperativas del barrio. Haciendo cositas tantos lugares que estén todos contentos. Después pintamos. Y empezamos a transitar con los medios de comunicación. Política.
00:47:19 Natália
Sí.
00:47:20 Jesus
Es política. ¿No sé qué pasará después, no?
00:47:27 Natália
Despues de las elecciones? Pero ahora hay una ley que Larreta sancionó, la ley farmacity.
00:47:38 Jesus
Eso estaba vendo la Ley Farmacity ¿Bueno, tenéis esa ley? La leíste?
00:47:42 Natália
La leíste un poco.
00:47:44 Jesus
Esta discusión. Hay un grupo de mujeres que estaban a ser una, creo que iban a hacer una movida sobre ese tema. A ver. (Busca en su celular) ¿El farmacity dónde está ver? ¿Dónde está, dónde está, dónde está? ¿Dónde está? A ver aca si está Bueno no encuentro Pero hay

una. Hay una actividad en contra de eso, de la ley, farmacity. Cuando? Eso es lo que estoy buscando. ¿Sí, sí, es que no se hizo por ello, te lo busco y te lo paso para que puedas acercarte, también viste? ¿La ley de urbanizacion? No ... A ver. La ley la conoces de acá no la tuviste en la leiste más o menos.
00:49:01 Natália
Sí solo por cima en realidad
00:49:07 Jesus
¿A ver si esto no eh?
00:49:12 Natália
Es una movilización?
00:49:13 Jesus
Creo que es una movilización. Del partido contrario, que sería hoy de Alberto Fernández. ¿Dónde está, dónde está, dónde está? No. ¿A ver pero yo lo busco igual eh? Te voy a buscar. Aaaa session del CGP cuando el 29? ya no está, ya pasó.
00:49:46 Natália
Acá tiene muchas movilizaciones, son muy organizados.
00:49:53 Jesus
Si .. 20 diferentes villa donde estás y no batakis. Quiero mostrarte esa actividad que la leí. Una parte de otro barrio. De acá se organizan con otros barrios también. ¿Dónde está? Una la chica esapareció? No voy a buscarte todo lo que yo tengo y te lo voy a pasar para ver si te sirve, no? Esta vez. Turno mañana no Estas son otras cosas. Para el colegio. ¿Frente a todo un Twitter? No, no, no. No. A ver. No esto no. No me llego. Esto. No no lo tengo yo no sé dónde está, pero yo lo vi, eh, no me voy a poner a buscar acá para perder el. Pero creo que lo tengo. No ya pasó esto el 12 de junio. Me fui muy atrás, pero lo vi ayer, ayer o antes de ayer lo vi. Van a ser unas chicas que trabajan también en parte de salud. Estaban tirando un flyer para protestar sobre eso, iba a haber un encuentro, no sé dónde, no lo leí así, muy rápido. No participo, yo no participé en eso, no es porque no quiera, son grupos diferentes. ¿Desde acá? Sí, sí, sí, sí, sí. Son de acá. Algunas de afuera, seguro no lo leí muy bien. Otra cosa a ver.
00:51:57 Natália
¿Y qué pensa vos sobre la ley?
00:52:02 Jesus
Sobre la ley, nosotros tenemos.
00:52:04 Natália
¿Que crees que es buena para el barrio?
00:52:07 Jesus
Yo creo que sí. En favor del barrio sí que creo que va a ser buena. Hay que discutir algunos ítems que que lo que te decía que la gente discute que hay. Cosas que no están bien redactadas, que se interpretan de una manera no sé si es a propósito que en el día que tenga que hacer una expulsión o algo que dice que no hay expulsión, no, pero que tenga haber una medida ali, no se aclara. Digo no, no tengo garantías. Yo creo que sí, que es buena

o toda ley para que progrese el barrio es buena. Lo que sí deberíamos discutir. Ítem por ítem. Cosa que se está haciendo, se están, hay algunos algunos párrafos que no cierran en algunas cosas. Es más teórico, más el. ¿Cómo te puedes decir la palabra más más legal? ¿Viste? Ahí tendrían que ver abogados. Cosa que hay abogados, Defensoría del Pueblo. Trabajando sobre eso. Este. Sí, pero yo creo que es buena. Sí creo que es bueno.
00:53:15 Natália
¿Crees que vas generar más en en trabajos acá en el barrio.
00:53:27 Jesus
Trabajo la ley decisivos con respecto.
00:53:31 Natália
Puestos de trabajos.
00:53:35 Jesus
No lo sé. No sé si puesto de laburo en qué sentido sí. ¿Porque hoy no tenemos digo, en el sentido de si si la ley hay mejoramiento y hay plazas que hay que cuidar el mantenimiento de algunas cosas, eso te referís? Hoy no, no lo tenemos, los mantenimientos lo tienen empresas grandes. No nosotros en el barrio nos estamos para quizás para barrer las calles.
00:54:03 Natália
Las cosas grandes.
00:54:05 Jesus
Las cosas grandes no nos dan la posibilidad. No. Y no sé si el día de mañana los que nos dijeron nosotros hoy están las cooperativas haciendo mejoramientos de vivienda. Bueno no encuentro Pero hay una. No sé si después lo absorbe la empresa grandes también. Lo que si la empresa es grande dice que es muy difícil para ellos trabajar adentro. Que siempre va a necesitar de las cooperativas que conocen, sacan la basura hacia los puntos donde ellos levantan. Hasta ahí puede ser. Pero hoy no está. No hay esa señal de que nosotros vamos a quedar. Haciendo algo como fuente de laburo. No no lo veo yo.
00:54:54 Natália
Bueno. Muchas gracias por la charla.
00:54:58 Jesus
Sí, no sé si te sirvió. Bueno, espero que te servirá un poquito.
00:55:02 Natália
Ese después se pueden iniciar me las.
00:55:05 Jesus
Cosas y te voy a enviar todavía enviar lo que es. Lo último que se habló. A ver. Tú tú tú. Te voy a enviar eso y si hay una jornada donde vos te puedes acercar y hablar, te va a servir un montón de escuchar distintos lugares. Personal, chacaritas, teatro barrio. ¿Qué tienes que hacer una tesis?
00:55:52 Natália
Sí, eso está en una tesis sobre informalidad, informalidad de trabajo, de tierra y techo. Es como las 3 cosas que son fundamentales en nuestra vida... ¿ Cómo influenció en la vida de las personas que viven del trabajo?

00:56:13 Jesus
A.
00:56:13 Natália
La clase obrera.
00:56:15 Jesus
¿No está tan enfocado de las políticas públicas del Estado hacia esos lugares? No, no es la vivencia de la gente.
00:56:22 Natália
Estas mas ligado con las cuestiones de viviendas y trabajo que son muy ligados. Por qué em Brasil, por ejemplo, no tienen políticas que unen los dos, entonces muchas veces dan la casa, pero la gente no tienen cómo trabajar y mantener después de un tiempo hacen tienen que salir, otra gente compra la casa con las personas que.
00:56:47 Jesus
Es casi lo mismo.
00:56:50 Natália
¿Porque esa es la situación de la clase obrera, no? ¿El salario no, no es posible pagar una vivienda, entonces, cómo vivimos? Condenado. A vivir pobre toda tu vida. Eh son obligaciones del Estado, darnos casa, trabajo, educación y no es lo que vivimos en realidad.
00:57:18 Jesus
No no acá no lo.
00:57:21 Natália
Como ha deto en Brasil las favelas, las viviendas, parece no acá es lo mismo y otras partes del mundo, porque la situación de la clase obrera mundialmente es igual. Exploraciones, explotación de nuestro trabajo. Que no nos pagó lo suficiente.
00:57:44 Jesus
Mucha informalidad no, y ahora la situación del país, imagínate cómo está acá. ¿Que venga el equipo de fútbol aca romper billete que de Brasil la otra vez digo, no, pero está bien, digo para que sepas de qué? Estamos malísimamente mal. Imaginate de la clase obrera, que es la que siempre lo primero al primero que le llega. ¿Cómo medimos nosotros? Abriendo la heladera. Y en la mesa.
00:58:11 Natália
Siempre pagamos la cuenta.
00:58:12 Jesus
Y siempre, siempre, siempre, siempre, y esto toda una vida. Por eso yo creo que en Latinoamérica pasa lo mismo.
00:58:21 Natália
Sí.
00:58:23 Jesus
No le encuentran la vuelta.

00:58:25 Natália
Acá, en la periferia del capitalismo es es así, continuamos continuamente siendo explorado.
00:58:34 Jesus
El presidente de ustedes, es capitalista capitalista.
00:58:37 Natália
No sí es Bolsonaro mucho loco. Sí, eso es malo es.
00:58:43 Jesus
Malo tipo como el de Estados Unidos, como era Donald Trump, ha sido casi.
00:58:49 Natália
Una persona de derecha extrema derecha que destruyó el país. Claro que la la pandemia, pero la situación sí, sí, pero, pero no es una persona con competencias para dirigir un país, no es. Eh. Tienes, tiene cuatro hijos que estan en la política hacen muchas confusiones con otros países, inclusive viven diciendo malo de otros países como China y entonces así un monte de muchas, muchas cosas malas para El País.
00:59:32 Jesus
Claro sí, sí, me imagino. Sí, bastante, muy renombrado Bolsonaro. Más o menos como el que quiere ingresar acá, Javier Miley también que quiere ser candidato a presidente, que tiene el mismo pensamiento, es capitalista extrema derecha pero el dice que no. Pero es libertario. Pero también tiene el mismo pensamiento, coincide con él, dijo. Así que es una cosa muy dura. Eh. No sé cómo le encontraron la vuelta, pero yo creo que si a un pobre vuelve a dar la posibilidad de trabajar voy a trabajar. Iba a querer progresar, pero si lo tenés toda su vida para que te sirva. Dependiendo siempre. O sea que vas a nassiriya vas a morir trabajando. Y nunca vas a tener la posibilidad, siempre está limitado a poder progresar. Y es un ciclo Depende de cada 1 también, pero nosotros nos dan la pequeña posibilidad de hacer algo para cambiar. La situación y la cambiamos. ¿Cambiamos, pero este país hoy cómo está con el tema de los planes sociales? Te digo que nosotros tenemos barrendero. Trabajando y los planes arruinó mucho la juventud.
01:00:59 Natália
Los planes sociales?
01:01:01 Jesus
Sociales arruinó mucho por vecinos y arruinó mucho. Yo pienso que los planes sociales son para gente de 40 a 50 años para arriba. Que está fuera del mercado laboral también. Pero no un pibe, 18 años, 20 años, 25 años para que se quede en su casa porque eso te achancha. ¿Para mí que ese es el objetivo, no? Y tenemos dos generaciones ya que no quieren trabajar, le dan los.
01:01:27 Natália
Números.
01:01:29 Jesus
No quieren, no quieren responsabilidades. O sea, se van a trabajar dos días, 3 días, pero no quiere trabajar más. No quiere responsabilidades. Y, creo que esa política no sirve. Te condicionan, te ponen tontos, te duermen. Ahí depende del Gobierno o también de las

políticas que aplican los gobiernos. Hoy no está funcionando.
01:01:58 Natália
Tiene planes sociales para todos las edad?
01:02:01 Jesus
Claro, ya 16 años puedes tener un plan.
01:02:04 Natália
¿Que, cuáles son los tipos de planes?
01:02:08 Jesus
Y por ahí te exigen que hagas un curso, alguna actividad deportiva te ponen varias opciones. Podéis ir en un polideportivo a jugar fútbol, puedes ir a hacer un taller de fotografía. Pues esto, pues los otros estados Y te pagan? Te pagan ... por vallas dos veces a la semana está bien. Después tener de las organizaciones sociales. Que te exigen que vayas a las marchas por lo menos que vayas dos al mes y después pone un poco de plata de lo que cobra y asi vivís. Te detienen en tu casa, no te dan otra tarea digo. Yo estuve te digo la pase de ahí estuve 10 años. Y me gustaba todos los días, tenían responsabilidad todos los días hay cosas lindas. Pero no podía avanzar. ¿Vivía de esa esa platita, no? No no puedo. No podía, no tenía otras posibilidades de crecimiento. ¿Estás ahí estancado? Sin darte cuenta yo he visto muchos vídeos tan grande loco, tienen 10 años que vienen cobrando planes, estan viejos ahora. Te congelen el tiempo. Pero quizá esos 10 años puede haber estudiado. ¿Podría haber hecho una carrera, podías haber hecho algo? No, te dormiran
01:03:28 Natália
No hicieron nada...
01:03:29 Jesus
Hicieron nada por la comida, no te exige mucho y te dan comida, tenían todo y ahí te deja. En el tiempo. Hay gente que lo aproveche, hay gente que no, mayormente no, no la aprovechen y tenemos muchos problemas con los pibes que no quieren trabajar.
01:03:45 Natália
Los planes sociales son de hace mucho tiempo?
01:03:49 Jesus
Mucho tiempo.
01:03:50 Natália
¿Desde desde cuándo?
01:04:01 Jesus
Dos 2002 yo recuerdo de 2002 ya había planes. Antes de Kichner habían planes. Planes trabajar su llamado. Se llama plan jefes y jefas de hogar. Que lo podía tener 1 solo podían tener los dos. Pueden tener varios del grupo familiar que exigían ir dos veces a la semana hacer alguna actividad en el barrio. ¿Y cobraba todos los meses? Después nacieron otros planes trabajar y fueron cambiando nombres poquito más 140 pesos un poquito más, siempre un poquito más. Y así hasta el día de hoy, infinidad de nombres han cambiado, pero las prácticas siguen siendo la misma. No hay... Se ha intentado, se ha intentado hacer algunas capacitaciones, hay muchos pibes que la aprovecharon, y hay otros que no, no la

supieron aprovechar. Y los planes sociales, también al estado, les sirve porque tiene un tumulto de de soldados para salir a hacer cualquier desastre. Ahí todo. Pero si a nosotros yo en la práctica no sirve. No sirve, yo pienso que esta tiene que estar para gente adulta de cierta cantidad para arriba. Que está fuera del mercado laboral, pero el adolescente para abajo no. Vá estudiarlo, a estudiar de qué se dejó ver con los planes.
01:05:34 Natália
Tienes que ser otro tipo de política ...
01:05:37 Jesus
Tiene otro tipo de política. Es incluir a la juventud, darle posibilidades de capacitarlos, la posibilidad de entrar a la Universidad. Es más exigirles digo yo, la educación debería ser obligatorio ir a buscarlo en la casa si no. En otros países lo hacían, yo estuve en Chile viviendo cuatro años, adolecente no chiquito chiquito y a mi amigo no fue, creo que 3 días no fue al Colegio y los carabineros le buscaran en la casa, haber explicaciones porque ni el colegio.
01:06:15 Natália
Aca no es obligatorio ir a la escuela?
01:06:20 Jesus
No si no vas no vas.
01:06:21 Natália
Mesmo cuando és niño?
01:06:25 Jesus
¿Igual la posibilidad de decir que por qué no va? Que vaya que vaya pero ay no es obligatorio, sí, bueno al colegio si no querés no vas. No es que va a venir la policía y te vayas hacer una causa a los padres por no mandar a los chicos al colegio. No. Hay muchas cosas que los gobiernos tienen que corregir. Pensando más en la clase obrera, clase pobre, pero no estaba, no estaba pensado.
01:06:59 Natália
Es bueno quedarse así porque mantener las personas de esta forma sirve al gobierno también Bruto.
01:07:09 Jesus
Ignorante. Si trabajadores disponibles para recibir bajos salarios, hacer trabajos que no piensan mucho. Exactamente. Por eso también la droga está metido, adentro. Está todo. Y una lucha de todo eso durante años, sobre todo escucha, absorbe todos esos problemas. Te digo que siempre tengo una forma de tener paciencia de escuchar a la gente. Sus problemas, una paciencia me dice que yo tengo pase a tener demasiada paciencia dime mi compañera. Teneis demasiada paciencia, ya tengo, así se lo manda a la mierda, dijo, no, pero. Y la gente va a saber que a veces se descarga o tienen problemas, fiero que no los cuentan. A muchos problemas familiares delicado de violencia de género. De todas esas cosas y te comenta as veces uno escuché. Gracias y bueno. Vemos si podemos ayudar o aportar algo, le digo. A ver qué es lo que puedes hacer y todas esas cositas así viste y 1 escucha, escucha. Llega un momento viste que te explota de tantos problemas y a veces

querer resolverlo y no puede a veces resolver. Obvio que también tiene muchos logros en esto, por eso 1 sigue acá. Porque tiene satisfacción muchos logros. Hay mucha gente agradecida. Muchísima gente agradecida con lo que hace hoy son grandes adolecentes. Chiquitito que hoy los veo, niños chicos que hoy son adolescentes grandes y te conocen de toda la vida y yo a veces salud por la calle y te saludan. Y digo. ¿Hola ? Tantos años ...Pero bueno. ¿Qué te iba a decir este? ¿Cómo te paso? Sólo tenéis para.
01:09:05 Natália
¿Que quieres que?
01:09:07 Jesus
Anotar el número. A ver. Con características de.
01:09:15 Natália
Un hombre.
01:09:18 Jesus
¿Hasta cuándo estás acá?
01:09:20 Natália
A hasta agosto.
01:09:22 Jesus
Tienes mucho para entonces, yo cuando vaya a una una sesión del cgp donde se reúnen todos los dirigentes y ONGs, podría pedir a ver si puedes entrar para.
01:09:34 Natália
Escuchar. Puedo grabar asi Brasil.
01:09:40 Jesus
Sí, sí, pone como quiera.
01:09:43 Natália
Está haciendo.
01:09:45 Jesus
Bien. Natalia Brasil ahí está. Y te puedo organizar para que entres y escuches te va a servir eso.
01:09:59 Natália
Sí, sí.
01:10:00 Jesus
Para ver el diálogo como. Se tiran bombas para un lado y para el otro.
01:10:04 Natália
La mesa de.
01:10:05 Jesus
Urbanización. ¿Estuviste ahí o no?
01:10:08 Natália
No
01:10:09 Jesus
Te invitaron.

01:10:10 Natália
No, no, no sólo una a otra compañera com que hable. También me dije sobre la mesa, pero no, no fui a ninguna.
01:10:21 Jesus
Le estaba diciendo a Carlos que por ahí va a haber alguna sesión del cgp y tratar de meterla adentro para que escuche. Con tanto de los referentes, ahí le va a servir todo, que absorba todo, cuando algo no, no, si ahora lo tiene que comunicar, ojalá que este ella todavía para que vuelva a pasar algunos apuntes de las sesiones anteriores. ¿A ver qué es lo que tengo? Qué le ahí por ahí más que nada es lo que ella está buscando y le sirves. La discusión del. ¿Del ida y vuelta de autoridades y el habitante y qué es lo que se resuelve en la problemática? ¿Si se resuelve o no cuáles son para mí los puntos que puede ver, qué es lo que se está tratando si se trata de la problemática? De resolver o otras cosas, o política, o política, pero eso es por ahí, le puede servir a ellos y ahora voy a buscar eso, apuntes que tengo por ahí. El animal se llama la adonde no traía, que veía muy poco ahí. El barrio si te animas a ir en moto.
01:11:27 Natália
Perdón.
01:11:28 Jesus
¿Te animas a ir en moto? Este él te lleva atrás y observa saca foto que muestra en la práctica las viviendas nuevas. Ya fuimos para allá adentro. Viste donde ahora están demoliendo acá la parte de. ¿Dónde está la policía? Por ahí todo eso es lo apoya atrás sí o sí, no, por donde bukin si hay lugares en medios complicados. No corra ningún mientras ustedes van. Cuando regresa comemos.
01:12:03 Natália
También.
01:12:04 Jesus
Que que quiere comer mira ahí Page. Ay no. Este lo que sea, no mas Carlos hay problema. Un poco de carne al horno. Okey papá y. ¿Bueno que que?
01:12:26 Natália
Que fue el Albacete.
01:12:28 Jesus
Sí, sí, sí, sí, sí.